

NOS SUBMUNDOS DA ANTIGUIDADE



ILUSTRAÇÕES DE L'ANJOU

CATHERINE SALLES

brasiliense

Índice

PREFÁCIO

1 TRÊS CIDADES

ATENAS Urbanismo livre

A reputação da Cerâmica

Uma instituição estatal

Uma filosofia do desejo

Lucros do Estado e dos indivíduos

Os prazeres "selvagens"

Um crime "primário"

A diversão da juventude

MARROM

Prostituição sagrada e religiões orientais

"Nem todo mundo pode ir para Corinto..."

Prostitutas ou sacerdotisas?

ALEXANDRIA

2 O UNIVERSO DAS CRIANÇAS PERDIDAS

Esplendor e miséria das cortesãs

A arte de escolher garotas

Piratas, bons fornecedores

O preço de mercado

Pimp por profissão ou ocasião

A era da inocência

Beleza e instrução

Os segredos das "parteiras"

Uma educação sentimental

Prazer de aprender

empresas decorativas

Uma educação religiosa

Crianças em busca de prazer

A juventude da Timarco

3 HETAIRES, GIGOS E RUGOS Livres ou escravos

A arte de "enganchar"

[O preço do prazer](#)
[Contratos de aluguel](#)
[A festa degenera em violência](#)
[O preço da liberdade](#)
["Ojo de vaca" e "Proscênio"](#)
[Gigolôs e velhas](#)
[Tabernas e casas de jogo](#)
[4 AMORES E BANQUETES "Ela vai tocar flauta e nos dar prazer"](#)
[A liturgia do banquete](#)
[Dançarinos, palhaços e acrobatas](#)
[Jogos de tabuleiro, concursos de beleza e habilidades](#)
[O jogo dos cotabos](#)
[E shows eróticos](#)
[Prudência ou embriaguez](#)
[As partes degeneram](#)
[5 O FIM DA FESTA As dificuldades do trabalho independente](#)
[Velhice e declínio](#)
[A ilusão do casamento](#)
[Flagrante crime de extorsão](#)
[Quando a hetaira vira cafetão...](#)
[O casamento escandaloso do Rei Arconte](#)
[6 O REINO DO PRAZER "Toda a Grécia suspirou à porta de Lais..."](#)
[A estátua da intemperança grega](#)
[O nascimento da paixão](#)
["As prostitutas são as rainhas dos reis..."](#)
[Prazer à moda Alexandrina](#)
[SEGUNDA PARTE O MUNDO LATINO A CIDADE 7 A ROMA DE PLAUTO O Fórum Romano](#)
[Uma cidade mal concebida](#)
[Subura, o Grande Circo e Trastevere](#)
[Desastres naturais](#)
[As epidemias](#)
[As fomes](#)
[Imigração "selvagem"](#)
[O crescimento da xenofobia](#)
[8 OS PRAZERES DO "GREGO" Viver à maneira grega](#)
[Roma-Amor](#)
[Uma moralidade de liberdade](#)
[fome ou prazer](#)
[Luxo ou decadência](#)
[Todos contra a madeira](#)
[Foliões, malandros e vagabundos](#)
[Motins noturnos e violência](#)
[E a polícia?](#)

[Festivais "romanos" ou "gregos"](#)

[9 TRANSFORMAÇÕES E VIOLÊNCIAS “Os donos do mundo não têm um pedaço de terra que lhes pertença”](#)

[A violência se torna política](#)

[O grande banditismo](#)

[Gangues armadas e grupos de pressão](#)

[Clódio, o Belo](#)

[Vida grega](#)

[10 ROMA DE PERIGOS E MILAGRES A "Cidade"](#)

[Imperadores previdentes](#)

[Os espetáculos e misérias da cidade](#)

[Fraudes devotadas](#)

[Uma violência sempre latente](#)

[Os perigos da noite](#)

[Necromancia, bruxaria, assassinato ritual](#)

[11 TAVERNAS, HOSTELS E LUPANARES](#)

[Sob a bandeira da "Fênix" ou das "Quatro Irmãs"](#)

[Salsichas quentes, pastelaria](#)

[Patronos e clientes](#)

[A pousada vermelha](#)

[Antros de jogos clandestinos](#)

[A caça ao escravo fugitivo](#)

[A empregada é fofa...](#)

[Pegando carona em vias públicas](#)

[Os dançarinos de Cádiz](#)

[12 A “VIDA INIMITÁVEL”](#)

[“Celadus, o ídolo das bonecas”](#)

[O cônsul mula, o senador gladiador, o imperador cafetão](#)

[A "prostituta imperial"](#)

[Rainha e Imperador vagando](#)

[A provocação aos deuses desaparecidos](#)

[CONCLUSÃO](#)

[ANEXOS AS MOEDAS ATENIANAS E ROMANAS](#)

[ATENAS](#)

[GLOSSÁRIO](#)

[REPERTÓRIO DE NOMES PRÓPRIOS](#)

[REPERTÓRIO DE AUTORES CITADOS NA OBRA](#)

[DIRETRIZES BIBLIOGRÁFICAS](#)

[1. AS CIDADES ANTIGAS](#)

[4. PRAZERES NAS IMAGENS](#)

C. Salles

A BAIXA PROFUNDIDADE DA ANTIGUIDADE

Edição original: Robert Laffont, Paris, 1982

Título original: Les Bas-Fonds de l'Antiquité

Tradutor: César Ayra

© por Edições Robert Laffont, Paris, 1982

© por Edições Juan Granica, SA

Muntaner, 460, 1º - 2º, Barcelona, 1983

Produzido para Ediciones Juan Granica por Adelphi SA, Lavalle 1634, 9º, Buenos Aires

ISBN 950-641-004-6

O depósito previsto na lei 11.723 foi efetuado

Impresso na Argentina - Impresso na Argentina

PREFÁCIO

Imaginemos uma cenografia, a de uma tragédia clássica ou de uma ópera: colunas, um templo, o escore de um palácio. Generais, oradores, reis ou rainhas evoluem em primeiro plano; Conflitos de deveres ou histórias de combate constituem a essência de seus discursos. Mas de vez em quando, no fundo do palco, uma porta se abre, uma cortina é fechada e por um segundo o público vislumbra um espetáculo muito diferente: não mais um palácio, mas favelas em ruínas; não mais reis e generais, mas um povo heterogêneo, miserável e perigoso. Não são mais histórias épicas ou debates psicológicos, mas reclamações e grunhidos.

Este palco, onde se realizam ao mesmo tempo duas obras muito diferentes, é o mundo antigo tal como nos aparece nos únicos testemunhos que nos restam. Os nossos estudos, as tradições literárias e estéticas, toda a aventura intelectual da maioria dos países ocidentais, familiarizaram-nos com o passado glorioso da antiguidade greco-romana. Mas o que sabemos sobre a existência daqueles que foram mantidos no anonimato pela escuridão da sua condição? É verdade que a investigação paciente dos arqueólogos permitiu ressuscitar muitos aspectos da vida quotidiana nas cidades e no campo; Mas em certos domínios a nossa informação é tão breve que parece quase impossível ter uma ideia viva das cidades da Antiguidade, da complexidade e variedade das suas atividades.

Mais imprudente ainda é querer ultrapassar o limite que separa o mundo normal dos cidadãos do mundo das sombras, o das favelas da cidade. Como poderíamos conhecer realmente o universo do prazer e da violência, da celebração e do submundo, quando a maioria dos autores antigos não se dignou a abordar em suas obras os temas considerados inferiores e quando não existem arquivos policiais de forma alguma aqueles que penetram? o ambiente de crime ou prazer?

Mas certos textos, que nem sempre pertencem à «grande literatura» e que por isso são habitualmente deixados de lado, oferecem-nos vislumbres fugazes mas instrutivos desses mundos de marginalidade, miséria e brutalidade. São estes textos que investigamos e foi através deles que, aos poucos, formamos uma imagem da vida fervilhante e misteriosa dos bairros populares de Atenas, Corinto, Alexandria ou Roma, e foram desenhadas as silhuetas dos heróis e heroínas, às vezes aterrorizantes, quase sempre lamentáveis, que povoam esse universo. Para além da anedota, o que geralmente transmitem estas coletâneas de contos,

esses diálogos teatrais, esses fragmentos de discursos ou romances que reunimos, é todo um julgamento de um povo e de uma época.

Querer generalizar o estudo do prazer e da violência nas cidades da Antiguidade seria tão absurdo como tentar encontrar, nos nossos dias, as mesmas características nos bairros “quentes” de cidades tão diferentes como Paris, Hong Kong ou Chicago. A configuração da cidade, a importância da sua população, as condições económicas e sociais de vida quotidiana, são muitos outros factores que explicam a concentração de elementos obscuros neste ou naquele sector da cidade, a existência deste ou daquele tipo de crime, as relações de contacto entre cidadãos decentes e uma população mais ou menos marginal.

Esta disparidade é notável especialmente nas cidades do mundo greco-romano. Como podemos reduzir cidades tão diversas como Atenas, Corinto, Alexandria ou Roma a uma única evocação, para mencionar apenas as principais metrópoles do mundo antigo? A importância política e intelectual de Atenas na Antiguidade e na história do pensamento ocidental não deve obscurecer o facto de ser uma cidade pequena e com um número reduzido de habitantes, em comparação com outras capitais antigas. O esplendor do conjunto arquitetónico do Partenon contrasta com o urbanismo medíocre da cidade como um todo. Corinto era muito diferente, onde as atividades portuárias combinavam bem com o prazer, nas suas formas de prostituição “secular”. Poucas eram as semelhanças entre Atenas e Corinto, construídas ao ritmo das necessidades demográficas, e Alexandria, aquele modelo de urbanismo, construído inteiramente de planta quadrangular, e o maior centro cosmopolita da Antiguidade, ponto de encontro de todos os povos da Europa, da África e da Ásia. Quanto a Roma no final da República e do Império, a sua enorme concentração populacional num espaço demasiado estreito criava problemas permanentes de alojamento, abastecimento e segurança, condições favoráveis ao desenvolvimento da marginalidade e da criminalidade.

É evidente então que o prazer e o crime se desenvolverão de formas muito diferentes nestas cidades. Durante a época clássica da Grécia, nas cidades onde a população era relativamente estável, onde as fortunas moderadas não criavam diferenças consideráveis no modo de vida, não havia nada além do crime primário. Em Roma, pelo contrário, as perturbações políticas e sociais causadas pelo afluxo constante de populações móveis e mal abastecidas fizeram com que o crime e a organização dos prazeres assumissem proporções muito diferentes das de Atenas ou de Corinto.

Se as cidades fossem diferentes, os costumes não seriam tão diferentes. Quer fossem atenienses, alexandrinos ou romanos, os antigos sempre tiveram a mesma atitude para com aqueles que não se “encaixavam” nas estruturas sociais das suas cidades. Para evitar repetições, adoptámos voluntariamente um ponto de vista diferente em relação aos dois mundos, o grego e o latino. No palco grego os primeiros papéis serão representados por indivíduos, seres humanos, e será a história da existência de uma dessas personagens, a prostituta Neera, que servirá de fio condutor do nosso percurso. Por outro lado, nas evocações do mundo latino a primeira atriz será a cidade de Roma, a Cidade tentacular e fascinante, as suas sucessivas mutações, a sua vocação de metrópole universal.

Em primeiro lugar, é necessário eliminar uma certa quantidade de estereótipos que carregamos na nossa visão da Antiguidade: o prazer na Grécia ou em Roma costuma ser

para nós o desenho requintado de um vaso grego, a beleza educada de um fresco de Pompeia, um imagem sutil e leve no brilho da luz mediterrânea, longe da atmosfera pesada e fedorenta que é tradicionalmente associada ao submundo das cidades do norte. Na realidade, o mundo para o qual os escritores da Antiguidade nos conduzem é brutal e chocante para as consciências modernas. Estamos longe das representações de prazer adocicadas, idealizadas ou sentimentais que normalmente são dadas na Grécia e em Roma. O “escândalo” geralmente surge para nós da lacuna entre a visão harmoniosa, sedutora e refinada do prazer, tal como apresentada pelos escritores ou artistas da Grécia, e a sórdida realidade tal como a vislumbramos nas alusões muitas vezes involuntárias desses mesmos escritores. Contraste banal, dir-se-á, e os brocados do século Luís XIV ou as lantejoulas e o ouro da Belle Époque não escondem menos misérias, talvez piores. Nas civilizações antigas, cujo humanismo serviu de modelo durante séculos, nas quais levaram mais longe a meditação filosófica e analisaram mais profundamente as ambiguidades da alma humana, descobriremos a realidade viva do prazer, as suas luzes e sombras.

É neste espírito que devemos compreender a maioria dos textos que citamos e cujo vocabulário respeitamos, significativo do julgamento que os marginais mereciam aos gregos e aos romanos. Os antigos usam a linguagem dos comerciantes quando falam daqueles que lhes dão prazer. Suavizar este vocabulário seria retirar toda a sua força a textos que, para além de um testemunho sobre a Antiguidade, por vezes projectam uma luz perturbadora sobre os nossos próprios instintos.

Poderia nos surpreender encontrar naqueles bairros populares de Atenas, Corinto ou Roma, as figuras ao mesmo tempo ingênuas e comoventes que povoam as canções da Belle Époque, tão estereotipadas que sempre nos surpreendemos ao ver que essas imagens de Epinal coincidem com a realidade?: a prostituta de coração generoso, o jovem ingênuo que, por paixão, esquece as conveniências, o canalha cuja estupidez só é igual à sua perfídia? Encontraremos estes antepassados ao virar da esquina na Cerâmica ou na Subura.

1 TRÊS CIDADES

Atenas, Corinto, Alexandria, três cidades gregas que, cada uma à sua maneira, simbolizam a grandeza política e o poder económico dos povos da bacia do Mediterrâneo. Com efeito, enquanto outras cidades como Esparta e Tebas desempenham um papel importante na história da Grécia antiga, apenas Atenas, Corinto e Alexandria gozam de uma reputação que as tornou, em diferentes épocas, pólos de atracção para viajantes de todo o mundo. países do mundo "civilizado". E nem sempre são os interesses políticos, comerciais ou intelectuais que empurram os estrangeiros para estas metrópoles; Muitos são magnetizados pelos prazeres secretos que apenas as grandes concentrações urbanas podem oferecer, e encontram uma atracção adicional nos perigos que podem correr no seu submundo.

E ainda assim, para os Antigos a cidade é acima de tudo sinónimo de segurança. Com efeito, a Antiguidade praticamente desconhece as aldeias, as aldeias, e não há intermediário entre as casas espalhadas pelos campos e as cidades cujas fortificações protegem os habitantes das incursões das cidades vizinhas ou de bandos de bandidos ou piratas. É a degradação progressiva das relações entre os cidadãos que faz com que os mesmos focos de violência apareçam nas cidades. Razões políticas, económicas ou sociais cruzam-se para explicar como surgem bairros “perigosos” nestas cidades, e a geografia do prazer e do crime vai se moldando aos poucos, ao ritmo das perturbações políticas e das transformações económicas.

ATENAS

Um urbanismo livre

Ao considerar o layout da maioria das cidades antigas, a primeira impressão que se tem é de confusão, anarquia e falta de planejamento geral.

[1]. Atenas, mesmo no seu auge, está longe de apresentar a imagem de uma grande metrópole. A Ágora, a Acrópole, são os centros políticos e religiosos para os quais convergem as atividades dos cidadãos. Ao seu redor aglomeram-se casas, construídas ao acaso a partir dos acidentes do terreno. As ruas apresentam uma linha sinuosa que segue o padrão dos morros. E que ruas! Sem eixo principal, mas com linhas irregulares; As mais largas não ultrapassam os quatro metros e a maioria mal chega a um metro e meio; becos em declive, muitas vezes muito íngremes, degraus que ligam, para o bem ou para o mal, diferentes níveis, becos sem saída. Não há nenhum tipo de calçamento nessas ruas e os canos correm à vista de todos.

O edifício está adaptado a este urbanismo. Na época clássica, as casas, pequenas e baixas, não ultrapassavam dois pisos sobrepostos. Não há ordem arquitetónica nestas habitações de paredes de taipa ou tijolos brutos, e nada distingue realmente a casa dos ricos da dos pobres. Tudo isto, aliás, não contribui para dar um aspecto majestoso a esta cidade de Atenas, muito mais próxima, no momento da sua maior glória, de uma aldeia rústica do que de uma verdadeira capital. Só as construções monumentais da Acrópole e os diferentes templos da cidade nos lembram que Atenas é um dos centros mais prestigiados da Antiguidade, tanto pela solidez das suas instituições, pelo seu poder militar e colonial, como pelo seu prestígio intelectual e artístico

[2].

A reputação da Cerâmica

“As mulheres, nas esquinas, aproximam-se de quem sai de um jantar e dizem: 'Vem até minha casa, tem uma menina linda te esperando!' E outro grita de um andar alto: 'Venha para minha casa, a menina que tenho aqui é mais bonita e mais branca!' E eu, pintado de chumbo branco, espero, com minha túnica curta amarela, sem fazer nada, cantarolando em voz baixa para seduzir quem passa.”

[\[3\]](#)

Aqui está um cenário familiar a todos aqueles que, por motivos profissionais ou outros, têm a oportunidade de frequentar o bairro Ceramico, a norte de Atenas. Com efeito, apesar da anarquia que em termos gerais tem presidido à sua construção, as cidades gregas têm a particularidade de agrupar as profissões por bairro. Artesãos e comerciantes se encontram por especialidade, como acontece hoje, por exemplo, nas cidades árabes. Em Atenas, o mais famoso destes bairros é o Ceramico, onde trabalham os ceramistas, e que se estende para além dos limites da cidade por caminhos ladeados de túmulos. É um bairro animado, barulhento com atividades desde a madrugada. É também para Cerâmico que vão em busca de prazer todos aqueles cujos recursos limitados não lhes permitem oferecer-se em casa, como fazem os ricos, cortesãos de luxo, dançarinas ou flautistas. Na verdade, a maioria das casas de prostituição criadas pelo legislador Solón estão localizadas no bairro Cerático.

Certamente, os fãs de mulheres bonitas e de prazeres fáceis podem encontrar a sua felicidade noutros bairros de Atenas e, a poucos quilómetros da cidade, as ruas infames do Pireu oferecem à clientela portuária as miragens dos seus divertimentos equívocos. Mas tanto a Cerâmica como a vizinhança fora dos túmulos têm uma reputação particular. Nas paredes que marcam o limite norte da cidade estão escritas citações ou declarações de amor, que ainda hoje nos permitem saber quem foi o amante oficial deste ou daquele reformado das Casas Cerâmicas: “Melitta é linda”, “Melitta ama Hermotimus”, “Hermotimus ama Melitta”.

É claro que a Cerâmica está longe de ser um bairro “reservado”, e a sua reputação na Antiguidade baseia-se tanto nas produções especialmente notáveis das suas oficinas de olaria como nos prazeres fáceis que oferece aos viajantes, comerciantes, estrangeiros. Mas

as casas de tolerância previstas pela legislação ateniense concentravam-se nas suas ruas populares.

Uma instituição estatal

"Você, Sólon, encontrou uma lei para todos os homens. Pelo que se diz, você foi o primeiro a tomar esta medida democrática e saudável, por Zeus! Vendo em nossa cidade muitos jovens que sofreram as urgências da natureza e se perderam maus caminhos, comprou mulheres e instalou-as em bairros diferentes, mulheres dispostas a receber a todos."

[4]

Com efeito, foi em Atenas que se desenvolveu uma organização de prazer remunerado, que servirá, se assim podemos dizer, de modelo para civilizações antigas e modernas. É ao grande legislador Sólon a quem os gregos atribuem a paternidade desta organização. Embora todas as reformas que os gregos atribuem a este grande homem não tenham sido efetivamente realizadas por ele, a tradição preservou o seu nome como o do pai da democracia ateniense, cujos fundamentos lançou no início do século VI a.C. Entre as muitas modificações que fizeram sofrer as estruturas sociais de Atenas, distribuiu os cidadãos em classes por censo e, em certa medida, procedeu também a uma distribuição das mulheres na sociedade. Contudo, para as mulheres a classificação não se baseia em critérios de fortuna, como no caso dos homens, mas numa hierarquia de atribuições sexuais, o que evidentemente diz muito sobre o papel atribuído às mulheres na sociedade grega. Esta distribuição está perfeitamente indicada numa fórmula frequentemente repetida por autores gregos:

"Temos prostitutas para o prazer, concubinas para os cuidados diários e esposas para terem filhos legítimos e uma fiel guardiã do lar".

[5]

A legislação soloniana sobre a prostituição é apresentada sobretudo como uma medida de saúde pública, destinada principalmente a preservar a pureza da raça. Com efeito, é para servir de derivado do ardor dos jovens, para proteger a castidade das mulheres livres e para garantir assim a pureza dos descendentes dos cidadãos, que Sólon compra jovens escravos e os instala nas casas distribuídas em os diferentes bairros da cidade:

“No bordel os jovens da nossa cidade podem encontrar lindas moças que podem ser vistas tomando sol, de peito nu, dispostas em filas. Cada um pode escolher a moça que mais lhe agrada, magra ou gorda, corpulenta, pequena, jovem, velha, fresca ou maduros... Eles nos convidam a entrar e nos chamam de “Pai” se formos velhos ou de “Paizinho” se formos jovens. E você pode ir ver qualquer um deles sem perigo, sem gastar muito dinheiro, de dia ou de noite. . à noite, conforme desejado.”

└6┘

A história acrescenta isso com os benefícios que Sólon obteve com o comércio dessas mulheres; Mandou construir um templo a Afrodite Pandemos, ou seja, a Afrodite “Comum a todos”, padroeira do amor pago.

As mulheres destes bares são chamadas de *porné*, que, etimologicamente, significa “vendida” ou “à venda”, numa alusão não à ocupação degradante destas mulheres, mas ao facto de a grande maioria serem escravas, e em Consequentemente elas foram vendidos no mercado. A palavra logo assumiu, em Atenas, um significado pejorativo, assim como todos aqueles que se formaram sobre ela, e este termo *porné* deixou de ser designado apenas para prostitutas de classe baixa. Por outro lado, prefere-se dar à maioria das cortesãs, cujos serviços são alugados, o simpático nome de *hetairas*, ou seja, “acompanhantes”. E o que dizer da quantidade de termos obscenos ou de gíria, em que a língua grega é tão rica, para designar aqueles que vivem do comércio dos seus corpos!

Esta participação do Estado nas casas de prostituição é uma das características da vida ateniense, e a sua instituição, que surge originalmente da necessidade aristocrática de preservação da raça, acaba por corresponder a uma filosofia de vida e de prazer sem risco, fácil e barato:

“Aqueles pássaros com cantos harmoniosos, que servem de isca para apoderar-se do seu dinheiro, aqueles galos bem vestidos de Afrodite, dispostos em fileiras, nus, sentados em estofados finos... Deles você pode obter prazer com segurança por um preço baixo.. . Eles esperam nus, para não te enganar: olhe para eles em todos os detalhes. Você não se sente bem? Alguma coisa te incomoda? ela imediatamente faz o que você pede, e assim que você pede, você vai embora. Você pode mandá-la para se enforcar, ela não é nada para você!

└7┘

Uma filosofia do desejo

Prazer fácil e barato, definição que, sobretudo, poderia ser aplicada a outros tempos e a outras civilizações. Mas devemos levar em conta as ideias peculiares dos gregos sobre o amor, o desejo e o prazer. Os filósofos mais famosos, de Platão a Plutarco, dissecaram longamente as razões da atração que homens e mulheres podem sentir uns pelos outros. A sua definição de amor depende em grande parte do lugar que a sociedade grega atribui às mulheres. O “amor grego”, como se sabe, tem como objeto preferencial os jovens, e os casais formados pelos *Erastes* e pelos *Eromenés* são um dos traços mais característicos da vida no mundo grego. E este costume inspirou a altíssima concepção do Amor “celestial”, considerado parte da harmonia do mundo.

[8]:

"(Amor), princípio de ordem tanto para o grupo dos deuses como para os homens; o mais belo e melhor regente de coral, a quem todo homem deve seguir, cantando sua parte com harmonia e participando desta sinfonia pela qual "Este mágico encanta o espírito dos deuses e dos homens."

[9]

Esta tradição explica por que, nos tempos clássicos, o desejo que um homem pode sentir por uma mulher é geralmente rebaixado ao nível de tendências vulgares desprezadas pelos homens cultos:

'O verdadeiro amor não encontra lugar no gineceu, e afirmo que o que você sente pelas mulheres ou meninas não é amor. Seria igualmente absurdo chamar de amor o que as moscas sentem pelo leite, as abelhas pelo mel, ou os fazendeiros ou cozinheiros pelas vacas ou galinhas que engordam."

[10]

Os costumes evoluíram desde os tempos homéricos, onde as mulheres ocupavam um lugar privilegiado na sociedade, lugar do qual se preserva a memória nas tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides. No século V e nos séculos seguintes as coisas mudaram, e muitos atenienses encontram-se na situação deste interlocutor num diálogo de Plutarco, que não tem medo de afirmar:

“É muito natural desejar pão e comida com medida e moderação; mas um apetite excessivo leva o nome de gula e gula. Da mesma forma, o prazer que homens e mulheres se dão está dentro da natureza humana”, mas quando o o desejo que nos move torna-se tão violento e poderoso que não conseguimos mais controlá-lo, não merece mais ser chamado de Amor. Na verdade, o Amor é o que nos une às almas jovens e bem nascidas e que, através da amizade, nos leva a virtude. Pelo contrário, o desejo pelas mulheres, mesmo que se concretize, não nos permite obter mais do que o prazer físico.”

E este personagem de Plutarco cita em apoio à sua tese a resposta do filósofo Aristipo a quem lhe disse que Lais não o amava:

"Não acredito que vinho ou peixe me adorem, mas uso ambos com prazer!"

[11]

O que equivale a reduzir o amor por uma mulher à simples satisfação dos instintos sexuais, e Platão faz o mesmo raciocínio quando opõe a "Pandemos" ou Afrodite popular à "Urania" ou Afrodite celeste, e considera que esta última é a patrona santo dos amores vulgares, ou seja, aqueles destinados às mulheres:

"Daí o amor de Afrodite Pandemos ser realmente 'popular', pois o acaso funciona. Esse amor é o dos homens vulgares. Essas pessoas começam por amar tanto as mulheres como os meninos; depois, preferem amar mais do que as almas; finalmente, ele escolhe os mais estúpidos que encontra. Ele só se preocupa com o ato, sem ter interesse em fazer certo ou errado, por isso acaba fazendo certo ou errado, ao acaso.

[12]

“Mulher”, “corpo”, “estupidez”: a justaposição destes três termos é significativa nas concepções gregas, e é fácil compreender que a regulamentação da prostituição de Sólon é prova do desprezo geral pelo sexo feminino. Se as esposas gozam de certa consideração na medida em que trazem ao mundo futuros cidadãos, as prostitutas são relegadas, pelo menos em teoria, à categoria de objetos de prazer, desprovidos de qualquer personalidade.

Lucros do Estado e dos indivíduos

Fundados em nome do interesse público, os bares de Atenas permanecem sob controlo estatal. Com efeito, pagam um imposto especial, o *Pornikon*, que, tal como os restantes impostos atenienses, é alugado todos os anos pelos *Boulé* aos cobradores encarregados da sua cobrança.

^[13] E, como um bom cafetão, o Estado ateniense também é responsável por proteger, em certa medida, os interesses das prostitutas, ou melhor, dos gestores dos bares.

Na verdade, estas casas são geridas por homens ou mulheres que muitas vezes as administram em nome de cidadãos atenienses respeitáveis. Rico contemporâneo do orador Iseo, o ateniense Euktemon, possui uma propriedade no Pireu que administra por uma de suas libertas, especialista em treinar jovens prostitutas. Uma dessas jovens reformadas, já ultrapassada a idade de agradar aos clientes, é por sua vez instalada por Euktémon como administradora de uma propriedade em Cerático, perto do mercado do vinho. Assim a mulher conseguiu criar uma boa clientela entre os viticultores da Ática, que vinham a Atenas para vender a sua produção.

Não há nada de degradante num cidadão honrado e rico como Euktemon, que conta entre as suas numerosas fontes de rendimento os lucros obtidos por várias casas de prostituição. Na verdade, é uma forma de trabalho servil e um proprietário pode obter dos seus escravos qualquer benefício que desejar, da forma que desejar.

Se os cidadãos, proprietários das "casas" de Atenas, não são objecto de críticas particulares, por outro lado, os próprios administradores, embora exerçam uma profissão reconhecida pela lei, são muito mal vistos e provêm das fileiras dos libertos ou cidadãos de Atenas. Este é um dos trabalhos considerados "infames" pelos Antigos, assim como os cobradores de impostos ou os pregoeiros.

Aristófares fala diversas vezes de um desses administradores de bares, um certo Filóstrato, a quem os atenienses apelidaram de "Cão-Raposa" por sua astúcia e ganância. A desonestidade e o amor ao lucro são duas das censuras que ao longo dos séculos serão sempre aplicadas a quem se dedica a este ramo do comércio.

Esses administradores-cafetões dirigem bares e se encarregam da formação, escolhendo entre os mais talentosos de seus alunos, músicos e dançarinos que alugam para banquetes. O Estado também intervém na regulação destas atividades: de facto, dez

comissários de polícia, os *astynomos*, cinco no Pireu e cinco na própria Atenas, asseguram que os flautistas ou citadistas não sejam contratados por mais de dois dracmas. E se várias pessoas concorrem pela mesma música, os *astynomos* jogam a moeda e entregam a menina ao favorecido pela sorte.

Estes magistrados estão então à frente da polícia aduaneira: a ordem moral, a boa conduta em público, são assuntos da sua jurisdição. E, pela sua função, garantem que a tranquilidade dos atenienses não seja excessivamente perturbada pela clientela muitas vezes barulhenta de bairros conhecidos pelas suas distrações. Os *astynomos* também fiscalizam as concessionárias e levam à justiça aqueles que não respeitam as tarifas fixadas pelo Estado. E as penas correspondentes aos fraudadores são graves: o ateniense Diógnidas e o metec Antídoro, acusados de terem alugado flautistas mais caros do que a lei permite, são atacados pelo orador Hipérides segundo o *procedimento eisangelia*, ou seja, como se tivessem cometido um ataque contra a segurança do Estado.

A legislação de Sólon, que tudo previa, também estabelecia limites a observar para o recrutamento de reformados, homens ou mulheres, ou melhor, como veremos, jovens e jovens. Geralmente pertencem ao mundo dos escravos e, conseqüentemente, lhes correspondem as leis gerais que regem a servidão. Esta legislação específica não responde tanto à necessidade de proteger estas pessoas, mas sim à protecção de homens e mulheres livres. Na verdade, é devida uma multa de vinte dracmas a quem prostitui uma mulher livre, e a pena de morte está prevista até para quem prostitui uma criança nascida livre. Da mesma forma, os fornecedores “clandestinos”, aqueles que não declaram suas transações à polícia, são severamente punidos e condenados à morte, pois escapam ao controle de preços previsto em lei e também não pagam o imposto sobre a prostituição.

Como se pode verificar, tudo foi planeado desde o início da era clássica em Atenas para regular atividades que pareceriam exigir um certo sigilo. E esta preocupação de querer ordenar o que parece corresponder ao mundo do irracional é algo muito característico da mentalidade grega.

Os prazeres "selvagens"

Seria ingênuo acreditar que a prostituição em Atenas é praticada apenas em casas fundadas pelo Estado, monitorizadas e protegidas por magistrados, e que pagam regularmente os seus tributos ao Tesouro Público. Na verdade, a prostituição “selvagem”, ocasional ou não, apareceu rapidamente em Atenas e no Pireu. Em geral, muitos trabalhos desempenhados por mulheres são suspeitos: todos os gregos sabem perfeitamente que os vendedores de flores instalados na Ágora não se contentam em oferecer os seus ramos ou as suas coroas a quem por eles passa. Num discurso jurídico, um ateniense reivindica a virtude da sua mãe que, devido à sua profissão de vendedora de fitas, é suspeita de envolvimento em atividades desonestas. E os jovens ou mulheres que andam pelas ruas à procura de alguém que lhes dê algum dinheiro? Estas aventuras não são isentas de perigos, como prova o que aconteceu ao grande escritor Sófocles: um dia cedeu aos convites de um jovem que se aproximou dele, e o casal encontrou abrigo temporário à sombra das muralhas de Atenas. Mas, após o breve encontro, o menino se apodera do manto caro de Sófocles e foge, deixando ao escritor seu manto baixinho de menino. Naturalmente o caso foi muito comentado em Atenas, onde o regresso à casa do grande escritor em roupas de menino não poderia passar despercebido.

Um crime “primário”

Atenas era uma cidade perigosa? Certamente que não, se compararmos com Roma, onde o crime e a organização de bandos de criminosos crescem proporcionalmente às enormes massas ociosas e famintas que povoam a capital italiana. Não há nada parecido na Grécia. Já o dissemos: antigamente os perigos aconteciam nos campos e no mar, não nas cidades. É arriscado partir sem escolta num caminho que atravessa regiões isoladas, mesmo que de curta distância; muito menos *vagar* pelas ruas de Atenas. É verdade que o caminhante solitário está exposto à agressão daqueles que podem ser tentados por suas roupas ou por sua bolsa. Muitas vezes é a ocasião que faz o ladrão, e não há provas que nos falem do crime organizado, como acontecerá em Roma.

A razão é simples: Atenas na era clássica praticamente não conhecia os grandes movimentos demográficos, os influxos repentinos de população, exceto talvez durante a Guerra do Peloponeso. Consequentemente, os líderes políticos da cidade não têm que resolver o problema causado por uma população móvel e sem recursos. Na verdade, a desonestidade parece ser muito mais comum na vida política ateniense do que nos populosos bairros de Cerâmico ou Pireu.

Além disso, em Atenas há poucas tentações para os criminosos. Os atenienses levam um estilo de vida muito modesto e mesmo aqueles cuja prodigalidade se tornou lendária não têm muito mais do que o estritamente necessário. Alcibíades, cujo luxo parecia escandaloso aos seus contemporâneos, tem como todos os móveis da sua casa em Atenas alguns baús e artigos necessários à vida quotidiana. Uma inscrição dá-nos os detalhes de todos os móveis daquele famoso pródigo, e o total mal daria para equipar a casa de um pobre romano. Em Atenas, a modéstia das posses significava que os ladrões não eram tentados.

Mas enfim, eles existem: e eram chamados de “abridores de paredes” porque bastava que fizessem um buraco nas paredes de barro para entrar numa casa e roubar. A legislação ateniense é muito severa com esses ladrões capturados em flagrante: corriam o risco de morte pela tortura de “ferro”, forma de execução comparável à da cruz. Dada a pobreza do que havia para roubar nas casas, mesmo dos cidadãos mais ricos, é fácil supor que os “abridores de muros” pertenciam às camadas mais miseráveis da população. Roubar para sobreviver, e não para enriquecer, é certamente o que motiva a maioria destes ladrões, demasiado insignificantes para aparecer nos discursos jurídicos que sobreviveram.

A diversão da juventude

Por outro lado, à noite as ruas de Atenas estão longe de ser tranquilas. Os transeuntes são muitas vezes vítimas de gangues de bêbados que, ao saírem dos banquetes, encontram qualquer pretexto para atacá-los, espancá-los e eventualmente roubá-los. Tal foi a desgraça de um bom jovem, Ariston, uma noite, perto da Ágora, no ano 343 AC.

"Como é meu costume, eu estava andando pela Ágora à noite com um dos meus camaradas, Fanostrates. O filho de Conon, Ctésias, completamente bêbado, veio ao nosso encontro no templo de Leokorion, perto da casa de Pythodorus. Quando nos viu, começou a gritar e, como um bêbado, fez um discurso para nós sem que conseguíssemos entender uma palavra do que dizia. Ele imediatamente se dirigiu ao bairro Melito, onde se reuniram para beber na casa do colchonero Panfilo, como, como soubemos mais tarde, Conon, um certo Teótimo, Archebíades, Spintaros, Teógenes e muitos outros, a pedido de Ctésias, levantaram-se e vieram com ele para a Ágora, depois de termos chegado ao santuário de Perséfone, refizemos. nossos passos. "Estávamos passando pelo templo de Leokorion quando eles caíram sobre nós."

[14]

Para melhor compreender o contexto desta passagem, devemos lembrar que o jovem Ariston já havia sido vítima de maus tratos por parte dos filhos de Conon, com quem cumpriu o serviço militar. Já nessa altura o mau comportamento de Ctésias e do seu irmão tinha causado graves transtornos na guarnição. Ao retornarem a Atenas, formam uma banda com alguns amigos que tem como principais atividades o prazer e a violência. É um costume relativamente comum em Atenas entre os jovens de famílias ricas, e os apelidos que estes atenienses se dão revelam perfeitamente as suas preocupações: Conon, adversário de Ariston, fez parte do bando dos "Tribais" em sua vida juramentada, que adotou o nome de uma cidade trácia famosa pela grosseria e devassidão de seus costumes. Outros foram batizados de "Itifálicos" ou "Libertinos". Esses apelidos provocativos certamente indicam que esse jovem de ouro de Atenas, ao qual adultos como Conon não hesitam em aderir, se reúne principalmente para se divertir. As distrações diárias desses homens são banquetes e sessões de bebida. Eles não param no sacrilégio, e profanam

santuários e devoram alimentos consagrados, por puro desafio às leis divinas e humanas. Conon e seus amigos são acusados por Demóstenes de terem saqueado as oferendas feitas à temível Hécate, protetora dos poderes infernais. O famoso episódio da mutilação dos "hermes", antes da partida da expedição à Sicília, é obra do bando de Alcibíades, que também se entregava a paródias insultuosas dos veneráveis mistérios de Elêusis.

[15]

“Somos a turma dos Itifálicos, fazemos amor, batemos e estrangulamos quem quisermos”.

Tal é, segundo Demóstenes, o lema dos camaradas de Conon. Além das provocações sacrílegas, essas gangues também se entregam a entretenimentos ainda mais perigosos para os seus concidadãos. A continuação da história de Ariston nos dá um bom exemplo desses ataques noturnos, obra desses jovens desorientados:

"Conon, seu filho e Teógenes me atacaram; primeiro arrancaram minha capa e depois me jogaram na lama. Eles me chutaram até meus lábios e olhos doerem. Eles me deixaram em tal estado que eu não conseguia me levantar ou dizer uma palavra. Deitado na lama, ouvi-os dizer tantos horrores que não ousaria repeti-los aqui. O seguinte fato provará que Conon é o responsável por todo esse assunto: na verdade, ele imitou o galo vencedor e os outros. comemorou quando o viram batendo nas costelas com os cotovelos, como se fossem asas. Então algumas pessoas que passavam me encontraram, nu, porque esses criminosos haviam roubado meu manto, e me levaram para casa numa liteira.

Certamente o roubo da capa de Ariston nada mais é do que o pretexto para o ataque de que ele é vítima. A gangue Itifálica não está interessada em uma capa, e é antes o prazer da violência pela violência que explica a agressão. Vários séculos depois encontraremos um jovem imperador, Nero, entregando-se ao mesmo entretenimento noturno nas ruas de Roma. É claro que Conon e seus amigos vêm de famílias honradas o suficiente para evitar as punições aplicáveis aos salteadores de estrada. É precisamente esta quase impunidade que os torna perigosos, e só podem ser levados à justiça quando as suas diversões vão longe demais.

Essas brutalidades, que para certos jovens constituem uma diversão cheia de encanto, também se encontram nos fragmentos de um discurso de Lísias contra um certo Tísis. Tudo começa com uma briga na arena entre dois jovens, Arquipo e Tisis; o tom não demora muito para subir; a zombaria é seguida de insultos. Mas tudo teria permanecido assim se Tisis não tivesse tido um tutor, Pytheas, um tutor que também é seu amante. Para agradar seu querido aluno, Píteas prepara uma armadilha para fazer cair Arquipo nela. A pretexto da reconciliação, Arquipos, em férias, é convidado para uma bebedeira até tarde da noite. Assim que entra na casa de Tisis, Arquipo é amarrado a um pilar, espancado violentamente e trancado em um quarto. No dia seguinte, de madrugada, ocorre outra sessão de flagelação, da qual Arquipos fica gravemente ferido. Tudo isto, diz-nos Lísias, porque Tisis,

que não passa de um burguês rico, quer imitar os jovens ricos da cidade e comportar-se como um daqueles preguiçosos cujas travessuras são registadas todos os dias pela crónica local.

Em suma, é uma imagem um tanto desbotada de Atenas que emerge dos poucos textos que temos. Os escritores gregos pouco se interessaram pelas manifestações de atividades marginais, e as poucas brigas das quais encontramos vestígios parecem demasiado insignificantes para nos dar uma ideia precisa do espetáculo apresentado pelas ruas dos bairros “quentes” de Atenas.

MARROM

Corinto é o grande porto do mundo grego clássico, ou melhor, dos portos, pois a localização geográfica da cidade permite-lhe controlar os dois golfos de ambos os lados do Istmo de Corinto. Ponto de encontro de empresários e viajantes do Oriente e do Ocidente, é também um ponto de trânsito obrigatório para todos aqueles que viajam entre o norte da Grécia e o Peloponeso. O comércio, a indústria, as atividades portuárias, tudo isto contribui para fazer de Corinto uma cidade particularmente viva. A riqueza dos seus habitantes, as suas vidas felizes e depravadas, são famosas em todos os povos da Antiguidade e, enquanto a reputação de Atenas é sobretudo política e intelectual, a de Corinto está ligada à voluptuosidade e à devassidão.

Mas Corinto é acima de tudo, para os Antigos e os Modernos, a cidade da prostituição sagrada. Sem dúvida, as relações comerciais que a cidade manteve desde muito cedo com os países asiáticos explicam o estabelecimento, no Acrocorinto, de prostitutas sagradas. Este costume, que deveria ter tornado Corinto famosa, só desapareceu no ano 146 a.C., quando a cidade foi destruída pelos exércitos romanos.

Prostituição sagrada e religiões orientais

Se há um fenómeno desde a antiguidade que despertou a imaginação dos homens, é o da prostituição sagrada. Seria perigoso querer ter uma ideia dela a partir da leitura de romances como *Afrodite*, de *Pierre Louys*, e é preciso reconhecer que nossas informações sobre o assunto se reduzem a muito poucas.

Embora este costume estivesse perfeitamente integrado na vida de certas cidades gregas como Corinto, não pertence propriamente à civilização helénica e corresponde a uma concepção de divindade de origem estrangeira. Por outro lado, a sua importância no mundo grego não deve ser exagerada, uma vez que só era praticada num pequeno número de locais: Corinto, Pafos ou Monte Eryx na Sicília.

A prática da prostituição sagrada, porém, é muito mais amplamente atestada na Ásia Menor, na Pérsia ou mesmo no Egito, onde fazia parte do culto de certas divindades, posteriormente assimiladas por Afrodite. É difícil compreender as intenções profundas desta prostituição sagrada, pois os antigos historiadores e geógrafos, gregos em geral, que dela falaram, foram muito cautelosos, devido ao carácter escandaloso que estas práticas apresentam aos seus olhos leigos. O significado profundo do rito pouco lhes interessa e as explicações que dão são geralmente fantasiosas.

Além disso, as motivações mudam dependendo da cidade. Na Lídia, em Armia, na Tebas egípcia, são jovens que se consagram, virgens, à divindade. Tal como o Ouled-Nail da Argélia, eles devem ganhar o seu dote através da prostituição até ao casamento:

“Os armênios veneram particularmente Anaitis (ou Anahita) e dedicaram-lhe numerosos templos, especialmente em Akilisene. ele ainda virgens: a lei quer que eles se entreguem à prostituição por muito tempo em benefício da deusa, antes de serem dados em casamento, e ninguém considera indigno casar-se com eles depois.

[16]

Segundo Heródoto, as filhas dos lídios acumulavam o seu dote da mesma forma. Noutras localidades, os *hieródulos* ou cortesãs sagradas fazem parte do "clero" permanente da divindade e exercem o seu cargo ao longo da vida no templo da deusa, ao qual correspondem os pagamentos efectuados pelos "fiéis".

[17]

Também é difícil pronunciar-se com certeza sobre o significado exato do costume, seja permanente ou temporário. Sem dúvida, deve ser visto como um rito destinado a promover a fertilidade. Heródoto, numa passagem mais pitoresca do que rigorosamente exata, evoca as atividades dos hieródulos da deusa babilônica Bélit-Ishtar, cujo nome é distorcido para Mylitta:

"Este é o costume mais vergonhoso dos babilônios. É necessário que toda mulher do país, uma vez na vida, se junte a um homem estranho, no templo de Afrodite. Muitos desdenham misturar-se com outros babilônios e se vangloriam de sua riquezas. É assim que vão ao santuário em carroças cobertas, seguidos por numerosos servos. Dentro do templo, há um grande número de mulheres sentadas, com uma coroa de corda na cabeça. Algumas chegam, outras partem em todas as direções, permitindo que estranhos circulem para escolher.

"Quando uma mulher está sentada ali, ela deve esperar, para voltar para casa, até que um estranho jogue dinheiro em seus joelhos e se junte a ela dentro do templo. Ao jogar o dinheiro nela, o homem deve dizer: 'Eu te ligo no nome da deusa Mylitta', que é o nome assírio de Afrodite. A quantia de dinheiro é voluntária, e a mulher não tem o direito de rejeitar o homem, pois o dinheiro é sagrado e ela deve seguir até o primeiro que jogar algo para ela. Depois de se juntar ao homem, ela já cumpriu seu dever para com a deusa e pode voltar para casa. Aqueles que são bonitos e bem formados podem voltar em breve, mas os feios são forçados a isso, sem poder cumprir a lei, alguns permanecem três ou quatro anos."

[18]

É fácil perceber que, em sua explicação, Heródoto mistura diferentes formas de prostituição sagrada: aquela que existe entre os povos onde mulheres jovens de todas as origens sociais devem se prostituir para acumular a soma necessária para constituir seu dote, e o costume dos hieródulos dedicado ao serviço da divindade. No entanto, o grande viajante Heródoto certamente visitou o vasto "mercado de mulheres" que deve ter sido o santuário da deusa Bélit-Ishtar. A sua descrição muito colorida permite-nos imaginar o estranho espetáculo que reina no grande interior do templo, as idas e vindas dos hieródulos e visitantes, as filas de mulheres imóveis como mercadorias, e com uma corda na testa simbolizando a sua escravidão.

“Nem todo mundo pode ir para Corinto...”

“Jovens hospitaleiras, servas da Persuasão, na rica Corinto, vocês que fazem queimar as gotas douradas do incenso, seus pensamentos voam para a mãe celestial dos desejos amorosos, Afrodite, que permite a vocês, meninas, colher os frutos em suas camas agradáveis da sua tenra juventude.”

[19]

É assim que, com humor e poesia, Píndaro evoca os mais famosos habitantes de Corinto, os hieródulos de Afrodite e sua serva, Persuasão. Ao mesmo tempo sacerdotisas, escravas e prostitutas, estas jovens contribuem para dar a Corinto um lugar distinto no mundo das cidades gregas. Esta forma particular de culto a Afrodite em Corinto ou na ilha de Chipre explica-se pelas influências orientais bem representadas nestas regiões. Trata-se de um fenómeno esporádico que se aproveita sobretudo da má reputação do Corinto. A importante atividade dos dois portos, o elevado número de viajantes que passam pela cidade a negócios ou a lazer, só podem aproveitar o templo de Afrodite instalado no topo da Acrocoríntia. A este santuário no topo da colina íngreme vem-se adorar a deusa representada em forma de estátua vestida de armadura e “servida” por prostitutas sagradas:

“O santuário de Afrodite era tão rico que contava com mais de mil prostitutas sagradas, oferecidas à deusa por homens ou mulheres. Por causa delas, a cidade era muito povoada e enriqueceu consideravelmente, já que os donos dos navios ali se arruinavam facilmente. , de onde surgiu o famoso provérbio: 'Nem todos podem desembarcar em Corinto'.”

[20]

A fama desses escravos sagrados é grande em todo o mundo antigo e, como explica Estrabão, eles são oferecidos à deusa por seus devotos. De certa forma, eles vivem como ex-votos. Um certo Xenofonte de Corinto, atleta vencedor dos Jogos Olímpicos de 464 a.C., ofereceu cinquenta prostitutas em agradecimento à Afrodite de Corinto, e fez com que o evento fosse comemorado pelo poeta Píndaro:

"Ó soberano de Chipre, eis que no teu santuário de Corinto, Xenofonte introduziu uma tropa de jovens, cinquenta corpos dedicados ao teu serviço, na sua alegria por ter visto todos os seus desejos realizados."

[21]

No Monte Eryx, na Sicília, onde está instalado um santuário de Afrodite num local particularmente impressionante, no topo de uma rocha pontiaguda, são também os devotos que, com as suas doações, fornecem hieródulos à deusa:

"A elevada colina de Eryx é habitada e tem um templo de Afrodite particularmente venerado, outrora repleto de escravos sagrados que sicilianos e estrangeiros ofereciam para o cumprimento dos seus votos."

[22]

Prostitutas ou sacerdotisas?

O que exatamente são hieródulos? Prostitutas, aliás, mas também sacerdotisas, já que ambas as funções estão intimamente ligadas. Tal como as outras sacerdotisas do mundo grego, elas participam oficialmente em todas as cerimónias onde a sua intervenção “sagrada” é necessária. Assim, quando os persas invadiram a Grécia, pediu-se aos hieródulos da Afrodite coríntia que fizessem orações públicas e oferecessem sacrifícios pela salvação dos gregos. Como as suas orações foram aparentemente eficazes, uma vez que o exército e a frota de Xerxes foram finalmente derrotados pela coligação de cidades gregas, os coríntios colocaram no templo de Afrodite um ex-voto, estátuas e uma lista de todas as prostitutas inspiradoras da vitória. Um epigrama de Simônides, gravado seguindo este catálogo, presta homenagem à eficácia dos hieródulos e de sua patrona, Afrodite:

"Essas mulheres foram consagradas para mediar perante o divino Cypris, em favor dos gregos e de seus valentes cidadãos em combate. Pois a deusa Afrodite não queria que a cidadela dos gregos fosse entregue aos arqueiros persas."

[23]

Um episódio deste tipo prova que os hieródulos ocupam um lugar respeitado no mundo grego e permite-nos compreender melhor a atitude contraditória que os Antigos sempre tiveram em relação à prostituição. As prostitutas “seculares” eram consideradas insignificantes e já vimos como Sólon justificou o seu papel na sociedade. Mas a convicção de que as suas actividades pertencem ao domínio sagrado de Afrodite nunca está completamente ausente. É um raciocínio deste tipo que permite o perdão da famosa Friné. O episódio é bem conhecido: ameaçada de ser condenada à morte por acusação de impiedade, ela é salva por seu advogado, o orador Hypérides, que tem a ideia de despir o corpo de seu cliente na Justiça. Os *heliastas* perdoam Friné porque a beleza da jovem os comoveu; mas também são movidos pelo medo supersticioso de destruir esta sacerdotisa de Afrodite, cujo corpo esplêndido mostra tão claramente o selo da divindade.

Embora nenhum documento nos dê mais informações sobre a organização da prostituição sagrada nas cidades gregas, é fácil imaginar que o santuário coríntio deve ter tido muitas semelhanças com o de Bélit-Ishtar na Babilónia. Mas nada sabemos sobre a

vida dos hieródulos coríntios. Eles moram dentro do templo? São consagrados para a vida ou têm a possibilidade de se libertar da profissão comprando a sua liberdade? Os antigos, embora tenham sido menos explícitos sobre estes servos de Afrodite, falaram ainda menos sobre os seus clientes. Deveríamos imaginar grupos de peregrinos, num comboio de devoção, ou, mais prosaicamente, devotos ocasionais, muito satisfeitos em combinar deveres religiosos e prazer?

A presença destas mil mulheres dedicadas à deusa do amor contribui para dar a Corinto a reputação de cidade de prazeres fáceis, e não é de estranhar que a prostituição “secular” tenha adquirido uma extensão considerável na cidade. Os comerciantes de escravos traziam para este porto suas mais belas “mercadorias”. Na verdade, eles sabiam que aqui haveria as melhores chances de encontrar compradores ricos em busca de garotas bonitas o suficiente para serem consagradas a Afrodite. É assim que Lais, uma das cortesãs mais famosas do final do século V a.C., é levada ainda jovem da Sicília para Corinto e oferecida à deusa; O seu destino toma uma reviravolta decisiva quando conhece o pintor Apeles, que a “lança” nos círculos artísticos e intelectuais de Atenas.

Neera, cuja carreira acompanharemos detalhadamente, também começou a trabalhar em Corinto.

Até à sua destruição pelos romanos em 146 a.C., Corinto continuou a ser uma das cidades mais luxuosas do mundo grego, à medida que o prazer e o luxo se desenvolveram naturalmente nesta capital da prostituição sagrada e profana. Destruída pelos romanos e depois reconstruída por César, nunca perdeu a reputação de cidade dissoluta, mesmo após o desaparecimento dos seus hieródulos e do “escandaloso” culto a Afrodite na Acrocoríntia. Para os antigos, Corinto permaneceu o símbolo da corrupção, e conhecemos as epístolas que o apóstolo Paulo foi obrigado a enviar à jovem Igreja de Corinto para alertá-la contra a atmosfera dissoluta que reinava neste porto ainda no início do século. um cristão.

No entanto, Corinto não é toda a Grécia e a prostituição sagrada é excepcional no mundo greco-romano. Embora em certas cidades seja possível localizar bairros particularmente especializados na exploração do prazer, evidentemente nada têm a ver com a congregação de hieródulos dentro de um templo, uma originalidade de Corinto.

ALEXANDRIA

Embora tenhamos apenas alguns vestígios da antiga cidade de Alexandria, ainda sabemos que ela oferecia um espetáculo muito diferente daquele de Atenas. Construído segundo um plano geométrico, afetou a forma do manto grego, o chlamys:

“Uma longa avenida corta a cidade em dois, por assim dizer, e é uma maravilha tanto pelo seu tamanho quanto pela sua beleza. De um portão ao outro, mede quarenta estádios (cerca de 7 quilômetros), é uma infinidade de largura (quase 30 metros) e é adornado por suntuosos edifícios, templos e mansões privadas. Alexandre também mandou construir um palácio que surpreendeu pelo seu tamanho e abundância de obras de arte. Quase todos os reis do Egito depois de Alexandre e até os nossos dias, isto, palácios de magnífica construção. A cidade desenvolveu-se tanto nos séculos seguintes que todos a consideram a cidade mais importante do mundo habitado pela sua beleza, pelas suas dimensões, pela importância das suas riquezas, por tudo o que diz respeito aos prazeres sensuais. É a primeira das cidades.”

[\[24\]](#)

Na verdade, Alexandria é uma cidade surpreendente e surpreende especialmente os gregos, habituados ao confuso cruzamento das ruas estreitas de Atenas. O rigor geométrico da capital de Alexandre, o modernismo da sua concepção, o esplendor arquitectónico dos edifícios públicos e das casas privadas, suscitam justamente admiração. Mas toda a concepção de vida urbana se opõe igualmente a Atenas e Alexandria. Em Atenas, embora os comércios tendam a agrupar-se em bairros especializados como a Cerâmica, isso não é uma necessidade absoluta, e o centro vital da cidade, a Ágora e as encostas da Acrópole, são invadidos pelas cabanas de pequenos comerciantes e, pelas tabernas onde a multidão se reúne. Alexandria, em comparação com Atenas, perde em pitoresco o que ganha em esplendor. Supõe-se que a cidade foi dividida em cinco bairros com nomes das cinco primeiras letras do alfabeto grego. Os alexandrinos estão distribuídos de acordo com sua classe social e origem étnica em cada um desses bairros. O que mais conhecemos é o *bairro Delta*, onde se instala a comunidade judaica de Alexandria e se transforma, ao longo dos séculos, num verdadeiro gueto. Enquanto o bairro chamado *Basileia* ou *Brwchion* abriga os edifícios mais prestigiados da cidade, Palácio, Museu e Biblioteca, o *bairro Rhacotis*,

construído no local da cidade egípcia onde Alexandre fundou a sua capital, é muito mais popular.

É aí, de facto, que se reúnem os imigrantes de toda a Ásia Menor e do Mediterrâneo Oriental, os camponeses egípcios abandonados que fogem dos fardos esmagadores impostos pelo poder real ao mundo rural. Todas estas pessoas desenraizadas, estas pessoas clandestinas, refugiam-se no anonimato do barulhento e superlotado bairro de Rhacotis. E naturalmente é deste bairro, cuja população é mal controlada pelas autoridades, que se originam todos os movimentos de agitação popular, as sedições, os motins, que com sucesso variável opõem o povo alexandrino aos seus reis.

Uma cidade monumental, enorme população: Diodoro da Sicília estima que Alexandria tenha mais de 300.000 homens livres, o que sem dúvida eleva o número total de habitantes da cidade para um milhão; outra diferença apreciável com a população de Atenas, que nunca deveria ter ultrapassado os 400.000 habitantes. E é também uma população cosmopolita: egípcios, gregos, sírios, judeus, convivem em Alexandria em comunidades que se opõem até ao ponto de confrontos por vezes violentos.

Uma área considerável, uma população desproporcional, são tantos fatores de admiração dos antigos, que não param de elogiar o espetáculo que Alexandria oferece:

“A cidade é maior que um continente inteiro e o número dos seus habitantes é maior que uma cidade inteira”, exclama o herói de um romance grego. “Se eu olhasse para a cidade, pensei que nunca haveria habitantes suficientes para povoá-la toda; mas se olhasse para os habitantes, não poderia conceber que existisse uma cidade capaz de contê-los.”

[25]

Alexandre queria fazer da sua nova cidade a capital do luxo. Assim, Alexandria e as suas cidades satélites do Delta do Nilo tornam-se, para os habitantes do Mediterrâneo oriental, os centros de uma “vida encantadora”. Lá é possível satisfazer todos os desejos, diz um velho cafetão de mímico de Herondas:

“É lá que vive Afrodite. Pois tudo o que existe pode ser encontrado no Egito: riquezas, poder, clima agradável, glória, espetáculos, filósofos, joias de ouro, belos jovens, templos de deuses irmãos, um rei excelente, um museu, vinho, todos os prazeres que desejais, mulheres tão numerosas que, por Prosérpina, o céu não pode gabar-se de ter estrelas em tal número, nem tão belas como as deusas que tomaram Páris como juíza de sua beleza.”

[26]

Esses fãs de prazeres variados tornaram Canopus famoso. Situada a cerca de vinte quilómetros de Alexandria, esta cidade constitui de certa forma uma dependência dedicada exclusivamente à festa:

"Há uma multidão de foliões descendo de Alexandria para Canopus pelo canal, e há muitas pessoas nos barcos, homens e mulheres, que tocam flauta e dançam sem vergonha e com extrema licença. ao longo do canal, locais onde tudo está pronto para diversão e prazer."

[27]

Este "complexo" de diversões que Canopus oferece aos habitantes de Alexandria e aos viajantes estrangeiros pode parecer surpreendente, uma vez que esta cidade deve a sua reputação principalmente aos seus peregrinos; Na verdade, muitos doentes vão ao seu templo de Serápis para pedir cura aos deuses. Talvez seja a proximidade de Alexandria que faz com que Canopus ofereça a esta multidão de peregrinos distrações muito pouco religiosas. E que espetáculo extraordinário é o daqueles barcos atracados ao longo do canal, que oferecem, aos fãs de espetáculos equívocos, flautistas nus e belas dançarinas afeminadas, os *cinaedi*, cuja reputação percorre o mundo antigo: Canopus "a prostituta" como a O poeta latino Propércio a chama, é sem dúvida, como a sua vizinha Naucratis, um dos raros exemplos de cidades gregas onde tudo é organizado tendo em vista o prazer dos visitantes.

Três cidades, cada uma com a sua personalidade, a sua configuração, a sua originalidade. E, nestas cidades, uma população da qual uma parte está perfeitamente integrada no sistema institucional do Estado; Eles são os cidadãos e suas famílias. E depois há aqueles que não estavam nas classes sociais, aqueles que para satisfazer as suas necessidades são forçados a depender de outros (e nos tempos antigos isso geralmente significava escravidão) ou a obter dinheiro dos desavisados. Em ambos os casos, trata-se de uma situação mais do que incômoda para eles: a violência, quer a sofram quer a inflijam, constitui o tecido da sua existência quotidiana.

2 O UNIVERSO DAS CRIANÇAS PERDIDAS

Que melhor guia para entrar neste universo ambíguo, onde muitas vezes a miséria mais profunda convive com o luxo mais insolente, do que uma daquelas meninas que desde a mais tenra idade conheceu todas as etapas da prostituição e pôs fim aos ares de uma burguesia respeitável? ? A vida de Neera é “exemplar” o suficiente para nos mostrar o caminho no mundo da prostituição e da vida galante. A sua história é banal e, embora se passe em Corinto, poderia igualmente ter acontecido em Atenas ou Alexandria.

Esplendor e miséria das cortesãs

Nerea? É-nos conhecido por um discurso falsamente atribuído a Demóstenes. Na época do seu julgamento em Atenas, por volta de 340 a.C., ela aparece como uma boa burguesa de cinquenta anos, casada com um cidadão honrado conhecido por suas atividades políticas. Além disso, seu genro é o rei arconte de Atenas.

Na verdade. Esta respeitabilidade esconde um passado mais do que duvidoso. Nerea e seu marido Estéfano, na verdade, infringiram uma lei. A legislação ateniense proíbe os cidadãos de se casarem com estrangeiros e de fazerem passar os filhos dessa união como legítimos. Segundo esta lei, Nerea é acusada, como estrangeira, de ter casado com Estéfano, que por sua vez é acusado de ter introduzido crianças estrangeiras na sua *fratria* e de ter dado em casamento a filha de uma prostituta a um cidadão ateniense.

Não se trata aqui de evocar detalhadamente as verdadeiras razões deste processo tentado contra o casal por um certo Apolodoro; Muito provavelmente é uma vingança do partido “Pacífico”, do qual o marido de Neera, Stephanos, é um dos líderes. Na verdade, o discurso é proferido em plena “guerra fria” entre Filipe da Macedónia e Atenas, e todos os argumentos servem na luta que opõe os partidários da resistência e os da colaboração. A acção tentada contra Neera é sem dúvida um bom pretexto para o partido “nacionalista” de Demóstenes desacreditar o adversário, uma vez que através de Neera é obviamente o seu marido quem é atacado pelos seus adversários políticos.

O interessante deste discurso é a forma como o acusador evoca detalhadamente todas as etapas da vida de Neera. Para vencer os seus adversários, Apolodoro realizou uma verdadeira investigação sobre o passado de Neera, um passado que, é preciso dizer, tem muito interesse. Ele reconstruiu pacientemente a carreira amorosa desta mulher e coletou cuidadosamente os testemunhos de seus ex-amantes. Surpreendente investigação que recupera quase cinquenta anos de carreira de prostituta. É sem dúvida uma exigência, e os diferentes episódios da vida de Neera são evocados sem indulgência, quase com excessiva crueldade; mas é uma pintura sem equivalentes da existência desconhecida, alternadamente esplêndida e miserável, dos excluídos da sociedade.

A arte de escolher garotas

“Nicareta, liberta dos Charisios helênicos e esposa do famoso cozinheiro Hípias, comprou sete meninas muito pequenas. Ela era especialista em julgar a beleza futura das meninas e sabia perfeitamente como criá-las e educá-las melhor do que ninguém. conhecia bem o ofício com o qual ela ganhava a vida. Ele as fez passar por suas próprias filhas e disse que elas eram livres desde o nascimento para extrair somas maiores daqueles com quem ele as prostituía. cada uma dessas meninas, ele as revendeu para as sete juntas: Anteia, Stratola, Aristocleia, Metanira, Phila, Isthmias e Neera.”

[28]

Neera inicia assim a sua carreira em Corinto, lugar privilegiado para a prostituição, e o seu início está de acordo com todos os testemunhos que temos de outras fontes sobre a “educação” de jovens escravos destinados à vida galante. Ela faz parte de um “lote” de sete meninas, adquiridas por um cafetão, provavelmente de um comerciante especializado no tráfico dessa categoria de escravos. De onde vieram essas meninas, certamente muito jovens? No momento em que Nicareta os compra, não têm mais de quatro ou cinco anos, idade mais favorável para uma iniciação perfeita no ofício que os espera. Raptadas, encontradas ou compradas, estas meninas são na verdade vítimas do maior tráfico que a Antiguidade conheceu, o de seres vivos, tráfico que está na origem da forma de crime mais representativa da bacia do Mediterrâneo, a pirataria.

Muitas destas meninas são apanhadas por traficantes nas ruas, onde os pais as abandonam à nascença. O abandono dos recém-nascidos é normalmente uma necessidade para famílias com recursos muito modestos. Para os mais pobres, de facto, uma filha representa apenas uma boca inútil para alimentar, por isso está destinada ao abandono, mesmo antes de nascer. Um trabalhador egípcio que trabalha em Alexandria escreve à sua esposa grávida, que permaneceu no Alto Egito:

“Quando você der à luz, se for um menino, fique com ele; se for uma menina, deixe-a na rua.”

Um autor de quadrinhos do século III expressa de forma ainda mais crua essa atitude de rejeição às meninas, consideradas fardos supérfluos:

“Um filho é sempre criado, mesmo que os pais sejam pobres; uma filha é sempre abandonada, mesmo que os pais sejam ricos.”

[29]

E as meninas assim destinadas ao abandono são colocadas, recém-nascidas, num canto, junto a um monte de lixo. Tem-se o cuidado de colocá-los dentro de uma panela ou chaleira, um cuidado ridículo para protegê-los de cães vadios.

Às vezes, os pais se arrependem (sempre tarde demais) de terem abandonado os filhos dessa maneira, como testemunha este diálogo de uma comédia de Terence:

- *Sostrata (para o marido): Você se lembra, quando eu estava grávida, que você proclamou vigorosamente que se eu desse à luz uma menina, você não a reconheceria?*

- *Cremés: Vejo o que você fez: você a criou em segredo!*

- *Sostrata: Não. Mas uma velha coríntia muito honesta morava conosco. Dei-lhe a criança para abandonar.*

- *Cremés: Que estúpido!... Pense nas consequências da sua decisão: sua filha, que você deu para aquela velha, agora será prostituta, ou terá sido vendida no mercado.*

[30]

Essas crianças abandonadas, a menos que sejam recolhidas por um casal que queira um filho, têm um certo destino na escravidão, pois quem as recolhe as vende a mercadores de escravos que percorrem as cidades e o campo para renovar seu estoque. Alguns os criam para obter lucro. Muitos vêem uma fonte de lucros substanciais na prostituição dos seus jovens protegidos, uma vez que o comércio é frequentemente praticado por escravos muito jovens, raparigas e rapazes. Ao contrário de outros escravos criados por famílias gregas ou romanas, neste caso não é necessário esperar até que o enjeitado se torne adolescente para obter dele um lucro apreciável.

Piratas, bons fornecedores

Os cafetões, como a liberta Nicareta que comprou as sete meninas, também podem obter suas “mercadorias” junto aos traficantes de escravos, cujos principais fornecedores são os piratas. Com efeito, desde tempos imemoriais e até ao século I a.C., as ilhas e costas do Mediterrâneo são sistematicamente saqueadas por “sociedades” organizadas de piratas que roubam homens, mulheres e crianças, para os quais há sempre procura nos mercados de escravos. Crianças ou adolescentes de ambos os sexos, evidentemente, são as presas preferidas destas gangues armadas.

Esta forma de pirataria é antiga: na *Odisseia*, uma mulher sidónia, filha de um rico proprietário de terras, diz que foi raptada por piratas e vendida como escrava na ilha de Syros. Corrompida pelos piratas fenícios, ela, por sua vez, sequestra a criança que lhe foi confiada e embarca com ele para retornar ao seu país natal. O menino em questão é Eumeu, que após inúmeras desventuras é comprado pelo pai de Ulisses e se torna seu criador de porcos.

Esta antiga tradição de pirataria também é atestada por Tucídides, que escreve sobre os primeiros gregos:

“Os gregos de antigamente e os bárbaros que se estabeleceram nas costas do continente ou nas ilhas, quando uma relação marítima começou a ser mantida, entregaram-se à pirataria. para os fracos. Atacavam cidades ou aldeias não fortificadas, e praticavam saques e captura de prisioneiros, dos quais obtinham o seu sustento. Esta actividade naquela época não era considerada desonrosa, mas antes dava glória.

[31]

Atividade de subsistência em sua origem, e vinculada a um código de honra talvez vigente na Idade Média grega, a pirataria na época clássica foi reduzida a uma atividade lucrativa nas mãos de verdadeiras organizações, cujas sedes estavam localizadas em pontos estratégicos do Mediterrâneo, o Bósforo, os Quersonesos da Trácia ou, no outro extremo da bacia do Mediterrâneo, nas ilhas de Hyères. É tradicional atribuir a nacionalidade Samiana ou Etólia a estes piratas; Na época romana, da mesma forma, todos os piratas serão “ilírios” e, no século XIX, albaneses. Estes são evidentemente nomes genéricos simples, e nem os

sâmios nem os etólios detinham o monopólio da pirataria. Simplesmente, estes povos dedicaram-se, em tempos muito antigos, a expedições a territórios estrangeiros, e a sua nacionalidade permaneceu durante séculos sinónimo de pirataria.

Embora as cidades gregas não tenham frotas suficientes para proteger as suas costas contra ataques de piratas, elas realizam as suas atividades com impunidade. Alguns navios de ataque ancorados em um porto natural ou ancoradouro vindo do continente, como faziam os bandidos egípcios nas alturas sobranceiras à foz do Nilo:

"O dia começava a sorrir e o sol iluminava o cume das montanhas. Homens armados como piratas apareceram no topo das colinas sobranceiras à foz do Nilo chamada 'boca de Hércules'. Pararam por um momento e olharam ao redor. mar a seus pés Depois de verificarem que as águas não apresentavam nenhum navio suscetível de ser saqueado, voltaram o olhar para a costa próxima.

[32]

Com muito mais frequência, os piratas lançam as suas expedições marítimas ao longo da costa, onde sequestram os indivíduos isolados ou desarmados que encontram. Uma inscrição proveniente da ilha de Amorgos, uma das Cíclades, conta-nos detalhadamente os episódios de uma expedição deste tipo que, graças à coragem de dois jovens, teve um final feliz para as vítimas:

"Os piratas atacaram a região durante a noite e apreenderam meninas, mulheres e um certo número de pessoas livres ou escravas, no total mais de trinta pessoas; destruíram os navios ancorados no porto e preservaram apenas o navio dos Dórios, no qual eles partiram, levando as vítimas e os bens que haviam apreendido.

"Depois destes acontecimentos, os filhos de Hegesítrato, Hegésipo e Antipapo, que faziam parte dos prisioneiros, persuadiram um dos piratas, Socleidas, a libertar os prisioneiros nascidos livres e alguns dos libertos e escravos. para esses prisioneiros, tornando uma questão de honra evitar que os cidadãos fossem expostos à venda como escravos e vivessem na miséria e no sofrimento. Evitaram que um único cidadão desaparecesse e, graças a eles, os prisioneiros foram libertados em segurança. "

O acto corajoso de Hegésipo e Antipapo, que se ofereceram como reféns, é excepcional: muito mais frequentemente, as vítimas acabam nos mercados de escravos do Mediterrâneo. Somente algum ato de generosidade individual pode impedi-los de terminar a sua existência nas piores condições. Duas mulheres de Teangela, cidade de Caria, perto de Halicarnasso, na Ásia Menor, são capturadas com seus filhos por piratas e vendidas no grande mercado de escravos de Delos. Graças à generosidade de uma habitante de Delos que as compra e as trata como mulheres livres, elas não conhecem a escravidão e os seus filhos recebem a mesma educação que as crianças livres. Da mesma forma, um Trezeniano, Charmades, é salvo da escravidão por um generoso Teangeliano, Aristides:

"O Teangeliano Aristides, filho de Neon... ao saber que o Trezeniano Cármades, feito prisioneiro pelos Etólios, estava na região, foi especialmente generoso pela nobreza de seus sentimentos: depois de ter adquirido Cármades privadamente, alojado e alimentado por ele um certo tempo, e então o mandou de volta para sua costa. Que os deuses o protejam!"

[33]

À primeira vista, estas generosidades de indivíduos simples parecem surpreendentes e não estão de acordo com os seus interesses. Mas não são actos isolados e participam em todo um movimento de solidariedade entre os gregos: na verdade, ninguém tem a certeza de que não serão vítimas de um rapto desta natureza, e todos poderão um dia precisar de encontrar tal homem generoso como Aristides.

Prisioneiros dignos de crédito também podem pagar um resgate aos piratas para recuperarem a sua liberdade. Obviamente, é necessário pertencer a uma família rica o suficiente para pagar as quantias significativas exigidas pelos piratas. Para todos os outros, aqueles sem fortuna ou protetor, a escravidão é quase inevitável. E é isso que ameaça especialmente as crianças, vítimas favoritas dos traficantes de escravos.

Mesmo em terras do interior, o rapto de homens, mulheres e crianças livres é algo temido pela população. Nos arquivos de Zenão, um grego egípcio que viveu no século III a.C., há uma carta de um carroceiro que reclama da atuação de dois associados de Zenão: eles viajam pela Palestina sequestrando adolescentes que depois vendem como prostitutas.

É verdade que este tráfico de indivíduos livres apresenta perigos para quem o pratica, e a legislação ateniense, em particular, classifica estes actos entre os crimes mais graves, ao mesmo nível que a alta traição ou o sacrilégio. A pena de morte está prevista para quem reduzir homens livres à escravidão.

A venda de prisioneiros de guerra é comparável à pirataria. Os guerreiros derrotados em combate e capturados são quase sempre distribuídos pelo general vencedor aos seus soldados. Da mesma forma, os habitantes das cidades sitiadas correm o risco de acabar num mercado de escravos, se não conseguirem repelir o sitiante. Tal foi o destino da cortesã Laís: ainda criança, fez parte do espólio de guerra levado em Hícara, cidade da Sicília, pelos exércitos dos atenienses Nícias, e, como vimos, foi vendida em Corinto para se juntar os hieródulos da Acrocoríntia.

E o que podemos dizer dos ataques que os soldados, sozinhos ou em grupo, realizam nas regiões que atravessam? É claro que é mais fácil para eles saquear casas e levar gado ou alimentos do que levar cativos. Em todo caso, às vezes sequestram crianças ou mulheres, das quais esperam obter bons preços. Os traficantes nunca estão longe dos exércitos em campo e, sem correrem eles próprios perigo, sabem aproveitar o saque conquistado por outros.

O preço de mercado

Meninas, apanhadas na rua, vítimas de piratas, traficantes ou militares, a pequena Neera e as suas seis companheiras são vendidas no grande mercado de escravos de Corinto. Será necessário especificar que todas estas pequenas vítimas dos piratas são reservadas principalmente à prostituição? Com efeito, entre as muitas atividades reservadas aos escravos na Antiguidade, esta é talvez a única que proporciona ao senhor um benefício imediato, e a criança não tem que seguir uma aprendizagem muitas vezes longa e onerosa, como é o caso da maioria dos profissões exercidas por escravos.

Qual o preço pago pelos futuros senhores que adquirirem estas crianças oferecidas nos mercados de Delos, Corinto ou Atenas? Nada é mais variável do que o preço dos escravos, e há tantos elementos que são levados em consideração (idade, sexo, raça, qualidades físicas e intelectuais) que não é surpreendente ver enormes diferenças entre os valores pagos.

O grego Zenão, de quem já falamos, compra um pequeno escravo babilônico por 50 dracmas.

“Nicanor, filho de Xenócles, habitante de Cnidos, a serviço de Tobias, vendeu a Zenão, filho de Agreofonte, habitante de Caunos, a serviço do governador Apolônio, uma menina babilônica, chamada Sphragis, de cerca de sete anos, por a soma de 50 dracmas.”

...[34]

Sem dúvida é mais ou menos o mesmo preço pago pelo corintiano Nicareta para se tornar dono do Neera.

As adolescentes que os associados de Zeon capturam para transformá-las em prostitutas trazem-lhes quantias variáveis, de 150 a 300 dracmas. Uma estela encontrada na Ática dá-nos detalhes de uma venda de escravos ocorrida no final do século V a.C.: as crianças eram vendidas por 70 dracmas, enquanto os homens, mercadoria muito valorizada, custavam 200 dracmas. Quando o filósofo Platão é vendido como escravo em Egina, o seu comprador paga um preço muito mais elevado: 20 ou 30 minas, ou 2.000 ou 3.000 dracmas. É uma soma considerável, que corresponde às qualidades excepcionais, físicas ou intelectuais, de certos escravos.

50 dracmas é o preço da criança ainda não formada, que deve ser criada e educada, em operações longas e caras; 3.000 dracmas é o preço dos adultos cuja reputação justifica o aumento.

Pimp por profissão ou ocasião

O lote de meninas, vendido no mercado de Corinto, passa a ser propriedade da esposa de um cozinheiro, Nicareta, que exerce o cargo de cafetão sem declará-lo oficialmente. É muito provável que na sua juventude Nicareta também tenha sido prostituída pelo seu antigo mestre, Eleno Carisios. Uma vez libertada, ela continua, segundo o costume, a pagar ao seu antigo senhor uma parte dos lucros que obtém com a prostituição dos seus próprios escravos.

Nicareta também tem a oportunidade de ter um marido cozinheiro, o que lhe permite encontrar facilmente clientes para as meninas que cria. Com efeito, o cozinheiro, na Antiguidade, é uma espécie de empresário que está presente com as suas chaleiras, panelas e outros instrumentos, nas casas particulares para as quais organiza festas. Os banquetes costumam ser animados pela presença de músicos e dançarinos, na verdade prostitutas. Nicareta desenvolve então uma atividade complementar à do marido.

O “trabalho” de Nicareta exige uma certa competência e, segundo o acusador Apolodoro, não falta a esta mulher. Acima de tudo, ela tem um dom precioso, a capacidade de discernir numa menina muito jovem as suas aptidões para uma frutífera carreira na prostituição. Ela é, sem dúvida, também uma boa “pedagoga” e treina perfeitamente as meninas para o seu trabalho futuro.

Mães ou amantes como Nicareta, estes cafetões na Grécia são quase sempre mulheres, enquanto os gerentes de bares são geralmente homens. As primeiras, de fato, são capazes de formar cortesãs destinadas a levar uma vida fácil com os homens ricos. Nos bares, por outro lado, só há adolescentes ou mulheres de categoria “inferior”, pouco útil para os menos favorecidos, os marinheiros, até mesmo os escravos. Para eles, formação e educação não são necessárias.

Mães ou avós, há muitas nas cidades da Antiguidade que incutiram na sua descendência os bons princípios da vida galante. O ofício é muitas vezes transmitido de geração em geração: a mãe idosa aproveita os encantos da filha para fidelizar a sua clientela; a filha aproveita a reputação da mãe para construir uma clientela. Assim, em Atenas, todos conhecem o casal formado por Gnathaena e sua filha Gnathaenion, tão famosos quanto um ao outro por sua beleza e talento combinados para roubar os ricos.

Estas mulheres muitas vezes não têm outros meios de subsistência e a sua única riqueza é a juventude da sua filha. Nas cidades antigas é mais do que difícil encontrar o

sustento diário. Muitos, entre os menos afortunados, procuram acima de tudo garantir a sua alimentação. Uma rapariga cuja família não pertence ao corpo de cidadãos e não possui riqueza será, em muitos casos, sacrificada para permitir que a sua família coma. Veja como uma mãe tenta convencer a filha a entrar na “corrida”:

"Crobyla: Escute-me, vou lhe dizer o que você deve fazer e como se comportar com os homens. Pois não temos outro meio de subsistência, minha filha, e você não pode imaginar quanta miséria passamos nesses dois anos desde a sua o pai (que os deuses tenham a sua alma!) morreu. Quando ele estava vivo, tínhamos tudo o que precisávamos. Ele era ferreiro e era muito conhecido no Pireu até hoje, todos dizem que nunca haverá ferreiro melhor do que ele. Philinus. Depois da sua morte, vendi primeiro por duas minas a sua tenaz, a sua forja, o seu martelo, e com isso pudemos viver durante sete meses. Eu alimentei você, minha filha, esperando que meus desejos se realizassem... Calculei que, ao mesmo tempo, quando você atingir a idade que tem agora, será fácil para você me alimentar e se munir de fortuna, roupas e servos.

Corina: Como? O que você quer dizer?

Crobyla: Ir ver jovens, beber com eles e dormir com eles por dinheiro.

Corina: Como Lyra, filha de Daphnis?

Crobyla: Sim.

Corina: Mas ela é uma prostituta!

Crobyla: E daí? Não há nada de terrível nisso! Você será rico como ela e terá muitos amantes. Por que você está chorando, Corina? Você não vê quão numerosas são as prostitutas e quão apreciadas? Você não vê todo o dinheiro que eles ganham? Que Nemesis me proteja, eu vi aquela filha de Daphnis vestida com trapos, quando ela era pequena, e olhe para ela agora, com suas jóias, suas roupas de todas as cores e seus quatro servos."

[35]

As personagens deste diálogo, a mulher e a sua filha, pertencem a uma honrada família de artesãos do Pireu, que a morte do chefe da família mergulhou numa miséria impossível de superar. Ao contrário de Nicareta que goza, graças ao trabalho do marido, de uma facilidade honrosa, e para quem a “criação” dos pequenos constitui apenas uma actividade de expansão empresarial, a mãe de Corina deve resolver sozinha o problema que a mulher enfrenta na antiguidade. sociedades: a ausência de protetores naturais significa desamparo absoluto. Crobyla subsiste primeiro vendendo as ferramentas do marido, depois tenta fazer carreira trabalhando com lã. Mas, numa sociedade onde o trabalho braçal é suficiente para satisfazer as necessidades das famílias ou para preencher oficinas, uma mulher tem poucas hipóteses de viver dos lucros da sua tecelagem. E é provavelmente porque ela já não retém o frescor juvenil que ele deve esperar até Corina completar oito ou dez anos para convencê-la a iniciar esta atividade lucrativa que é a prostituição. No início do diálogo ficamos sabendo que a menina ganhou uma mina pela sua “primeira noite”, ou seja, metade do valor que permitiu às duas mulheres não morrerem de fome durante sete meses.

Outra mãe, para convencer a filha a não se separar do jovem que a apoia, utiliza argumentos que também testemunham as condições de vida particularmente difíceis de muitas mulheres:

"Você não entende, minha filha, que estamos na miséria? Lembre-se de tudo o que recebemos de seu amante. Como teríamos sobrevivido ao último inverno, se Afrodite não tivesse enviado isso para nós?"

[\[36\]](#)

Com efeito, as mulheres só podem contar com os homens da sua família para garantir a sua manutenção. Um interlocutor de Sócrates conta que, durante o governo dos Trinta Tiranos, numa altura em que a maioria dos cidadãos fugiu de Atenas para se refugiar no Pireu, ele ficou, pela força dos acontecimentos, como o único protector das mulheres. de sua família, irmãs, sobrinhas e primas. Deve garantir a manutenção de quatorze pessoas livres. Mas nem todas as mulheres têm irmão, tio ou primo. E isso explica porque há tantos Crobylas e Corinas nas cidades da Antiguidade.

A era da inocência

A existência de uma pequena Neera, de uma pequena Corina, por mais chocante que seja para as sensibilidades modernas, é muito banal no mundo antigo. A prostituição infantil é perfeitamente aceitável quando as crianças não são livres desde o nascimento. Os diferentes cortes que podem ser feitos em todo o discurso *Contra Neera* indicam que ela tem cerca de seis anos, talvez menos, quando sua “mãe” começa a usá-la para obter lucro.

Segundo um procedimento que nada tem de original, Nicareta faz com que as meninas sejam suas próprias filhas e, conseqüentemente, afirma que estão livres desde o nascimento. Na verdade, como ela e o marido são libertos, os filhos, se o fossem, seriam livres. Porque é que Nicareta dá esta precisão aos potenciais clientes? Simplesmente porque isso permite “aumentar o preço” de uma certa forma, e assim obter um valor muito elevado. Enganar os clientes sobre a situação social dos filhos também lhe permite praticar chantagens, às quais Neera recorrerá muito mais tarde com os amantes da própria filha. Na verdade, a lei é severa com aqueles que prostituem crianças nascidas livres:

"A lei diz em termos precisos que se um dos pais ou um irmão ou um tutor ou qualquer pessoa com autoridade entregar uma criança para prostituição, não deverá haver acção contra a criança em si, mas contra aquele que a entregou e aquele que a tomou. isso, e ambos sofrem a mesma pena. Quando a criança atingir a maioridade, ela não será obrigada a alimentar o pai nem a dar-lhe alojamento, pois o entregou à prostituição. Será apenas obrigada a enterrá-lo e observá-lo. os ritos fúnebres quando ele morre.... Que outra lei foi estabelecida para salvaguardar os nossos filhos? A do proxenetismo, que prevê as maiores penas para quem prostitui uma criança ou mulher livre.

[37]

Esta é a legislação de Atenas, mas é muito provável que as outras grandes cidades da Grécia, como Corinto, tenham leis semelhantes para garantir a segurança de crianças e mulheres livres de nascimento. Todas as precauções são tomadas para salvaguardar a pureza da raça. Pelas mesmas razões, o cidadão ateniense acusado de ter se prostituído é afastado de todos os cargos políticos, civis e religiosos. Muito provavelmente, Nicareta está a trabalhar numa legislação comparável à de Atenas para extrair o máximo de dinheiro dos

homens atraídos pelas suas meninas. Destaca os perigos que enfrentam ao prostituir raparigas “livres” e, hipocritamente, faz com que paguem caro por esta “ilegalidade” que na realidade não é tal.

São muitos os exemplos que nos provam que Neera e as suas companheiras, apesar da tenra idade, não são exceção no mundo antigo. Laís ainda era uma criança quando foi levada para Corinto para se tornar parte do grupo de prostitutas sagradas. Discípulo de Sócrates, Fédon, que era de origem servil, é forçado por seu mestre a se prostituir em plena infância. O filho do general Focion se apaixonou por uma moça, aposentada de um bar, e levando ao pé da letra as lições de seu professor, o filósofo Teodoro de Cirene, que pregava a compra de prostitutas, adquiriu a moça.

Beleza e instrução

Ao mesmo tempo que a iniciação do amor, Nicareta dá às meninas uma educação destinada a torná-las cortesãs "listadas" no mercado de Corinto ou de outras cidades. Afirmam-se frequentemente que as cortesãs gregas receberam uma educação intelectual superior à das mulheres livres; e citam-se os casos de Laís, Aspásia ou Friné, que fizeram parte do namoro dos homens mais inteligentes do seu tempo e deram muitos exemplos do seu engenho e cultura. Na verdade, é muito mais provável que estas poucas mulheres, de destino excepcional no mundo grego, tenham adquirido a sua cultura intelectual nos círculos que frequentavam, quando já eram conhecidas no mundo da vida dissipada.

A educação das pequenas prostitutas, ao que tudo indica, foi mais pragmática do que intelectual: sobretudo, saber usar o corpo, conhecer os segredos do embelezamento, da maquiagem e dos artifícios. Esses segredos de beleza envolvem toda uma série de “truques” por parte da prostituta para melhorar o físico de seus protegidos. Em primeiro lugar, ela deve dar à adolescente um corpo ideal, ou pelo menos sua aparência. Todos os artifícios são usados para conseguir uma “postura de rainha” que, aos olhos dos Antigos, é preferível a um rosto bonito:

“Eles acolhem em suas casas jovens prostitutas que estão dando os primeiros passos no comércio. Eles as reformam completamente, tanto que essas jovens não conservam seus modos nem seu físico original. debaixo do sapato É outro muito grande? Ela usa sapatos baixos e anda com a cabeça afundada nos ombros, o que a faz parecer menor. Será que aquele não tem enchimento costurado na saia, e aqueles que lhe passam assobiando? suas lindas ancas. Tem barriga proeminente? Por isso há seios falsos, como os usados pelos atores, deixam a túnica pendurada e assim escondem a barriga.

[38]

Não se esquece a maquiagem, com a qual as jovens prostitutas obtêm uma beleza estereotipada que as distingue das mulheres honradas:

"Aquele que tem sobrancelhas vermelhas as tinge de preto lampião. Aquele que tem a pele muito escura ilumina com chumbo branco. Aquele que é muito pálida coloca carmim nas bochechas."

[39]

Na época clássica, a maquiagem ainda era reservada às prostitutas, e as cores violentas que adornam seus rostos designam, sem dúvida possível, a profissão que exercem:

"Por Zeus, (mulheres casadas) não se pintam de chumbo branco e não têm, como vocês (prostitutas), as bochechas pintadas com suco de amora. Quando você sai em um dia de verão, duas manchas de tinta caem de seus olhos e o suor que escorre por suas bochechas deixa marcas vermelhas em seus pescoços. Os cabelos grudados em seus rostos parecem grisalhos por causa do chumbo branco com que são polvilhados."

[40]

Finalmente, o novato é inculcado com toda uma arte de postura e apresentação:

"Aquele que tem uma parte do corpo naturalmente bela consegue despi-la. Aquele que tem dentes bonitos deve rir, para que todos possam apreciar sua boca. E se ela não sabe rir, deve, como as cabeças das cabras no açougue, com um raminho de murta entre os lábios, o que faz você ficar com a boca entreaberta, goste ou não."

É também necessário que as meninas aprendam a dançar, cantar, tocar flauta ou lira, complementos indispensáveis da prostituição na Antiguidade. Numa obra de Terêncio, um jovem apaixonado por uma jovem prostituta e sem condições de contratar seus serviços, fica todos os dias em frente à escola do professor de cítara, onde sua amada vai para a aula diária.

A continuação do diálogo de Luciano que começamos a citar acima, dá muitos dados, com a consciência tranquila e em paz, sobre a existência de pequenas prostitutas. A lição que Crobyla dá à sua pequena Corina permite-nos imaginar o que receberam os pequenos reformados de Nicareta. A Corina, que, seduzida pelas vantagens que sua mãe enumera, pergunta como sua vizinha Lyra conseguiu criados, vestidos e joias, Crobyla responde:

"Crobyla: Antes de tudo, ela se vestiu com cuidado e bom gosto. Ela é alegre com todos os homens, sem cair na gargalhada de nada como você; pelo contrário, ela sorri de um jeito encantador, doce. Depois ela conversa amigavelmente com os homens, ela não engana seus visitantes ou companheiros com uma suposta virtude, mas não se joga neles se for contratada para participar de um banquete, não se embriaga, porque é ridículo, e os homens odeiam bêbados mulheres. demais, pois é sinal de falta de educação. Coma com a ponta dos dedos, sem fazer barulho e sem encher as bochechas."

Corina: Mesmo se você estiver com sede, mãe?

Crobyla: Principalmente se ele estiver com sede, Corina."

Que bons princípios de educação! Tiradas do seu contexto, as palavras de Crobyla poderiam ser encontradas num manual destinado à educação de meninas de boas famílias. Mas a realidade que este discurso materno esconde é muito diferente, e o seu aspecto mais terrível não é a alusão à fome da menina, aquele apetite que justifica o comércio a que a mãe se entrega? E, numa época em que a prostituição e a fome andam de mãos dadas, o "chique" supremo é não parecer faminto, e saber comportar-se à mesa é a prova da boa educação da cortesã:

"Como ela é elegante à mesa! Ela não imita aquelas mulheres que encham a boca de frutas, nem devoram carne de maneira nojenta. Ela dá pequenas mordidas de cada vez e é tão refinada quanto uma jovem Milesiana."

[41]

E, por fim, a boa educação destas meninas é admitir desde a mais tenra idade as regras inelutáveis da profissão a que estão destinadas:

"Crobyla: Ela não fala muito, não zomba das pessoas presentes e só olha para quem pagou por ela. Por causa desse comportamento, os homens a apreciam. Mais tarde, quando ela tiver que ir para a cama, ela não é nem muito indecente nem muito fria, apenas tenta seduzir o homem e fazê-lo se apaixonar. É por isso que todos a parabenizam. E se você aprender tudo isso bem, também ficaremos felizes. você tem tantas qualidades quanto esta Lyra.

Corina: Me diz, mãe, todos os homens que me contratam serão assim Eucritos com quem dormi ontem?

Crobyla: Nem todos. Alguns são mais bonitos; outros já são homens. Existem outros que não são tão agradáveis na aparência.

Corma: E terei que dormir com eles?

Crobyla: Claro, minha filha, porque são eles que pagam melhor. Os belos não querem dar mais do que a sua beleza. Certifique-se de ganhar mais, se quiser que todas as mulheres apontem o dedo para você e digam: 'Você viu Corina, filha de Crobyla?' Como ele rola no ouro e faz a mãe feliz! "

É claro que um texto desta natureza pode admitir diferentes leituras. Para os contemporâneos de Luciano, a realidade evocada nesta conversa é banal. A idade da pequena Corina não choca o leitor e simplesmente permite à autora uma variação de seus efeitos literários. Na verdade, ela gosta claramente de brincar com os conselhos da mãe que combinam as regras de saber viver com as da profissão a que atribui a filha. Todos estes detalhes, que não podemos ler sem desconforto, não foram percebidos da mesma forma pelos gregos ou pelos romanos; Eram bastante sensíveis ao encanto desta cena de gênero,

de acordo com o gosto alexandrino, e a ingenuidade da menina constitui um toque adicional de sabor.

Esta educação dá frutos quando o adolescente assimilou suficientemente as técnicas do encanto, da gentileza, enfim, as qualidades que lhe permitirão ter sucesso no trabalho para o qual muitas vezes está destinado desde o nascimento:

"Uma hetaira não é mais gentil que uma mulher casada? Obviamente, muito mais, e é natural. A esposa, na verdade, mesmo que demonstre desprezo pelo marido, não pode ser expulsa de casa por ele. Por outro lado, a prostituta sabe que você deve conquistar o homem com sua gentileza. Do contrário, você terá que encontrar outro.

Os segredos das "parteiras"

"Beba durante três dias uma poção feita com três obolus de sementes de papoula e sementes de murta, um dracma de mirra e dois gramas de pimenta branca, ou beba um obolus de sementes de mostarda e meio obolus de repolho (= planta umbelífera). mel fermentado."

[43]

Uma poção entre tantas outras, cuja receita Nicareta sem dúvida transmite aos seus pequenos reformados. Pois bem, a educação das jovens prostitutas envolve também a arte de preparar remédios e cremes, e o domínio das técnicas que lhes permitirão não engravidar. Os procedimentos são múltiplos e, no segredo dos gineceus, há um tráfego ativo de receitas, algumas delas surpreendentes. Os sábios gregos ou latinos que nos deram os detalhes desses contraceptivos misturaram procedimentos mágicos e preparações químicas em suas listas.

[44] Em sua *História dos Animais*, Aristóteles já fala sobre métodos contraceptivos e aconselha as mulheres a usar óleo de cedro localmente, adicionado ou não de chumbo branco ou incenso, antes da relação sexual. Nos escritos de Hipócrates, nas obras dos sábios gregos,

[45] Numerosas listas de medicamentos e outros tratamentos atestam a variedade de procedimentos utilizados pelas mulheres na Grécia e em Roma. A maioria desses sábios dá pouco valor ao uso de amuletos por mulheres que não desejam ter filhos: raízes de plantas de virtude mágica, fragmentos de úteros de animais e outras monstruosidades. Plínio, o Velho, ainda dá o conselho de colocar na mulher um saco de pele de veado, e dentro dele dois vermes encontrados dentro de uma tarântula, a grande aranha italiana.

Os medicamentos, destinados a garantir a esterilidade temporária por um período mais ou menos longo, são de composição variada: para prepará-los, as "parteiras" ou os médicos utilizam numerosas plantas em proporções cuidadosamente dosadas (arruda, feto, salsa, folhas de salgueiro, casca de pinheiro. ..), frutas (romãs, figos...) ou substâncias químicas (alúmen, enxofre, sulfato de cobre...). As aplicações locais, antes ou depois do contacto

sexual, de pomadas à base de óleo, mel ou goma balsâmica, atestam um conhecimento bastante preciso das virtudes destes produtos. A ação do óleo, especialmente sobre o esperma, é reconhecida pela medicina moderna.

São, portanto, muitas receitas, pitorescas ou com pretensões científicas. Eles estavam realmente seguros? É difícil dizer. Digamos apenas que Neera trouxe ao mundo pelo menos três ou quatro crianças, o que nos deixa céticos quanto à eficácia dos métodos que a jovem prostituta conseguiu aplicar.

Uma educação sentimental

E as pequenas prostitutas também devem aprender a indiferença. Eles devem saber preferir o amante da sua idade, o protetor rico que pode sustentá-los e às suas famílias. Num de seus *Diálogos*, Luciano retrata o pequeno Musarium apaixonado pela jovem Chereas. Em vez de pedir dinheiro, ela lhe dá o produto de seu trabalho e as joias que outros clientes lhe dão. À mãe, que o repreende, ele responde ingenuamente:

"Mas ele é lindo e ainda sem barba! Ele me diz que me ama, com lágrimas nos olhos. Ele é filho de Dinomaque e de Laches, o Aeropagita, e me diz que se casará comigo quando seu pai fechar os olhos."

Ao que sua mãe responde:

"Você acha que terá sempre dezoito anos, Chereas? Ou que Musarium terá os mesmos sentimentos quando for rico e sua mãe arranjar um casamento vantajoso para ele? , quando ela vê um dote de cinco talentos?"

Prazer de aprender

Em poucos anos, Nicareta deu às suas meninas “educação” suficiente para torná-las estrelas brilhantes no mercado do prazer. Não têm muito mais de dez anos e a sua fama já está bem estabelecida nos círculos nobres atenienses e coríntios, como atesta esta evocação da vida fácil que levam na idade em que outros ainda brincam de bonecas.

“O amante de Metanira, Lísias, a sofista, queria, além das despesas que tinha com ela, pagar por sua iniciação nos Mistérios de Elêusis. Ele pensava, na verdade, que tudo o que gastava era em benefício do dono de Metanira, enquanto o custo da festa e da iniciação seria realmente um presente para a prostituta. Pediu então a Nicareta que fosse a Elêusis com Metanira e a iniciasse, e prometeu cuidar das despesas da iniciação. Atenas, Lísias Não os levou para sua casa, pois isso lhe traria problemas com a esposa, filha de Brachyllos, que também era sua sobrinha, e com a mãe, já muito idosa, que morava com ele. Instalou então Metanira e Nicareta na casa de um jovem amigo seu, Filóstrato, do Colonus demos, Neera os acompanhou e, embora ainda não fosse núbil, já praticava o comércio de prostituição. Tessália veio a Atenas com Neera e Nicareta para ajudar a Grande Panateneia e os instalou na casa de Ctesipo, filho de Glauconides, do demos de Kydantides. Naquela casa, Neera, como sempre fazem as prostitutas, compartilhou a bebida e os banquetes com numerosos convidados.”

As relações estabelecidas entre estas meninas e os seus “amantes” ou protetores são perfeitamente representativas do que acontece no mundo da bravura em Corinto ou Atenas. Na verdade, estes homens, que vêm a Nicareta para visitar os seus jovens reformados, são personalidades políticas, literárias ou artísticas dos primeiros anos do século IV aC. Quase todos são atenienses. Com efeito, Atenas está situada a uma curta distância de Corinto, esta última cidade que nos séculos V e VI foi a capital dos prazeres. E naturalmente os atenienses ricos preferem as cortesãs refinadas de Corinto às prostitutas vulgares de Cerâmica ou Pireu. Claro que custam mais, mas alcançaram um alto grau de perfeição no seu trabalho. Fãs de todo o mundo grego migram para Corinto, e um dos primeiros protetores de Neera é da distante Tessália.

Entre os frequentadores da casa de Nicareta encontramos em primeiro lugar Lísias, um dos mais famosos oradores áticos do seu tempo. Ele tem cerca de sessenta anos quando

chega à casa de Nicareta para conhecer a jovem Metanira. Isócrates, outro grande orador de Atenas, da mesma geração de Lísias, também é amante de Metanira. Neera contará entre seus clientes um grande poeta, um ator renomado e um sobrinho de Demóstenes. Muitos outros homens que, pela sua riqueza e notoriedade, ocupam lugar de destaque na sociedade ateniense.

Esses “protetores” contribuem para a manutenção das meninas cujos favores são garantidos por meio de uma espécie de contrato. Na verdade, para se tornar amante titular de uma prostituta é necessário entregar uma quantia mais ou menos importante, seja ao interessado ou ao seu cafetão. Esta soma garante ao senhor a posse, sem partilha, da menina ou jovem por um período mais ou menos longo. E, claro, conta-se também com o protetor para cuidar das diversas despesas da casa, pagar as contas suntuárias e oferecer generosamente roupas, joias e entretenimento.

O cumprimento destes contratos dá origem a disputas muito violentas. Uma longa rivalidade opôs um ateniense anônimo a um certo Simão. Este último pagou uma quantia de 300 dracmas para “comprar” uma jovem prostituta, Teódoto, e seu adversário tentou quebrar as regras do jogo para levar o jovem para casa:

“Nós dois desejávamos um jovem de Platéia, Teódoto. Eu planejava torná-lo meu amigo tratando-o bem, enquanto Simão o forçava brutalmente a fazer o que queria. ele, e basta dizer que ele fez algo errado. Ele descobriu que o jovem estava em minha casa e, completamente bêbado, veio nos repreender. Depois de arrombar as portas, invadiu o gineceu onde estava minha irmã. e minhas sobrinhas eram meninas tão modestas que coravam ao vê-las. Os homens de sua família olhavam tão entusiasmados que se recusavam a sair, os assistentes e até mesmo aqueles que o acompanhavam o expulsaram à força. no quarto daquelas jovens Ele não demonstrou mais arrependimento por sua violência. Mesmo quando descobriu o quarto onde estávamos jantando, ele fez algo insano e incrível, mas condizente com sua loucura: me ligou para me fazer sair do quarto. casa, e assim que saí ele começou a me bater. Enquanto eu me defendia, ele recuou para atirar pedras em mim. Ele não me bateu, mas atingiu um de seus companheiros, Aristócrito, com uma pedra.”

[46]

Envergonhado com esta aventura, o acusado decide deixar Atenas por um tempo com o jovem Teódoto. Depois os dois voltam para Pireu. Simón prepara então uma armadilha para recuperar Teódoto, que na sua opinião ainda é sua propriedade. O jovem consegue escapar dos agressores e refugia-se numa oficina de fuller. Segue-se uma batalha entre os agressores e os transeuntes indignados, que querem proteger o menino. A conclusão do caso é incerta.

[47]

Os sentimentos que os dois homens vivenciam pelo jovem explicam em parte o desenrolar da aventura. Mas o afeto não é o único elemento em jogo: Simón pagou uma quantia relativamente elevada para se tornar proprietário temporário da pequena

prostituta e considera-se (com justiça, segundo a legislação da época) lesado nos seus interesses pecuniários.

empresas decorativas

O termo mais adequado para designar essas crianças, homens e mulheres, cujo futuro se traça inelutavelmente desde a infância, é objetos. São belos brinquedos, destinados a dar prazer e a proporcionar aos seus proprietários temporários uma “imagem de marca” satisfatória. Na verdade, a companhia de uma bela adolescente é, de longe, um sinal exterior de riqueza; Sua beleza e educação são indícios visíveis do estilo de vida do homem que acompanha. Isto pode ser constatado nas ocupações dos aposentados de Nicareta: eles são alugados para participar com seus amantes em todas as atividades destes últimos; Eles os acompanham nos banquetes, estão com eles naquelas grandes manifestações coletivas que são as Panateneias. Os gregos dão a essas luxuosas cortesãs o nome eufemístico de *hetairas*, que significa “companheiras”, nome que indica claramente o que elas representam na sociedade antiga:

"Essa prostituta tinha um caráter de ouro, era uma verdadeira 'companheira' (hetaira). Todas as outras mulheres de sua profissão degradam esse lindo nome com seus modos."

[48]

Não há proibição quanto à idade ou sexo destas jovens prostitutas; Só a sua condição social, pertencendo ou não à classe dos cidadãos, faz a diferença entre o que é lícito e o que não é. Os textos acima citados fornecem provas significativas: o amante anônimo de Teódoto está indignado com o fato de Simón ter entrado no gineceu de sua casa e assustado suas sobrinhas; Lísias e os demais clientes de Nicareta, com a consciência mais tranquila, mantêm meninas sem dúvida da mesma idade das sobrinhas daquele ateniense. Alguns pertencem a uma família de cidadãos, outros nada mais são do que objectos destinados a tornar mais agradável a existência quotidiana desses mesmos cidadãos.

Seduzir criança de origem livre, filho ou filha de cidadão, é crime punível com pena de morte, mas outras crianças, escravas ou estrangeiras, podem ser frequentadas sem correr qualquer risco. Desde que os direitos de propriedade sejam respeitados e o preço exigido seja pago, tudo é lícito e não envolve qualquer desonra. A esposa legítima fica trancada no gineceu com seus servos e filhos, e nunca acompanha o marido em público. As concubinas estão mais ou menos nas mesmas condições que as esposas legítimas. Assim, apenas a

hetaira goza da liberdade de acompanhar em público o homem de quem depende, e geralmente é vista ao lado dele. Efetivamente tratado como objeto, acompanha seu protetor em inúmeras manifestações da vida política e ninguém pensa em ficar chateado quando um político, um filósofo ou um notável aparece em locais oficiais na companhia dessas crianças ou mulheres.

A sua presença tem tão poucas consequências que costumam ser instalados em casa. A delicadeza de Lísias, que não quer impor a presença de sua pequena hetaira à jovem esposa e mãe, é apontada como algo excepcional. O antigo amante de Teodoto não tem o mesmo pudor, pois é em sua própria casa, onde moram sua irmã e sobrinhas, que ele hospedou o menino. É uma prática da qual existem numerosos testemunhos: o orador Hipérides, que graças à sua grande fortuna conseguiu satisfazer os seus gostos extravagantes, levou o seu requinte a ponto de manter uma hetaira em cada uma das suas três casas, em Atenas, Pireu e Elêusis; e segundo a tradição, para instalar Myrrhina, a prostituta mais cara da cidade, em sua casa em Atenas, ele teria expulsado discretamente o próprio filho.

A maioria destes homens nem sequer encontra oposição nas suas próprias famílias quando lhes é imposta a coabitação com cortesãs. No entanto, sabemos que houve uma esposa legítima que se rebelou contra este hábito: Hypareta, esposa de Alcibíades, não suportou a presença contínua das prostitutas atenienses ou estrangeiras que viviam com o marido, e deixou a casa conjugal em tentativa de ação judicial. do divórcio. Mas o marido, que certamente temia perder o dote da esposa, forçou-a a regressar.

Ninguém, em Atenas, em Corinto ou em qualquer outro lugar, sente a menor vergonha de viver publicamente com uma destas mulheres que todos podem comprar. A Diógenes, que o aconselhou a abandonar o famoso Laís, o filósofo socrático Aristipo respondeu:

"Você acha intolerável, Diógenes, viver numa casa onde outros homens viveram?" "De forma alguma." "Ou navegar num navio onde outros homens já navegaram antes?" "Não." "Então você concordará que não há nada de indecente em viver com uma mulher que muitos frequentaram."

A Nicetas, que o repreende por não exigir certa fidelidade de Laís, o próprio Aristipo responde com desdém:

"Eu mantenho Laish generosamente para aproveitar, não para impedir que outros aproveitem."

E Aristipo faz esta última observação a respeito de Laís:

"Eu possuo Lais, mas não sou possuído por ela."

Afirmção imprudente, já que é famosa a tirania que Lais poderia impor aos seus amantes.

Sem dúvida, o papel cada vez mais importante desempenhado pelas hetairas em relação aos estadistas, as mais altas personalidades do mundo político ou intelectual, constitui um dos aspectos mais surpreendentes do mundo grego. Só uma atitude excessivamente provocativa pode suscitar a indignação dos habitantes de Atenas ou de Corinto. Segundo uma tradição talvez fantasiosa, Temístocles, o vencedor de Xerxes em Salamina, um dia teve a ideia maluca de atrelar quatro prostitutas, suas companheiras do momento, à sua carruagem e atravessou com um tiro tão estranho a Ágora de Atenas cheia de pessoas.

[\[49\]](#)

Alguns até usam a beleza destas hetairas para promover a sua política. Uma mulher jônica, Thargelia, é paga pelo rei da Pérsia para realizar propaganda persa na Grécia. Graças à sua beleza e inteligência, ela cumpre muito bem a sua missão e conquista muitos gregos, entre os mais poderosos, para a causa persa. Segundo o que foi dito na época, ela foi responsável por grande parte da política externa grega. Aspásia, amante de Péricles, diz-nos Plutarco, foi modelada na carreira de Targélia como uma excelente "agente secreta".

É surpreendente não encontrarmos mais alusões, em textos antigos, a estes confrontos entre política e prazer. Muitos homens, responsáveis pela política de suas cidades, vivem na companhia de hetairas que, dependendo dos acontecimentos, passam de uma para outra. Dadas as rivalidades que constantemente opõem as cidades gregas, as suas alianças seguidas de rupturas, pode-se assegurar que o papel secreto destas jovens não deve ter sido insignificante na vida política.

Os filósofos também costumam ter ao seu lado hetairas, companheiras de seus discípulos ou dos próprios discípulos. Várias destas mulheres fazem parte da pequena comunidade reunida no "Jardim" de Epicuro. Leontina, amante do próprio filósofo, continua seus cursos enquanto mantém sua lucrativa atividade com os colegas.

[\[50\]](#)

Uma educação religiosa

Uma educação tão cuidadosa como a recebida por Neera e seus companheiros não é concebível sem uma iniciação nos ritos religiosos.

A piedade é uma virtude comum entre as cortesãs, que demonstram grande devoção à sua padroeira, a “Prostituída” Afrodite. Após o cerco de Samos em 440 aC, as prostitutas atenienses que acompanhavam o exército de Péricles dedicaram o dinheiro que ganharam durante o cerco à construção de um templo dedicado a Afrodite “dos Juncos”. As hetairas não param de celebrar as festas religiosas que lhes são reservadas, as Adonias e principalmente as Afrodísias de Corinto, durante as quais podem organizar festas.

Todos eles têm a ambição de serem iniciados nos mistérios de Elêusis. E tal é o presente apreciável que o orador Lísias dá à pequena Metanira. Com efeito, os cultos “com mistérios” prometem aos que neles são iniciados felicidade na vida após a morte, sem distinção de classe social ou sexo. A religião individual e não oficial, a promessa de sobrevivência, a supressão das distinções que a hierarquia social estabeleceu, a esperança de compensação numa vida após a morte feliz, tudo isto explica porque estes mistérios assumem tamanha importância para os excluídos da sociedade. Escravos, bárbaros naturalizados, prostitutas e outras pessoas marginalizadas constituem, em grande medida, a maior parte dos devotos ansiosos por passar pela iniciação.

Na Grécia, os mistérios de Elêusis, dedicados às deusas da fertilidade Deméter e Corá, dão origem, no mês de setembro, a festas espetaculares. As procissões solenes, ritos de purificação, realizam-se durante dez dias e a intensidade religiosa atinge o seu ápice durante as duas noites de iniciação, cujos ritos são tão secretos que nada sabemos sobre eles. Metanira participou dos Pequenos Mistérios que precedem obrigatoriamente as provas de Elêusis, e seu amante lhe permite atingir o grau supremo de iniciação, pagando a quantia que o mesmo deve entregar para ser admitido entre os “epoptes” ou iniciados de categoria superior.

Muitas prostitutas gregas, quando têm meios financeiros suficientes e gozam de proteção influente, tornam-se sacerdotes de Elêusis. A beleza de uma delas, Friné, causou sensação quando, sob o olhar de todos os gregos reunidos, ela soltou os cabelos e levantou as roupas para entrar no mar na hora da cerimônia de purificação. O pintor Apeles, que presenciou a cena, ficou tão impressionado que se inspirou nela para uma de suas pinturas mais famosas, “Afrodite surgindo do mar”.

Crianças em busca de prazer

O gosto pelos prazeres começa cedo na Grécia. Se as prostitutas costumam ser pouco mais que meninas, há também, entre os que as frequentam, adolescentes de boas famílias, muitas vezes tão jovens quanto elas. Estas crianças vão em busca de prazeres ainda proibidos, de volúpias que as excitam ainda mais porque são, em princípio, proibidas aos menores. O mundo da festa é incomparavelmente mais sedutor que o da escola, e todos os meios são bons para penetrar, clandestinamente ou não, neste universo repleto de prazeres.

Um caso especialmente notável de precocidade de certos adolescentes ou crianças é o do filho do famoso Alcibíades. Esta criança, separada desde o nascimento do pai condenado ao exílio, não espera chegar à idade adulta para imitar as suas piores devassidões. Desde os onze anos scandalizou todos os atenienses ao participar em banquetes com os indivíduos mais depravados da cidade, encontrar-se com prostitutas e, o pior de tudo, em plena luz do dia, o que constitui uma circunstância agravante.

“Ele imitou seus ancestrais e pensou que não poderia ser famoso quando se tornasse adulto se, na infância, não se comportasse como o pior dos malandros”.

[51]

E aparentemente seus guardiões não podem impedi-lo de realizar essas façanhas.

Esta criança, por outro lado encantadora, não se limita a participar ativamente nas orgias atenienses. Ele prepara um complô para trair seu pai, que ainda está exilado; Aos doze anos, ele perde toda a sua fortuna nos dados; elimine companheiros irritantes jogando-os no mar; e para coroar suas façanhas juvenis, ele estupra sua irmã. Somos tentados a acreditar que há muito exagero nestas acusações feitas por Lísias contra o jovem Alcibíades. Mas o orador dificilmente poderia distorcer a realidade neste discurso que faz publicamente contra o jovem: ele é muito conhecido em Atenas e se as acusações fossem demasiado fantásticas os juízes não as aceitariam. Por outro lado, o jovem Alcibíades, ao frequentar os círculos mais dissolutos de Atenas, apenas se conforma a uma tradição familiar, e o seu comportamento parece modelar-se no do pai. Mas ele talvez tivesse mais charme do que o filho na execução de seus excessos.

A juventude da Timarco

Timarco, político atacado por Esquino em 346 a.C. num discurso que ficou famoso, é tão precoce quanto Alcibíades, o Jovem. Este Timarco é uma personagem curiosa, cujo nome em Atenas se tornou sinónimo da pior espécie de prostituta, mal preparada para passar a vida na casa da tolerância.

Nascido em família honesta e dotado de uma fortuna aceitável, Timarco leva uma existência em "zigue-zague", sempre em busca do prazer. Jogador inveterado e por isso disposto a qualquer compromisso para encontrar o dinheiro, para escapar ao vício, frequenta os locais mais acidentados de Atenas, e motivado ao mesmo tempo pelo desejo sensual de toda a voluptuosidade e pela sede de jogo, ele se rende, por fraqueza e luxúria, a tudo o que na sociedade grega está reservado aos seres mais desprezados.

As atribulações de Timarco permitem-nos dar uma olhada nos ambientes mais suspeitos de Atenas. Adivinhamos as transações clandestinas que acontecem nos fundos das tabernas, o comércio sórdido que une os jovens da nobreza a indivíduos não recomendados que se aproveitam da sua influência sobre eles para se apoderarem das suas fortunas. Mais do que Alcibíades, cuja carreira envolve toda uma série de escândalos sucessivos, geralmente cometidos pelo prazer gratuito da provocação, Timarco é representativo da depravação de toda uma juventude.

[\[52\]](#)

Timarco começou a frequentar os ambientes baixos de Atenas aos treze ou quatorze anos, aproveitando sua beleza para poder desfrutar, sem gastar um dracma, todos os prazeres que lhe deveriam ser proibidos. Assim como Alcibíades, o Jovem, ele é privado de pai, o que sem dúvida lhe confere maior autonomia do que a de um filho comum, que depende da autoridade paterna:

“Timarco, recém-saído da infância, instalou-se no Pireu, no consultório médico de Eutídico, e se fez passar por estudante de medicina, estrangeiros ou atenienses... O que se pode dizer de um jovem que sai de casa para passar as noites em casas estranhas, principalmente quando se destaca por sua beleza excepcional. Participava de festas suntuosas sem pagar um centavo à sua disposição; flautistas e prostitutas, os mais caros,

ele jogava dados, mas não assumia a responsabilidade por suas perdas e deixava que outros pagassem por ele.”

A carreira de Timarco começa na casa de um médico, um dos locais onde, na Grécia, a prostituição masculina é favorecida, tal como a arena ou os banhos. Os consultórios médicos gozam, com ou sem razão, de uma sólida reputação de devassidão. As idas e vindas sob diversos pretextos, por exemplo os estudos médicos, a presença de “doentes” mais ou menos nus, nada mais favorável aos encontros, às transações “comerciais”, à troca de datas ou ao delineamento de uniões mais duradouras. Além disso, a casa de Eutídico, situada no Pireu, é um local privilegiado para conhecer mercadores estrangeiros que, acabando de desembarcar no porto, procuram aventuras ambíguas.

O que Esquino e os seus compatriotas condenam no comportamento de Timarco, cidadão ateniense, é que ele venda a sua beleza, como fazem as prostitutas que enchem as ruas de Cerâmico ou Pireu, em vez de se limitar às relações entre *Erastes* e *Erómenes*, perfeitamente aceites por todos. Mas Timarco, que já adquiriu o gosto pelos prazeres, quer tirar todos os benefícios possíveis da sua beleza e, depois de algumas aventuras efémeras, deixa-se tentar por uma relação mais sólida com um ateniense, Misgolas, certamente um jovem de cerca de vinte anos.

“Um certo Misgolas, filho de Náucrates, do demos de Collytos, homem de boa origem que, em mais de um aspecto, não tinha nada a censurar, sentia uma grande atração pelas relações privadas e vivia rodeado de cantores e músicos. imediatamente porque Timarco estava passando um tempo na casa do médico e propôs uma quantia em dinheiro para acompanhá-lo.

“Ele levou para sua casa aquele menino bem formado, já cruel e disposto a se entregar ao que Misgolas desejasse. Timarco não hesitou em segui-lo e ceder a ele, embora não o tenha feito por necessidade; , seu pai lhe deixara uma boa fortuna, que depois desperdiçou. Se agiu assim foi porque era escravo das paixões mais desprezíveis, pela atração que exerciam as comidas refinadas, as festas luxuosas, os flautistas, as prostitutas, os jogos de azar. , em uma delas, tinha sobre ele tudo o que não deveria seduzir um homem livre e nobre. Esse indivíduo nojento não teve vergonha de sair da casa do pai para ir morar com Misgolas, que não era nem amigo de sua família. de seus companheiros, nem seu tutor, mas um estranho, mais velho que ele e sem qualquer restrição diante da beleza do menino.”

Nestes ambientes, *os bajuladores* ou denunciante profissionais operam à vontade. Suas atividades culpadas no mundo político são conhecidas acima de tudo. Mas recaem também sobre os filhos de boas famílias, a quem extorquim quando são surpreendidos em situações comprometedoras. Também fazem pagar as famílias dos jovens, ameaçando divulgar em praça pública as façanhas dos seus filhos. Atenas é uma aldeia e torna-se muito difícil esconder profissões que não sejam compatíveis com a dignidade de ser cidadão.

3 HETAIRES, GIGOLOS E RUGOS

Livre ou escravo

"Neera mais tarde trabalhou abertamente em Corinto e conquistou grande reputação. Entre seus clientes ela tinha o poeta Xenóclides e o comediante Hiparco."

Ainda criança, Neera começou a praticar seu ofício clandestinamente; adolescente, acompanha seus protetores, sempre sob a proteção de sua "mãe". Assim que atinge a idade adulta, ingressa oficialmente nos ambientes coríntios de vida fácil. Isto não significa, pelo menos no início, que Neera tenha mudado o seu estatuto social. Na verdade, ela continua trabalhando em Corinto como escrava de Nicareta, e é sua patroa quem fica com os valores que ela ganha. O trabalho de Neera e suas companheiras serve para a manutenção da casa. Embora não tenhamos dados sobre o estilo de vida dos protegidos de Nicareta, é sem dúvida muito luxuoso. A elegância e as excentricidades das mulheres de vida feliz sempre despertaram admiração ou crítica entre os Antigos.

Nem todas as hetairas são escravas ou dependentes de um cafetão. Na verdade, entre as "irmãs" de Neera estão mulheres de estatuto livre, por vezes nascidas na classe cidadã. Geralmente carecem de protetores naturais, o que na sociedade antiga, como já vimos, significa total desamparo; A prostituição torna-se então um caminho inevitável para essas mulheres. Um personagem de uma comédia de Antífanos se apaixona por uma prostituta que mora perto de sua casa: nascida na classe dos cidadãos, perdeu o pai e o tutor, por isso é obrigada a praticar a prostituição.

Durante a expedição de Alexandre o Grande à Pérsia, um dos soldados, Euríloco, é colocado na lista dos doentes, embora não sofra de nenhuma doença. Alejandro, que notou este soldado excepcional, realiza uma investigação discreta e descobre o segredo de sua deserção. Euríloco não quer se separar de uma prostituta, Telesippa, que parte para o mar com os doentes e feridos. Esta Telesippa faz parte do grupo das cortesãs livres. Portanto, Alexandre não pode resolver o problema comprando-o para oferecê-lo a Euríloco. Na ausência de uma via legal, Alexandre só encontra uma maneira de manter o seu soldado: persuadir Telesippa, através de presentes, a manter o exército.

Sinopé e Phanostraté, duas prostitutas citadas por Demóstenes em um de seus discursos, também pertencem, sem dúvida, à categoria das mulheres livres. O orador acusa, com efeito, o seu adversário Androtion de ter praticado extorsão contra estas duas mulheres, que não devem qualquer contribuição ao Estado; algo que pode ser facilmente explicado assumindo que eles são gratuitos.

Portanto, há mulheres livres que se dedicam à prostituição, mas certamente representam apenas uma minoria. As instituições gregas, aliás, têm providenciado a maioria dos casos em que uma mulher livre está sozinha, e a lei garante os seus "tutores" capazes de satisfazer as suas necessidades. Portanto, é excepcional que uma mulher livre

seja totalmente privada de apoios naturais, e é raro que aquelas que, sendo filhas de cidadãos atenienses ou coríntios, sejam obrigadas a recorrer à prostituição. Representam apenas uma minoria em comparação com a multidão de escravos ou libertas cujo trabalho proporciona lucros a um senhor ou patrão.

A arte de "enganchar"

Conseguir clientes é, sem dúvida, uma das principais ocupações das cortesãs e dos seus cafetões. É verdade que os reformados dos bares, controlados pelo Estado, dificilmente têm de se preocupar com a escolha: a sua clientela é essencialmente recrutada entre as camadas mais miseráveis da população, e as casas do Ceramik ou do Pireu são frequentadas essencialmente por pessoas que têm apenas alguns obols. Por outro lado, cafetões com protegidos famosos pela sua beleza ou talento, as famosas cortesãs do mundo mediterrâneo, como as famosas Lais, Phryné ou Thais, têm uma clientela recrutada entre personalidades do mundo político ou intelectual. Mas todos aqueles cuja fama não ultrapassou as fronteiras do seu bairro ou da sua cidade devem praticar a "fisgada" para atrair clientes ricos para as suas camas. Os portos, evidentemente, são o seu local de caça preferido:

"As prostitutas têm o hábito de mandar para o porto os seus escravinhos, as suas jovens empregadas. Se um navio estrangeiro entra no porto, perguntam de que região vem e a quem pertence. para ele e, se conseguirem fazê-lo cair em suas redes, eles extraem de você até o último centavo. São verdadeiros navios piratas esperando no porto."

[53]

As docas são permanentemente habitadas por emissários de prostitutas em busca de clientes. Cada chegada de um navio provoca curiosidade interessada nas belezas gregas. Cada um deles tem a ambição de "algemar" os ricos comerciantes estrangeiros que, como bem sabem, estão dispostos a gastar fortunas em entretenimento "ao estilo grego". Os concidadãos de duas das mais famosas prostitutas de Samos apelidaram-nas de "Chalupa" e "Sloop" porque, como os navios piratas, esperam no porto pelos capitães dos navios e mandam-nos embora, despojados de todos os seus bens. Outros "piratas de Afrodite", Eufro, Thais, Boidion e Pítias, saqueiam os ricos marinheiros que desembarcam em Alexandria; o que lhes permite oferecer à sua padroeira, Afrodite, magníficos ex-votos.

Alguns encontram métodos originais para chamar a atenção: foi encontrado um modelo de sandália em bronze cuja sola é dotada de pregos que escrevem no chão a palavra "Sigame", e não pode haver dúvidas sobre a profissão dos usuários deste tipo. de calçado. Muitos

séculos depois, Clemente de Alexandria também se indignou contra certos sapatos femininos que estampavam imagens eróticas no chão com pregos colocados nas solas. Convites para clientes em potencial! O cinto de uma hetaira é bordado em letras douradas com este lema, cheio de filosofia:

"Ame-me e não se preocupe se outra pessoa for minha dona."

Em Éfeso, pegadas gravadas nas ruas levam ao bordel da cidade.

O preço do prazer

Que preços deve pagar o ateniense, o coríntio ou o estrangeiro em busca de prazer? 2 óbolos, 1 dracma, 5 dracmas, são as quantias que as prostitutas costumam pedir. Um poeta acrescenta cinicamente que por essa quantia o cliente não só gosta da moça, mas no inverno também recebe uma cama e o calor de um braseiro. Para alugar um flautista em Atenas, como já vimos, são necessários dois dracmas.

Quando você sobe na hierarquia da bravura, os preços tornam-se consideráveis. O mais extravagante é sem dúvida aquele que a bela Lais exige de Demóstenes: 10.000 dracmas por uma noite. Enojado, o orador muda de ideia e, prudente pela ganância, sai dizendo: “Não comprarei arrependimento por dez mil dracmas”.

A questão é que para a maioria das cortesãs gregas é necessário encontrar homens que paguem somas cada vez mais importantes. Assim poderão subir na hierarquia da galanteria, e o sonho de toda prostituta é poder um dia, como Lais, exigir 10.000 dracmas como se fossem 2 óbolos. Myrtal, uma das heroínas do *Diálogo das Cortesãs de Luciano*, abandona o capitão do navio Dorion por um rico comerciante bitiniano e compara os modestos presentes do marinheiro com a magnificência do estranho: Dorion, economizando seus ganhos, conseguiu dar a bela sandálias no valor de 2 dracmas, um frasco de perfume no valor de 2 dracmas, 5 dracmas em alimentos diversos, cebolas, anchovas, figos, biscoitos e queijo, 2 dracmas para o cafetão e 2 ou 3 óbolos para a empregada. A soma de tudo isso não é muito, apenas pouco mais de 10 dracmas, apenas o mínimo necessário para a manutenção da casa de Myrtal; e ainda assim, como observa tristemente o pobre Dorion, “tudo é fortuna de um marinheiro”.

Como ele poderia suportar a comparação com o rico bitiniano, que vem regularmente a Atenas a negócios e enche Myrtal de presentes suntuosos? Um vestido, um colar com esmeraldas, um tapete no valor de 200 dracmas; Em seu esplendor, ele também pagou as dívidas da casa de Myrtal. A história de Myrtal mostra bem como, ao exigir sempre mais de seus clientes, uma prostituta pode ascender no mundo da galanteria.

Os comerciantes, especialmente os que vêm de países do longínquo Oriente, proverbialmente ricos, capitães que regressam carregados com o saque de uma campanha vitoriosa, são os clientes preferidos das prostitutas. Todos se esforçam para vender seus serviços a esses milionários durante o período de permanência na cidade e, por ganância, não conhecem limites para suas demandas. Gnathanion, uma das filhas mais famosas de

Atenas, é um dia solicitada por um senhor persa muito velho, a quem suas roupas roxas designam como nababo. Sem hesitar, Gnathanion pede 1.000 dracmas por uma noite. Mas a riqueza e a velhice não roubaram o bom senso do persa, e ele regateia até que a soma seja reduzida pela metade. O estrangeiro, o persa coberto de ouro que vem a Atenas ou Corinto alugar uma daquelas mulheres cuja fama se espalhou pelo mundo antigo, equivale ao brasileiro da *Vie Parisienne*, muito feliz com a ideia de fazer "anel " em alguns dias sua fortuna com as "cocottes":

"Fui para Corinto. Lá, para curtir uma coisinha linda chamada Ocimon, tive muitos infortúnios. Perdi até a túnica na diversão!"

Contratos de aluguel

Se gozam de certa notoriedade, as hetairas são “alugadas” pelos seus clientes por um período mais ou menos longo. Como já vimos em relação a Neera, a maioria das cortesãs aspira a obter este tipo de contrato, que garante uma existência livre de todas as ansiedades materiais e muitas vezes luxuosas. Já para o homem, a exclusividade de uma mulher decorativa está garantida. Assim, Laís é alugada todos os anos durante dois meses pelo filósofo Aristipo, que frequenta as festas da *Posidonia* de Elêusis na companhia da jovem.

Esses contratos de arrendamento frequentemente fazem com que as hetairas viajem de um extremo ao outro do mundo grego, seguindo seus protetores. Dependendo da sua reputação ou do cafetão que as aluga, essas antecessoras das modernas *cali girls* são chamadas pelos fãs ricos da Grécia, da Ásia Menor ou das ilhas. É o caso de Neera, de quem nos conta seu acusador:

“Onde não trabalhou com o seu corpo e onde não foi para receber o seu salário diário? Não percorreu todo o Peloponeso, não seguiu Simão de Larissa e Euridamas, filho de Medeios, até à Tessália e Magnésia, não seguiu ele não acompanhou em Quios e em quase toda a Jônia até Sota des el Cretense, quando Nicareta, de quem ainda era escrava, o alugou?

Certos gregos, demasiado pobres para terem a companhia prestigiada mas cara de uma hetaira, fizeram negócios surpreendentes. Uma apresentação pública de Lísias tem como pretexto um conflito entre dois atenienses: eles compraram ou alugaram em comum uma escrava prostituída, e cada um contribuiu com metade do valor que a jovem custa. Os dois proprietários concordaram em usá-lo em conjunto. Mas estes companheiros de festa, que partilham o gosto pelos jovens, pelos flautistas e pelo vinho, lutam. O cliente de Lísias se apropria do escravo, mas não sem ter uma amarga discussão com seu rival. Somente um verdadeiro julgamento de Salomão poderia ter resolvido este delicado problema de “co-propriedade”!

Por outro lado, em certos casos os adversários recorrem à arbitragem legal para partilhar o prazer de uma prostituta. A história de Neera dá um exemplo: depois de ter praticado em Corinto, instalou-se em Atenas. Uma disputa irrompe entre dois atenienses, Frínion e Stophanos, por causa disso. Frinion tenta ação legal contra Estofanos, a quem

acusa de ter sequestrado Neera. É então proposta uma arbitragem e os três árbitros oficiais conseguem fazer com que os dois adversários admitam o seguinte compromisso:

“Foi acordada uma reconciliação entre Frinion e Estofanos com as seguintes condições: poderão utilizar ambos Neera e tê-lo-ão por meio mês cada, a menos que outra disposição seja apresentada de comum acordo.”

O contrato também especifica que Neera passará alternadamente um dia na casa de Frinion e outro na casa de Estofanos; Manutenção, vestuário e pequenas despesas serão suportadas conjuntamente pelos dois homens.

A festa degenera em violência

Disputas entre proprietários ocasionais de prostitutas, altercações entre cafetões e maus pagadores, brigas entre bebedores, são tantos motivos de violência que acontecem nas movimentadas ruas das cidades gregas. É verdade que os sentimentos dificilmente entram nestas actividades e, para os combatentes, trata-se geralmente de defender a sua “propriedade”, a jovem ou o rapaz cujos serviços contrataram. Essas brigas costumam ter consequências inesperadas: com humor e fantasia, Aristófanes em *Os Acarnianos* remonta a origem da Guerra do Peloponeso a uma rivalidade desse tipo. Após o sequestro de uma cortesã de Mégara por jovens atenienses, os megáricos chegam em um trem de retaliação a Atenas e sequestram duas prostitutas que pertencem a Aspásia, companheira de Péricles. Para vingar a amante, ele suspende as relações comerciais entre Mégara e Atenas. Os megarianos, famintos por causa deste bloqueio, chamam em seu auxílio os lacedemônios, que declaram guerra a Atenas. É claro que a Guerra do Peloponeso teve outros motivos mais sérios do que um roubo vulgar por prostitutas, e Aristófanes só pratica a sua comédia baseada no exagero. No entanto, se não provocarem conflitos tão graves como a Guerra do Peloponeso, as brigas que eclodem entre si os clientes das prostitutas contribuem para a insegurança de certos bairros das grandes cidades gregas, especialmente à noite.

Estes problemas surgem frequentemente em bares: aqueles que não querem pagar o preço exigido pelo cafetão não hesitam em usar meios violentos para conseguir o que querem. Um *mímico* de Herondas, *O cafetão*, tem como tema um assunto desta natureza: Battaros, um concessionário de pub, que veio de Tiro com as suas filhas, instalou-se na porta de Cós e vive dos escassos lucros que obtém em o negócio. Laques, um rico comerciante de grãos, natural de Aké (San Juan de Acre), quer passar uma noite barata com Myrtal, uma das aposentadas dos Battaros. Sem dúvida já bêbado, ele arromba a porta, tenta atear fogo na casa e, depois de espancar Battaros até virar polpa, vai embora, levando a jovem à força. Resultados do incidente: danos materiais, porta quebrada e placa queimada, ferimentos no cafetão e no seu jovem aposentado, que os dois homens, durante a briga, puxaram cada um para o seu lado. É uma cena banal, um mero incidente, e a vítima corre todos os riscos de perder o processo. Com efeito, Battaros, desprezado pela opinião pública devido à sua profissão, e para piorar a situação, um estrangeiro na ilha de Kos, tem poucas hipóteses de se afirmar sobre o rico armador que o atacou. Com amargura ele compara seu manto grosseiro, seus sapatos sujos, com o rico casaco de Laques. “Vale pelo

menos três minas!” repetir em várias ocasiões. Por sua vez, avalia os danos sofridos por ele e sua casa em duas minas. Mas você provavelmente tem poucas chances de conseguir o que pede.

O público diante do qual ele expõe sua reclamação está mais disposto a rir daquele canalha do Battaros do que a lhe dar satisfação. Com alguma filosofia, o cafetão reconhece que não merece muito mais. Mas orgulha-se de conhecer o seu ofício e de ser fiel a uma tradição familiar, pois o pai e o avô, que tinham os nomes exóticos de Sisymbras e Sisymbriscos, também eram administradores de bares. Mas, se você acredita nos cafetões, é um trabalho que não enriquece: arruinados pelas exigências de seus aposentados e pelas brutalidades de sua clientela, todos eles se reconhecem nas palavras de um personagem cômico:

“Não há trabalho mais ruinoso que o meu. Prefiro vender rosas na rua, ou rabanetes, ou feijões, qualquer coisa, do que apoiar essas mulheres.”

O preço da liberdade

“Neera mais tarde contou entre seus clientes Timanoridas de Corinto e Eucrates de Leucadia. Como Nicareta exigia deles o pagamento de todas as despesas domésticas e sempre aumentava suas exigências, deram-lhe uma quantia de 30 min para comprar Neera de acordo com o direito da cidade e possuí-lo como escravo. Quando o tinham em sua posse, eles o usavam tanto quanto queriam.

O acordo firmado pelos dois clientes de Neera, Timanoridas de Corinto e Eucrates de Leucadia, apresenta uma variante dos contratos de aluguel em relação ao que falamos anteriormente. Para os dois homens, trata-se de compartilhar a posse de um belo objeto de luxo e dividir equitativamente os custos de manutenção da jovem entre eles. Mas Timanoridas e Eucrates, como empresários que são, em vez de se contentarem em alugar a mulher aos pares, preferem comprá-la à sua amante, Nicareta. Pagam-lhe o preço exigido por Neera, 30 minas, ou 3.000 dracmas, quantia que comprova a reputação que Neera gozava naquela época, pois representa o custo de um escravo superior (lembre-se que Platão, vendido no mercado de Egina mais ou menos ao mesmo tempo, foram pagas 20 ou 30 minas).

Durante meses, ou talvez anos, Neera foi co-propriedade daqueles dois jovens que provavelmente concordaram entre eles sobre um método de “propriedade alternativa”. Um deles, Timanoridas, morador de Corinto, pode desfrutar da companhia de Neera sempre que quiser. Por outro lado, Eucrates, cidadão de Leucadia, só beneficia momentaneamente dos encantos da jovem, quando o seu negócio o leva a Corinto. É fácil perceber que este acordo permite aos dois homens limitar as despesas incorridas por Neera, uma vez que já não se submetem às exigências do cafetão Nicareta.

Essa situação, de certa forma banal, prossegue até o casamento de Timanoridas e Eucrates, ocasião em que Neera é libertada:

"Mais tarde, quando estavam prestes a se casar, anunciaram-lhe que não queriam mais vê-la trabalhar como prostituta em Corinto, nem depender de cafetão; gostariam de vê-la feliz, mesmo que perdessem parte do seu investimento para fazê-lo; deram-lhe um terço do valor pago por eles para comprá-lo, ou seja, 1.000 dracmas, desistindo de 500 dracmas cada, mas pediram-lhe que encontrasse as 20 minas restantes para pagá-los.

O mais surpreendente nesta última transação comercial da qual Neera é objeto é a elegância do procedimento utilizado por seus dois mestres. Acima de tudo, mostram uma delicadeza incomum com suas futuras esposas, interrompendo todo o comércio com Neera antes do casamento e tomando todos os cuidados para que ela não seja vista novamente em Corinto. Além disso, para se livrarem da hetaira, poderiam perfeitamente tê-la revendido como escrava e exigir um pagamento de pelo menos trinta minas, o mesmo que haviam pago a Nicareta; tudo isso teria sido perfeitamente aceito e de acordo com os costumes da época. Mas não: os dois homens libertam a escrava e concordam em perder um terço do valor que investiram na sua compra. Este episódio da vida de Neera é muito significativo na ambiguidade das relações que podem ser estabelecidas entre as hetairas, verdadeiros objetos destinados a alegrar a vida, e os seus proprietários: comprá-los, vendê-los ou alugá-los é a regra comum; Mas por vezes, esquecendo os seus direitos como proprietários, os homens podem estabelecer relações entre humanos com os seus escravos.

[56]

Existem muitas formas de libertação na Grécia. Entre outros, o senhor pode dar ao seu escravo a possibilidade de comprar a sua liberdade, e é este procedimento que os proprietários de Neera escolhem. O montante da libertação, apesar da renúncia de 1.000 dramas acordado entre os dois homens, representa uma soma significativa que a jovem não teve nem possibilidade nem tempo para levantar durante os seus anos de escravatura. Com toda a probabilidade, as suas economias e a sua *riqueza* representam apenas uma pequena parte do total. É por isso que ele recorre aos clientes ricos que conheceu durante sua carreira em Corinto:

“Depois de ouvir esta proposta, Neera trouxe alguns de seus antigos clientes para Corinto. Entre eles estava Phrynion do deme de Paeanie, filho de Demon, irmão de Demochares, um libertino que jogava dinheiro pelas janelas, como os mais velhos se lembrarão. dos meus ouvintes, ela lhe conta o que Eucrates e Timanoridas lhe contaram e lhe confia o dinheiro que seus outros clientes lhe deram como empréstimo gratuito para comprar sua liberdade, bem como o que ela conseguiu economizar. e deu-o a Eucrates e a Timanóridas, como preço da sua libertação. Frínion, após receber o dinheiro dado pelos outros amantes, e acrescentando o complemento, entrega as vinte minas a Eucrates e a Timanóridas e a mulher é libertada. ele não trabalha em Corinto novamente.”

Tão generosos como os senhores de Neera, estes clientes, todos cavalheiros atenienses amantes do prazer, não hesitam em conceder-lhe empréstimos, e também gratuitamente, ou seja, sem juros. Neera finalmente recorre a um comprador fictício para dar uma forma legal à sua libertação. Este costume é sem dúvida típico de Corinto, visto que não há testemunhos dele em Atenas. Apesar da sua complexidade, é perfeitamente justificado: com efeito, o escravo não tem personalidade jurídica e não pode adquiri-lo ele próprio. É então necessário que um nome livre desempenhe o papel de adquirente. A continuação da história de Neera mostra que o ateniense Frinion, escolhido para desempenhar esse papel

de comprador fictício, comporta-se então em relação à jovem como *um patrono*, ou seja, continua sendo o protetor legal da mulher liberta, e de certa forma um superior. . perante o qual o ex-escravo mantém certos deveres.

[\[57\]](#)

Geralmente o antigo senhor do escravo torna-se o *patrono* do liberto. Neera, neste caso particular, em que seus senhores desejam afastá-la completamente de suas vidas, toma como *patrono* não um coríntio, mas um ateniense.

Última peculiaridade jurídica desta libertação de Neera: as condições impostas pelos seus dois senhores. A jovem deverá exercer sua profissão em outra cidade e prometer nunca mais voltar a Corinto. Se você violar essas proibições, o contrato de libertação será anulado e você retornará à escravidão. Estas são restrições importantes, pois proibir uma hetaira de exercer a sua profissão naquela capital grega de prazeres caros que é Corinto constitui um obstáculo fundamental ao exercício frutífero dos seus talentos.

Em termos gerais, salvo algumas particularidades do contrato que sem dúvida correspondem à legislação de Corinto, esta libertação de Neera representa uma etapa capital para a jovem, e nem todas as escravas prostituídas podem esperar tais medidas liberais. A libertação confere sobretudo uma independência desconhecida pela maioria dos escravos, submetidos durante anos aos caprichos dos seus senhores.

Além da liberdade de agir à vontade, a libertação dá às hetairas independência financeira; Eles finalmente trabalham por conta própria e podem manter seus ganhos. Não é mais por causa de um cafetão ou de uma concessionária de pub que elas se prostituem; e é quase certo que não foram obrigados, como seria o caso das "lobas" romanas, a dar aos seus *empregadores* uma parte dos seus lucros.

Tais libertações constituem, sem dúvida, exceções no mundo grego, uma vez que o interesse dos cafetões não é vender os seus escravos, mas extrair o máximo de rendimento do seu trabalho. Além disso, é preciso ter bons relacionamentos, como Neera tinha no mundo da vida feliz, para aproveitar a generosidade de clientes ricos dispostos a dar grandes somas por uma libertação.

"Ojo de vaca" e "Proscênio"

Nesse momento Neera atinge o auge da carreira: livre, rica, conhecida no mercado de prazeres de Atenas e Corinto, pode rivalizar com todos aqueles cujo renome ficou na história. Estas mulheres pertencem ao mundo da alta prostituição e a sua história é muitas vezes confundida com a da sua cidade ou de personalidades do mundo grego. Você vê esses mundanos aparecerem em obras literárias, às vezes como simples silhuetas que se misturam ao cenário, mas mais frequentemente como protagonistas com quem políticos ou filósofos discutem. A sua graça torna-se um dos elementos decorativos essenciais da pintura ou escultura, e os mais famosos entre eles servem de modelo para os melhores artistas da Grécia. Neera passa a integrar o prestigiado grupo das "grandes hetairas" do mundo grego, mulheres que, apesar de todos os velhos costumes, começam a fazer falar delas, pelos seus caprichos e excentricidades. São reconhecidos pelas longas madeixas, privilégio que os distingue dos seus colegas escravos de cabelos curtos. Pertencem ao "Gotha" da galanteria, e por vezes o artista que os desenha num copo ou taça tem o cuidado de especificar os seus nomes, inseparáveis do mundo dos prazeres gregos.

De facto, algumas destas cortesãs gozam de tal fama, pela sua beleza, pelos seus talentos, pela notoriedade de quem as frequenta, que os seus nomes chegaram aos nossos dias, e com elas seria possível escrever um catálogo quase completo de o mundo da bravura na Grécia dos séculos V e IV.

E que variedade, que riqueza de invenção nos apelidos dados a estas hetairas em função das suas particularidades físicas, das suas origens étnicas ou dos seus hábitos: quem não faz nenhum esforço de imaginação contenta-se em designá-las pela sua nacionalidade: "o ateniense" ou "o italiano." Entre elas estão inúmeras Melissas "a Abelha", Quelidonium, "Andorinha", Glycera, "a Doce", ou Boopis "Ojo de Vaca"; Este último, para um grego, é um elogio especialmente lisonjeiro.

Os gregos são muito espertos em encontrar apelidos zombeteiros ou pitorescos: duas irmãs, pálidas, magras e com olhos muito grandes, são chamadas de "as Anchovas". Nannion foi apelidada de Proscênio: embora de rosto bonito e vestida com roupas caras e joias deslumbrantes, ela é muito pouco atraente quando se despe. O nome da famosa Gnathaena significa "Mandíbula", uma alusão à sua lendária voracidade; e sua neta, cuja reputação é igual à de sua avó, é chamada de Gnathaenion, "Pequena Mandíbula". Com humor, chamam uma menina de Clepsidra, ou seja, "Relógio de Água", equivalente à nossa

ampulheta; Na verdade, esta Clepsidra conta o tempo dos seus favores com um relógio de água e dispensa impiedosamente o cliente quando a água acaba.

Alguns apelidos são bem menos gentis: Callistion foi renomeada como "Mendiga Helen" e Fanostratés como "Aquele que se despeja na porta", porque na verdade ela tem o hábito deselegante de bagunçar os cabelos na soleira. E até a famosa Friné, cujo nome verdadeiro é Mnesareté "aquela que se lembra da virtude", recebeu o apelido de "Sapo" (Friné) por ter pele morena. E aqueles conhecidos pelos apelidos de "a Cabra" ou "a Truta"?

Gigolôs e velhas

Em geral, as jovens prostitutas de ambos os sexos buscam os favores dos homens, pois eram elas que na Antiguidade Grega possuíam a fortuna e podiam dispensar dinheiro com maior ou menor generosidade. Mas os “gigolôs” também percorrem as ruas, os locais frequentados, procurando não o homem mas sim a mulher que os possa sustentar. Seja em Atenas ou em Corinto, existem aquelas mulheres, ricas e livres, dispostas a pagar caro pelos prazeres de um belo efebo, especialmente quando começam a envelhecer. É verdade que representam uma exceção: são aqueles que escaparam do gineceu. São mulheres burguesas emancipadas ou mulheres libertas enriquecidas pela prostituição? Quem sabe. Mas não é impossível encontrar casais inusitados nas cidades gregas.

Uma cena divertida de *Plutão, de Aristófanes*, mostra uma velha alegre vestida de menina, escondendo suas rugas sob uma espessa camada de maquiagem. Abandonada pelo jovem amante, ela evoca os bons momentos que passou com ele, enquanto Crémilo, outro personagem da comédia, comenta separadamente suas lamentações:

A velha: Por Zeus! Se ele me via angustiado, me chamava de nomes carinhosos, “meu patinho”, “minha pombinha”.

Crémilo: E então provavelmente ele te pediu sapatos!

A velha: Nos Grandes Mistérios, de Zeus, quando um homem me viu passando no meu carro, bateu-me um dia inteiro. Ele estava com tanto ciúme, o pequenino.

Crémilo: Na verdade eu não queria dividir a sua comida com ninguém.

A velha: E ela disse que eu tinha mãos tão lindas...

Crémilo: Quando você deu 20 dracmas para ele!

A velha: ...e ela repetiu que minha pele cheirava bem...

Crémilo: Se lhe serviu vinho de Tasos, é lógico, por Zeus!

A velha: ...e que ele tinha olhos lindos, cheios de doçura.

Crémilo: Ele não era burro, aquele cara, e conseguiu manter o dinheiro de uma velha no cio.

Este gentil jovem não era muito exigente e, se estivesse disposto a satisfazer todos os desejos da velha, pedia muito pouco em troca (“uma capa, sapatos e pequenas túnicas para as irmãs, e uma capa para a mãe, e um pouco de trigo para toda a família”) e tudo isso não

por interesse, mas por pura amizade, para guardar uma pequena lembrança da amiga. Os pedidos do menino revelam indiretamente, por outro lado, a falta de recursos de sua família.

Que justificativa para o efebo, enriquecido na comédia de Aristófanes pelo deus Plutão, poder finalmente jogar na cara da velha tudo o que pensou durante seus longos meses de “escravidão”: “velha barçaça calafetada por todos os lados, punt de roupas sujas, desdentadas, podres...” e outros adjetivos tão amorosos quanto esses. Mas, na vida real, ele teria conseguido se libertar tão facilmente daquilo que garantia o seu sustento e o da sua família?

Tabernas e casas de jogo

As tabernas de Atenas, Pireu e Corinto têm péssima reputação, pois são ao mesmo tempo albergues, esconderijos de criminosos e, sobretudo, quartéis de temíveis jogadores profissionais, sempre em busca de um “pombo”. Ser surpreendido num destes clubes é considerado uma desonra para um cidadão. O filósofo cínico Diógenes vê um dia Demóstenes numa daquelas tabernas e, apesar dos esforços do orador para passar despercebido, leva-o para a rua por um braço e mostra-o aos transeuntes: "Aqui está o modelo do ateniense pessoas." !"

Detalhes adicionais: segundo seu adversário Ésquines, Demóstenes, o maior representante da eloquência ática, o amargo adversário de Filipe da Macedônia, é apelidado de "Cuco" pela duvidosa companhia que frequenta nas tabernas.

^[58] Sempre segundo Ésquines, para ir a lugares não recomendados, ele se veste de mulher.

Estas tabernas têm a reputação de serem centros de operações de prostituição. Os estrangeiros frequentam-nos e constituem presas tentadoras para um jovem que procura o dinheiro necessário para satisfazer os seus gostos. Não é de estranhar, então, que o jovem Timarco, que já encontrámos oferecendo os seus encantos num consultório médico, também tenha escolhido as tabernas de Atenas ou do Pireu como local de caça:

"No dia da procissão do Grande Dionísio, Misgolas, o 'protetor' de nosso Timarco, e Fedro, filho de Callias, do deme de Sphaetus, deveriam participar do desfile e Timarchus havia prometido ir com eles para naquela procissão. Os dois homens, depois de se prepararem, não o viram chegar. Muito irritado, Misgolas saiu em busca dele com Fedro e, graças às informações que estavam coletando, encontraram-no em uma taberna, jantando com alguns estrangeiros. Misgolas e Fedro os ameaçaram violentamente. "Eles foram ameaçados de prisão por terem seduzido um jovem de nascimento livre. Os estrangeiros aterrorizados fugiram, abandonando a comida".

Este é mais um exemplo em que a violência, através da chantagem “legal”, é utilizada num caso de rivalidade. O pretexto é claro: Timarco é cidadão e quem o prostitui está sujeito à pena de morte segundo a legislação ateniense. A documentação que temos não nos

diz se Misgolas e Fedro tinham o direito de utilizar este procedimento. Na verdade, a Timarco não tem nenhum vínculo de parentesco com eles. Portanto, é duvidoso que a sua intervenção tenha sido legítima. Mas legítimo ou não, tem um efeito dissuasor sobre estes viajantes que preferem fugir do problema.

As tabernas também são frequentadas por jogadores profissionais. Dados, bocha, "ímpares ou pares" jogados com moedas, são entretenimentos muito apreciados pelos antigos. As próprias crianças caem por vezes no vício do jogo e são presas fáceis dos jogadores profissionais, que as fazem contrair dívidas de honra; Mais tarde, os pais pagarão as quantias perdidas pelos filhos. Numa mímica de Herondas, uma mãe desesperada reclama que o filho, em vez de aprender a ler e escrever, passa o dia todo na casa de jogo. O pequeno não se contenta mais com dados infantis, mas adquiriu o hábito de jogar "par ou ímpar" por dinheiro. E para pagar o vício, ele rouba a avó!

Timarco não é muito mais velho que este estudante quando também ele se torna cliente das casas de jogo de Atenas:

"Quando se separou de Anticles e Misgolas (seus dois protetores), Timarco não se acalmou, mas adotou uma vida mais desenfreada. Passava os dias em casas de jogo, onde quer que se montasse uma mesa de dados ou se organizasse uma briga. galos. Sei que muitos de vocês viram o que estou falando ou, se ainda não viram, já ouviram falar.

Mais do que dados, mais do que "ímpares ou pares", são as brigas de galos ou de codornizes que despertam a paixão dos apostadores profissionais. As cenas pintadas nas taças áticas familiarizaram-nos com esta ocupação muito valorizada pelos atenienses; Além das brigas de pássaros, também são praticadas lutas de cães. E não são programas simples. Na verdade, os jogadores apostam verdadeiras fortunas em animais. Estes são criados com um cuidado semelhante ao dado aos cavalos de corrida de hoje, sua agressividade é cultivada fazendo-os engolir alho antes da luta, e para torná-la mais espetacular, são colocados espinhos de metal nas esporas dos galos, que assim infligem feridas mortais. no adversário. Todo um mundo de personagens duvidosos gravita em torno dos jogadores e apostadores: vemos isso nos novos relacionamentos da Timarco:

"Entre os frequentadores dessas casas de jogo há um certo Pittalacos, um escravo público. Ele não tinha problemas de dinheiro, e quando encontrou Timarco o "adotou" e o levou para sua casa. para se desonrar com um escravo Ele simplesmente viu que havia encontrado alguém que o apoiaria e lhe daria algo para satisfazer seus vícios, e zombou da honra e da modéstia. E ouvi dizer que esse Pittalacos se dedicou a práticas tão indecentes quanto. para a pessoa de Timarchus "Eu teria vergonha de listá-los."

Até agora, Timarco, para aproveitar ao máximo a sua beleza física, contentava-se em frequentar albergues, tabernas e consultórios médicos em busca de breves aventuras. Na verdade, encontros muito insossos, comparados ao que o espera no ambiente de jogo. O das casas de jogo é um mundo obscuro, pouco conhecido, mais ou menos clandestino, que atrai atenienses e estrangeiros. Todas as classes sociais se misturam na paixão pelo jogo, pelas

apostas, e as leis que regem esse ambiente já não têm quase nada a ver com as da sociedade organizada.

Vemos a curiosa figura de um escravo público, Pittalacos, aparecer nos novos redutos de Timarco. Trabalhando a serviço do Estado (talvez a serviço da polícia municipal!) Este homem aparentemente fez seu nome no ambiente de jogo. Será que foi através de procedimentos desonestos que ele acumulou uma fortuna confortável? É muito provável. A sequência informa-nos que, não contente em frequentar casas de jogo, organiza em sua casa brigas de galos e jogos de dados; Nas noites em que os jogadores mais ricos de Atenas se reúnem ali, fortunas inteiras mudam de mãos. Pittalacos, apesar da humildade da sua condição social, apesar das suas funções públicas, surge como um verdadeiro “rei do submundo” e desempenha um papel importante na vida secreta de Atenas.

Mas é ele quem, no final, será vítima dos amigos de Timarco. Entre os visitantes de Pittalacos está um homem particularmente rico, o banqueiro da frota ateniense estacionada na Trácia. Este Hegesandro é um verdadeiro tubarão financeiro e enriqueceu através de artimanhas malignas, às custas do estrategista que comanda a frota. Ele aparece em Atenas, na posse de 8.000 dracmas, que rapidamente gasta em Pittalacos. O que acontece pode ser facilmente adivinhado: entre um escravo público, por mais rico que seja, e um banqueiro, Timarco não pode hesitar. Sem a menor hesitação deixa Pittalacos e se junta ao grupo de Hegesandro e seus amigos. O escravo público tem o mau gosto de reclamar, de não aceitar o abandono do amigo, de fazer escândalo na frente da casa do banqueiro. Atitude intolerável que Hegesandro e Timarco se encarregarão de punir, realizando uma expedição punitiva que não teria sido reprovada pelo desonesto ambiente ateniense:

“Os dois homens, um dia, quando se embriagaram com outros companheiros de brincadeira, invadiram durante a noite a casa onde Pittalacos morava. Primeiro quebraram tudo que encontraram e jogaram as tabas, os dados e todas as outras coisas na rua Depois mataram todos os galos e codornizes que o pobre Pittalacos tanto valorizava. Por fim, amarraram o dono da casa a um pilar e chicotearam-no com tanta força que toda a vizinhança ouviu os gritos da vítima.

Violência, destruição desenfreada, espancamentos: os fãs do jogo atenienses têm os mesmos costumes dos clientes dos cafetões. Mas os interesses financeiros que entram em jogo são muito mais consideráveis, e o casal Hegesandro-Timarco acabará por afundar todos os seus bens na paixão pelo jogo: o banqueiro Hegesandro esgota a fortuna que adquiriu fraudulentamente à custa do Estado; então ele desperdiça o dote de sua esposa. Timarco, que já atingiu a idade de dispor da herança paterna, gasta tudo em poucos meses, tudo com dívidas de jogo: uma casa ao pé da Acrópole, dois campos na Ática, uma oficina de couro com onze trabalhadores. escravos, operário especializado em confecção de roupas de luxo, bordador, créditos, móveis, todo um patrimônio rico que a Timarco rapidamente vende; mas isso nada mais é do que um episódio na vida desse jogador inveterado. Só então, segundo seu adversário Éschines, ele se lançou na carreira política e praticou todo

tipo de desvio para obter dinheiro. E não é um caso isolado: como Timarco há muitas figuras influentes, tanto na Grécia como em Roma, que praticam todo o tipo de operações, honrosas ou não, para satisfazer a sua paixão excessiva pelo jogo.

4 AMORES E BANQUETES

“Ela vai tocar flauta e nos dar prazer”

"Frynion levou Neera a Atenas e associou-a às suas libertinagens. Ele a tinha ao seu lado nos banquetes e a levava para beber onde quer que fosse. Ele celebrava com ela, e eles eram vistos juntos em todos os lugares. Ele não se absteve de tornar público seu falta de conduta, e foram vistos juntos, por exemplo, na festa dada por Chabrias de Aixona quando, sob o arcontado de Sócrates, saiu vitorioso nos Jogos Píticos com uma carruagem comprada ao filho de Mytis, o Argiano, e ao retornar de Delfos comemorou sua vitória com um banquete perto do templo de Afrodite Colias estava tão bêbada que quase todos os convidados dormiram com ela, assim como os escravos de Chabrias que serviram à mesa. , Phrynion dormiu sua embriaguez.

A transição para o status de livre não significa gentrificação para Neera. Muito pelo contrário! Certamente por gratidão, ela se torna por enquanto a companheira oficial de Frinion, que lhe permitiu escapar de sua condição de escrava. Por sua própria vontade, ele o segue até Atenas, mas sua vida não muda muito; Ele passa a maior parte do tempo em festas, em companhias de jovens libertinos cujas devassidão enchem a crônica ateniense: Frínion, sobrinho de Demóstenes, Chabrias, um atleta de sucesso em corridas de bigas, e outros, que são chamados como testemunhas para evocar os detalhes sinistros de suas noites de orgia. Todos os jovens de ouro de Atenas desfilam diante da corte. Esses filhos de boas famílias não perdem a oportunidade de se reunirem em banquetes que geralmente degeneram em bebedeiras. Quando Chabrias vence os Jogos Píticos em Delfos em 374 aC, a festa que ele oferece perto do templo de Afrodite Colias se transforma em um bacanal. Mas a ocasião não vale a pena?

[\[59\]](#)

Esta existência de festas perpétuas, estes banquetes, estas orgias, são a própria essência do prazer tal como concebido pelos Antigos. Os miseráveis, os marginais, aqueles que não conseguem gastar mais do que um ou dois óbolos, nada mais conhecem do que o amor pago, do tipo que compram em bares controlados pelo Estado; não há distrações supérfluas, mas um prazer que corresponde à simples satisfação de um desejo sexual. Por outro lado, os homens de fortuna, para sua satisfação pessoal, podem alugar a cortesã que mais gostam por uma noite, um mês, um ano ou mais. A originalidade das civilizações antigas reside na própria concepção da organização do prazer. De facto, seja em Atenas, seja em Corinto, em Alexandria ou em Roma, o homem com um certo conforto económico não vai em direcção ao prazer, mas o prazer vai em direcção a ele. Esta é a distinção essencial entre as sociedades antigas e as cidades modernas onde existem bairros ou locais especializados em entretenimento de todos os tipos: cabarés, espectáculos, discotecas, a

todos os preços e para todos os gostos. Nada semelhante na Antiguidade: o grego procura companhia agradável? Ele possui, como já vimos, hetairas que pode usar como quiser. Você quer as mais variadas distrações? Ele faz com que música e dançarinos venham à sua casa para apimentar seus banquetes. Ninguém, entre os cidadãos abastados de Atenas ou de Corinto, ou entre os estrangeiros de passagem, munidos de uma certa fortuna, teria sonhado em ir a um dos bares de Cerâmica ou de Pireu para passar uma noite agradável. Os Antigos concebiam o prazer como um todo harmonioso, que é decorado com o banquete ou *simpósio*, ou seja, uma reunião de bebedores. O banquete, ponto de encontro por excelência dos Antigos, seja organizado por uma associação ou por um grupo de amigos, obedece a uma cerimônia complicada, da qual é muito difícil decidir se nasceu das circunstâncias ou responde a motivações profundas.

Quer degenere em diversões desenfreadas, em sessões de bebida sem limites, quer seja pretexto para discussões altamente filosóficas, como nos outros de Platão ou Xenofonte aos quais foi dado esse nome, o banquete tem um lugar principal na existência dos homens livres. Além disso, é um dos temas preferidos dos pintores de vasos ou taças: convidados reclinados, dançarinos mais ou menos vestidos de maneira leve, tocadores de flauta, é a primeira imagem que nos chega da civilização helênica: tão numerosas são essas cenas na pintura grega.

O *simpósio* envolve um ritual preciso, cujas etapas pretendem provocar progressivamente nos convidados uma euforia que desenvolverá as suas faculdades amorosas... ou intelectuais. E, para alcançar essa satisfação, é necessário recorrer a profissionais do prazer:

"Ele declara aos seus convidados que todas as medidas foram tomadas para sua satisfação: se quiserem, o escravo irá à casa do cafetão procurar um flautista: 'Ela vai tocar flauta e nos dar prazer.'"

[60]

Nenhum banquete digno desse nome poderia acontecer sem a presença decorativa de músicos e dançarinos. Na verdade, nada mais são do que prostitutas, preparadas para dançar harmoniosamente e tocar diversos instrumentos musicais:

"Já falei sobre as lindas prostitutas dançarinas, e agora não estou falando das flautistas mal pubescentes que, por um pouco de dinheiro, esgotaram rapidamente as forças dos rapazes."

[61]

Dançarinas e musicistas, com as hetairas que costumam acompanhar os convidados, são as únicas mulheres presentes nos banquetes. Na verdade, ao contrário de Roma, onde desde o fim da República as mulheres livres participam cada vez mais nas festas ao lado dos homens, as mulheres gregas, se forem livres, nunca participam em banquetes, distração

exclusivamente masculina. São admitidos músicos, dançarinos e prostitutas, pois desempenham apenas função decorativa e não são considerados seres humanos plenos. Quer gostem ou não, darão aos convidados a divertida imagem de festa e alegria, mesmo quando essa festa seja apenas uma forma de não morrerem de fome:

“As prostitutas, para ganharem dez miseráveis dracmas, vão aos banquetes e bebem vinho até não aguentarem mais e, se não se comportarem como mandam, correm o risco de morrer de fome”.

[62]

Estes jovens “artistas” são alugados na casa do cafetão, de acordo com a legislação que regula o seu preço, por 2 dracmas por noite, em Atenas. Desse valor o Estado retém o imposto que cobra do cafetão. Existem também fornecedores clandestinos: oferecem meninas para organizadores de banquetes, mas as transações são feitas de forma secreta, o que permite ao fornecedor evitar o pagamento ao tesouro. Apesar da pena de morte que Sólon decretou contra estes vigaristas, é uma actividade florescente nas cidades gregas, e muitas pequenas empresas servem de disfarce para estas negociações ilegais. Num epigrama da *Antologia Palatina*, um senhor dá ordens ao seu escravo para preparar um modesto banquete que ele dará a quatro de seus amigos. Ele acaba pedindo que ele procure um perfumista da vizinhança e “reserve” cinco mulheres para a noite. E adicione uma senha que permitirá ao escravo se fazer entender pelo perfumista em meias palavras. Esta última, certamente, não exerce “oficialmente” a profissão de cafetão, mas aproveita a atratividade que suas maquiagens e perfumes exercem sobre as prostitutas do bairro para convencê-las a alugar clandestinamente. E certamente ela lucra mais com esse comércio especial do que com a venda de seus cosméticos.

A liturgia do banquete

No banquete, os gregos queriam sintetizar todos os prazeres intelectuais ou físicos que pudessem imaginar. Tendo o cuidado de reduzir todo o comportamento humano a regras de harmonia, eles “codificaram” os seus festivais para torná-los uma cadeia racional de distrações estéticas, sensuais ou espirituais. Temerosos sobretudo de serem escravos dos seus desejos, desconfiados da libertinagem, que cai no domínio da *arrogância*, odiosos para um grego, racionalizam o irracional e transferem para a sua embriaguez a definição elitista do *Kalos Kagathós*, do Belo e do Bem. Uma atitude, como se vê, é fundamentalmente diferente daquela adotada pelas civilizações modernas, sempre dispostas a esconder em segredo a satisfação de instintos e atividades indizíveis.

Para melhor distribuir as atividades, os gregos dividem o banquete em duas partes distintas: em primeiro lugar, através de uma refeição rápida, sem grandes requintes culinários, sacia-se a fome dos convidados. Os romanos darão grande importância ao engenho gastronómico e o *jantar* encontrará a sua justificação na originalidade e requinte dos pratos oferecidos aos convidados. Já na Grécia, a primeira parte do banquete não tem outra finalidade senão satisfazer o apetite, e de forma frugal. Pouca bebida, nenhuma conversa, esse momento inicial é uma formalidade para os homens, mas para as hetairas essa refeição costuma ser a única que fazem o dia todo. Portanto, eles não hesitam em guardar os restos mortais para si ou para suas famílias. Assim, durante uma noite, a ateniense Dexithea reserva quase todos os melhores pedaços da refeição para a mãe. Gnathaena, que está ao lado dela, ao vê-la, exclama:

"Por Artemis, se eu soubesse teria ido jantar com sua mãe e não com você!"

Esta refeição é apenas um preâmbulo, durante o qual os participantes se preparam para a segunda parte da festa, a “bebida” propriamente dita. Ao longo da noite ritos religiosos, animação, espectáculos irão ritmar a absorção de copos de vinho. Quase sempre no final da noite chega-se à embriaguez total, mas tudo está calculado para alcançá-la gradativamente e sem perturbar o equilíbrio do banquete.

“Em todas as coisas a desordem é um vício, mas nos homens, especialmente quando bebem, a desordem revela a sua perversidade, através dos excessos e outros males indizíveis, que um homem capaz de ordem e harmonia deve prever e evitar.”

[63]

Para responder a esta exigência de harmonia interna que deve reger as diversões, mesmo as mais materiais, os Antigos perguntam-se continuamente e encontram grande interesse nas discussões muitas vezes vãs sobre as conveniências que devem ser observadas: como devem distribuir as distrações para que elas equilibrar um ao outro? Que lugar deve ser dado a cada convidado? Quais jogos devem ser evitados? É um domínio, como muitos outros na Grécia, onde a improvisação e a espontaneidade são consideradas perniciosas, gerando *arrogância*.

Na verdade, são poucas as variações na organização ritual do banquete, que é mais liturgia do que simples entretenimento: nos textos, nas cenas representadas pelos pintores, encontramos sempre a mesma decoração: camas forradas com tecidos mais ou menos suntuosos, mesas de luz, jarras grandes para vinho, copos para bebedores, tripés. Ao pé das camas, alguns cães comem bolinhos de pão com os quais os convidados limpam as mãos.

As decorações florais ajudam a alegrar o cenário: guirlandas na cabeça dos convidados, galhos no chão ou nas paredes. Estas flores ou ramos não têm apenas uma função ornamental, mas também têm o valor de oferendas religiosas ao deus do vinho, para quem o banquete é uma espécie de homenagem. Além disso, os Antigos atribuíam propriedades terapêuticas a certas flores ou plantas, como a hera, as rosas e as violetas: ajudavam a prevenir a embriaguez e as dores de cabeça causadas pela ingestão de muito vinho. Virtudes semelhantes são atribuídas aos perfumes que os hóspedes derramam generosamente sobre o corpo.

Embora as diferentes etapas de um banquete correspondam ao domínio da diversão, a própria festa oscila constantemente entre o sagrado e o profano. Os convidados precedem a sessão de bebida com libações dedicadas às divindades e, mais particularmente, a Dionísio, o "Libertador". Antes de começarem a beber cantam um *hino*, um canto de alegria de carácter litúrgico, dirigido a Apolo. Os rituais e os cantos nos afastam do aspecto da festa vulgar, mas os Antigos não se sentem incomodados com esta, aos nossos olhos, mistura sacrílega de hinos sagrados e cantos de bebida, de prescrições rituais e de sensualidade desenfreada. O “escândalo” só é visto por nós, não pelos convidados do banquete.

Se este carácter sempre religioso não for levado em conta nas diferentes fases do *simpósio grego*, corre-se o risco de ver nesta estrita organização dos prazeres, na sua regulação muitas vezes desconcertante, nada mais do que costumes fúteis, até infantis.

São até utilizadas práticas retiradas das cerimônias de iniciação do Orfismo ou de outras religiões de mistério. É assim que se aconselha a utilização em banquetes de certas plantas cujas virtudes eufóricas são bem conhecidas pelos organizadores de mistérios religiosos: é preciso misturar bugloss com vinho e polvilhar o solo com infusões de verbena e adianthus, aconselha, por exemplo, Plutarco.

[64] Podemos perguntar-nos se o uso descontrolado destas plantas não está na origem de uma curiosa alucinação colectiva de que fala Ateneo: em Agrigento, um banquete terminou com uma surpreendente cena de loucura. Os jovens imaginam que estão a bordo de um navio atingido pela tempestade e, para perder lastro, começam a jogar todos os móveis pelas janelas da casa. As pessoas se aglomeram na rua, algumas pessoas começam a carregar os objetos jogados e as autoridades municipais devem intervir. No dia seguinte, os magistrados comparecem à casa onde ocorreu o delírio, para proceder ao interrogatório dos jovens. E estes, contra toda a lógica, insistem na sua aberração e confundem os magistrados com deuses marinhos. A partir daí a casa foi apelidada de “Trieria” para guardar a memória daquele “naufrágio” alucinatório. É difícil acreditar que o vinho seja o único responsável por esta alucinação duradoura, e muito provavelmente a combinação do vinho com as plantas foi a responsável pelos estranhos sintomas desta loucura. Para regular harmoniosamente as diferentes fases do banquete, as partes nomeiam um *simposiarca* ou “chefe do banquete”, a quem se comprometem a obedecer. A missão do *simposiarca* é definir o número de bebidas a serem consumidas, garantir a ordem das distrações e aplicar “multas” destinadas a punir os maus bebedores. Ele é o único responsável pelo bom andamento da bebedeira, e possui toda uma arte de dirigir a festa:

“A mistura do homem e do vinho deve ser feita de acordo com a natureza de cada um, e o simposiarca deve conhecer as regras dessa mistura e observá-las para que, como um músico habilidoso com as cordas de sua lira, possa “afinar” a reunião social dando-lhe de beber, tirando o copo de outro, e conseguindo assim um acordo harmonioso com essas diversas naturezas.”

[65]

É claro que a natureza e a variedade de atividades em que os participantes de um *simpósio* se envolvem têm elementos mais que suficientes para deixar perplexo o leitor moderno que descobre os múltiplos *banquetes* da literatura grega. Se a absorção de grandes quantidades de vinho, se os “números” de músicos e bailarinos parecem pertencer ao próprio domínio do prazer, o que pensar da sucessão incoerente de pequenas brincadeiras, beirando a infantilidade, e de discussões sobre temas artísticos, político e até filosófico? Esta conjunção, muitas vezes incoerente para quem a observa de fora, pretende, na verdade, ser a combinação de todas as atividades humanas, físicas ou intelectuais, cuja exaltação fundamentada e organizada deve conduzir as reuniões ao prazer total. É verdade que parece haver um abismo entre estas reuniões de boa companhia, que Platão e Xenofonte nos apresentam nos seus *Simpósios*, e as rudes orgias em que *terminam muitos simpósios*. Que relação poderia haver entre o diálogo em que Sócrates define com precisão o amor ideal e os excessos de Neera e seus companheiros? E, no entanto, as reuniões que celebram ruidosamente a vitória desportiva dos companheiros de Chabrias e de Sócrates entregam-se ao mesmo ritual.

Claro que há bebida, e muito, durante um *simpósio*. Depois da taça de vinho aromatizado que os convidados religiosamente passam uns aos outros no início do banquete, há várias taças que são engolidas cada vez mais à medida que aumenta a embriaguez. Ninguém se surpreende ao ver, no *Banquete de Platão*, Alcibíades esvaziando uma taça de vinho cuja capacidade ultrapassa dois litros de um só gole; De qualquer forma, o jovem já se encontra em estado de embriaguez avançado. As quantidades de vinho absorvidas são consideráveis: um anfitrião, num epigrama da *Antologia Palatina*, calcula com o seu escravo o vinho que será necessário para uma reunião de oito pessoas; Ele estima que deveriam ter quatro *conges* de vinho puro, ou seja, cerca de treze litros, o que representa, uma vez misturado com água, cerca de quarenta litros de vinho. Assim, calculam-se cinco litros por coleta, se as quatro mulheres forem contadas em igualdade de condições com os homens. Os gregos bebem muito e é importante que o grau de embriaguez seja o mesmo para todos. É assim que Alcibíades obriga Sócrates a beber, para que fique “em uníssonos”, condição essencial para iniciar uma discussão.

Dançarinos, palhaços e acrobatas

“Então entraram flautistas, cantores e várias moças de Rodes, tocadoras de sambuca. Essas moças me pareciam completamente nuas, mas algumas afirmavam que vestiam túnicas... Depois, dançarinas itifálicas, cantoras, mulheres nuas que se equilibravam. entraram jogos de espadas e cuspidos de chamas... Entretanto chegou o 'palhaço' Mandrogenes, descendente, dizem, do famoso palhaço ateniense Strato Ele nos fazia rir muito com suas piadas e depois dançou com sua esposa, que tinha mais de oitenta anos.”

[66]

A busca pela embriaguez é ritmada por shows e diversões de todos os tipos, que também são indissociáveis do bom desenvolvimento de um *simpósio*. Aos músicos e bailarinos contratados cabe o cuidado de manter a alegria das confraternizações, sendo a música considerada indispensável ao prazer. Os pintores gregos representavam sempre, juntamente com as festas, estas jovens mais ou menos despidas, dançando ao som da flauta ou da lira, e muitas vezes os próprios convidados tornavam-se músicos para acompanhar os movimentos dos bailarinos. Mais raramente, os meninos também participam desses exercícios coreográficos. Harmonia e beleza geral que muitas vezes esconde brigas entre artistas, dispostos a tudo para serem notados. A hetaira Filinna conta assim à mãe como no dia anterior, num banquete, sua rival Thais quis aproveitar um baile para roubar seu amante Difilo:

“Thais levantou-se e começou a dançar, levantando bem alto a saia, como se fosse a única que tivesse pernas bonitas. Quando ela parou, Lamprias não disse nada, mas Difilo elogiou-a excessivamente pelo senso de ritmo e movimento; elogia o modo como seu passo estava em uníssono com a lira, e suas pernas bem torneadas, e mil outras bobagens, como se ela estivesse elogiando a Afrodite Sosandra de Calamis e não esta Thais, cujo físico você conhece bem. . Você a viu tomar banho conosco. Aí essa Thais (você sabe como ela é) começou a me lançar injúrias: 'Tem alguém aqui', ela disse, 'que, se não tivesse vergonha das pernas tortas, levantaria para dançar também.' ela seja a rainha da festa.”

[67]

A dança não é domínio exclusivo de profissionais contratados para distrair os convidados. Os próprios homens arriscam-se em figuras coreográficas, algumas delas muito sugestivas. É o caso do *Kordax*, dança de origem Lídia que tem sólida reputação de indecência entre os Antigos. Mas sempre se impõe uma condição a este jogo: os homens devem ter atingido um grau de embriaguez suficiente para realizá-lo, e é considerado rude dançar sóbrio.

Os shows de um *simpósio* também podem ser mais sofisticados, quando o dono da casa, ao invés de se contentar em alugar algumas garotas para a noite de um cafetão, vai até um verdadeiro organizador de shows e pede que ele venha realizar seus atos pessoalmente. No *Simpósio de Xenofonte*, os interlúdios artísticos interrompem diversas vezes a discussão dos encontros. Um siracusano que dirige um teatro de marionetes durante o dia e à noite é um "empresário de music hall", apresenta ao público as apresentações de sua companhia composta por três artistas: um flautista, um dançarino acrobata e um jovem tão bom um jogador de citar como ele é um dançarino. São entretenimentos de luxo, e este Siracusa ganha, diz-nos Xenofonte, números surpreendentes ao animar as noites dos atenienses. Os seus artistas apresentam números complicados e espetaculares que seguem uma gradação sabiamente calculada, de acordo com a progressão da embriaguez das festas, e pretendem excitar gradualmente a sua sensualidade. O show começa com números de dança e música. Toda a originalidade da bailarina reside no seu virtuosismo acrobático:

"Imediatamente a música começou a tocar flauta e uma assistente, que ficava ao lado da dançarina, entregou-lhe os aros, em número de doze. Depois de pegá-los, ela começou a dançar e jogou os aros para o alto, fazendo-os girar. Ela calculou a altura em que deveria jogá-los para recuperá-los um após o outro... Em seguida, entregaram-lhe um arco completamente coberto de adagas com a ponta voltada para fora. A dançarina, saltando, passou pelo arco e saltou novamente. Os espectadores temiam que ela se machucasse, mas ela executou seu número com grande habilidade... Entregaram à dançarina um banquinho, no qual ela se preparou para realizar contorções."

[68]

Se os dois primeiros exercícios da jovem permitem ao público admirar primeiro o seu vigor e depois a sua coragem, comparável à de um homem, Sócrates interrompe o último número: em que poderia ela encontrar prazer, diz ele, uma exibição perigosa? A pergunta do filósofo permite compreender melhor até que ponto o prazer é, para muitos gregos, essencialmente estético. O medo, que outros podem considerar um condimento adicional, nada tem a ver com esta busca pela voluptuosidade.

Jogos de tabuleiro, concursos de beleza e habilidades

Esses shows não são realizados de forma contínua, mas servem como intervalo entre as brincadeiras e a execução de canções de bebida. Um código estabelecido também impõe regras estritas às fantasias de convívio neste domínio, e nada nos desconcerta mais do que esta organização meticulosa, quase maníaca, que nos parece exigir, acima de tudo, espontaneidade e improvisação. As canções de mesa, por exemplo, ou *escólias*, são executadas alternadamente pelos participantes, e um ramo de murta circula de cama em cama para designar o cantor. Os concursos de todos os tipos, os enigmas, todos estes “jogos de festa” são resquícios de uma organização primitiva do banquete e respondem, sem dúvida, na sua origem, a exigências religiosas. Os gregos dos tempos clássicos já não compreendiam o valor sagrado destes ritos, mas continuaram a respeitá-los.

Muitas dessas diversões nos parecem infantis e têm pouca relação com a ideia que normalmente temos da cultura grega. Obviamente devemos levar em conta a crescente embriaguez das reuniões, o que faz vacilar a razão dos mais sábios. Muitos desses jogos, por outro lado, têm sem dúvida a intenção de testar a vacilante lucidez dos bebedores. Quando suas faculdades ainda estão intactas, eles se entregam a jogos “intelectuais”, enigmas, charadas, enigmas ou retratos.

Os convidados do banquete também gostam de organizar concursos de todos os tipos sobre as qualidades físicas ou intelectuais dos participantes. No *Simpósio de Xenofonte*, um concurso de beleza coloca comicamente Sócrates, que, como sabemos, é muito feio, e o jovem e belo Crítóbulo. Mais eróticos são os concursos onde competem os companheiros de festa, os dançarinos ou os músicos: são feitas comparações entre os seios, os quadris ou outras partes mais íntimas do corpo. Não é incomum que, no final do banquete, as mulheres sejam comparadas para ver qual delas faz melhor o amor. Há quem leve o refinamento a ponto de estabelecer, como nos Jogos Olímpicos, provas especializadas de acordo com as capacidades amorosas de cada uma das jovens.

Quanto mais a noite se prolonga, mais absurdos se tornam os desafios: o *simposiarca* ordena aos carecas que penteiem os cabelos, aos gagos que cantem e aos coxos que façam testes de equilíbrio. As festas tentam esvaziar os copos apoiados em uma perna só, o que à medida que a embriaguez aumenta se torna cada vez mais problemático.

"O filósofo platônico Agamestor tinha uma perna fina e completamente atrofiada. Para zombar dele, os partidos decidiram que todos deveriam beber equilibrando-se na perna direita, sob pena de multa. Quando chegou a vez de Agamestor dar uma ordem, declarou que todos deveria beber como o viram fazer. Ele mandou trazer uma jarra, colocou toda a perna atrofiada nela e bebeu o copo. Todos os outros perceberam que seria impossível imitá-lo e pagaram a multa.

[\[69\]](#)

Esta anedota, transmitida por Plutarco, pretende fazer-nos admirar a engenhosidade de Agamestor, que sai com humor de uma situação humilhante. Nos banquetes, é muito praticado o jogo que consiste em se equilibrar sobre um odre cheio de vinho, geralmente untado com óleo para reforçar a dificuldade. Não se trata de um simples entretenimento mais ou menos gratuito, mais ou menos estúpido, mas antes de uma sobrevivência de exercícios rituais, originalmente ligados ao culto de Dionísio.

O jogo dos cotabos

Mas o jogo que, na época clássica, fez mais sucesso foi *o dos cótabos*, com implicações ao mesmo tempo eróticas e dionisiacas. É um jogo curioso, vindo da Sicília e praticado pelos gregos nos séculos V e IV a.C. O bebedor deve esvaziar o conteúdo de uma taça e jogar as últimas gotas de vinho que sobraem na taça na direção de um prato ou um jarro colocado a alguma distância. Ao realizar este exercício de habilidade, o bebedor pronuncia o nome da pessoa, homem ou mulher, que deseja. Se o jato de vinho atingir o alvo com um ruído harmonioso, o jogador pode ter certeza de que possuirá a mulher ou o menino cujo nome invocou. Através do jogo dos cótabos, os festeiros geralmente compartilham as hetairas ou a música que os entreteve durante a noite:

"Como o barulho sonoro do vinho, semelhante ao clique do 'telefilon', foi ouvido contra o ventre do copo profético, sei que você me ama. Você imediatamente me mostrará que isso é verdade vindo dormir comigo a noite toda. Só então você me mostrará sua sinceridade e deixarei aqueles bêbados se divertindo com os cótabos, jogando ruidosamente o vinho na jarra.

[70]

Às vezes, quando as hetairas gozam de certa notoriedade, elas mesmas fazem o jogo e através dele escolhem o companheiro para passar a noite: em mais de uma copa do Sótão são vistas girando um grande *jarro na ponta do dedo*. As dificuldades se multiplicam para tornar o sucesso dos cótabos cada vez mais aleatório: por exemplo, o alvo que deve ser atingido é colocado em cima de um suporte que se equilibra. Quem acertar o primeiro tiro deve ser muito habilidoso!

Nenhuma "orgia" da época clássica estaria isenta deste jogo, e foi até encontrado nas paredes de um túmulo perto de Alexandria um desenho que representa dois esqueletos jogando cótabos na presença de outros três esqueletos. A intenção profunda deste entretenimento pode deixar-nos perplexos, e muito provavelmente o seu significado tornou-se cada vez mais obscuro para os próprios gregos, uma vez que já não é mencionado em documentos posteriores ao século IV a.C. Neste jogo encontramos três elementos essenciais para o banquete: a absorção do vinho, a exibição de habilidade e

erotismo. Por que os gregos lhe deram um lugar privilegiado entre os seus prazeres? Os cótabos perpetuam sem dúvida, de forma degradada, um rito específico da honra de Dionísio. Só assim se pode explicar a sua longevidade.

De qualquer forma, a escolha do acompanhante por meio dos cótabos cai em desuso a partir do século III a.C. Os participantes dos banquetes adotam então outro meio de expressar seus desejos: é jogado na mulher ou no menino, por exemplo, uma maçã ou um marmelo, frutos consagrados a Afrodite, renovando assim o gesto lendário do pastor Páris, quando lhe foi pedido, nas encostas do Monte Ida, que escolhesse a mais bela entre três deusas. O nome do escolhido está gravado na fruta, ou às vezes uma declaração deste tipo:

"Eu sou a maçã que alguém que te ama joga para você. Aceite-a, Xanthippe. Pois você e eu murçharemos um dia."

[71]

Uma festa é bêbada e agressiva? Ele questiona a escolha do vizinho, reivindica a moça para si, e muitas vezes o banquete, em sua fase final, degenera em briga. De acordo com a legislação ateniense, quando as partes não conseguem chegar a acordo sobre a distribuição de músicos e dançarinos, as jovens devem ser leiloadas. Mas essa discricção nem sempre é suficiente para acalmar os ânimos exaltados. O sábio Zenão de Cítio destaca-se no início de um banquete pela autoridade das suas frases: condena severamente a licenciosidade dos comensais, critica a presença da música, numa palavra, torna-se insuportável por causa de um puritanismo descabido. Mas, perto do final do banquete, o austero filósofo, sob os efeitos combinados do vinho e do desejo, briga com outro convidado, com quem disputa a posse de um flautista.

E shows eróticos

As cenas representadas nas taças áticas não deixam dúvidas sobre o caráter erótico dos finais do banquete. Aos pares, em grupos de três ou quatro, todos os participantes entregam-se então, se a bebida não os adormece, a jogos amorosos mais ou menos sofisticados. A maioria dessas cenas de orgia hoje possuem uma crueza e um realismo que podem surpreender um espírito despreparado. Contudo, qualquer que seja a cena representada, os artistas gregos sempre deram prioridade à composição harmoniosa do todo. Sem dúvida são técnicas pictóricas que falam do virtuosismo do pintor. Assim, podemos encontrar nestas obras a expressão da crença tipicamente grega segundo a qual o prazer é de uma essência superior e que a harmonia é uma das suas condições. Basta comparar as taças áticas com os afrescos romanos, que, sem mais ou menos realismo, representam temas idênticos: o artista grego tentou encontrar um equilíbrio na sua composição, e os temas mais horríveis estão perfeitamente integrados na pintura geral. . maneira de criar uma sensação estética. Mesmo que as suas pinturas tenham um valor artístico inegável, o pintor romano, por outro lado, limita-se geralmente a representar os prazeres das divindades ou dos humanos, e não tem procurado transmitir, através de uma cena erótica, uma concepção de volúpia.

Para excitar a sensualidade de seus convidados, o pródigo anfitrião costuma proporcionar-lhes a realização de um show sugestivo. No *Banquete de Xenofonte*, a festa encerra com uma mímica que representa a noite de núpcias de Dionísio e Ariadne:

"Trouxeram um divã de encosto alto e o empresário de Siracusa nos disse: 'Senhores, aqui está a câmara nupcial de Ariadne e Dionísio. Ariadne será a primeira a entrar, e então Dionísio o fará depois de ter bebido com os deuses. Ele se aproximará dela e eles se divertirão juntos.'"

"A primeira a aparecer foi Ariadne, vestida de recém-casada, e ela se sentou. Dionísio ainda não estava à vista, mas o flautista começou uma canção de bebida. professora de dança, Ariadna começou a mimar *a alegria que ele sentiu ao ouvir aquela música. Ele não correu para encontrar o deus, mas permaneceu em seu lugar, mas era evidente que ele estava tendo problemas para manter a calma. Quando Dionísio a viu, avançou em sua direção dançando amorosamente. Ele a sentou de joelhos e, abraçando-a, deu-lhe um beijo. Então ela*

imitou a confusão, mas por sua vez o beijou apaixonadamente. Vendo isso o povo começou a aplaudir e a gritar 'Mais um!'

"Então Dionísio se levantou, fez Ariadne se levantar, e os dois assumiram posições de amantes se acariciando com paixão. Diante do espetáculo desse lindo Dionísio e dessa linda Ariadne, que não atuavam mais, mas realmente uniram os lábios, todos os encontros começaram a. Tiveram a impressão de ouvir os jovens trocarem votos de amor, e poderiam jurar que o menino e a menina se amavam de verdade. Já não pareciam mímicos, mas sim amantes que finalmente tiveram permissão para fazer o que quisessem. . "Já fazia muito tempo. E finalmente eles foram vistos indo, intimamente ligados, em direção à cama."

Prudência ou embriaguez

Nem todos os banquetes terminavam em orgias selvagens como aquelas em que, segundo os seus acusadores, Neera participou em Atenas. Mas o rito do banquete não deve ser considerado muito inocente. Mesmo entre pessoas de “boa companhia”, como os atores dos diálogos de Platão e o erotismo ocupa o primeiro lugar. Os personagens do *Banquete de Platão* tomam o cuidado de especificar, desde o início da peça, que ainda estão afetados por uma sessão de bebida da qual participaram na noite anterior; Conseqüentemente, excepcionalmente, eles se contentarão em beber *por prazer* e não em atingir sistematicamente a embriaguez. Fato bastante raro que todos sejam obrigados a justificar sua atitude. Este artifício literário permite a Platão iniciar o diálogo que irá opor a coexistência sobre a natureza do amor. Mas o diálogo é interrompido pela chegada inoportuna de um grupo de celebrantes que ocupa o salão do banquete e obriga os convidados a beber sem restrições. E a peça termina, de forma muito clássica, com o espetáculo, ao amanhecer, dos convidados caídos nas camas, dormindo para se livrar da embriaguez. Na obra de Platão as mulheres foram dispensadas desde o início do banquete, mas geralmente permanecem com os convidados. Nos desenhos de vários copos podemos vê-los cuidando carinhosamente dos jovens doentes, apoiando-os nos seus passos vacilantes ou mesmo ajudando-os a vomitar.

Frequentemente, como acontece no banquete do Monte Colias, a embriaguez é geral e os próprios escravos, que servem os convidados, aproveitam para beber e fazer amor com mulheres demasiado embriagadas para distinguir entre homens livres e servos. Um epigrama da *Antologia Palatina* fala-nos de um incidente que ilustra o ambiente do final do banquete: um incêndio, sem dúvida provocado por um braseiro, devora rapidamente uma casa onde *se realiza um simpósio*. A embriaguez é tão generalizada que ninguém tem forças para escapar. Oitenta pessoas morreram, entre livres e escravos.

Essa ideia de prazer é típica de Atenas, Corinto ou de cidades altamente “evoluídas”. A maioria do povo grego ignora estes divertimentos ou, se os conhece, condena-os. O que mais, senão uma dissolução abominável, essas pessoas, que não apreciavam os refinamentos atenienses ou coríntios, poderiam ver no cerimonial do banquete? Uma delegação de Arcádios, que veio entrevistar o rei da Macedônia, Antígono Gonatas, é por ele convidada para uma festa, e é assim que vivem uma experiência surpreendente:

"Jantaram com os rostos sérios e austeros, conforme o hábito, sem olhar para nós nem para os outros. Mas quando começaram a beber e, entre outras diversões, entraram os flautistas tessálias, que dançam vestidos apenas com cinto, os homens não conseguiram se conter mais e, levantando-se abruptamente, começaram a gritar contra esse espetáculo surpreendente. Chamaram o rei de "abençoado" porque ele podia desfrutar dessas diversões e acrescentaram outras vulgaridades do mesmo tipo.

As partes degeneram

A embriaguez muitas vezes leva as reuniões sociais a distrações menos inocentes do que os jogos de empresa mencionados até agora. No final de uma bebedeira particularmente copiosa, Alcibíades e seus companheiros parodiam os Mistérios de Elêusis, uma das cerimônias mais veneradas pelos gregos. A juventude dourada de Atenas entrega-se, no final de um banquete, a uma ruidosa e sacrílega reconstrução da grande procissão que, uma vez por ano, mobiliza os piedosos de toda a Grécia. Você pode imaginar a cena: os convidados representam os *mistos*, Alcibíades assume o papel de *hierofante*, o sacerdote encarregado de explicar os mistérios aos futuros iniciados, seu amigo Teodoro representa seu assistente e Pulytion, o dono da casa, atua como o porta -tocha. Toda a hierarquia sacerdotal de Elêusis está assim representada nesta mascarada que o público em geral provavelmente teria ignorado se alguns escravos não tivessem línguas compridas.

Esta paródia, que os adversários de Alcibíades consideram uma afronta a toda a Grécia, e os seus amigos uma piada inocente de jovens embriagados, tem consequências incalculáveis. Acontece às vésperas da expedição à Sicília, da qual Alcibíades deverá assumir o comando. Brincadeira ou não, é fácil para os inimigos políticos do jovem denunciarem indignadamente a paródia, valendo-se das revelações dos escravos empregados na casa de Pulytion. E o bando bêbado de amigos de Alcibíades não se limita a caricaturar os padres; A festa termina mutilando os *quermes* da cidade . Já falamos sobre isso.

Provocação, desafio aos costumes da sociedade ateniense, tudo se combina nas brincadeiras da turma de Alcibíades. E muitos romanos da alta sociedade renovarão, séculos depois, estas paródias sacrílegas, estes desvios refinados da festa banal.

5 O FIM DA FESTA

As dificuldades do trabalho independente

“Como pensava que Frinion a tratava como uma prostituta vulgar, e não a amava como ela queria e não aceitava todos os seus caprichos, Neera decidiu abandoná-lo. As roupas ou as joias que ele lhe dera, ela fugiu com dois servos, Thratta e Coccalina, e veio se estabelecer em Mégara. Isso aconteceu sob o arconte de Astesios, na época da última guerra contra os lacedemônios (337 aC). .

Frínion? Um preguiçoso e um avaro! Nada mais é necessário para que Neera tome a decisão de abandoná-lo, aparentemente sem a autorização do jovem. Neera começa a sentir a passagem do tempo e percebe que, ao não passar as noites em banquetes ou obter sólidas vantagens pecuniárias, será impossível para ela se preparar para uma velhice protegida de todas as necessidades.

Liberta, dona de alguns objetos valiosos que pertenceram a Frinion, decide, com os dois pequenos criados que a acompanham em sua fuga, instalar-se em Mégara. Trabalhar por conta própria é um sonho que muitas hetairas acalentam. Mas a última aventura de Neera mostra claramente todos os obstáculos que as prostitutas sem proteção enfrentam.

Com efeito, Neera, na sua fuga, não tem a possibilidade de escolher o seu novo centro de residência: ficar em Atenas? Teria sido difícil para ele escapar da ira de Frinion e de uma eventual retaliação. Voltar para Corinto? Impossível para ela, sob pena de voltar a ser escrava, conforme cláusulas do seu contrato de libertação; Optou então por uma solução intermédia, fixando-se na cidade de Mégara, situada a meio caminho de Atenas e Corinto. É verdade que Mégara não goza entre as pessoas felizes de uma reputação comparável à de Atenas ou de Corinto. Mas em qualquer caso é uma cidade rica e animada, onde a vida é boa. Neera pode esperar fazer seu nome.

"Ela passou dois anos em Megara, sob os arcontados de Asteios e Alkistenes, mas seu trabalho não lhe rendeu o suficiente para suas despesas; ela era muito esbanjadora; os megáricos eram gananciosos e mesquinhos; não havia muitos estrangeiros de passagem e, para piorar as coisas, Megara estava do lado de Esparta e vocês, atenienses, controlavam os mares. Era impossível para ela retornar a Corinto, o que era proibido pelo contrato de libertação que ela havia assinado com Eucrates e Timanorides.

Em Mégara, Neera planejava receber visitas dos clientes que conquistara em Corinto como escrava de Nicareta e em Atenas como amiga de Frínion. Mas não leva em conta a guerra que, em 373 a.C., rebentou novamente entre as cidades gregas. 'A maioria dos homens tem preocupações mais urgentes do que organizar banquetes luxuosos. Os potenciais clientes que teriam vindo de Atenas para visitar Neera recusam-se a entrar em

Mégara, devido à simpatia que os habitantes da cidade demonstram por Esparta. A política de bloqueio praticada por Atenas à navegação marítima impede muitos mercadores (os clientes mais generosos das hetairas) de aceder aos portos gregos. Não é de surpreender que os prazeres sejam os primeiros a sentir o golpe desses tempos difíceis.

Além disso, Neera, acostumada desde a mais tenra infância a gastar sem fazer cálculos, nada sabe sobre a economia de uma casa. Mas agora ele deve cuidar do sustento da sua família: deve garantir o sustento dos seus dois servos e dos seus três filhos. Com efeito, em Mégara vemos Neera sobrecarregada com uma família própria, dois rapazes e uma rapariga, ainda crianças, cujo nascimento se situa, sem dúvida, neste período “megarense”. O acusador de Neera se abstém de nos dar detalhes sobre essas maternidades, mas o seu silêncio vale mais do que um longo discurso para nos provar as qualidades do coração da jovem. Neera pode ser esbanjadora e desonesta, mas pelo menos tem o mérito de ser dotada de sólido amor maternal. Ter guardado os três filhos, sem os ter abandonado, é algo suficientemente raro no mundo antigo para ser especialmente notado.

Até se estabelecer em Mégara, Neera levou uma vida relativamente privilegiada no mundo do prazer. Graças à reputação da sua amante Nicareta e à generosidade das suas amantes, conheceu, em Corinto e Atenas, os aspectos mais brilhantes da galhardia luxuosa. Devido às dificuldades de exercer seu ofício em Mégara, ela começa a retroceder um pouco na hierarquia da prostituição. É claro que os clientes que vêm à casa de Neera em Megara procuram os mesmos prazeres que os de Atenas: banquetes, danças, música. E os atrativos de Neera são sempre os mesmos: roupas luxuosas, maquiagens e joias. Mas embora o modo de vida continue o mesmo de antes, a jovem e sua família estão expostas a todo tipo de perigos que até então desconheciam.

A liberdade, de fato, faz de Neera e de todos aqueles que, como ela, se felicitam por terem escapado ao domínio de um cafetão ou de um patrão, seres vulneráveis cujas condições de vida são mais do que precárias. Sem protecção jurídica, devem lutar sozinhos para atrair clientela e, sobretudo, para retê-la, o que se torna o principal problema quando a juventude desaparece.

Isto explica por que a avareza, a gula, a coqueteria, a sujeira e a vulgaridade constituem um catálogo de defeitos habitualmente atribuídos às prostitutas na Grécia. É um dos temas preferidos do teatro cômico do século IV a.C., onde por questões de comodidade, as prostitutas são geralmente as únicas mulheres que aparecem no palco. Isso não significa que, a partir do século IV, as hetairas adquiriram um papel suficientemente importante na vida social para que os autores possam transformá-las em tipos com defeitos específicos? Mas, mais uma vez, o quadro quase sempre cômico das imperfeições comumente censuradas às prostitutas constitui na verdade um testemunho directo da precariedade da existência destas mulheres desclassificadas.

Mesmo aqueles que acreditam ter atingido o auge das suas carreiras são assombrados pela ameaça da miséria. A lembrança da fome, o medo de faltar o “mínimo da vida”, quando a beleza acompanha os amantes, a necessidade de fidelizar clientes através de todos os artifícios da maquiagem e do vestuário, todos esses fatores levam essas mulheres a dar pouca atenção ao sentimentalismo. Todas as hetairas, principalmente as que vivem sem protetor, têm um único desejo: garantir um futuro confortável por todos os meios

possíveis. Avareza, gula, coqueteria: sim, dão prova desses defeitos, nos banquetes, em todas as circunstâncias; eles exigem, acumulam, procuram. Mas estes vícios não são suficientes para esconder a miséria profunda, passada, presente e futura das cortesãs:

"Infelizmente eu!" exclama uma pessoa de uma comédia de Timocles: "Eu era amante de Friné na época em que ela comia carne de cabra e não tinha a fortuna atual. E apesar de todo o dinheiro que gastei com ela, sua porta agora está proibida para mim." " "

[74]

Mas precisamente para evitar que chegue o dia em que terá de voltar a “comer carne de cabra”, alimento dos pobres, Fryné abre a sua porta apenas a quem pode pagar-lhe um salário substancial.

Velhice e declínio

Mesmo o fim das “rainhas” do prazer, em Atenas ou Corinto, costuma ser miserável, se acreditarmos nesta cruel evocação de Laís no declínio da sua carreira:

"A própria Lais é uma bêbada e preguiçosa. Ela só se interessa pela comida e bebida do dia a dia, e me parece que se comporta como águias. Na verdade, esses pássaros, quando jovens, capturam suas presas para carregá-las. o ar até o topo das montanhas, onde os devoram. Mas quando começam a envelhecer, olham, famintos, para os templos dos deuses. E isso é considerado um sinal enviado pela divindade. considerada um prodígio e fresca, ela era indomável, por causa de sua fortuna, e foi mais fácil conseguir uma entrevista com o sátrapa Pharnabazos do que com ela, mas depois de passar pela longa carreira de seus anos, e com a harmonia de. o corpo dela já desbotado, está mais ainda "É fácil vê-lo cuspidor. Agora ele anda por toda parte; você pode pagar a ele até uma moeda de ouro ou três obols, e ele aceita tanto os velhos quanto os jovens, amigos, tanto. para que ele venha comer na hora."

[75]

É evidente que a sociedade grega não demonstra qualquer ternura para com estas mulheres, às quais não reconhece qualquer existência jurídica. A graça dos músicos e bailarinos que, nos desenhos dos vasos áticos, animam as reuniões de um banquete, o luxo ostensivo de certas hetairas, a aparente liberdade dos seus discursos e costumes, formam uma tela que nos esconde a fragilidade do seus direitos. Considerando tudo isso, essas mulheres, objetos que são comprados, vendidos e alugados, não têm chance de sobrevivência no mundo antigo, uma vez que perdem seu valor de mercado. Somente aqueles que assumem a liderança com astúcia ou engenhosidade têm alguma chance de passar uma velhice confortável. Os outros nem sequer têm direito a um gesto de caridade por parte dos seus antigos amantes, que pelo contrário se vingam cruelmente do desdém passado:

"Eu já te disse, Prodiké: 'Nós envelhecemos.' Eu te anunciei: 'O que destrói o amor vem rápido.' boca que perdeu a graça da juventude. E como você estava orgulhoso! Quem pensaria agora em aproximar-se de você ou agradar-lhe para obter algo de você?

[76]

Com efeito, são raros os que, apesar da idade avançada, ainda se orgulham de fidelizar os seus clientes. Existem alguns casos de longevidade na galanteria: os seus jovens clientes apelidam a bela Coroné de “A Avó”, porque, dizem, ela se prostituiu durante três gerações sucessivas e fez as primeiras armas com os avós. Mesmo que Corona

Ele começou a carreira muito jovem, de qualquer forma bate uma espécie de recorde. Sem dúvida, na sua maturidade conserva tanto encanto como aquele Ninon de Lenclos do século I a.C..

da qual a *Antologia Palatina* nos guardou a memória :

“Carito chegou ao limiar dos sessenta anos, mas a trança dos cabelos ainda é preta, as pontas dos seios brancos como mármore ainda estão eretas sobre um peito que não precisa de alças para se sustentar; a pele, perfeitamente lisa, continua exalando um perfume de ambrosia, toda sedução e toda graça. Vamos, amantes, não fujam de seus abraços ardentes e perfumados, vão até ela esquecendo o número de seus anos.

[77]

O que de facto espera a maioria destas mulheres, uma vez que deixaram de agradar, é a taberna, último refúgio de restos que já não têm lugar na brilhante sociedade dos prazeres. Um ateniense, Philoneos, quer se livrar de sua escrava concubina e se prepara para colocá-la em um dos bordéis da cidade. Mas a concubina fica sabendo com antecedência dos planos de seu senhor e pede a um vizinho uma boa receita de “retribuição de carinho”. A vizinha, por sua vez, tem reclamações do marido. Ele prepara um veneno, dá para a imprudente concubina e ela dá para os dois homens durante um banquete, acreditando que seja um filtro de amor. Filoneus e seu amigo morrem imediatamente e a pobre concubina, por querer fugir do bar, é torturada e executada.

[78]

A ilusão do casamento

Na realidade, a maioria das prostitutas procura o cidadão que lhes garanta uma velhice tranquila, estabelecendo-as na sua casa como concubinas. É por isso que Neera envolve com especial atenção um ateniense, Estéfano, que veio se estabelecer em Mégara em 371 aC. Ela o recebe em sua casa. Pela primeira vez ela não exige nada, e é ela quem dá os presentes, oferecendo generosamente a Stéfanos os objetos que roubou de Frinion. Generosidade interessada, como fica claro logo depois:

"Eu gostaria", diz ele a Stéfanos, "de me estabelecer em Atenas. Mas tenho medo de Frinion, que certamente se ressentirá de mim pelo que fiz a ele. "Ele é um bruto e eu gostaria que você fosse meu protetor."

[79]

"Então Stephanos a tranquilizou e animou-a: 'Se Frinion tocar em você, ele se arrependerá. Você será minha esposa, e eu chamarei seus filhos de meus; vou inscrevê-los em minha fratria e torná-los cidadãos. E ninguém vai tocar em você!'

"Então eles saem de Mégara e chegam a Atenas, acompanhados pelos três filhos de Neera, dois meninos, Proxenos e Ariston, e uma menina, Fano. Stefanos instala toda a família em uma casinha que tinha perto da capela de Hermes Murmurante viu duas vantagens neste procedimento: em primeiro lugar, ele teria de graça uma bela cortesã e, além disso, ela lhe daria algo para viver e alimentar os moradores da casa "ele não tinha ocupação confessável e vivia do dinheiro que tinha". obtido através de chantagem."

Esta oferta de "união conjugal" que Stéfanos faz a Neera é obviamente aquela que toda hetaira um tanto "madura" deseja receber. Tornar-se concubina de cidadã, tornar-se burguesa e levar uma existência quase comparável à das mulheres livres, é o ideal destas mulheres sempre ameaçadas pela miséria.

Esta não é uma união legal entre uma hetaira e um cidadão; Trata-se simplesmente, para a prostituta, de mudar de estatuto, de se tornar concubina do seu protetor:

"Temos concubinas para os cuidados diários."

Uma posição invejável, dado o futuro habitual que aguarda as velhas prostitutas. Stéfanos e Neera não se contentam com esta união “paralela”, perfeitamente aceitável perante a lei e a sociedade. Eles querem armar uma verdadeira farsa, se passando por um casal legítimo. Circunstância agravante: ao matricular os filhos de Neera em sua *fratria*, Stéfanos deu-lhes direitos e prerrogativas de filhos de cidadãos. Este crime é particularmente grave aos olhos dos atenienses, sempre tão ansiosos por preservar a pureza da sua raça. O julgamento tentado contra Neera, as punições solicitadas para ela e seu “marido”, comprovam a gravidade de um crime que a lei e a moral atenienses punem severamente e sem exceções.

Certamente há outros casais que, como o de Stéfanos e Neera, usurpam o título do casamento legítimo. O orador Iseo, num dos seus discursos, acusa o rico ateniense Euktemos de uma fraude comparável à de Estéfano. Na verdade, matriculou em sua *fratria* o filho de sua liberta, que dirige uma casa de prostituição no Cerâmico. Mais prudentemente, muitos gregos preferem contentar-se com a coabitação com as suas concubinas. Articulações duráveis são excepcionais. Mas foi o caso da hetaira Herpyllis. Escolhida como companheira por Aristóteles, a quem deu um filho, Nicodemos, destinatário da *Ética a Nicômaco*, Herpílis conviveu com o filósofo até sua morte. Aristóteles toma o cuidado de recomendá-la aos seus executores, pedindo-lhes que dêem a Herpílis, “em memória da sua fidelidade”, uma casa com móveis, escravos e uma boa soma em dinheiro.

Estes casais sólidos, que asseguram às prostitutas uma velhice tranquila, são raros em qualquer caso e, seguramente, a maioria dos homens, quando se cansam das suas companheiras, não hesitam em abandoná-las, pois nenhuma lei os obriga a mantê-las. Há muitos que, como o ateniense Philoneus de quem falamos acima, se livram deles colocando-os nos bares da cidade. Escravas ou libertas, concubinas “aposentadas” também podem ser relegadas para uma das fazendas de seus senhores, ou empregadas na cozinha, o que afinal não é tão ruim. Na *Samia de Menandro*, o ateniense Demeas vive em concubinato com uma prostituta. Ele suspeita que ela teve relações com o filho dele; Ele então expulsa a jovem de casa e recebe conselhos de um vizinho para vendê-la por um bom preço. O amor ou o hábito nunca são suficientes, salvo algumas exceções, para fazer um ateniense ou um coríntio esquecer que a mulher que vive ao seu lado é de origem servil. O infortúnio de uma velhice miserável ou o conforto relativo de uma gentrificação precária: é assim que as hetairas encerram a carreira, e nem mesmo as mais famosas ficam ao abrigo dessas vicissitudes. Lais de Hyccara, vítima de um trágico incidente, morre no auge da carreira. Apaixonada por uma tessália, a sua beleza provoca ciúmes nas mulheres da Tessália, região onde se retirou com o amante. Os tessálios arrastam a hetaira para um santuário de Afrodite e matam-na espancando-a com bancos de madeira. É raro ver, como neste caso, as mulheres “honestas” da Grécia expressarem o seu ódio às prostitutas. A morte atroz de Lais pode tê-la poupado de um fim ainda mais lamentável.

Flagrante crime de extorsão

"Então Neera continuou exercendo seu ofício, mas se obrigou a pagar mais com o pretexto de que havia se tornado respeitável e tinha marido. Ela e Stéfano extorquiam dinheiro de seus clientes. Quando encontraram um cliente rico e ingênuo, eles o ameaçaram com uma ação de adultério e, como pagamento pelo seu silêncio, tiraram-lhe uma grande quantia. E precisavam, pois não podiam pagar as despesas. casal, os três filhos, as duas empregadas e uma criada, e Neera, com quem as pessoas sempre gastaram dinheiro, nunca aprendeu a se privar de nada.

A existência do casal Stéfanos-Neera desde que se estabeleceram em Atenas dá-nos um vislumbre do mundo, ao mesmo tempo sórdido e lamentável, dos pequenos trabalhadores do prazer. Num bairro popular da cidade, construído sob a proteção de um Hermes Murmúrio, talvez padroeiro dos informantes, a casinha de Stéfanos, com seus oito moradores, viverá do trabalho de Neera. Para os vizinhos, para a polícia, ela não é mais Neera, a hetaira, mas Neera, esposa de Stéfanos. Penetramos assim no universo daqueles que aproveitam clandestinamente os benefícios da prostituição, sem perderem os seus privilégios de cidadãos.

A pessoa de Stéfanos é-nos apresentada pelo seu acusador como alguém especialmente desprezível: depois de aceitar os presentes de Neera, felicita-se por ter encontrado uma mulher cujo trabalho poderá viver, e aumenta a sua reputação de "bandido". o de um extorsionista. Na verdade, as intenções de Stéfanos ao fazer Neera ser sua esposa estão longe de ser honestas. É simplesmente um subterfúgio que visa fazer com que os clientes atraídos pela beleza de Neera paguem mais. Graças à sua falsa condição de esposa legítima, Neera obtém grandes lucros com o exercício clandestino de seus talentos. O casal encena uma antiga legislação ateniense que permite ao marido matar o amante da esposa se o apanhar em flagrante delito, ou levá-lo a julgamento por adultério.

Um dos discursos mais famosos de Lysias ilustra as consequências desta legislação. O orador defende Eufiletos, culpado de ter matado um certo Erastótenes. Em sua defesa, Eufiletos afirma que descobriu Erastótenes no quarto de sua esposa e que, legalmente, com a ajuda de seus amigos, o matou. Detalhe interessante para melhor compreender a atuação do casal Stepanos-Neera: antes de morrer, o pobre Erastótenes teve tempo de oferecer ao marido enganado uma quantia em dinheiro como compensação pelo seu adultério, dinheiro

que Eufiletos rejeita com virtuosa indignação. Certamente nem todos os maridos têm a delicadeza dos Eufiletos. E alguns conseguem mesmo, com a cumplicidade das suas esposas, surpreender os culpados e extrair-lhes compensações substanciais. O caso não deve ser isolado; Na verdade, a lei ateniense, que resolutamente não deixa nada ao acaso, prevê punição para aqueles que extorquem dinheiro por alegado adultério ou raptarem os culpados e exijam um resgate.

Neera e seu “marido” saberão tirar o melhor proveito desta legislação: eles criam com habilidade o cenário de um crime flagrante e escolhem estrangeiros, mais fáceis de enganar, como vítimas preferenciais. Na verdade, pode-se presumir que os estrangeiros não conhecem bem a lei ateniense. O que poderia ser mais simples do que assustá-los com supostas dificuldades judiciais? Muitos pequenos extorsionários utilizam esse tipo de manobra, o que lhes proporciona uma renda considerável. Além disso, a vida de Neera é marcada por esta chantagem: todos aqueles que lucraram com suas atividades profissionais geralmente o fizeram usando a legislação de maneira hábil e fraudulenta: a cafetina Nicareta faz passar suas aposentadas por meninas livres, para pedir grandes somas a seus clientes; o ateniense Estéfano encena julgamentos de falso adultério com a cumplicidade de Neera; e, por fim, o casal usará a filha de Neera para praticar novas extorsões.

Quando a hetaira vira cafetão...

Na verdade, Neera, à medida que envelhece, prefere deixar o trabalho de custear as despesas domésticas para a filha Fano, de certa forma substituindo a mãe. A princípio, o caminho escolhido para a menina é o da honrabilidade: ela é casada com Frastor, um jovem ateniense de boa família, pobre e trabalhador, e espera-se obviamente que este casamento contribua para estabelecer, na opinião do público, a cidadania da família de Stéfanos. Mas o casamento logo revela seu fracasso: Fano herdou hábitos luxuosos de sua mãe e se recusa a se submeter ao estilo de vida honesto e modesto que deveria levar com Frastor. Com efeito, para esta jovem que conheceu uma existência livre e brilhante na casa da mãe, a vida reclusa e monótona de uma mulher casada “honesta” rapidamente se torna insuportável. O marido também suspeita da cidadania da esposa e a devolve à mãe grávida. Neera, com diversas manobras, tenta amenizar Frastor, mas uma decisão judicial invalida o casamento de Frastor e Fano, e seu filho é rejeitado pela *fratria* paterna.

Mais uma vez, Stéfanos e Neera recorrem a diversos meios para manter a casa. Será mais uma vez uma chantagem que Stéfanos usará para armar uma armadilha para fazer cair um antigo cliente de Neera:

"Epainetis de Andros já foi uma das amantes de Neera e gastou muito dinheiro com ela. Quando ele veio a Atenas para vê-la, ficou na casa de Neera. Stefanos preparou uma armadilha para ele. Sob o pretexto de uma cerimônia religiosa, trouxe Epainetos ao campo, fingiu apanhá-lo em flagrante de adultério com a filha de Neera e, sob ameaças, fez-lhe prometer pagar trinta minas."

Stéfanos conhece bem o procedimento do flagrante delito, mas desta vez a máquina se volta contra o seu autor. Epainetos, apesar de ser originário de Andros, conhece a legislação ateniense. Ele escapa das garras de Stéfanos e tenta acusá-lo de sequestro ilícito. Ele nega ter cometido adultério porque, afirma, não pode haver adultério quando a mulher em questão é aposentada de um bar ou pega clientes na rua. Pois bem, a casa de Stéfanos é um verdadeiro escritório de prostituição e o próprio Stéfanos se comporta como um comerciante vulgar. O julgamento teria tido um mau resultado para Stéfanos se este não tivesse conseguido, através de abundantes lamentações e promessas, comover os jurados. Este “nobre pai” conseguirá ainda extrair do seu adversário e vítima a soma de mil

dracmas, oficialmente destinada a servir de dote que garantirá um futuro próspero e pacífico a Fano:

"Você se aproveitou daquela garotinha e é justo que você dê a ela um presentinho."

A decisão da conciliação também estabelece que Epainetos terá prioridade sobre Fano: ela deverá estar à sua disposição quando ele passar por Atenas.

O casamento escandaloso do Rei Arconte

Mas a última maquinação do casal Stéfanos-Neera irá levá-los à perdição. Eles acreditam que nunca conseguirão estabilizar sua situação material se se limitarem a esses expedientes miseráveis e aleatórios que são a chantagem. Então eles decidem levar o grande golpe. Stefanos inicia um relacionamento com Teógenes, um jovem ateniense da mais alta nobreza, mas tão tolo quanto nobre. Este Teógenes acaba de ser escolhido por acaso como rei arconte, e os atenienses lhe confiarão um dos cargos de maior prestígio da cidade. Com efeito, devido às suas funções essencialmente religiosas, o arconte-rei deve realizar e dirigir as cerimónias oficiais da religião ateniense. Um grande sacerdote, portanto, que tem nas mãos, durante um ano, o futuro religioso da cidade.

Stefanos rapidamente envolve Teógenes e o dá em casamento a Fano, fingindo mais uma vez que ela é sua filha. É assim que uma estrangeira, filha de uma prostituta e também de uma prostituta clandestina, torna-se esposa do rei arconte e, durante um ano inteiro, preside os ritos mais veneráveis de Atenas. Ela recebe o juramento das sacerdotisas de Elêusis, dirige os Mistérios e torna-se, segundo a tradição, a esposa mística do deus Dionísio. Todas estas cerimónias rituais estão carregadas de pesados significados simbólicos e a sua profanação por uma estrangeira, que também é prostituta, põe em perigo o equilíbrio sagrado da cidade. A impureza resultante pode provocar um terrível castigo dos deuses sobre todos os cidadãos. Stefanos e Neera não se contentaram, desta vez, em fazer qualquer burguês cair numa aventura cujo único perigo é o ridículo: desta vez o casal abalou os próprios alicerces do Estado, e é toda a comunidade que corre o risco. sofrer as consequências.

Já o dissemos: em Atenas tudo se sabe muito rapidamente e os boatos públicos rapidamente lançam dúvidas sobre a honorabilidade de Fano. O conselho do Areópago então faz uma investigação secreta sobre os antecedentes da esposa do rei arconte. Os pesquisadores não têm problemas em reconstruir a história de Neera, Stéfanos e Neera. O primeiro é punível com multa de mil dracmas por ter casado com estrangeiro; Além disso, por ter feito passar uma estrangeira por filha e por tê-la dado em casamento a um cidadão, ele poderá ser privado dos seus direitos cívicos e os seus bens serão confiscados. Quanto a Neera, que usurpou o título de esposa de cidadão, corre o risco de ser novamente vendida como escrava.

O resultado do processo não nos é conhecido, mas a história “exemplar” de Neera mostra como é difícil, ou impossível, para uma hetaira integrar-se perfeitamente no corpo social da cidade. E o acusador de Neera explica claramente porque é que a fronteira entre as esposas dos cidadãos e as prostitutas deve permanecer intransponível. Neera deve ser condenada sobretudo por razões morais, uma vez que tolerar o seu crime significaria que ela seria considerada em pé de igualdade com uma prostituta e uma mulher honesta:

“Que cada um de vocês pense, ao votar, em sua esposa, em sua filha, em sua mãe, na cidade, nas leis, na religião, e não rebaixe sua honra ao nível desta prostituta. Nossas mulheres, educadas com modéstia e com tanto cuidado por suas famílias, nossas mulheres casadas conforme a legislação, sejam publicamente degradadas à categoria desta mulher que várias vezes ao dia mantém relações atrevidas com numerosos homens, conforme o desejo de cada um.”

Há também razões que se referem à distribuição das mulheres na sociedade, como os Antigos concebiam esta última. Se fosse reconhecido que Neera se casou legalmente com Stéfanos, seria o primeiro passo, imagina o acusador, de uma convulsão completa do mundo, e nenhuma lei poderia resistir a essa convulsão:

“As prostitutas gozarão das mesmas prerrogativas que as mulheres livres (ou seja, o direito de casar com um cidadão) se, com total impunidade, puderem enviar ao mundo filhos legítimos, como quiserem, participar nos Mistérios, nas cerimónias sagradas, nas todas as dignidades concedidas às esposas dos cidadãos.”

O julgamento de Neera é exemplar: em nenhum outro lugar a vida dos excluídos da sociedade grega é descrita de forma tão brutal. Em nenhum outro lugar percebemos melhor como a civilização grega forjou uma visão harmoniosa do mundo, mas à custa da multidão de marginalizados.

6 O REINO DO PRAZER

"Toda a Grécia suspirou às portas de Lais..."

"Havia em Atenas uma bela mulher chamada Teodoté, sempre pronta a dormir com quem soubesse convencê-la. Um dos ouvintes de Sócrates falou dela e disse que faltavam palavras para descrever a sua beleza. veio à sua casa para fazer seu retrato e que ela lhes mostrou tudo o que a decência permitia. 'Vocês devem ir vê-la', exclamou Sócrates, 'pois não se pode ter uma ideia, por meio de palavras, de uma beleza indescritível.'

"'Siga-me então', disse ele ao seu interlocutor.

"Foram à casa de Teodoto, que encontraram posando para um pintor... Sócrates viu que estava suntuosamente decorada, e que sua mãe, ao lado dela, também usava roupas elegantes; os criados eram numerosos, bonitos e bem vestidos; quanto à casa, estava mobiliada com todo luxo."

[\[80\]](#)

Luxo, harmonia, beleza: uma visão idílica do estilo de vida de certas prostitutas nesta sociedade que as rejeita. É notável o contraste entre a existência áurea de certas hetairas e a situação precária da maioria dos marginalizados, dos excluídos da sociedade antiga, dos que se amontoam nos bairros da cidade, sempre em busca de recursos para sobreviver. O universo de Theodoté e seus pares é o das prodigalidades loucas, do descuido desenfreado que ousa tudo. É, no seio do classicismo grego, a vida das "cocottes" do Segundo Império, das "semi-mondaines" da Belle Époque. Mas, ao contrário dos seus herdeiros do século XIX, as hetairas gregas não têm o álibi de uma carreira teatral. No máximo, começaram a exercer seu ofício dançando ou tocando flauta em banquetes.

Já encontramos várias vezes esta aristocracia de cortesãs gregas, cujo papel por vezes foi histórico: as duas Lais, Gnathaena e a sua neta Gnathaenion, Friné ou Thais, e muitas outras, cujos nomes excitam os fantasmas dos Antigos... e dos Antigos. Modernos, na medida em que evocam prazeres, frivolidades, desde que não se espie o reverso da decoração que tantas vezes nos apareceu na história de Neera.

Cada uma destas mulheres públicas tem entre os seus clientes os homens mais famosos da Grécia ou de outras regiões do mundo mediterrânico. Se o seu encanto e beleza explicam em parte o seu sucesso, muitas vezes é o acaso, um encontro providencial, que lhes permite passar da escravidão à alta galanteria, com mais sucesso do que Neera. Teria a pequena Lais, trazida como escrava da Sicília para Corinto, "toda a Grécia a seus pés" se o pintor

Apeles não tivesse ficado impressionado com sua beleza nascente ao vê-la beber água da fonte do Pirene?

Estas hetairas, ao mesmo tempo companheiras, ornamentos e musas, têm contribuído, ao lado dos seus amantes, para a notoriedade dos círculos artísticos, literários ou mesmo filosóficos, que prosperam em Atenas, Corinto e mais tarde em Alexandria. O talento de muitos artistas, a inspiração de muitos escritores gregos, deve muito à beleza destas mulheres. Os dois maiores artistas da Antiguidade, o escultor Praxíteles e o pintor Apeles, compuseram as suas obras mais notáveis tendo como modelos Friné e Laís. Os companheiros de filósofos e discípulos, como já vimos, são parte integrante das reuniões filosóficas e sua presença não choca exceto para espíritos estéreis ou maliciosos, a tal ponto faz parte a ideia de prazer, no universo grego, da vida cotidiana. Por isso, os mais talentosos entre os profissionais do prazer logo adquirem o talento de saber tornar-se indispensáveis e vendem seus favores por alto preço:

Naquela época, a orgulhosa e invencível Grécia

Ela era escrava da beleza divina de Laís.

Eros a gerou, Corinto a criou.

Repousa nas famosas planícies da Tessália.

Esse é o epitáfio de Laís, a pequena escrava transformada em rainha do mundo dos prazeres gregos, assassinada pelas mulheres da Tessália por causa da sua beleza. Que longo caminho foi percorrido desde a promulgação da legislação ateniense! O legislador, na sua "sabedoria", deu às prostitutas uma única função: preservar a pureza da raça grega, separando os jovens das mulheres casadas, e proporcionar prazer aos gregos sem remorsos e sem consequências. Mas estas mulheres, através do prazer, souberam conquistar um lugar especial numa sociedade onde eram apenas consideradas objetos. Graças a eles, as relações amorosas adquiriram uma nova dimensão, que Sólon e os demais legisladores não puderam prever.

Tudo parece opor o escravo comprado, vendido, alugado como objeto de consumo, à cortesã refinada, cujo esplendor deslumbra Sócrates; e ainda assim, embora evoluam em dois universos diferentes, nunca são estranhos um ao outro. A pequena escrava espera, através de seus encantos, chegar à invejável situação da famosa hetaira, mas esta corre sempre o risco, caso perca a beleza, de voltar à miséria. Mas que vingança, para estas hetairas de luxo, reinarem sobre uma sociedade masculina e aristocrática, que quis negá-las como seres humanos:

"Por ocasião de uma festa, Gnathaenion desceu ao Pireu para encontrar ali um comerciante estrangeiro. Ele fez a viagem com toda simplicidade, em lombo de mula, acompanhado por três escravos, três criadas e uma jovem enfermeira. A coisa ficou mais estreita, eles se depararam com um infeliz lutador que sempre apanhava dos competidores esportivos. Ele não conseguia passar e o obrigaram a se afastar. Aí ele gritou: 'Maldito seja, se você não sai do meu caminho. Vou jogar você no chão com seus servos.' E Gnathaenion

respondeu: 'Meu pobre amigo, isso seria impossível para você, já que você nunca foi capaz de jogar ninguém no chão.'

[\[81\]](#)

Esta pequena Gnathaenion, tão jovem que ainda está acompanhada pela sua ama, com a sua companhia luxuosa, a sua discreta demonstração de opulência, o seu atrevimento e o seu raciocínio rápido, é irmã das cortesãs que conhecemos nos romances do século XIX. Gnathaenion é a Nana de Zola, que comparece ao Grande Prêmio de Paris, reclinada voluptuosamente em seu carro; Ela é a Rosanette de Flaubert que olha com desdém de seu carro para as mulheres honestas e para a esposa de seu protetor. Mas há uma diferença entre as "cocottes" do século XIX e os seus antepassados helênicos: a prosperidade das hetairas gregas constitui um desafio, não para a virtude das mulheres legítimas que nunca conhecem, mas para o mundo bem organizado das mulheres. os cidadãos, um mundo por outro lado demasiado bem organizado para poder preservar inalteradas as suas estruturas.

A estátua da intemperança grega

Mas há algo mais surpreendente: estas hetairas não se contentam em ser ricas; Eles também querem deixar evidências imperecíveis de sua glória efêmera. Para quem se lembra das suas origens servis e da pouca consideração que goza a sua profissão, as oferendas honorárias que algumas hetairas altivas recebem não podem deixar de surpreender. Os Antigos citam com admiração ou desprezo os ostensivos monumentos que as prostitutas ergueram nos locais mais frequentados da Grécia, santuários religiosos, mecenas de peregrinação ou grandes rotas. A provocação é evidente: estátuas, ex-votos ou outras oferendas não têm o menor significado religioso, são desafios aos bons costumes, a toda a ordem social, e cada uma dessas famosas conseguiu encontrar uma forma de flertar com seu nome ao monumento mais ostentoso, mais marcante, mais luxuoso.

Friné possui uma estátua de bronze revestida de ouro, esculpida por Praxíteles, colocada sobre um pilar de mármore em Delfos. A localização desta obra de arte é escolhida com cuidado: a efígie da cortesã encontra o seu lugar entre as estátuas que homenageiam os reis lacedemônios e macedônios, em frente ao templo de Apolo Pítio. É um dos últimos monumentos da estrada sagrada por onde marcham os peregrinos, que param diante da resplandecente imagem da prostituta.

"É a estátua da intemperança grega!" exclama o cínico filósofo Crates ao ver este troféu. Um interlocutor num diálogo de Plutarco observa, com razão, que a estátua de Friné simboliza nada mais do que a vitória (pacífica) da beleza e dos prazeres, enquanto os monumentos que a rodeiam comemoram as guerras, os saques e a violência.

Rhodopis, uma das glórias de Náucratis, dá provas, quase dois séculos antes, do mesmo equilíbrio de Friné. Este antigo companheiro de escravidão do fabulista Esopo, comprado pelo irmão da poetisa Safo, quer deixar à Grécia um monumento suficientemente original que não se compara a nenhum outro. Com um décimo da renda que sua profissão lhe proporciona, ele manda fazer imensos fusos de metal, que instala em frente ao templo de Apolo em Delfos - divindade especialmente apreciada pelas hetairas. É uma paródia óbvia do costume que as cidades gregas têm de consagrar a um deus o décimo do saque tirado ao inimigo.

¹⁸²¹A prodigalidade e a riqueza de Rodopis têm tal reputação que os gregos atribuem à prostituta, apesar de toda plausibilidade cronológica, a construção da Grande Pirâmide de Mycerinus.

Mesmo em Esparta, cidade sem fama de libertinagem, a prostituta Cottina mandou colocar a sua estátua, ao lado da de uma vaca de bronze, no templo de Atena Chalkioikos, protectora da cidade. Sinal de misericórdia? Trata-se antes de uma afronta deliberada por parte de um servo de Afrodite, que honra a Virgem “hostil a Afrodite”, como Homero chama Atenas. A fama de Cottina é tão grande em Esparta que um dos bordéis mais famosos da cidade leva seu nome.

E quando não são as próprias hetairas que exibem os troféus “tomados na intemperança grega”, são os seus amantes que o fazem. O macedônio Harpal, amigo de Alexandre e governador da Babilônia, apaixona-se perdidamente pela ex-escrava Pythonicé, cortesã tão famosa em Atenas quanto em Corinto. Após a morte da jovem, Harpal, inconsolável, mandou erguer um suntuoso monumento na estrada sagrada entre Atenas e Elêusis em memória de Pythonicé. Ele escolheu o local com muito cuidado: é o lugar preciso onde os viajantes vindos de Elêusis veem pela primeira vez a Acrópole e o Partenon da estrada. O túmulo, o templo e o altar que compõem o complexo têm dimensões tais que transeuntes desavisados acreditam estar diante de um monumento erguido pelo Estado ateniense em memória de Péricles, Miltíades ou algum outro grande homem.

Mas é sem dúvida Friné quem tem a palma da mão no domínio da provocação insolente à sociedade grega. Depois que a cidade de Tebas foi totalmente demolida por Alexandre, o Grande, em 335, ela se ofereceu para reconstruir as muralhas da cidade às suas custas, com a única condição de que uma inscrição proclamasse ao mundo: "Alexandre a destruiu, Friné, a prostituta, a reconstruiu." "

O nascimento da paixão

Mas testemunhar ao mundo sobre a própria riqueza e esplendor não é tudo. É preciso também ser amado e tornar-se verdadeiro amante daqueles que quiseram reduzir as prostitutas a uma simples função utilitária. Os gregos, desde a época de Péricles, adotaram uma atitude diferente, já vimos, no que diz respeito aos pensionistas dos bares, simples objetos de um prazer passageiro, e às hetairas, empresas ornamentais indispensáveis à harmonia de uma vida. .bem regulamentado. Já não é apenas prazer que os clientes venham comprar deles, mas os sentimentos começam a entrar em jogo nas relações estabelecidas entre as cortesãs e seus amantes. Esta metamorfose do prazer foi favorecida na época da fundação das monarquias helenísticas: a modificação das estruturas sociais, a influência das civilizações orientais, a alteração das mentalidades e dos costumes.

Num mundo onde os homens estão cada vez mais livres de preocupações políticas e cívicas, as festas e as distrações em geral assumem um valor predominante. É assim que a função das cortesãs é “revalorizada”. De repente, as meninas apresentam suas reivindicações: não só não querem ser tratadas como simples objetos sexuais, mas exigem ser amadas pelos seus protetores. Num dos *Diálogos das Cortesãs*, Ampelis queixa-se de que um dos seus amantes nunca vem chorar ou suspirar à sua porta, nunca demonstra transe amoroso; Ele só pensa em dormir com ela, sem pensar nas mil delícias que, aos olhos de uma jovem, estão na base dos relacionamentos amorosos. O que a Ampelis pretende, na verdade, é encontrar entre os seus clientes uma atitude de submissão incondicional, de devoção abençoada. Serviiis e obedientes, é assim que se apresentam os jovens que daqui em diante povoarão as comédias e os poemas alexandrinos e muitas outras obras literárias. Estas mulheres “ingénuas”, tímidas ou desajeitadas, estas mulheres resplandecentes e soberanas, encenam a evolução irresistível das “relações de força” entre homens e mulheres, o que explica a criação daqueles tipos literários, improváveis no tempo de Aristófanes, modelados na realidade na época de Menandro. E, claro, comediantes ou poetas raramente evocaram esposas legítimas. São as cortesãs que assediam seus amantes a ponto de fazê-los enlouquecer. A “senhora sem piedade” tem ancestrais distantes (é a gota d’água!) entre as hetairas das noites loucas de Corinto, Atenas ou Alexandria. Nos poemas alexandrinos floresce a hipérbole: a cortesã é adornada com todos os presentes: os olhos de Hera, as mãos de Atena, os seios de Afrodite, a voz de Calíope ou a sabedoria de

Têmis. Os amantes tornam-se cativos, e o abençoado que ela escolhe passa à categoria de imortal.

Estas surpreendentes mudanças de mentalidade manifestam-se especialmente a partir do século IV, quando a civilização grega “clássica” deu lugar a outras formas de cultura mais cosmopolitas, mais tingidas de orientalismo, numa época em que o individualismo triunfou na arte, na literatura, na própria vida quotidiana . Através das modificações do prazer nas sociedades gregas, é toda uma civilização que vemos transformar-se. As hetairas, as prostitutas, cuja única razão de existir nos tempos clássicos era dar prazer aos homens em bares ou em banquetes, tornaram-se pessoas muito atenciosas. De escravas submissas, transformam-se em damas exigentes. É claro que, legalmente, continuam à margem da sociedade hierárquica e expostos a todos os perigos que evocamos. Mas que vingança notória contra esta sociedade!

Pois bem, o prazer amoroso não é a única coisa que se tornou tema essencial de muitas obras literárias. Com ele entram na literatura o namoro das paixões amorosas, as angústias, as torturas do ciúme, tudo o que consideramos tradicionalmente ligado ao amor. Estamos longe, nos poemas alexandrinos, do estudo psicológico da paixão tal como apresentado nas grandes tragédias clássicas. Um abismo separa os heróis de Ésquilo, Sófocles ou Eurípides, daqueles que frequentam os ambientes galantes das cidades gregas. Mas, mesmo que o amor de um poeta por uma das mariposas de Atenas ou de Alexandria não pertença à categoria das paixões sujeitas ao destino divino, será que existe uma diferença tão grande entre as duas épocas? O universo dos poemas eróticos, das novas comédias, não é mais o dos deuses ou dos heróis dos ciclos mitológicos, mas as rivalidades amorosas pelos belos olhos de uma hetaira também são manifestações de paixão. Os caprichos de uma amante cruel que zomba do amante, a longa espera por um olhar, por um simples gesto da mulher amada, tornam-se temas literários no século III. É o universo da comédia, da poesia elegíaca e, finalmente, do romance.

Sólon queria preservar a raça ateniense das impurezas do adultério; O filósofo Aristipo classifica Laís ao nível de “bens de consumo comuns”. O legislador e o filósofo estavam longe de prever as relações ambíguas mantidas nas comédias de Menandro ou de Dífilo pelas cortesãs, pelos jovens de boa família ou pelos veneráveis velhos. Seria muito fácil ver nada mais do que uma convenção teatral e argumentar que os papéis femininos no teatro só poderiam ser representados por cortesãs, uma vez que as mulheres jovens e livres estavam confinadas ao gineceu e não tinham oportunidade de conhecer homens fora da sua família. . Na verdade, deve-se considerar que as novas comédias passaram pelo processo inverso; Na verdade, é o papel preeminente do prazer na vida “cotidiana” dos séculos III e IV que levou os autores a torná-lo um tema literário, logo quase o único. O teatro de Menandro oferece ainda esta particularidade (como seria mais tarde o caso de Terêncio): as cortesãs aparecem dotadas de generosidade e de grande alma, em oposição à prostituta tradicional, interessada e gananciosa. Talvez o amor de Menandro pela hetaira Glycera o inspire naquelas heroínas que não se conformam com a imagem que os gregos têm das mulheres públicas e das mulheres em geral. Diz-se mesmo que, não querendo separar-se desta Glicera, Menandro rejeita todas as magníficas ofertas que lhe foram feitas pelo rei Ptolomeu, que queria atraí-lo para Alexandria.

"As prostitutas são as rainhas dos reis..."

Como se pode surpreender, nestas condições, que se tenha desenvolvido uma mitologia do prazer, uma mitologia que terá uma vida longa. A partir do momento em que os homens encontram alguma resistência nas hetairas e são obrigados a se curvar à vontade dessas mulheres, o prazer deixa de ser espontâneo e natural. Assim, lendas começam a ser forjadas em torno das figuras mais notáveis do mundo do prazer. As hetairas mais famosas dos séculos V e VI tornam-se imediatamente heroínas de mil anedotas, umas mais fantásticas que outras. Glorificação da profissão que certamente teria deixado perplexos os contemporâneos de Péricles.

Aqui, por exemplo, está esta versão antiga da *Cinderela*, cuja heroína é a famosa Rhodopis de Naucratis. Completamente fantástica, a história tem o mérito de pelo menos colocar algum sonho em um mundo onde os sentimentos tiveram tão pouco espaço: enquanto se banha no rio, uma águia pega uma das sandálias que deixou na margem e a transporta ela para Memphis, onde o rei está fazendo justiça ao ar livre. A águia deixa cair a sandália nos joelhos do rei. Maravilhado com a beleza do objeto, o rei procura por todo o Egito o dono da sandália. Ela é descoberta em Naucratis e, segundo a lenda, Rhodopis se casa com o rei. Certamente também na época Alexandrina a construção da Grande Pirâmide é atribuída a este mesmo Rhodopis. Na verdade, Rodópis foi libertado pelo irmão da poetisa Safo, Charaxos de Mitilene, que comprou esta mulher de beleza ofuscante por um preço muito alto.

Se nem todas as hetairas se casam com reis, não é menos verdade que se tornou comum, desde os tempos helenísticos, que chefes de estado, generais, grandes personagens fossem acompanhados em todos os momentos e em todos os lugares por um número maior ou menor. número de favoritos, geralmente recrutados entre dançarinos, músicos ou outras prostitutas. O prazer torna-se tão inseparável da vida cotidiana que poucos ficam chocados com o espaço e a consideração crescentes que essas belas companheiras ocupam. É verdade que já na era clássica, homens políticos como Temístocles ou Alcibíades provocavam a opinião pública ao aparecerem nos lugares mais respeitáveis com algumas das prostitutas mais conhecidas do seu tempo.

Os reis da Pérsia, especialmente, querem dar um (mau) exemplo aos gregos. Estes últimos ficam muito surpresos com a presença de verdadeiros exércitos de mulheres que acompanham Xerxes ou Dario em todas as suas campanhas militares. Estas não são obviamente as prostitutas comuns, que na Grécia, na Pérsia ou noutros lugares seguem os exércitos para o “descanso do guerreiro”. Não, aqui se trata de prazeres mais refinados, mulheres bonitas, acomodações elegantes e boa comida, distrações variadas e luxuosas, das quais esses soberanos não conseguem se separar, mesmo em suas expedições distantes. Após a captura de Damas por Alexandre, o inventário dos bens de Dario mostra-nos a presença de 329 concubinas musicais entre a multidão de escravos que zelam pelos prazeres do rei.

[83]

Surpreendidos por tais práticas, os gregos logo foram tentados a imitá-las. Foi assim que Alexandre, o Grande, em suas campanhas distantes, foi escoltado por uma tropa de hetairas, das quais a mais famosa foi a ateniense Thais. Uma presença constrangedora, por vezes perigosa, pois estas senhoras têm caprichos de consequências incalculáveis quando se pensa no episódio do incêndio de Susa (ou Persépolis, segundo outras tradições). No decorrer de uma bebedeira, que reuniu Alexandre e sua equipe no momento mais crucial da campanha contra Dario, Thais lança, em meio à embriaguez geral, a ideia de queimar a capital do rei persa, e isso com um atrevimento que a insolente Friné teria aprovado:

“Seria bom para mim dar uma festa incendiando o palácio daquele Xerxes que incendiou Atenas, e eu mesmo quero colocar as chamas diante dos olhos do rei, para que todos possam dizer: As prostitutas do exército de Alexandre, em o nome da Grécia, vingaram-se.” dos persas com mais energia do que todos aqueles almirantes e generais famosos.”

[84]

Dito e feito. Ocorre uma verdadeira procissão dionisíaca de oficiais coroados, brandindo tochas e uivando canções de bebida: sob a orientação de Thais e seus companheiros, eles correm pela cidade, passando pelo acampamento macedônio. E, espetáculo surpreendente, os soldados, acordados pela gritaria, juntam-se à procissão. A orgia degenera numa manobra militar, da qual Alejandro, uma vez sóbrio, se arrependerá.

Os reis, conquistadores, não hesitam em saquear os santuários para oferecer às mulheres ou aos rapazes que os acompanham os testemunhos da piedade dos gregos. O tirano de Fócida, Fayllus, apreende um vaso de prata e uma coroa de hera dourada do tesouro de Delfos e os dá ao flautista Bromias. O comandante focida da terceira Guerra Sagrada, Philomelos, oferece a uma dançarina tessália, Pharsalis, uma coroa de louros dourada, consagrada pelos Enidianos ao Apolo de Delfos. Este dom sacrílego provoca a morte da bailarina: quando dança na praça pública de Metaponte, é massacrada por jovens que querem apoderar-se da famosa coroa.

[85]

De todos os reis helenísticos, é sem dúvida o rei da Macedônia, Demetrios Poliorquetas, quem, irresistivelmente levado a todos os prazeres, comete mais excentricidades. Por mais grande soldado que seja um libertino irreprimível, ele nunca viaja sem uma corte de prostitutas, que o empurra para as piores loucuras. Ele escolheu como companheiras as mulheres de extravagância mais notável: Leena, Manía, "A Louca", Anticyra, Chrysis e, sobretudo, Lamia, uma flautista muito mais velha que Demetrios, e que vem do saque levado no cerco de Chipre .

Desafiando todas as leis humanas e divinas, Demetrios é o rei mais famoso do seu tempo. Ele obedece a todas as fantasias, a todos os caprichos de seu harém, e as consequências são tanto mais imprevisíveis quanto maior for o poder do rei. Após a captura de Atenas em 307 a.C., Demétrio instalou os seus favoritos no Partenon e entregou-se a orgias escandalosas com eles, ainda mais ímpias porque tiveram lugar num dos mais venerados santuários de Atena, protectora da cidade. Fidípides, um poeta da época, escreve:

"Ele fez um covil na Acrópole e instalou as prostitutas na casa da Virgem."

Demetrios se orgulha de zombar das leis divinas, e tem santuários dedicados à suposta Afrodite Lârias ou Leenas construídos em diferentes cidades da Grécia, divinizando assim seus amantes e forçando os gregos a adorá-los.

Além disso, Demétrio também ridiculariza as leis humanas: impõe uma contribuição de 250 talentos aos atenienses, uma soma considerável que representa mais de 500 vezes o preço de um escravo de luxo; Ele dá essa quantia prodigiosa a Lamia e às outras prostitutas que o acompanham, apenas para que possam pagar pelos seus cremes de beleza.

[\[86\]](#)

“As prostitutas são as rainhas dos reis”, disse então sabiamente o cínico Diógenes.

Prazer à moda Alexandrina

Alexandria será a capital do prazer no século III, para os gregos, os orientais e, mais tarde, para os romanos. Mas cidades do delta como Naucratis e Canopus já gozavam de uma forte reputação de imoralidade muito antes da fundação de Alexandria:

"Naucratis, pátria das hetairas famosas pela sua beleza." "Canopo, a Prostituta."

Mas é sobretudo Alexandria que oferece aos seus visitantes, além de uma vida intelectual de primeira linha, todas as distrações imagináveis, vindas do Oriente ou do Ocidente. Por mais de três séculos, Alexandria deu o tom para o resto do "mundo civilizado". Restam-nos muito poucos testemunhos sobre as festas alexandrinas, e apenas a "aura" da cidade sobrevive através das imitações que fizeram por toda a bacia do Mediterrâneo.

São os alexandrinos que colocam na moda os dançarinos orientais com os seus "chocalhos", uma espécie de castanholas, que adaptam os ritmos egípcios aos gostos da sua clientela cosmopolita. O Egito helenístico é também a pátria dos "*cinaedi*", os belos com talentos cruéis, muitas vezes dançarinos, músicos ou cantores. Esses adolescentes gozam de uma reputação extraordinária quando foram treinados nas cidades egípcias, e os romanos faziam grande uso deles em seus espetáculos. De toda a bacia do Mediterrâneo as pessoas vêm para "abastecer-se" em Alexandria e Canopus, grandes mercados internacionais para prazeres depravados.

E além disso, perversão do prazer, vê-se desenvolver em Alexandria o gosto pelo monstruoso, pela deformidade e pela feiúra. É a "moda" dos deformados, dos aleijados, dos anões, dos corcundas, das infelizes vítimas destinadas a despertar os sentidos, a excitar tendências viciosas. Múltiplas estatuetas da época testemunham essas "curiosidades" alexandrinas.

Capital do prazer, Alexandria exhibe sem remorso a sua especificidade: os mais belos palácios da cidade têm nomes de prostitutas famosas, flautistas ou atrizes mímicas. E se Roma, nos seus tempos heróicos, herdou da Grécia a concepção da festa, foi Alexandria que lhe inspirou, na época imperial, um modo de vida feito de requinte excessivo, suavidade voluptuosa, perversão e depravação.

SEGUNDO

O MUNDO LATINO A CIDADE

7 ROMA DE PLAUTO

O Fórum Romano

"Eu lhe direi onde você pode encontrar sem muito esforço os homens que procura, perversos ou virtuosos, honestos ou canalhas. o templo de Vênus Cloacina. Maridos ricos, pródigos em seu dinheiro. Você os encontrará perto da Basílica. Lá você também encontrará prostitutas murchas, e aqueles que alugaram seus corpos para alugar. mercado de peixe. Na parte baixa do fórum andam os honestos. No centro, perto da Cloaca Máxima, os que jogam poeira nos olhos. Os insolentes, os charlatões e os invejosos perto do Lago Curtius. seus vizinhos, eu poderia falar bem. Perto dos Antigos Comércio há cambistas e usurários. Atrás do templo dos Castores há quem não seja confiável. e os açougueiros, os que contam a sorte, os que se prostituem e os que oferecem prostitutas. Em Leucadia Oppia, encontram-se maridos pródigos ricos."

[87]

Esta digressão numa comédia de Plauto é uma passagem curiosa, onde o poeta evoca de forma concisa e resumida a animação que se pode observar, no início do século II a.C., no Fórum Romano. Sob o pretexto de uma enumeração satírica, na verdade nos dá uma ideia precisa de qual era o centro da vida romana logo após a Segunda Guerra Púnica: a maioria das atividades políticas ocorre no Fórum; No Fórum estão os monumentos mais venerados da religião romana; E no Fórum, em suma, são realizadas transações de todos os tipos, das honestas às mais duvidosas.

Homens políticos, artesãos e comerciantes, charlatões, vigaristas e batedores de carteira, parasitas, homens e mulheres à venda em busca de clientes, todos convivem nesta praça pública. A multidão é compacta, já que a superfície do Fórum é pequena, cerca de cem metros de comprimento por sessenta metros de largura. O Fórum Republicano preservará durante séculos a originalidade de não responder a nenhuma norma arquitetônica. Os restantes fóruns da cidade, construídos na época imperial, bem como aqueles que as cidades provinciais construíram imitando Roma, apresentam-se como grupos coerentes, cujos monumentos, harmoniosamente dispostos em torno de um eixo central, respondem

aos critérios estéticos vindos do Oriente. . Helenístico. Por outro lado, a disposição caprichosa do Fórum Romano, a acumulação incoerente de edifícios na sua área, ainda hoje surpreende os visitantes. Mas neste espaço restrito se concentra toda a vida de Roma, trabalho e lazer, tristeza e prazer. A multidão cosmopolita e barulhenta que se reúne nesta modesta praça pública a qualquer hora do dia e da noite contribui para torná-la um espetáculo incomparável.

Reuniões políticas, campanhas eleitorais, motins sangrentos, cerimónias religiosas, sacrifícios solenes, procissões triunfais, tudo acontece no Fórum, no meio das bancas de peixe, carne ou legumes, ao barulho dos pequenos artesãos, oleiros, joalheiros ou cambistas. Nas origens de Roma, neste local existia apenas uma zona pantanosa que servia de cemitério. Ainda resta um vestígio do período clássico, o minúsculo Lago Curtius, no centro da praça. No século VI a.C., graças à secagem do pântano e à pavimentação do terreno, o local tornou-se habitável e tornou-se o centro da vida romana. Delimitado pela Via Sacra ao norte e pela Via Nueva ao sul, o Fórum inclui os centros essenciais da vida política: a *Cúria* onde se reúne o Senado, o *comício* onde se realizam as assembleias eleitorais, as *rostris*, a tribuna de arengas, de onde os oradores, “perjúrios” e especialistas em falsas promessas, segundo Plauto, fazem seus discursos. Ao redor de toda a praça existem edifícios sagrados, o templo de Saturno, o Templo dos Castores, o santuário redondo de Vesta, o convento das Vestais e a casa do Grande Pontífice, chefe da religião oficial.

Tudo isto está de acordo com a imagem solene que os manuais escolares dão do Fórum Romano, e estamos longe do obscuro universo dos prazeres. Porém, tal como na Ágora de Atenas, tudo se conjuga para criar as condições perfeitas para uma vida paralela. Na verdade, as atividades comerciais, agrupadas nas ruas que dão acesso ao Fórum, incentivam idas e vindas, encontros de todo tipo. A norte e a sul, a praça é delimitada pelas Lojas Antigas e pelas Lojas Novas, no tempo de Plauto ainda ocupadas por talhos, peixarias e vendedores de frutas e legumes. Há também barracas de cambistas e ourives, por onde circulam prostitutas e cafetões, espionando a aparência de um cliente rico. São sobretudo os becos que levam ao Fórum que têm má reputação: a rua dos Toscanos, ou Vicus Tuscus, o Argileto que leva a Subura, a rua dos vendedores de incenso ou Vicus Turarius, a rua dos fabricantes de jugos ou Vicus Jugarius. Perfumistas, joalheiros, cordeiros e barbeiros reuniram-se nestas vielas, mal escondendo outras atividades comerciais mais clandestinas. Estas ruas constituem um dos locais de caça preferidos das prostitutas. É evidentemente em torno das barracas dos joalheiros e dos cambistas, locais onde o dinheiro circula, que os fornecedores de prazeres são mais numerosos.

“Há quase mais lenos (comerciantes de escravos) e prostitutas permanentemente instaladas em torno dos postos dos banqueiros do que moscas ao sol”, exclama uma pessoa numa comédia. ‘Impossível contá-las, porque creio que há mais putas do que balanças de cambista.’

A nordeste do Fórum, muito perto da Régia, residência do Grão-Pontífice, foram descobertos vestígios arqueológicos de um bordel, talvez propriedade da mesma Leucadia

Oppia que Plauto nos conta que arruinou maridos ricos. É a melhor prova de que em Roma o sagrado e o profano coexistem sem problemas. Bem perto, um pequeno albergue deve ter tido o mesmo destino.

Lembremos finalmente que o Fórum é atravessado em toda a sua largura pela Cloaca Máxima, o grande canal coletor, ainda descoberto na época de Plauto. Os cheiros a excrementos, os odores a peixe e a carne, os aromas fortes das bancas dos perfumistas, o fumo das cozinhas ao ar livre, todos estes eflúvios penetrantes, muitas vezes pestilentos, são inseparáveis da imagem do Fórum Romano, pois devemos representá-lo para nós próprios em a época de Plauto. É igualmente difícil imaginar o barulho que reina do amanhecer ao pôr do sol. Ainda tolerável para os contemporâneos de Plauto, tornar-se-á uma praga na era imperial. A isso devemos acrescentar a poeira, os engarrafamentos nas vielas que dão acesso à praça, a aglomeração constante em torno dos homens políticos e das suas procissões de clientes. É um turbilhão que atordoa os cidadãos que vêm da campanha romana para cumprir as suas obrigações eleitorais. Por sua ingenuidade rústica e seu espanto atordado, eles são presas fáceis para todos os tipos de golpistas que cobrem o Fórum. E depois, aleatoriamente ao longo do passeio, estão os charlatões, os videntes, os bobos, os declamadores de boa sorte, todos os marginalizados da cidade em busca do seu sustento diário. O Fórum é, em suma, uma combinação surpreendente: imaginemos a Câmara dos Deputados, Notre Dame, as discotecas de Pigalle e o mercado de Halles reunidos num pequeno espaço. Esta é, aliás, aproximadamente a imagem que a praça mais frequentada de Roma deve ter apresentado por volta do século II a.C..

Uma cidade mal concebida

Tudo leva ao Fórum e suas atividades se espalham pelos bairros que o cercam. Uma das peculiaridades do centro da Roma Antiga é a ausência de uma delimitação estrita entre “bons bairros” residenciais e favelas, o que advém da configuração particular da cidade e de suas sete colinas. Na verdade, originalmente existiam pântanos no local onde seria construída a cidade e, naturalmente, os primeiros habitantes instalaram-se nas colinas mais saudáveis. Mas a partir do momento em que a população de Roma se torna importante, os imigrantes, os estrangeiros, os pequenos comerciantes em busca de novos mercados, os bandidos expulsos das regiões vizinhas, não encontram outro lugar para se estabelecerem senão nas depressões naturais que separam as colinas. Evidentemente, são locais insalubres por definição, ameaçados pelas cheias periódicas do Tibre. Estas favelas ainda estão lamacentas; O cheiro da fermentação torna-se intolerável no verão, e os restos do pântano são responsáveis pelas terríveis febres que ameaçam permanentemente os habitantes.

Em primeiro lugar, a sul do Fórum, encontra-se o Velabro, o bairro que se estende entre o Capitólio e o Palatino e se estende até ao Grande Circo, um dos locais privilegiados da prostituição romana. Além estão as docas do Tibre, as docas, muitas outras regiões cuja reputação é mais do que duvidosa. Ao norte do Fórum, estendendo-se a Via del Argileto entre o Esquilino e o Viminal, o bairro de Subura, populoso e malfadado, com fama, desde os primeiros séculos de Roma, de abrigar a mais miserável prostituição. O Velabro e o Subura são dois “riachos”, de certa forma, que desembocam no Fórum vindos do norte e do sul.

Estes bairros de Velabro e Subura, tal como em Atenas, têm ruas estreitas e sinuosas, ladeadas por vielas, ruas inclinadas ou com degraus que acompanham o traçado das colinas. Nenhum verdadeiro plano urbanístico presidiu à sua construção, e é o caso de todo o centro de Roma. Na verdade, após a captura de Roma pelos gauleses em 390 a.C., não resta muito da cidade: casas privadas e edifícios públicos e religiosos foram destruídos, queimados e Roma apresenta a imagem angustiante do caos. A opinião pública é favorável a uma emigração massiva do povo romano para a cidade vizinha de Veies. Mas o ditador Camilo opõe-se vigorosamente a este abandono e consegue convencer os seus concidadãos a reconstruir a sua cidade no mesmo local. Facilidades excepcionais são concedidas aos empresários que devem acelerar esta reconstrução: telhas fornecidas pelo Estado, direito

de levar pedras e madeiras sem restrições onde quer que se encontrem. A única obrigação que os empresários devem respeitar é terminar a reconstrução da cidade no prazo de um ano. É uma decisão louvável, mas os resultados são mais do que questionáveis. Na verdade, na pressa da reconstrução, ninguém se preocupa em seguir um plano de planejamento urbano; Todos se apressam em construir sua casa onde acharem melhor. “Onde havia um vazio, uma casa foi construída”, observa Titus Livy sobriamente. É fácil imaginar que a cidade, depois desta reconstrução ultrarrápida, esteja muito longe de apresentar um aspecto harmonioso: ruas de traçado irregular por onde os transeuntes avançam dolorosamente, caminhos sinuosos entre casas dispostas ao acaso. A Roma republicana, e mais tarde a Roma imperial, conservará para sempre os vestígios desta pressa dos contemporâneos de Camilo.

Desde a época de Plauto, as populações mais deserdadas foram amontoadas em edifícios de vários andares, as *ínsulas*. A superpopulação tem favorecido a multiplicação desses arranha-céus, construídos de forma precária, sempre à beira de desabar ou pegar fogo.

“Roma espalhada por colinas e vales, cujas casas se elevam andar após andar e parecem suspensas no ar, sem ruas convenientes, com ruas muito estreitas...”

[88]

As paredes das *ínsulas* são tão finas, a sua construção tão deficiente, por economia de dinheiro e de tempo, que basta uma violenta tempestade para as derrubar, como aconteceu no ano 60 a.C. A concentração humana nestes edifícios é surpreendente: sem dúvida São mais de 500 mil pessoas alojadas nesses bairros, que cobrem uma área mínima da cidade. Aos incêndios, terremotos e outras catástrofes naturais que ameaçam os habitantes das *ínsulas*, somam-se os problemas provocados pelo valor das rendas, em perpétuo aumento, uma das principais causas da dívida “endêmica” da plebe.

[89]

Subura, o Grande Circo e Trastevere

Nestas *ilhas insalubres e perigosas*, as condições de vida são particularmente difíceis. Porém, quem ali tem alojamento pode ser considerado privilegiado em relação aos mais miseráveis, que dormem na rua, sob os arcos de casas ou monumentos. Ao contrário das cidades modernas, Roma, rodeada pelas suas muralhas, não tem bairros suburbanos, e os recém-chegados, cada vez mais numerosos durante os últimos dois séculos da República, acumulam-se no centro.

Tudo isto permite compreender melhor que nem Subura, nem o Velabro, nem o bairro Gran Circo são exclusivamente “bairros quentes” destinados ao prazer, à prostituição. São, na verdade, bairros superpovoados, onde coexistem pequenos artesãos, miseráveis, marginalizados, escravos fugitivos, ladrões ou criminosos procurados. Sapateiro, ferreiro, fiandeiro, tecelão, pregoeiro, fabricante de sandálias ou perucas, são alguns dos ofícios cujas marcas foram encontradas na Subura. Júlio César, em início de carreira política, não desdenha, apesar da nobreza da sua família, viver numa modesta casa deste bairro, o que é sem dúvida uma manobra demagógica do futuro líder dos *Populares*. Por outro lado, César nada mais faz do que imitar uma iniciativa de Caio Graco: este último, de facto, durante o seu segundo período como tribuno da plebe, abandona a sua mansão aristocrática no Palatino para se instalar nestes bairros populares que rodeiam o Fórum. ; marcando assim espetacularmente seu divórcio da nobreza.

Devido à sua superpopulação, Subura está destinada a abrigar ocupações à margem da vida urbana. Nos miseráveis mercados de suas ruas, tudo o que é roubado nos demais mercados da cidade é revendido a preço baixo: frutas, verduras, carnes, roupas roubadas, tudo se encontra em Subura, e os ladrões, no enxame incessante da multidão, a sua impunidade está garantida. Subura é também o refúgio ideal para aqueles “criminosos” da Antiguidade que são escravos fugitivos; Nesta população cosmopolita, eles têm uma oportunidade imbatível de se fundirem numa multidão que raramente censura a autoridade. Todos aqueles que se dedicam ao tráfico clandestino, às transações ilegais, encontram a sua segurança naquele labirinto de vielas, vielas e galerias.

Essas razões permitem compreender por que Subura e o entorno do Circus Maximus se tornam bairros especializados na prostituição de baixa categoria. Aqueles que vêm aqui em busca de prazeres baratos são os mais infelizes da cidade romana: escravos, imigrantes, carregadores nas docas do Tibre. Por causa da sua miséria, os habitantes mais

desfavorecidos destes bairros encontram na prostituição das suas filhas ou das suas esposas um meio de ganhar dinheiro, e os romanos estão bem conscientes da falta geral de encanto dos profissionais de Subura:

"Vocês querem encontrar entre essas prostitutas miseráveis, esses amigos dos jovens trabalhadores, esses refugos mal servidos para padeiros cobertos de farinha, essas meninas famintas, fedendo a perfume ruim, prazeres repugnantes da escória dos escravos? Eles cheiram a fumaça de suas favelas, onde passam o dia sentadas esperando Nunca um homem livre quis tocá-las ou levá-las para casa, aquelas velhas sujas que os escravos mais nojentos alugam por dois óbolos... Essas meninas aqui, aquelas chatas, doentes. , lamentáveis, prostitutas, dois obols, verdadeiros esqueletos que cheiram a perfume barato, mulheres feias que assustam com seus pés e pernas deformados como paus.

[\[90\]](#)

Com esses profissionais de Subura, adolescentes de boa família, que ainda carecem de dinheiro para sustentar uma cortesã, fazem seu aprendizado amoroso: "na idade em que minha toga branca me permite ir a Subura", diz o poeta Pérsio para evocar seu adolescência e seus primeiros prazeres.

[\[91\]](#)

Há uma região em Roma de fama ainda pior que Subura, pior ainda que o bairro do Circus Maximus, e é Trastevere, a planície que margeia a margem direita do Tibre, portanto fora da própria cidade. Na era republicana praticamente não se podia falar de casas nesta planície. A sua própria insegurança faz dele o refúgio dos mais miseráveis dos miseráveis. Todo um mundo obscuro e perturbador, formado por estrangeiros, pessoas à margem da lei, desconfiados das autoridades, acampa aqui e atravessa diariamente o rio para tentar ganhar ou roubar os poucos sestércios de que necessitam para viver na cidade. A proximidade dos cemitérios, a presença das florestas sagradas que servem de esconderijo aos criminosos, fazem de Trastevere um lugar temível para os romanos, e quem se atreve a aventurar-se nessas zonas sinistras é muito raro entre os habitantes da cidade, especialmente. à noite.

Comparado com estes ilhéus sórdidos e perturbadores, o Monte Aventino, tradicional sede da plebe, pode ser classificado como um bairro "burguês". Mas sob a República é uma região habitada pelas classes populares. Ao contrário de Subura e do Velabro, os habitantes do Aventino pertencem em sua maioria à plebe romana ou são libertos ricos. São então pessoas privilegiadas que beneficiam das vantagens inerentes ao título de cidadão romano. No final da República, os mais pobres entre estes plebeus são gradualmente eliminados das alturas do Aventino, onde apenas os ricos permanecem. Estes pobres expulsos refugiam-se no sopé do Aventino, na zona dos grandes Mercados que foram construídos às margens do Tibre por volta do século II aC.

Nas encostas do Aventino os cafetões mantêm prostitutas e músicos de luxo, que alugam à moda grega, por dia, mês ou ano. Também neste bairro as prostitutas livres

costumam se estabelecer quando querem manter um certo “status”. O Aventino é o bairro da galanteria luxuosa, oposto à miséria e à sujeira de Subura ou Velabro.

Desastres naturais

Amontoados em edifícios barulhentos e insalubres, os moradores de favelas estão expostos a todos os perigos que a natureza ou a sociedade nunca deixam de suscitar. Com efeito, Roma é periodicamente vítima de catástrofes naturais: a história da cidade é marcada pelos terremotos, ainda frequentes em Roma naquela época, e pelas inundações do Tibre. Quase todos os anos o rio inunda a cidade a ponto de tornar inabitáveis as regiões situadas no sopé dos morros.

“Ele subiu tanto (em 54 a.C.) que inundou os bairros mais baixos da cidade, chegando até aos bairros mais altos. as pessoas que não procuraram refúgio a tempo nas alturas permaneceram nos telhados de suas casas, ou nas ruas, e morreram.”

[92]

Devemos acrescentar as geadas ou a onda de calor, que desde o início da República tornaram a vida precária nas miseráveis ruas de Subura ou Velabro. A fome, o desemprego, o desamparo são as sequências inevitáveis destas catástrofes.

As epidemias

Mas são sobretudo as epidemias que causam estragos na população romana. As “pragas” marcam a história dos primeiros séculos de Roma e, embora seja difícil dar-lhes um nome preciso, as suas consequências são bem conhecidas por nós. Com certas variantes, tudo se desenvolve como naquele sinistro ano de 459 a.C.: às ameaças que os exércitos itálicos impõem à cidade, acrescenta-se uma terrível epidemia no início do mês de agosto:

“A época foi particularmente insalubre e houve um período de epidemias na cidade e nos campos, tanto para os homens como para o gado. A epidemia tomou grande força, porque os camponeses, com medo do saque, refugiaram-se na cidade com os seus rebanhos. Promiscuidade de criaturas de todos os tipos, cheiros incomuns para os cidadãos, aglomeração de camponeses em cabanas. E a todos esses tormentos se somavam a onda de calor e a insônia. Ao cuidar uns dos outros, as pessoas espalhavam o contágio.

[93]

Sinal da ira divina, esta “praga” de 459 é especialmente terrível pelo número de vítimas: além dos refugiados ou dos habitantes das favelas, a maioria das autoridades romanas, cônsules, áugures e outros, perecem na epidemia. É uma praga terrível também pela sua duração: só depois de um ano a doença diminui lentamente, talvez graças às orações públicas ordenadas pelo Senado.

O espetáculo da morte onipresente alimenta um gosto desenfreado pelo prazer entre os sobreviventes. Os jovens nascidos de famílias patrícias distraem-se, durante esta grande epidemia de 459, andando pelas ruas estreitas de Subura e praticando inúmeras violências: o mais inocente (!) é despir os infelizes que têm o azar de se deparar com o grupo. Às vezes as coisas acabam mal: no decurso de uma destas expedições, um dos jovens nobres mais orgulhosos da cidade, Ceson Quinctius, e os seus amigos, chocam-se com o tribuno da plebe, Volscius Fictor, a quem os seus deveres públicos obrigaram a visitar. esses bairros plebeus. Começa uma briga e Ceson mata o irmão do tribuno com um soco.

[94] As doenças reaparecem regularmente em Roma, e as vítimas inevitáveis são as camadas mais pobres da cidade:

“Uma epidemia que, no ano anterior, havia atacado o gado, este ano (174 a.C.) fez-se sentir nos humanos. as vítimas eram escravas. As ruas ficavam cobertas com seus cadáveres, que ficavam insepultos. Nem mesmo os homens livres eram enterrados. Os cadáveres, que não eram tocados pelos cães ou pelos abutres, se decompunham lentamente. que nem naquele ano nem no ano anterior houve aves de rapina, apesar da grande mortalidade de gado e de homens.”

[95]

Além das “pestilências” havia também doenças endêmicas, como a malária, que afectavam permanentemente os habitantes dos bairros baixos e ainda pantanosos.

[96] A nobreza e a burguesia romanas evitavam passar o verão em Roma e, assim, escapavam às suas febres. Desde o primeiro calor, os ricos deixaram a cidade e instalaram-se nas suas casas de campo ou nas praias, onde passavam os meses quentes. Por outro lado, os mais pobres não tinham possibilidade de sair de Roma durante o verão. E é neste período que as deploráveis condições de higiene, apesar dos esforços dos romanos para dotar a cidade de uma rede de esgotos, são responsáveis por muitas mortes. Tradicionalmente, para os romanos, o verão é a época dos desfiles fúnebres. E os habitantes dos bairros de lata de Roma carregam nos seus corpos os estigmas destas doenças crónicas: a caquexia das prostitutas de Subura, com os corpos devorados pela febre, é um lugar comum na literatura latina.

As fomes

Entre as graves calamidades que assolam o povo romano estão também as fomes, que se repetem continuamente. Na verdade, abastecer a cidade é particularmente difícil: em primeiro lugar, os navios têm dificuldade em subir a fraca corrente que lhes permite chegar às docas de Roma. O porto de Ostia, sob a República, está ameaçado pelo avanço das areias, e só a construção do novo porto de Ostia, sob o reinado de Cláudio, trará uma solução satisfatória para o tráfego de abastecimentos de que os romanos necessitam. Além disso, os perigos da navegação no Mediterrâneo, os naufrágios, o mau tempo, muitas vezes tornam hipotética a chegada de trigo da Sicília, do Norte de África e, mais tarde, do Egito.

Quando Roma chega, esse trigo não é distribuído equitativamente entre todos os habitantes dos bairros populares. Só quem faz parte da clientela de um *patrono rico*, a quem pede *sportula*, pode beneficiar de uma alimentação mais ou menos regular. Além disso, apenas uma parte privilegiada da população, os cidadãos romanos, aproveita as distribuições gratuitas de trigo que o Estado multiplicou durante os últimos séculos da República.

E os outros? Todos aqueles que não são *clientes* nem cidadãos romanos? Devem contar com sua astúcia para obter o mínimo vital. Os pequenos artesanatos, as lojas, são naturalmente muito poucos para fornecer trabalho a esta massa de várias centenas de milhares de indivíduos. Paradoxalmente, é na multiplicidade de tratamentos cômicos do tema da fome no teatro que vemos que este é o problema crucial e permanente de muitos habitantes de Roma. Não é uma forma de vingança, rir daquilo que nos faz sofrer? Mais de um habitante de Roma deve reconhecer-se nos parasitas das comédias de Plauto ou Terêncio, sempre famintos, nunca saciados.

Embora mantenham uma certa descrição sobre as fomes que atingem periodicamente os bairros populares, os historiadores sugerem a que extremos a fome leva os mais desfavorecidos: em 440 a.C., a fome era tal que muitos romanos, sem esperança de ver o trigo chegar, atiraram-se à o Tibre. Em 270, durante um inverno particularmente rigoroso em que o Tibre congela a grande profundidade, impossibilitando a navegação durante vários meses, o povo experimenta grande sofrimento, o gado perece por falta de forragem, e toda a cidade sofre com a fome resultante.

Imigração “selvagem”

E, no entanto, para esta cidade de vida dolorosa, insalubre, barulhenta e perigosa, todos os tipos de homens, mulheres e crianças de toda a Itália continuaram a fluir desde o final do século III aC. O equilíbrio da sociedade romana entra em colapso face a esta chegada massiva de estrangeiros de origem muito diversa: há pequenos camponeses italianos arruinados que, depois de abandonarem as suas terras aos grandes proprietários, encontram refúgio em Roma; Chegaram também, no final do século III, os italianos do centro ou do sul, expulsos pelos estragos que causaram, nomeadamente os exércitos de Aníbal, em toda a península durante a Segunda Guerra Púnica. A reputação de Roma já é tão grande entre as cidades vizinhas que muitos cidadãos das cidades da Itália são introduzidos fraudulentamente entre a plebe romana. Todas as medidas tomadas pelas autoridades para eliminar os indesejáveis são ineficazes.

Em 187, os aliados de Roma enviaram embaixadores para reclamar que um grande número dos seus concidadãos tinham emigrado para ela e estavam registados como cidadãos romanos. A investigação do pretor permite localizar 12 mil “falsos cidadãos”, que são devolvidos às suas cidades de origem. A cena é reproduzida nove anos depois: em 178, as cidades regidas pela lei latina queixam-se de que os seus habitantes as abandonam em grande número para se estabelecerem clandestinamente em Roma, onde por vários meios ilegais conseguem registar-se juntamente com os seus filhos como cidadãos. Na verdade, em Roma ocorre um verdadeiro comércio de cidadania: os italianos entregam os seus filhos como escravos aos romanos complacentes. Estes últimos assumem o compromisso de libertar o jovem que, juntamente com a sua liberdade, obtém a cidadania romana. Este último, tão procurado por estrangeiros e italianos, confere a quem dele goza um certo número de privilégios, um dos quais, e não menos importante nesta época de guerras de conquista, é o de participar na distribuição do saque.

As guerras de conquista, que se multiplicaram desde o início do século II, têm como consequência, entre outras, provocar um afluxo de escravos a Roma. Nas casas ricas, várias dezenas de escravos são geralmente suficientes para realizar os vários trabalhos necessários para alimentar, vestir e manter a casa. Muitas famílias romanas vivem numa economia fechada e não precisam de trabalhadores livres. A multiplicação de escravos resulta mais frequentemente na falência de artesãos e pequenos comerciantes.

Todas estas razões significam que dentro de algumas décadas a superpopulação de Roma terá consequências catastróficas: a fome tornou-se endêmica; a população desempregado, ocioso e desenraizado, começa a criar problemas económicos, sociais e policiais. Existem poucos exemplos, na Antiguidade ou na história contemporânea, de uma cidade cuja população cresceu tão desproporcionalmente em poucos anos como Roma no século II aC.

É sempre difícil calcular o número de habitantes de uma cidade antiga. Na verdade, os números do censo, que temos no caso de Roma, correspondem apenas ao número de cidadãos romanos em idade de portar armas, o que elimina mulheres, crianças, estrangeiros, escravos, ou seja, à grande maioria dos habitantes da cidade. Os historiadores concordam que no final da República a população de Roma aumentou para quase um milhão de indivíduos. Isto representa uma população comparável à de Alexandria. Mas a configuração das duas cidades é muito diferente e a coabitação do mesmo número de habitantes apresenta muito mais problemas em Roma do que em Alexandria. Neste último tudo foi pensado para permitir a fixação de um número significativo de habitantes. Pelo contrário, Roma foi construída, como já vimos, de forma anárquica. Sua superfície, dentro da cerca de Servius Tullius, mede exatamente 320 hectares. É muito pouco para acomodar uma população de quase um milhão de pessoas.

O problema da superpopulação é ainda mais grave porque as autoridades romanas se viam impotentes face à imigração "selvagem". Quando se torna urgente, por razões de segurança policial, reduzir o número de habitantes, há decretos que ordenam a exportação massiva de vários milhares de miseráveis. E como sempre acontece em circunstâncias semelhantes, todos os pretextos são bons para se livrar do indesejável. Em 214 a.C. uma embaixada enviada pelos habitantes da cidade siciliana de Leôncio veio pedir aos romanos que enviassem tropas para proteger o seu território. Os romanos veem a oportunidade de aproveitar: resolverão seus problemas policiais ao mesmo tempo em que farão um favor a uma cidade aliada:

"Esta embaixada parecia um excelente pretexto para libertar a cidade de uma população desordenada e turbulenta, e para se livrar dos seus líderes. O pretor Hipócrates recebeu ordens de liderar os vira-casacas para Lcontium. Juntamente com os mercenários aliados que os acompanhavam, havia quatro mil homens armados Esta expedição apresentou uma dupla vantagem: os que partiram encontraram a oportunidade, que procuravam há muito tempo, de fomentar uma revolução; os que permaneceram felicitaram-se, acreditando que tinham realmente limpado o lixo da cidade; que o cobria: "Era como um remédio que alivia um corpo doente por um tempo, mas não consegue evitar que uma crise mais violenta ocorra mais tarde."

[97]

Seria demasiado extenso enumerar todas as medidas que, sob um pretexto ou outro, tentam reduzir o número de habitantes de Roma. Assim, em 95 aC, a lei Licinia Mucia expulsou em bloco os italianos e latinos; Em 65 aC, todos os estrangeiros foram expulsos

pela lei Papia. As três deportações em massa de judeus, em 19, 27 e 49 d.C., oficialmente justificadas por razões religiosas, situam-se num período de crise económica, em que deve ser vista a razão profunda destas medidas.

Por mais precauções que se tomem para manter estes “exilados” o mais longe possível de Roma, e impedi-los de regressar imediatamente, os resultados são nulos. Eles voltam e o número de habitantes aumenta inexoravelmente.

O crescimento da xenofobia

A chegada descontrolada destes estrangeiros à cidade em número crescente desencadeia reações de ironia ou desconfiança entre os romanos. A xenofobia, aos poucos, vai abrindo caminho. Ainda não é o racismo exacerbado que testemunham muitas obras compostas por escritores do período imperial, mas o estrangeiro é muitas vezes considerado um perigo pelos romanos do século II, e o grego, para os romanos de linhagem antiga, torna-se o "inimigo". Os contemporâneos de Plauto desaprovam estes intrusos que invadem o Fórum:

“Essa espécie de gregos, que andam com a cabeça encapuzada e carregados de livros e cestas de *esportes*, param no meio da rua e conspiram entre si. Esses escravos fugitivos bloqueiam a rua e impedem a passagem enquanto avançam, proferindo seus discursos cuidadosos. Você sempre pode vê-los nas tabernas, quando conseguem roubar algumas moedas, e depois de terem bebido vinho quente voltam para suas casas bem embrulhados em seus capuzes, ruminando seus pensamentos sombrios.

[\[98\]](#)

Afeminados, charlatões, amantes dos livros e do bom vinho, assim apareceram os gregos aos romanos no final do século III. Com alguns traços, Plauto evoca tudo o que os gregos introduziram na vida romana: o seu gosto pelo refinamento e pela vida fácil, as suas artes da palavra, a sua reputação de intelectuais incapazes de ir a qualquer lugar sem livros; tantas coisas novas para os rudes romanos e tantas outras razões para desconfiar desses conversadores refinados. Além disso, os gregos também constituem um perigo real: com o seu cesto de *desporto* entram em concorrência com os romanos, com quem competem pelos favores dos patronos ricos. São considerados intrusos que ameaçam a subsistência diária do cidadão.

80S PRAZERES DO “GREGO”

Viva o jeito grego

Pergraecari, “viver à maneira grega”: é assim que os contemporâneos de Plauto designam depreciativamente a existência agradável que alguns romanos vivem. Não há nada de surpreendente nesta má-fé romana, que devolve aos seus vizinhos mediterrâneos a responsabilidade pelos seus vícios: em Roma dos séculos III e II, tudo o que está em desacordo com a moral estabelecida de uma vez por todas pelo *mos maiorum*, o costume dos ancestrais, é atribuível à influência (necessariamente desastrosa!) dos gregos: roupas elegantes, refinamentos de costumes, espetáculos descontraídos e, claro, erotismo:

“Beba dia e noite, viva à maneira grega, compre mulheres, liberte-as, engorde parasitas”, enfurece-se um escravo virtuoso, que vê com desaprovação a vida descontraída de seu jovem senhor, numa comédia de Plauto.

As comédias de Plauto e Terêncio popularizaram o tipo da prostituta ávida, frívola, disposta a tudo para arruinar o filho de boa família a quem inicia na arte de amar, o velho libidinoso cujo último ardor é despertado, o soldado fanfarrão que o exhibe ao seu lado ostensivamente. Estas peças dão uma boa imagem da vida de prazer que certos romanos levaram nos séculos III e II a.C. Mas o disfarce grego dos seus personagens não consegue esconder certas realidades tipicamente romanas.

Existem poucas diferenças entre os foliões de Atenas, Corinto ou Alexandria e os de Roma. Para todos, dar uma festa é essencialmente comer e beber em boa companhia. Festas, bebedeiras, orgias, são aspirações típicas de um universo onde a extrema miséria da maioria leva a conceber o prazer como a satisfação combinada da fome e da sensualidade. Isso logo leva à gula, à voracidade insaciável.

No entanto, ao contrário das cidades gregas, Roma não é um simples cenário, mas desempenha o papel de fermento de prazeres secretos. Para um romano, a vida dos “prazeres gregos” é inseparável das acolhedoras casas do Aventino, das malfadadas casas de jogo e ruas de Subura, das zonas sombrias que se estendem à volta do Circus Maximus e habitadas por uma vila inteira, de marginalidades lamentáveis ou perturbadoras. Esta geografia do prazer é inexistente nos textos gregos, que são muito vagos no que diz respeito à localização precisa das festas que evocam. Em Roma, pelo contrário, já vimos, a maioria dos habitantes, desde o tempo de Plauto, têm sido muito sensíveis à união íntima dos lugares e das pessoas.

Roma-Amor

É verdade que a influência grega é decisiva para explicar a introdução de novas morais e de novos hábitos em Roma no século III a.C. A conquista do sul da Itália pelas legiões romanas permitiu aos habitantes do Lácio conhecer a vida fácil da Campânia, da Grande Grécia.

Mas é necessário especificar que os romanos não esperaram o “mau exemplo” dos gregos para se entregarem a prazeres condenáveis? O mito do romano casto, corrompido pelos costumes estrangeiros, deve ser jogado fora entre os demais acessórios de uma comédia que os partidários de uma suposta castidade original do povo latino adoram representar.

A ama dos lendários gêmeos Rômulo e Remo não era uma “loba”, isto é, para os historiadores meticolosos quanto à autenticidade, não um animal, mas uma prostituta, *lupa* em latim? Pois bem, sempre segundo a tradição, Acca Larentia, a esposa do pastor que recolhe crianças abandonadas ao pé do Palatino, é uma profissional do prazer, uma “loba”.

[\[99\]](#)

Os romanos dos tempos clássicos fizeram de Acca Larentia a heroína de outra lenda, ambientada sob o reinado de Ancus Marcius. Num dia de festa, o sacristão do templo de Hércules incita o deus a um jogo de dados. A aposta é uma refeição e uma prostituta para o vencedor. Cena característica das casas de jogo de Subura, onde apostam jogadores clandestinos, mas transportados para a Roma primitiva. O jogo começa. Como a estátua do deus não pode lançar os dados, o sacristão ajuda-o: com a mão direita lança os dados para si, com a esquerda para o deus. E é Hércules quem vence. Fiel ao seu compromisso, o sacristão prepara um bom jantar para o deus e tranca no santuário a cortesã mais famosa de Roma, Acca Larentia. Passada a noite, o deus, para recompensar a jovem, faz com que ela encontre um homem rico que se case com ela. Com a morte do marido, Acca Larentia passa a possuir uma imensa fortuna e doa-a ao povo romano para que todos os anos possam celebrar festas em sua homenagem, a Larentalia .

[\[100\]](#)

Estas lendas relativas às duas “lobas”, onde o desrespeito convive com o maravilhoso, não nos teriam interesse se não nos dessem uma curiosa representação da Roma primitiva.

Na verdade, eles acontecem no mundo bem conhecido dos romanos dos tempos clássicos, o das mulheres públicas e dos jogadores inveterados. Até tal ponto os prazeres obscuros foram associados em todas as épocas a esta cidade cujo nome, como os antigos sempre se lembram, e amp; o anagrama do amor: *Roma-Amor*.

Desde os primeiros séculos de Roma, mais de um incidente do tipo expedições de jovens foliões pelas ruas de Subura e sequestros de prostitutas, dá-nos uma imagem da cidade menos edificante do que alguns tradicionalistas gostariam.

Uma moralidade de liberdade

Os mesmos conservadores romanos concordam com os gregos ao pensar que a procura de prazeres físicos é indispensável numa sociedade; Tão naturalmente como os gregos, os romanos fazem da prostituição uma componente essencial da ordem social. Quase todos poderiam dizer, como Santo Agostinho:

"Expulse as prostitutas da sociedade e você a reduzirá ao caos através da luxúria insatisfeita."

Ao mesmo tempo necessárias à higiene e à tranquilidade das mulheres e crianças de nascimento livre, as prostitutas, em Roma como noutros lugares, cumprem uma função de saúde pública e ninguém pensaria ficar seriamente perturbado ao ver os jovens a divertirem-se em Subura. :

"Na realidade, se há alguém que pensa que os jovens deveriam ser proibidos de frequentar prostitutas, é um rigor excessivo, o que está em desacordo não só com a licença do nosso século, mas também com a moralidade e a tolerância dos nossos antepassados. uma época em que esse comportamento foi condenado e o que hoje consideramos legal foi considerado ilegal?"

[\[101\]](#)

Esta tolerância está perfeitamente ilustrada na conhecida anedota, que permitiu ao velho Catão, um dos moralistas mais intransigentes do seu século, demonstrar o seu engenho: ao conhecer um jovem de boa família que saía de um dos bordéis de no Fórum, ele a felicitou ardentemente por reservar seu ardor aos profissionais e assim preservar a castidade das mulheres casadas. Porém, após ter cruzado com o jovem no mesmo local por vários dias seguidos, Catão muda de atitude e o condena nestes termos:

"Jovem, eu te parabeneizei pensando que você vinha aqui de vez em quando, mas não achei que isso fosse um hábito seu."

Acontece até que se reconhece um valor “terapêutico” na frequência de prostitutas, como comprova esta história que Valerio Máximo nos conta: um jovem arde de amor por uma mulher casada. O pai, para afastá-lo desta perigosa paixão (o adúltero pode ser condenado à pena de morte), não o proíbe de visitar a amante: apenas lhe pede que concorde em dar uma volta pelo bordel antes de ir à casa de esta mulher. O que o jovem faz. O tratamento logo dá bons resultados: nosso amante chega à casa da amada com os sentidos acalmados; Aos poucos, o ardor de sua paixão se esvai. Depois de algumas semanas, ele acaba desistindo dessa mulher casada cuja paixão se tornou inútil para ele. A anedota, por outro lado, é muito significativa sobre os limites que os antigos estabeleciam para o amor.

Só ser demasiado velho pode constituir um pretexto válido para uma censura. É assim que um jovem, com muito desrespeito, aponta para um velho, amigo da família:

“Na sua idade, não seria melhor você se abster desse tipo de desordem? Assim como em todas as estações do ano, em todas as idades da vida existem ocupações favoráveis. depois das meninas, não é mesmo? ”Onde vai parar a nossa república?... Cabe mais aos jovens desfrutar desse tipo de prazeres.”

[\[102\]](#)

Deixando de lado estas restrições, ditadas mais pela ironia do que pela verdadeira indignação, os romanos não reconhecem aqueles que vendem o prazer como tendo um valor muito superior ao de um objeto livremente transmissível. Alugada, vendida, roubada ou abandonada, tanto em Roma como em Atenas, a prostituta é o símbolo da Liberdade... para o seu cliente:

“Ninguém proíbe você de ir à casa do cafetão nem impede que você compre, se tiver condições, o que ele vende. Ninguém nunca foi proibido de sair na rua, desde que você não abra caminho. território privado, desde que você não ”Se você tocar em uma mulher casada, uma viúva, uma virgem, ou um jovem ou criança de nascimento livre, ame quem você quiser!”

[\[103\]](#)

fome ou prazer

Tal como na Grécia, as ocupações de prazer estão intimamente ligadas em Roma ao problema quotidiano da subsistência. A prostituição envolve quase necessariamente a escravatura e as crianças são, obviamente, as primeiras vítimas. Em primeiro lugar, sempre como na Grécia, o abandono dos recém-nascidos, especialmente das meninas recém-nascidas, é o que permite em grande parte o “abastecimento” de comerciantes de prazer, que sempre sabem reconhecer as crianças com condições. O costume bárbaro de abandonar crianças não foi oficialmente suprimido no mundo romano até o século IV DC.

Depois há, como na Grécia, os sequestros cometidos por piratas, que alimentam os grandes mercados da Antiguidade – Rodes, Delos ou outros. Segundo o geógrafo Estrabão, no mercado de Delos dez mil escravos trocam de senhor todos os dias. É um abismo inesgotável, onde afundam milhares de crianças ou adolescentes, para o bem ou para o mal; uma realidade que era demasiado quotidiana para que os antigos fossem forçados a expressar qualquer emoção sobre ela. Uma prostituta conta a aventura de sua “irmã” de profissão:

"A minha mãe era Samiana e vivia em Rodes. Um dia um comerciante deu-lhe uma menina que tinha sido raptada na Ática. Esta menina sabia o nome da mãe e do pai, mas, dada a sua tenra idade, não podia dar nenhuma outra informações sobre sua terra natal. O comerciante disse que os piratas de quem a comprou lhe contaram que a sequestraram na região do Cabo Sounion. Minha mãe, depois de recebê-la, começou a educá-la e a criá-la como se fosse sua filha. , e as pessoas. "Achei que éramos irmãs."

[104]

A educação que esta menina recebe, como aprendemos de imediato, é o que deve formar uma cortesã perfeita: aprender a tocar cítara, saber enfeitar-se, numa palavra ser perfeitamente “decorativa”. É a mesma formação que Neera e os seus companheiros receberam em Corinto, e neste domínio os costumes romanos não são diferentes daqueles praticados pelos gregos. Só que talvez a idade de iniciação numa carreira amorosa seja mais tardia em Roma do que na Grécia. Com efeito, parece, segundo diversas alusões em

textos latinos, que a “carreira” destes adolescentes começa geralmente em Roma, por volta dos catorze anos. O que, claro, não inclui o número de crianças de ambos os sexos que mendigam nas ruas das favelas, prontas para seguir quem lhes promete uma moeda. Também não inclui mães sem escrúpulos, dispostas a oferecer os seus filhos, meninos ou meninas, a ponto de estes serem muitas vezes o único recurso de que a família dispõe para evitar morrer de fome.

Mais trivialmente, são as condições de vida particularmente difíceis nos bairros populares de Roma, a sobrepopulação, a ausência de trabalho, tudo o que já referimos, que explicam porque tantos habitantes recorrem à única profissão que qualquer pessoa pode exercer. A trajetória de Andriana, que nos conta Terêncio, é, com mais ou menos detalhes, a de Crobyla, esposa do ferreiro do Pireu, reduzida à miséria, como vimos, pela morte do marido:

"Há três anos, uma mulher veio de Andros para se estabelecer perto de nossa casa. Desamparada, abandonada pela família, ela era extraordinariamente bela e estava no auge da vida. No início, ela levou uma vida virtuosa, frugal e difícil, ganhando seu pão com dificuldade tecendo e costurando. Mas quando um amante apareceu diante dela e lhe ofereceu uma grande quantia em dinheiro, e como os humanos são mais tentados pelo prazer do que pelo trabalho, ela aceitou um encontro, depois um segundo, e no final, ela se tornou uma prostituta."

[\[105\]](#)

As mulheres libertadas também escolhem frequentemente esta profissão, o que lhes permite manter uma certa independência:

"Como sua mãe e eu somos livres, ambas nos tornamos prostitutas. Uma e outra, criamos sozinhas as filhas que tivemos de pais casuais. E não foi por indiferença que fiz de minha filha uma cortesã, mas para não morrer." de fome." "Teria sido melhor casar com ela!" o vizinho se opõe. "E daí? Por Castor, minha filha tem um novo marido todos os dias!" responde a mãe rufiã. "Ontem ela tinha marido, hoje à noite terá outro. Nunca deixei ela passar uma noite como uma viúva, porque se ela não tiver marido, todos na casa morrerão de fome."

[\[106\]](#)

Estas mulheres libertadas dão uma parte dos benefícios que obtêm do seu comércio aos seus empregadores ... que são quase sempre *patronos*. Com efeito, em Roma, as senhoras da boa sociedade gerem a sua própria fortuna, o que lhes dá a possibilidade de libertar os seus escravos; Como sábios comerciantes, garantem que seus escravos ou libertos se dediquem a atividades “lucrativas”. Essas respeitáveis matronas não veem nenhuma objeção a que essas atividades tenham a ver com bravura. Às vezes, para garantir que recebem o que têm direito, chegam a instalar um “minilupanar” nas suas próprias casas. Vestígios disso são

encontrados em várias casas particulares de Pompéia. A própria casa patrícia “de Menandro”, por exemplo, é ladeada por um bordel no mezanino, instalado acima do átrio da casa. Os desenhos e inscrições encontrados ao longo da escadaria que sobe a esta câmara não deixam dúvidas sobre a actividade de Prima e Januária, inquilinas da sala.

[107]

Isso também leva a situações em que não falta sal. Senhoras honradas têm todo o interesse em que as suas libertas obtenham lucros substanciais com o seu comércio, uma vez que recebem uma percentagem. Mas são os seus maridos ou os seus filhos que constituem a maior parte do batalhão de clientes ricos que vão gastar os seus bens com o libertas. Isso explica as relações agri-doces entre *clientes* e *clientes*:

“Eles fingem abertamente falar bem das mulheres da nossa condição”, queixa-se uma mulher. “Mas, assim que surge a oportunidade, esses seres malignos se voltam contra nós. Eles afirmam que dormimos com seus maridos, que somos seus rivais. Eles nos arrastam pela lama.”

[108]

Luxo ou decadência

Se as infelizes raparigas dos bairros de Subura ou as cortesãs luxuosamente instaladas no Aventino conheceram muitas vezes os mesmos começos, a sua existência não tem muito em comum e os mundos em que evoluíram são opostos entre si.

Por um lado estão os restos de humanidade que os jovens elegantes, nas comédias de Plauto, evocam com desgosto: desnutrição, febres, doenças, muitos outros males dos quais estas mulheres mostram os estigmas. Ficam parados, quase nus, à porta do seu quartinho sujo, a porta mal tapada por um pedaço de cortina, e ali apresentam os seus clientes, quase tão mal alimentados e tão doentes como eles.

Por outro lado, existem as cortesãs que povoam as comédias latinas, dignas emuladoras das hetairas gregas: levam o mesmo estilo de vida destas, gozam da mesma liberdade de costumes. No século II a.C. não tinham o costume, em Roma, de acompanhar políticos, escritores ou artistas em público, como fazem os seus colegas gregos. Mas já é comum que os romanos, sempre abertos às novas modas, organizem banquetes “ao estilo grego”, aos quais trazem músicos, dançarinos e acompanhantes. Também tradicionalmente as cortesãs de Roma usam nomes que evocam os de celebridades da época de ouro grega: Delia, Lais ou Thais. O mundo do prazer de Roma no século II já se tornou completamente helenizado, e as mulheres elegantes do mundo da prostituição não são as últimas a seguir a moda.

Numa sociedade que elevou a necessidade de preservação do património ao estatuto de modelo, onde a economia e a austeridade continuam a ser virtudes nacionais, as oportunidades de gastar fortunas preciosas são vistas com desconfiança. “Vampiros”, “aves de rapina”, são adjetivos que voltam frequentemente à boca dos romanos, quando evocam estas perigosas sedutoras, perigosas sobretudo para o capital familiar. E o luxo exibido por algumas cortesãs, luxo inédito para os contemporâneos do velho Catão, constitui para os tradicionalistas um escândalo adicional. É toda a diferença que separa os gregos dos romanos: os primeiros gostam de bons espetáculos e são indulgentes com os excessos de luxo; os romanos, por outro lado, consideram indecente e perigoso exhibir a sua fortuna, e quanto maior esta a maior se torna a discrição.

E essas meninas da sarjeta custam caro: se vingam jogando dinheiro pela janela e exigindo sempre mais de quem gostam:

"Assim que um amante é perfurado pelas flechas dos beijos, sua fortuna é imediatamente distribuída e evapora. 'Dê-me isto, meu amor, se você realmente me ama.' E nosso pombo exclama: 'Mas sim, luz dos meus olhos, pegue, e se quiser mais eu te darei.' E a senhora não se abstém de lhe pedir e de exigir mais dele. E nunca chega, já não dá para pagar a bebida, a comida, todas as despesas da casa. Ele aceita vir uma noite com tudo. comitiva: empregada doméstica. ", massagista, guardiã de joias, portadoras de leques, guardiãs de sandálias, cantoras, portadoras de caixões, mensageiros, assalariados e glutões. E ao entreter toda aquela multidão, nosso amante logo vai à falência."

[\[109\]](#)

Claro que essas elegantes não querem de forma alguma ser confundidas com suas irmãs de Subura ou Velabro. Eles estabeleceram todo um código de boas maneiras, que lhes permite marcar distância do canalha:

"Uma cortesã não deve parar sozinha na rua, só as prostitutas de classe baixa fazem isso..."

[\[110\]](#)

Porém, a diferença está mais na aparência externa dessas mulheres do que na existência que elas realmente vivem. Tudo pela fachada, entre aquelas que podem ser vistas nos passeios da moda, mas quanta miséria por trás dessa fachada!

'Quando eles saem, você não encontra nada mais refinado, mais elegante. Quando jantam com seus amantes, tocam a comida com a ponta dos lábios. Mas é preciso ver a sujeira deles, o descuido deles, quando estão sozinhos em casa, é preciso ver a falta de educação que eles têm, a fome que têm, como devoram um pedaço de pão preto mergulhado no molho de ontem.'

[\[111\]](#)

Ficar é uma necessidade vital, e não se trata de se deixar levar pelos sentimentos, como prova esta amarga troca entre um jovem, atualmente sem dinheiro, e o rufião que o coloca na porta: da miséria do passado em relação à folga atual, a margem é estreita e o menor passo em falso pode mergulhar mãe e filha novamente na miséria:

"Por Pólux", indigna-se o jovem, "em breve farei com que você entenda o que você era antes e o que é agora. Antes de meu encontro com sua filha e de meu amor por ela, você não passava de um mendigo vestido de trapos. e você se alegrou com um pedaço de pão encontrado no lixo e agradeceu aos deuses no dia em que o encontrou!"

A continuação do diálogo entre o jovem amante “desprezado” e a mãe intratável mostra claramente os limites que os negócios impõem ao sentimentalismo:

Dtáholo (o jovem): E se eu não tiver dinheiro?

Cleereta (a mãe): Minha filha vai procurar outra pessoa.

Diáholo: E onde está o dinheiro que te dei?

Cleereta: Não tem mais, porque se tivesse eu mandaria a menina até você e não te pediria nada. A luz, a água, o sol, a lua, a noite são de graça e não preciso de dinheiro para comprá-los. Mas, para todos os outros, o crédito nem sempre pode ser utilizado. Quando peço pão ao padeiro ou vinho ao açougueiro, eles só me dão depois que eu pago. Bem, temos os mesmos princípios.

[\[112\]](#)

Se as palavras “amor” e “amar” retornam constantemente nas intrigas teatrais, não devemos ter muitas esperanças e dar a essas palavras um significado sentimental. Por razões psicológicas e económicas, as relações entre as cortesãs da comédia e os seus “amantes” dificilmente ultrapassam o estágio da sensualidade.

Como *não* compreender que, numa cidade como Roma, cujo crescimento demográfico deu um salto considerável nos últimos dois séculos da República, o prazer esteja cada vez mais ligado a interesses comerciais? Os comerciantes ricos que visitam estrangeiros são, sem dúvida, vítimas tão procuradas como nos portos gregos. Mas Roma não é um porto, é a capital de um povo cujas guerras constituem a principal actividade durante estes dois séculos. Assim, nos mitos populares de Roma, o nababo da Ásia, que fez sonhar as hetairas gregas, é substituído pelo soldado que volta da companhia. As guerras de conquista, que se sucedem, enriquecem os legionários e principalmente os seus oficiais, que ao regressarem são aguardados, às portas da cidade, por hordas de mulheres convidativas:

“Acabei de ver as ruas cheias de soldados que voltavam”, diz um escravo; “Eles trazem armas e cavalos. E quantos cativos! Crianças, moças, duas, três ou cinco cada. Todo mundo sai para a rua para vê-los. E dava para ver todas as prostitutas da cidade. Elas iam com todas as suas elegâncias para atender seus clientes, e eles os cortejaram.”

[\[113\]](#)

O preço da beleza

A necessidade obsessiva de ganhar dinheiro explica o cuidado especial dado à higiene pessoal, à busca por maquiagens, enfeites. Também aí é o exemplo grego que serve de modelo: os artifícios são os mesmos, e os “escondedores da miséria” são tanto mais necessários quanto servem para mascarar realidades muito desagradáveis:

"Reflita, irmã, eu te imploro. Dizem que parecemos peixes em salmoura: se não os deixarmos de molho por muito tempo, eles cheiram mal, são muito salgados e ninguém quer experimentá-los. A mesma coisa. acontece conosco. Se não dermos provas de elegância cara, passamos a ter mau gosto e falta de encantos."

└114┘

No entanto, os costumes romanos diferem dos costumes gregos na medida em que as mulheres livres de nascimento não ficam trancadas num gineceu e circulam muito mais livremente em público. Será este modo de vida que leva os romanos a dar às prostitutas um traje distinto, que permite, à primeira vista, separar o trigo do joio, a mulher honesta da "loba"? Com efeito, ao contrário das matronas vestidas com longas túnicas brancas bordadas com folhos, as mulheres públicas são obrigadas a vestir uma toga castanha que designa a sua profissão.

Em contrapartida, quanta fantasia e extravagância no corte e ornamentação das túnicas curtas que usam sob esta toga. Todos os anos surgem novos "modelos", e os nomes desses modelos dão a medida de sua excentricidade:

"Camisa 'para a rainha', 'para os pobres', 'para o implúvio;

└115┘ túnica clara, túnica grossa, linho branco, camisa bordada com listras, saia amarela ou açafraão, lenço, véu, vestido 'real' ou 'exótico', verde água, bordado, casca de noz, cor mel ou palha".

└116┘

Esses trajes são especialmente surpreendentes para os contemporâneos de Plauto, porque seus tecidos (tramas leves e transparentes) e cores (todos os tons de amarelo e verde) ainda não são familiares aos romanos. E todos esses trajes "estrangeiros" são especialmente procurados pelos amantes das meninas e do exotismo.

Finalmente, em Roma a magreza é agora obrigatória e a espessura da cintura é especialmente monitorizada. Mas é uma magreza que nada tem a ver com a magreza esquelética das meninas desnutridas de Subura.

"Nossas meninas", reclama um jovem romano, "são forçadas pelas mães a ter os ombros caídos e o peito comprimido, para que pareçam magras. Se uma delas for muito gorda, dizem que ela parece uma lutadora de feira. .", e sua alimentação é reduzida. Mesmo que tenham condições naturais, devido à sua alimentação permanecem da espessura de uma folha de palha. E é por isso que os apreciam!"

└117┘

Joias, maquiagem e penteados também são chamados em auxílio da beleza e, pelo menos na era republicana, fazem com que tudo pareça estar em oposição às cortesãs e às mulheres nascidas livres.

“Bochechas pintadas de vermelhão e corpos brancos com chumbo branco...” Os lobos romanos tomaram emprestado das hetairas gregas seus artifícios, que, nestes tempos heróicos da República Romana, ainda são desconhecidos das honradas matronas. O mundo do prazer, apesar da brutalidade e do rigor das suas leis, continua a ser o do estranho, do surpreendente; Numa palavra, aos olhos de muitos, o do irreal. O contraste entre a realidade que este mundo esconde e os artifícios que exhibe não poderia ser mais violento.

Por noite, por mês, por ano

Vida miserável ou luxuosa, tudo acontece em Roma quase da mesma forma que na Grécia. Alguns “lobos” têm apenas uma perspectiva: ficar em oferta diante de suas malcheirosas favelas, à espera de uma clientela duvidosa. Conhecem apenas encontros rápidos, onde se juntam todas as misérias de Roma. Às vezes, alguns jovens de famílias arruinadas vêm secretamente a Subura para fabricar as suas primeiras armas.

E há quem tenha ultrapassado esta fase, por acaso, graças à sua beleza ou aos seus relacionamentos. Eles aproveitam ao máximo o esplendor fugitivo de sua juventude para acumular riqueza. Escravas ou libertas, são procuradas por romanos ricos, estrangeiros, todos aqueles que têm meios para alugá-las por um período mais ou menos longo. É, de facto, o sistema que os gregos já praticavam. Os romanos, sobretudo os juristas, acrescentaram garantias, que acompanham cada contrato de venda ou aluguer.

Músicos, cantores ou dançarinos chegam à casa e constituem o ornamento mais gracioso dos banquetes que os romanos começam a organizar à moda grega.

Alguns alugam jovens por um período mais longo, e reservam por vários meses, até um ano inteiro, os serviços daquela que mais gostaram. Mas você pode imaginar as preocupações do proprietário temporário dessas belezas, sempre disposto a se permitir um “extra” e conseqüentemente fraudar quem pagou pela sua exclusividade. Um trecho de uma peça de Plauto, *Asinaria*, mostra-nos os detalhes de um contrato de aluguel entre um jovem, Diabolus, e um cafetão. É claro que estamos no domínio da comédia e nem todas as cláusulas deste contrato devem ser interpretadas literalmente. Mas é interessante ver como a jurisprudência latina foi capaz de codificar detalhadamente os costumes gregos.

Em primeiro lugar, o amigo de Diabolo, que redige o contrato, assume as garantias para evitar que a “propriedade” do jovem se relacione com alguém que não seja o seu legítimo comprador:

“Dábolo, filho de Glauco, deu a Cleereta vinte minas de prata para manter Filênia com ele noite e dia durante todo o ano.

“Que ela não deveria deixar nenhum homem estranho entrar em sua casa, fingindo ser seu amigo, seu chefe ou amante de um de seus amigos. Que ela deveria fechar a porta para todos (exceto você, Diabolo) e que ela deveria coloque uma placa dizendo que ela está ocupada. Que ela não leve consigo nenhuma carta ou placa de cera, fingindo que é correspondência do exterior. E se por acaso ela tiver um retrato pintado em cera, deixe-a vendê-lo.

[118] e se ele não o fizer no prazo de quatro dias após a assinatura deste contrato, você (Diábolus) agirá de acordo com o seu julgamento: você pode jogar aquele retrato no fogo, para que não reste cera na qual ele possa escrever uma carta ".

O contrato enumera então as atividades essenciais que serão exigidas desta jovem alugada por um ano: trata-se de um objeto de decoração, cuja beleza serve sobretudo para realçar a notoriedade do seu proprietário, e, claro, este belo objeto não tem direito de não tomar nenhuma iniciativa pessoal:

Que ela mesma não convide ninguém para jantar com ela; Você é quem deve fazer os convites. Não olhe nenhum convidado nos olhos. Deixe-o beber ao mesmo tempo que você e no mesmo copo que você. Que ela receba este cálice de suas mãos e beba para sua saúde, e então você deve beber, para que ela nunca fique mais ou menos sóbria que você. Para evitar qualquer suspeita, não toque no pé do convidado ao se levantar da mesa. Não aperte a mão de ninguém ao subir ou descer da cama.

[119] Não deixe ninguém admirar suas joias."

E o cuidado escrupuloso com que os romanos conseguem prever todas as eventualidades manifesta-se nas seguintes recomendações. Com efeito, a atitude dos romanos para com as divindades é definida como uma mistura de medo e suspeita. Para eles, a pregaria consiste essencialmente em "obrigar" o deus a cumprir os seus desejos. Assim, a oração é caracterizada por uma riqueza de detalhes que proíbem o deus de evitar o pedido, e muitos romanos conhecem bem o procedimento de "restrição mental" que o deus poderia utilizar para não respeitar o "contrato" celebrado com os humanos. . Toda a arte consiste então em impedir a deserção do deus. Como bom romano, Diabolus conhece todas essas armadilhas e toma precauções para prever todos os casos em que sua amante poderia enganá-lo:

"Que ele não apresente os dados para jogar com ninguém além de você. Que ele não se contente em dizer 'você' ao jogá-los, mas sim pronuncie seu nome. Deixe-o invocar todas as deusas que quiser, mas nenhum deus, e se "Ele tem escrúpulos religiosos de lhe dizer o nome do deus e você fará as orações propiciatórias em nome dele."

A desconfiança do jovem cresce com a sua imaginação: ele imagina todas as armadilhas de Filenia, armadilhas que permitiriam à jovem sair do seu papel de objeto e comportar-se como um ser vivo. As ocasiões mais triviais do quotidiano alimentam as suas suspeitas e as recomendações de Diabolus, para além do efeito cômico que pretendem provocar, são características da desconfiança do proprietário romano:

"Ele não deve acenar com a cabeça ou piscar os olhos para nenhum convidado, e se por acaso a lâmpada se apagar, ele não deve fazer nenhum movimento na escuridão. Ele não deve

pronunciar frases ambíguas e não deve falar línguas estrangeiras. Se o acaso lhe dá um ataque de tosse, ele não tosse na direção de ninguém ou, se finge estar resfriado e com o nariz entupido, não o limpa com a língua, o que é uma boa desculpa para mandar um; beijar alguém."

Noutra comédia de Plauto trata-se da indemnização que deve pagar quem não cumpre o contrato até ao fim. Noutra parte, o contrato especifica que o preço pago pelo amante da jovem Planesia inclui, além da posse da jovem, o aluguer das suas jóias e roupas. Uma espécie de "pacote", que evita que o proprietário temporário se preocupe com o traje de sua amante.

Vendida ou alugada por uma noite ou por um ano, a jovem não lucra com o dinheiro gasto com ela; Na verdade, todo o lucro da sua venda ou aluguer corresponde geralmente ao *leno*.

Todos contra a madeira

"Sai daqui, seu lixo rufião, lixo público coberto de lama, infame, sujo, sem fé nem lei, calamidade pública, abutre sempre em busca do nosso dinheiro, mendigo, ladrão, canalha..."

Esta bondade, e outras piores, os romanos reservam aos *leigos*, cuja vida abjeta lhes inspira verdadeira repulsa.

Ao mesmo tempo cafetão, cafetão e traficante de escravos, o *leno* (ou seu companheiro, a *lena*) é uma das figuras mais pitorescas de Roma, e os poetas cômicos o usam abundantemente em suas obras. Detestado por todos, tão ridículo quanto odioso, o *leno* adquire no quotidiano dos romanos uma importância que os seus congêneres gregos não têm. Sua aparição no palco provoca risos e ridículo. Mas, através da caricatura exagerada que os atores fazem, através da zombaria que os espectadores lhe gritam, fica transparente o papel econômico e social do personagem, que em Roma se torna o intermediário obrigatório de todos os amantes do prazer:

"Eu, comprar alguma coisa de um Leno? De um daqueles caras que não tem nada, a não ser uma língua, para quitar suas dívidas? Vocês, os Lenos, vendem, liberam e barganham o que não lhes pertence. Ninguém aceita dar vocês são fiadores, e vocês mesmos não podem ser fiadores de ninguém. Na minha opinião, a ação dos lenos não vale mais do que a das moscas, dos mosquitos, das pulgas e dos piolhos, seres odiosos, malfeitores, nocivos, inúteis. fale com eles no Fórum, e quem fizer isso poderá perder seu dinheiro e sua reputação."

[120]

Na verdade, ao *leno*, que nada mais é do que um vulgar comerciante de escravos, é negada até mesmo a última posição na sociedade romana. A sua profissão é uma daquelas consideradas infames e que impede quem a exerce do acesso a cargos públicos. Geralmente de origem estrangeira, o *leno* simboliza aos olhos dos romanos as corrupções dos países orientais (Grécia ou Ásia Menor, Síria ou Egito) especialmente desprezados pelos espíritos tradicionalistas de Roma.

O seu descrédito é tal que não é considerado digno sequer de gozar da protecção das leis: um certo Víbienus lega a sua fortuna ao *leno* Vecillus, querendo sem dúvida expressar

a sua gratidão pelo prazer que encontrou na sua casa. Mas o pretor recusa-se a validar o testamento, acreditando que a fortuna de um cidadão não deve ser usada para enriquecer um homem tão desprezível como um tronco.

Como qualquer senhor de escravos, o *leno* se comporta de forma tirânica com aquele “rebanho” feminino que constitui sua principal fonte de renda. Ele faz brilhar diante de seus “protegidos” uma hipotética libertação e obtém deles uma docilidade infalível e um trabalho eficiente. E quanto mais exigente ele é com seus aposentados, mais eles, por força das coisas, se tornam gananciosos e interessados, e pedem incansavelmente aos seus amantes todo tipo de presentes que o *leno* imediatamente lhes confisca.

“Escutem, mulheres”, diz um desses lenos, “aqui estão minhas ordens. Vocês que passam uma vida tranquila no requinte, na tranquilidade, na voluptuosidade, rodeadas de homens importantes, vocês, amigos ilustres, agora saberei qual de vocês trabalha para comprar a sua liberdade, alguns para comida, alguns para os seus bens, alguns para o seu descanso. Hoje verei quem libertarei e quem venderei.

Leno Baillion apimenta essas ameaças veladas com conselhos mais precisos:

“Aja para que hoje seus amantes me cubram de presentes. Pois bem, se você não me trazer provisões para o ano inteiro, a partir de amanhã farei de vocês mulheres públicas. Você sabe que hoje é meu aniversário. Onde estão aqueles que te chamam de luz dos seus olhos, que te dizem Minha vida, minha delícia, meu beijinho, meu peitinho, minha bonequinha de mel?” Faça com que um exército de portadores de presentes chegue logo à minha casa Por que lhe dar roupas, jóias, satisfazer todas as suas necessidades? O que seu trabalho me traz, se não são problemas, uma espécie de canalha para umedecer suas barrigas? , enquanto eu jejuo.”

[\[121\]](#)

E estas ameaças não são apenas verbais. Mais do que os golpes que deixam marcas e deterioram a “mercadoria”, o que acena a *madeira* como uma ameaça aos seus rebeldes aposentados é o espantinho do abandono.

“Vou fazer de vocês mulheres públicas”, diz o coxo Baillion nesta passagem de Plauto e, mais grosseiramente, ameaça uma de suas garotas com a *pérgula*, uma espécie de galpão onde ficam as prostitutas velhas ou feias demais para atrair clientes. relegado conveniente, e oferecido para sestércios aos marginalizados, aos rejeitados pela sociedade.

Foliões, malandros e vagabundos

O *Leno* Ballion, que é um homem previdente, dividiu as meninas de sua casa em “seções especializadas”, reservando a cada uma delas o cuidado de cuidar de uma guilda específica. Pois os comerciantes, quer vivam em Roma, quer estejam de passagem pela cidade a negócios, constituem a clientela mais cobiçada da maioria *dos Lenos*. Muito provavelmente também, para os banquetes corporativos que os seus colegas organizam no feriado, os empresários romanos trazem cortesãs, músicos e dançarinos da Casa del *Leno*. Costumam pagar em especiarias, o que garante a manutenção de toda a casa, meninas, escravos e *lenha*.

É por isso que Ballion exige dos seus reformados, sob ameaça de expulsá-los para as ruas, que obtenham dos seus clientes a alimentação necessária durante um ano: Hedyllia é a boa amiga dos comerciantes de cereais; A Aescrodora lida especialmente com a corporação de açougueiros, salsicharias e enólogos; os primatas do comércio de petróleo geralmente têm como alvo a xilite; e a pérola da casa de Ballion, na Fenícia, encanta os rentistas romanos. Os contemporâneos de Plauto podem, sem dúvida, dar os nomes correspondentes a todos esses personagens evocados por Ballion e também por seus amiguinhos. *E* aqui podemos constatar mais uma vez a estreita relação que existe entre prazer e comida.

Portanto a casa de Ballion é “séria”, frequentada por notáveis, o que deve garantir-lhe um certo estatuto. Mas a clientela da maioria dos *lenos romanos* é recrutada entre as camadas mais miseráveis da população romana ou estrangeira: escravos com algum dinheiro, trabalhadores agrícolas expulsos dos seus campos devido à pobreza, carregadores nas docas do Tibre e nos enormes e confusos massa de refugiados, sempre ameaçados de expulsão. Toda esta população inclassificável reúne-se em estabelecimentos medíocres, como o de outro *leno* do teatro de Plauto, o apropriadamente chamado Lobo. Ele tinha uma casa de péssima reputação, se acreditarmos na descrição que dela faz seu escravo:

"Em nenhum lugar você encontrará um canalha pior que o meu mestre, um criminoso pior, um lixo pior. Que os deuses me protejam, prefiro viver acorrentado nas pedreiras ou no moinho do que ser escravo daquela tora. Que provação! Que lugar de perdição É aquela casa! Juro pelos deuses que ali se vêem todas as categorias de seres humanos, como na margem do Acqueron: cavaleiro, soldado de infantaria, liberto, ladrão, escravo fugitivo, vítima, fugitivo.

prisioneiro, escravo da dívida de todos, desde que tragam dinheiro. Na casa há cantos escuros, quartos secretos. Você bebe e come como na taberna. Tem vasilhas lacradas com rótulos grandes. ... Me tortura ver o que passa entre aquelas paredes. Os escravos comprados ao preço do ouro perdem toda a riqueza da casa, e o fazem sem obter nenhum benefício tangível..."

[\[122\]](#)

Estas casas frequentadas pelos marginalizados da sociedade romana eram verdadeiras armadilhas: meninas acolhedoras, ânforas cheias de um vinho capaz de fazer rapidamente o cliente perder a consciência, e agora temos ele pronto para gastar naqueles prazeres fáceis, mas tão raros para ele, o poucos sestércios que dificilmente salvou em vista de uma eventual compra de sua liberdade. Não é de surpreender que a atmosfera nessas favelas seja muitas vezes bastante agitada. Um ladrão, um ladrão e meio: se as meninas e o *leno* tentam "arrancar" quem entra, os clientes não hesitam em roubar tudo o que estiver ao seu alcance. Alguns se organizam em verdadeiras gangues para roubar comida e bebida, bens inestimáveis para a maioria desses vagabundos famintos. Por isso a empregada de um *leno* se considera obrigada a fazer esta recomendação aos demais escravos da casa:

"Fique de guarda na porta e vigie bem a casa, para que nenhum cliente saia mais pesado do que entrou, e quem chegou de mãos vazias não saia com as mãos ocupadas. Conheço bem os costumes dos jovens de hoje. Eles vêm em grupos de cinco ou seis, para se divertirem. Eles trazem seu plano bem pensado. Assim que conseguem entrar na casa, um cobre a garota de beijos enquanto os outros atuam. estão sendo vigiados, muitas vezes fazem piadas para nos confundir. Comem a nossa comida e se enchem até explodir... Para eles é uma verdadeira batalha, um verdadeiro ato de coragem, saquear os piratas. , retribuimos pontualmente sua cortesia a esses bandidos: "Eles nos veem ficar com seu dinheiro e voltam voluntariamente para nos dar mais."

[\[123\]](#)

Motins noturnos e violência

Com efeito, a grande distração dos jovens romanos, como já o era para os gregos, é preparar expedições contra as casas dos *Lenos*, divertir-se sem pagar um cêntimo, ou, pior, raptar um ou dois reformados.

Em 501 a.C., segundo Tito Lívio, os jovens sabinos que vieram a Roma para assistir aos Grandes Jogos terminaram dignamente uma noite, provavelmente muito regada de espírito, com o sequestro de algumas prostitutas de classe baixa. Queriam eles, na sua embriaguez, vingar a afronta que 210 anos antes os romanos tinham infligido aos sabinos, sequestrando as suas jovens casadoiras? A realidade é sem dúvida mais prosaica, mas a diversão das embriagadas Sabines quase produz um drama nacional: com efeito, os vizinhos do *bosque* querem impedir o sequestro e a briga rapidamente degenera em batalha campal. Sabinos e Romanos acabaram de assinar um tratado após vários anos de guerra, e nos bairros populares de Roma os Sabinos ainda são considerados um povo inimigo. Após este incidente, foi necessária muita diplomacia de ambos os lados para evitar o reinício das hostilidades.

Certamente o episódio pode parecer anacrônico, e não seria a primeira vez que Tito Lívio, apesar da sua honestidade e do cuidado escrupuloso que dedica à verificação da sua documentação, teria atribuído aos primeiros séculos da vida de Roma acontecimentos que, na verdade, são contemporâneos do historiador. Contudo, o facto de Tito Lívio conseguir enquadrar um incidente deste tipo na Roma do século VI a.C. já é prova suficiente de que, para ele e para os seus leitores, a influência grega não é a única responsável pela prostituição e pela vida noturna agitada. Os bairros "quentes" de Roma. Para a maioria dos romanos da era clássica, a má reputação de certas ruas da sua cidade remonta a muito antes do século III.

As expedições noturnas, a violência contra a propriedade e as pessoas parecem sem importância para muitos jovens: eles encontram uma justificativa para suas depredações na ignomínia dos indivíduos que atacam. Em *Los Adelfos*, de Terence, um jovem arromba a porta da *casa de um lenhador*, mata ele e seus escravos e leva a mulher de quem gosta. Ao narrar essa aventura, seu pai adotivo, em vez de ficar indignado, tem esta reação, no mínimo surpreendente:

"Mas não é crime um jovem ir ver prostitutas e arrombar portas. Se não fizemos isso, seu pai e eu, foi porque éramos muito pobres."

[\[124\]](#)

Na verdade, o *lenhador* considera que os ataques noturnos que degeneram em saques aos seus bens fazem parte dos riscos do trabalho; e quanto mais clientela a sua casa atrai, mais real é a ameaça, uma vez que os clientes da boa sociedade romana têm menos escrúpulos do que os escravos ou os miseráveis. Com efeito, podem contar com uma impunidade quase total. Aqui está o quadro sombrio da vida angustiante que aguarda um *lenhador* de grande reputação:

"Você desapropriará as pessoas à vontade de suas propriedades, de seus escravos. Você fará negócios com homens em altos cargos; eles se tornarão seus amigos e virão comemorar em sua casa. Mas eles também atacam sua casa e a incendiarão. . Proteja sua casa com portas de ferro..."

[\[125\]](#)

E a polícia?

Nas ruas de Roma não há polícia no sentido moderno do termo.

¹¹²⁶¹A manutenção da ordem na cidade é confiada a magistrados, os *edis*, uma espécie de prefeitos de polícia. Existem magistrados de nível inferior, os *tresviri nocturni* ou *capitais*, particularmente encarregados de vigiar as ruas à noite. As prostitutas, os escravos e, mais genericamente, toda a multidão heterogênea dos bairros populares, todos aqueles que não se enquadram na categoria de cidadãos romanos, estão sob a sua jurisdição. Esses *tresviri* podem fazer prisões e até executar sentenças de morte. Acompanhados de escravos públicos, provavelmente armados, caminham à noite pelas ruas de Subura ou Velabro, e suas aparições causam um terror saudável. São muito temidos pelos escravos que vêm se divertir escondidos de seus senhores, e por todos aqueles que, por um motivo ou outro, têm interesse em passar despercebidos. Mas, muito poucos, os *tresviri* não oferecem realmente uma proteção real contra os perigos que os pedestres noturnos enfrentam nas ruas de Roma, vítimas fáceis de saqueadores ou de jovens embriagados. Os *tresviri* não têm poder real exceto sobre as prostitutas ou os escravos e não podem impedir que cidadãos importantes que vêm se divertir nos bairros populares se entreguem a todo tipo de depredações e violências.

A justiça não é aplicada da mesma forma em Roma: depende da posição que alguém ocupa na sociedade; As próprias jurisdições são diferentes dependendo da classe social do autor ou do réu. Isto não significa que os não-cidadãos sejam totalmente indefesos contra os cidadãos romanos. Os *tresviri*, até certo ponto, protegem os *lenos* e as prostitutas da violência. É verdade que os ataques noturnos raramente têm consequências graves para os culpados. Mas temos testemunhos de um caso que prova que nem sempre são os mais fracos que pagam o preço nas alterações noturnas. É a infeliz aventura do *edil curul* Aulus Hostilius Mancinus. Este alto funcionário da polícia urbana quer entrar à força na casa de uma prostituta, Manília, numa noite de festa. Em vez de percorrer as favelas, como querem seus poderes oficiais, o magistrado passa a fazer barulho contra a porta de uma das casas localizadas em sua jurisdição. Transtornada com o escândalo e a insistência do prefeito, a cortesã atira-lhe uma pedra do primeiro andar de sua casa. Ferido na cabeça, o vereador entra com uma ação judicial, mas o caso se volta contra ele. Pois bem, os tribunos da plebe, aos quais Manília se dirige, decidem que é indecente que um magistrado do povo romano

se comporte publicamente como um bêbado vulgar e, conseqüentemente, proíbem-no de realizar o julgamento contra a mulher. Roma continua a ser a cidade da moral austera, mesmo quando, como neste caso específico, esta moral consiste sobretudo em salvar as aparências. Tudo isso acontece no início do século II aC.

Festivais "romanos" ou "gregos"

Uma vez por ano, as prostitutas de Roma, pobres ou elegantes, associam-se publicamente às festas oficiais da cidade e nessa ocasião desempenham um papel bastante curioso. Com efeito, durante o *Floralia*, os grandes jogos dedicados à deusa Flora, um lugar especial é reservado para eles. Numa lenda recente, os romanos fizeram de Flora uma rica cortesã que deu a sua fortuna ao povo romano em troca da realização de jogos anuais em sua memória. Esta história obviamente tem pouco a ver com a verdadeira personalidade da arcaica divindade Flora, protetora da vegetação e da fertilidade, bem como do prazer e da voluptuosidade. A extrema liberdade das festas oferecidas pode testemunhar indiretamente o seu arcaísmo.

O que é essa grande liberdade do *Floralia*? Nesta festa observam-se ritos muito curiosos, ritos que surpreendem até o povo romano:

“As prostitutas, vítimas da devassidão pública, são expostas no palco, ainda mais miseráveis na presença de mulheres que são as únicas que ignoram a sua existência; estão expostas ao olhar de pessoas de todas as idades, de todas as classes, são Ele indica em voz alta seu endereço, seu ritmo, seu apelido, tudo isso é contado até para quem não tem necessidade de saber.

[\[127\]](#)

Este é um testemunho tardio e (detalhe agravante) escrito por Tertuliano, um autor cristão que, por motivos apologéticos, tem tendência a obscurecer sistematicamente tudo o que se relaciona com a religião pagã. Com exceção de Tertuliano, poucos autores antigos evocaram o detalhe destes jogos. Festa popular por excelência, que começou a ser celebrada anualmente em 173 a.C., a *Floralia* realiza-se durante seis dias, de 28 de abril a 3 de maio. Ao contrário de outros grandes jogos em Roma, as cerimônias acontecem à noite, o que as torna suspeitas para muitos. As pessoas que os frequentam não se vestem com a habitual toga branca reservada às manifestações oficiais, mas com roupas multicoloridas, um belo símbolo do florescimento primaveril. Durante estes jogos são organizados combates, mas não com animais ferozes, mas com lebres ou cabras.

A principal atração da *Floralia* são na verdade as prostitutas de Roma: elas desfilam diante dos espectadores, fazem *mímicas muito sugestivas* e se despem a pedido dos espectadores. Obviamente, estas festas têm de decorrer num ambiente por vezes muito carregado, e os entretenimentos profanos eclipsam, no final da República, a função estritamente religiosa destes ritos. O que não impede todo o povo romano, homens e mulheres, altas figuras ou miseráveis plebeus, de assistir a estes espetáculos que, apesar da tolerância dos antigos em matéria sexual, podem deslumbrar certos espíritos rigorosos. Um dia, os espectadores da *Floralia*, que exigem em voz alta, como é seu costume, o "strip-tease" colectivo das prostitutas, interrompem as suas vociferações; Na verdade, acabam de ver Catão, o Jovem, aparecer entre as personalidades oficiais, um homem austero que, a exemplo do seu bisavô Catão, o Velho, dá por toda parte a imagem de um puritanismo refinado e de uma virtude rígida. Informado por um amigo dos motivos do constrangedor silêncio que se tem verificado nas bancadas, Catão, como homem prudente, abandona o teatro para não perturbar com a sua presença o normal desenrolar dos jogos. Mas não seria a verdadeira virtude abster-se de assistir a esses espetáculos, já que não se podia ignorar a natureza da "liturgia" da *Floralia*?

Como Ovídio coloca sutilmente:

"Flora não é uma deusa terrível e arrogante; ela quer que seus jogos sejam acessíveis à multidão plebeia. Ela ensina a aproveitar a juventude em flor: quando as rosas caem, o espinho é desprezado."

[128]

Da exuberância da *Floralia*, Ovídio extrai uma moral epicurista. Na verdade, a origem do festival remonta muito antes da introdução do epicurismo em Roma. Talvez na nudez das mulheres devamos ver um resquício de ritos primitivos, destinados a promover a fertilidade das plantas, dos animais e dos homens. A exibição de prostitutas constituiria uma sobrevivência desses ritos e, nos tempos clássicos, apenas as prostitutas concordariam em despir-se em público como este.

Assim estas *Floralias* são uma típica festa "romana", em que o povo, através dos mais desprezados da cidade, solicita o favor da deusa. Por outro lado, as *Afrodísias* são uma festa ao "estilo grego", e também são celebradas no mês de abril, mês de Vênus. As mulheres públicas de Roma não demoraram muito para se apropriarem desta cerimónia. Nesse dia dirigem suas devoções a Vênus Erycina. Sob seu disfarce latino, a Afrodite do Monte Eryx é mais adequada para funcionar como padroeira das prostitutas de Roma. Esta Afrodite siciliana, já vimos acima, é homenageada, como a de Corinto ou de outras cidades gregas, por prostitutas sagradas. Quando entrou oficialmente em Roma, no início da Segunda Guerra Púnica, foi libertada de ritos demasiado obviamente exóticos, e foi uma Vênus criteriosa e romanizada que se instalou no Capitólio. Mas, trinta anos depois, outro templo é dedicado à Vênus Erycina, fora dos muros de Roma, perto da Porta da Colina, porque, juntamente com outras três divindades, a Vênus dos amores físicos deve ser homenageada fora dos muros "para que os adolescentes e os amores físicos possam ser homenageados".

as mulheres casadas não deveriam ter que enfrentar dentro da cidade as paixões excitadas por Vênus."

[129]

Naturalmente, o Templo da Porta da Colina atrai devotos de Afrodite, que contribuem para preservar no culto da deusa algumas de suas peculiaridades sicilianas:

"Mulheres públicas, celebrem a divindade de Vênus, que favorece os lucros dos profissionais. Peça-lhe, com incenso, beleza e sucesso, peça-lhe a arte das carícias e da conversa espiritual, dê à sua padroeira a murta, a hortelã que ama, e as coroas de junco entrelaçadas com rosas."

[130]

Na verdade, é uma curiosa mistura de ritos religiosos (oferendas e ex-votos são trazidos à deusa), concursos de beleza e transações comerciais. Pois bem, esta festa religiosa atrai rapidamente os "comerciantes do templo" e é uma excelente oportunidade para todos os comerciantes especializados verem reunidos num só lugar e ao mesmo tempo tudo *o que* Roma pode oferecer em encantos profissionais: "Na verdade, hoje "são as cortesãs". feira, ao lado do templo de Vênus Os mercadores se reúnem e eu quero ser vista", diz uma bela mulher que passou grande parte da noite fazendo o cabelo e a maquiagem.

Por isso as prostitutas mais decrépitas, aquelas que percorrem as vielas de Subura em busca de clientes, encontram-se no templo Hill Gate antes do nascer do sol. É a hora em que a escuridão que ainda reina sobre Roma lhes permite criar uma ilusão e enganar os compradores. Por outro lado, quanto mais bela for uma prostituta, mais tarde ela fará suas devoções a Vênus Ericina. Aqueles cuja beleza nada tem a temer ao brilho do sol, esperam o meio-dia para se aproximar, com grande exibição, da Puerta Colina. Mas que bacana é aquela que, cheia de ilusões sobre seus atrativos, exhibe em plena luz do dia um rosto sem encanto, um corpo sem graça. Pois bem, nos arredores do templo não estão apenas os devotos e os mercadores: estão também todos os jovens de Roma, que vêm sem vergonha zombar das "elegâncias vendáveis", como delicadamente diz um desses jovens. uma obra de Plauto. E, sem qualquer piedade, os desocupados vão a pobre infeliz que não teve modéstia suficiente no julgamento dos seus encantos físicos.

Durante toda a duração da festa das *Afrodísias*, as transações comerciais acontecem em meio à fumaça do incenso e ao forte cheiro das coroas de flores acumuladas ao redor do templo. De madrugada, os pobres *Lenos* de Subura ou do Circo Máximo vêm fazer a sua escolha entre as mulheres sujas e fedorentas reservadas à clientela de categoria mais baixa. Ao meio-dia, porém, aparecem os concessionários das casas sérias, em busca do pássaro raro, da ninfa capaz de seduzir um soldado rico, um proprietário rural ou um jovem fidalgo pródigo, qualquer um dos quais poderá pagar um bom preço sem piscando a quantia e alugando a beleza por um mês ou um ano. Sem dúvida foi um curioso espetáculo daquela grande feira do sexo, unido à mais ingênua expressão de devoção. Mas outros cultos, outras cerimônias religiosas mais secretas, já estavam estabelecidos em Roma, que a partir do

século I a.C. concentrariam o fervor dos deserdados. Os devotos de Ísis sucederão aos de Vênus Erycina, e o templo da divindade egípcia adquirirá um lugar privilegiado no mundo da bravura romana.

9 TRANSFORMAÇÕES E VIOLÊNCIAS

“Os donos do mundo não têm um pedaço de terra que lhes pertença”

"As feras que vivem na Itália têm cada uma o seu covil, o seu refúgio; mas aqueles que lutam e morrem pela Itália não têm nada além de ar e luz. Sem casa, como vagabundos, eles vagam com suas esposas e filhos. Os generais mentem. aos soldados quando, em combate, são encorajados a defender os seus túmulos e santuários contra os inimigos, pois nenhum destes romanos ainda tem altar familiar ou o túmulo dos seus antepassados, pelo luxo e riqueza de outros lutam e morrem". Eles, que se diz serem os donos do mundo, não têm sequer um pedaço de terra que lhes pertença."

[\[131\]](#)

Texto veemente e brutal, ao ponto da indignação de Tibério Graco, quando no final do século II AC atravessa a Itália devastada por anos de guerra, saques e abandono dos campos pelos agricultores. As imagens violentas da tribuna da plebe traduzem a crise, ao mesmo tempo económica, social e política, que atingia Roma e Itália naquela época. Revela cruelmente a fragilidade das instituições romanas, incapazes de se adaptar ao crescimento brutal do império.

Sem entrar em detalhes sobre as consequências da política externa e interna de Roma durante os dois últimos séculos da República, alguns factos devem ser recordados; Eles permitir-nos-ão compreender melhor como, em poucas décadas, a existência quotidiana de milhares de indivíduos será perturbada. As Guerras Púnicas, e mais tarde as expedições romanas à Grécia e ao Oriente, enriqueceram o exército e o Estado, graças à constituição de *Províncias* em torno de toda a bacia do Mediterrâneo. Mas também significam o abandono da economia rural tradicional italiana. Os pequenos proprietários de terras, que abandonaram os seus domínios durante meses, e até anos, para lutar nas legiões romanas, não podem restaurar as suas colheitas quando regressam.

Esses veteranos tornaram-se então numerosos, forçados a vender seus domínios a grandes proprietários de terras e a vir a Roma para engrossar as fileiras da plebe urbana. Enquanto certas regiões da Itália se transformam em *grandes propriedades*, esvaziadas dos seus habitantes, os “emigrantes” não param de afluir à cidade. As consequências desta rápida transformação da plebe rural em plebe urbana são incalculáveis: o desenvolvimento da *clientela* e os seus corolários, o parasitismo e a ociosidade, pesam fortemente nas orientações políticas do último século da República. Os problemas de abastecimento de Roma nunca foram fáceis de resolver e já vimos mais do que um exemplo disso. Até ao

século II a.C., eram sobretudo estrangeiros que vinham instalar-se em Roma, homens fáceis de expulsar da cidade em casos de grande fome. A partir do século II, competem com cidadãos romanos do campo, homens que reivindicam com justiça a sua cidadania e exigem do Estado um lugar posto à mesa comum.

Como atender às necessidades da maré inesgotável desta população desenraizada que inunda a cidade? Será que estes camponeses italianos conseguirão “reconverter-se” e passar do trabalho agrícola ao artesanato? É, por assim dizer, impossível. Na verdade, nas sociedades antigas, o trabalho, e especialmente o trabalho manual, é desprezado pelos homens livres. Muito poucos, se não obedecerem a uma tradição familiar, aceitarão tornar-se enchedores ou oleiros. Além disso, o afluxo de escravos, proveniente do saque das guerras na Grécia e no Oriente, separa os homens livres de actividades que são cada vez mais reservadas ao pessoal servil em empresas comerciais, artesanais ou familiares.

[132]

A nova plebe urbana só poderá contar com a ajuda financeira dos ricos. Como se surpreender que boa parte dessas pessoas desenraizadas, que sempre veem os benefícios das conquistas recaírem sobre os *nobres*, se mostrem dispostas a toda violência, dispostas a seguir qualquer demagogo que faça grandes promessas. Valor inestimável ou perigo considerável, num momento em que a luta entre as facções das grandes famílias da nobreza romana se torna cada vez mais dura, quando todas as manobras de intimidação, motins, até assassinatos, são aproveitados pelos líderes dessas facções para tentar monopolizar o poder. Roma não detém o monopólio destas situações de tensão, nas quais o crescente desequilíbrio entre grupos de cidadãos gera graves perturbações. No entanto, em Roma tudo se faz com extrema rapidez: bastam algumas décadas para que a concentração da riqueza nas mãos de algumas centenas de famílias e o empobrecimento brutal de milhares de outras criem um clima conflituoso e particularmente explosivo. É claro que será a população da cidade quem pagará os primeiros custos desta transformação.

A violência se torna política

Só os cidadãos romanos podem beneficiar da ajuda dos ricos: com efeito, vão à casa dos patrões buscar a *sportula*, e com isso têm o suficiente para a alimentação diária. Em troca darão os seus votos, o que permitirá aos seus patronos obter sucessivas magistraturas do *cursus honorum*, que assegura o seu poder. Boas maneiras, serviços recíprocos, que aparentemente satisfazem ambas as partes.

No entanto, este afluxo de beneficiários da *sportula*, e depois das distribuições do Estado em especiarias, torna o abastecimento de Roma cada vez mais aleatório.

^[133] Os marginalizados tornam-se numerosos, numa cidade onde a alimentação sempre foi um problema crucial. Durante a sua ditadura, César realizou um censo dos beneficiários das distribuições; Ele encarrega os *proprietários das insulas de realizarem o censo*, o que, segundo ele, lhe permitirá localizar mais facilmente os fraudulentos. A operação é interessante para as finanças do Estado: de facto, dos 320 mil plebeus que recebem cereais gratuitos do Estado, são rastreados 150 mil que não têm direito a benefícios públicos.

Nenhuma melhoria é trazida às duras condições de vida dos bairros populosos: Subura, Circus Maximus, Trastevere e também as docas do Tibre. No final do século II a.C., a construção de grandes armazéns no cais, os *horrea*, arrastou para lá toda uma população de miseráveis, marinheiros, carregadores, que formariam as tropas de choque utilizadas pelos agitadores políticos. O Aventino perdeu a sua especificidade plebéia e, expulsos pelos altos preços dos aluguéis, pequenos artesãos, sem comércio, emigram para o sul de Roma.

Ocorrem situações intoleráveis, que degeneram em explosões brutais de violência quando a fome se torna demasiado aguda:

"(em 57 aC) uma fome cruel se espalhou pela cidade, e toda a população correu para o teatro, e de lá para o Capitólio, onde os senadores estavam reunidos, e ameaçaram matá-los, queimá-los vivos e atear fogo aos templos. "

Os políticos entenderam que poderiam tirar vantagem das dificuldades de abastecimento. Em 67 a.C., o tribuno da plebe Gabínio quer votar uma lei que dê plenos poderes a Pompeu para levar a cabo a guerra contra os piratas, mas encontra oposição do Senado. Para intimidar os senadores, ele incita a plebe contra eles, movendo-os com a perspectiva da fome. O povo ocupa a sala de reuniões do Senado, que é obrigado a ceder. Uma vez votada a lei, como que por milagre, o preço do trigo cai e o mercado romano é novamente abastecido. Não é necessário ser vidente para ver a relação entre os dois fatos.

Há uma violência difícil de conter, pronta a explodir ao menor pretexto e os políticos não se contentam em utilizá-la ao acaso para ações específicas. Criarão a partir dele um exército temível, ao serviço das suas ambições. Não serão mais brigas na porta de um *tronco*, questões de bebedeira, que agitam os bairros mais miseráveis da cidade. Com a massa flutuante dos plebeus marginalizados e arruinados, os políticos formarão tropas que arbitrarão os conflitos entre *Populares* e *Optimates*. É o surgimento de uma nova forma de violência.

O grande banditismo

O ambiente urbano, como já vimos, quase desconhece o grande banditismo. É verdade que existiram, na Antiguidade, bandidos cujas façanhas se tornaram lendárias: nos teatros romanos são regularmente apresentadas peças diante de um público apaixonado que relatam as façanhas de um certo Laureolus, um ladrão de estradas, cujos crimes lhe valeram a crucificação. Mas, com exceção de Laureolus, que se tornou um personagem lendário na mídia popular de Roma, não há vestígios, nos documentos que temos, de uma mitologia de "bandido" ou de "submundo". Não há nada comparável, entre os antigos, ao que são para nós as telenovelas do século XIX, os romances policiais, os filmes policiais ou, mais simplesmente, a utilização de factos policiais pelos meios de comunicação. Isto não significa que o bom povo de Roma ou de outras cidades antigas não tenha gostado de ouvir histórias de bandidos; apenas que os "ilustres" escritores nunca pensaram que os nomes desses heróis atrasados devessem ser transmitidos à posteridade.

O banditismo, grande crime, são males que ameaçam especialmente no campo, mal protegidos, fáceis de serem invadidos por bandidos de todos os tipos que esperam por viajantes isolados que saqueiam e assassinam. No mundo do grande banditismo, o primeiro lugar indiscutível é ocupado pelos piratas. O seu poder, no início do século I, parece não ter limites. Não contentes em atacar e saquear mercadorias ou navios de passageiros, gozam de tal impunidade que não têm medo de confrontar o poder romano em terra. Aproveitando a Guerra Social entre Romanos e Italianos, os piratas desembarcaram em Itália, incendiaram os navios ancorados em Ostia e raptaram dois *pretos* com a sua escolta em plena luz do dia. Em seus veleiros, apelidados de "ratos", aterrorizam os habitantes da costa italiana. Eles sabem como impor alianças a cidades bem posicionadas e forçá-las a servir-lhes de refúgio. Em troca, as cidades recebem uma parte do saque.

Ainda mais surpreendente, e quase único nos anais da Antiguidade, os piratas, entre os quais se encontram homens de famílias numerosas que preferiram a aventura à rotina, constituem um verdadeiro "sindicato da pirataria":

"Eles demonstravam tanta amizade entre si que enviavam dinheiro e ajuda não só aos seus íntimos, mas até mesmo a outras pessoas que lhes eram completamente desconhecidas. Na verdade, esta era a principal fonte de seu poder: aqueles que prestavam serviços a um

deles foram honrados por todos; aqueles que entraram em luta com eles foram despojados por todos."

[\[135\]](#)

Sociedade paralela, cuja pompa é uma afronta permanente ao Estado Romano, os piratas ostentam uma riqueza insolente: cobrem de ouro os mastros dos seus navios e cobrem os remos de prata. Na costa italiana organizam grandes festas, com abundância de dançarinos e músicos. E, o pior de tudo, zombam abertamente dos romanos quando os fazem prisioneiros e os matam depois de os terem insultado com ódio.

Protegendo-se mutuamente, entrincheirados, quando não viajam pelo Mediterrâneo, nos seus castelos fortificados na Cilícia, os piratas parecem invencíveis. As suas excursões na costa italiana, os seus ataques a navios, os seus raptos de personalidades importantes, põem em perigo não só as vidas individuais, mas também a economia da Itália, periodicamente privada de carregamentos de trigo essenciais para alimentar a enorme população de Roma.

Um homem aproveitará a oportunidade para se tornar conhecido e devolver a liberdade aos mares: é Pompeu, que reforça o seu prestígio político ao assumir o comando da "guerra" contra os piratas, em condições excepcionais. Divide o mar em treze setores, cada um deles dotado de um quadrado; Em quarenta dias ele limpa o Mediterrâneo ocidental e em três meses extermina completamente os piratas: 10.000 são executados, 20.000 são feitos prisioneiros. Pompeu os instala em aldeias no Oriente e no Ocidente, envolvendo-os em trabalhos pacíficos. Surpreendente conversão destes "terrores" do Mediterrâneo, que se tornam jardineiros tranquilos. Virgílio, muitos anos depois, conhece em Tarente um desses ex-piratas, um bom velhinho que cultivava flores e vegetais ao pé das muralhas da cidade.

Se os romanos se felicitam por terem recuperado a segurança fora da cidade, graças à intervenção eficaz de Pompeu, ainda têm de descobrir, dentro dos seus muros, uma nova forma de violência especialmente agressiva: as brutalidades políticas que caracterizam o contexto económico e social. Roma, no final da República, despertou na cidade.

Gangues armadas e grupos de pressão

A leitura das obras históricas, dos discursos, das cartas redigidas durante os últimos cem anos da República Romana, faz-nos entrar num mundo de barulho e de fúria: a vida política é de facto pontuada por numerosos actos de violência cada vez mais violentos e cada vez mais ousados. difícil de reprimir. Não é necessário mencionar as inúmeras guerras civis que ocorreram ao longo deste período. Os seus líderes geralmente dependem das forças armadas regulares, e aqueles que se opõem aos apoiantes de Mário e Sula, Pompeu e César são verdadeiras batalhas. A “vida quotidiana” de Roma neste século I a.C. é suficiente para dar numerosos exemplos de degradação dos costumes públicos: muito excepcional no início, o recurso à intervenção de grupos de origem cada vez mais duvidosa torna-se quase trivial no decurso do século. século.

Nestas décadas em que a República está a morrer, tudo em Roma encoraja os políticos a recrutar pessoas, a formar batalhões privados. Em princípio, é um hábito antigo que a maioria dos membros da nobreza se cerque de escoltas armadas, compostas por libertos e clientes, prontas para protegê-los contra possíveis ataques. As ruas de Roma, especialmente à noite, tornam-se verdadeiros matadouros. Os *tresviri noturnos* são muito poucos para realmente preocuparem os malfeitores com más intenções. Portanto, é necessário confiar às forças armadas a tarefa de retirar indivíduos perigosos das estradas. É por isso que ninguém se surpreende ao ver uma grande guarda em torno de um político que aparece no fórum para fazer um discurso na tribuna de arenga.

No século II a.C., certos políticos compreenderam todos os benefícios que poderiam obter da força dos seus guarda-costas. Da defesa, essa guarda se transforma em ataque. Quando solicitam o voto dos seus concidadãos, os candidatos à magistratura são acompanhados por homens de acção, capazes num primeiro momento de fornecer a força de dissuasão e, num segundo momento, de fornecer argumentos “contundentes” à candidatura do seu chefe. Em 143 a.C., Cipião Emiliano solicita a censura, função máxima do *cursus honorum romano*. Ele chega ao Fórum acompanhado por uma procissão de libertos e desocupados, “vagabundos em praça pública capazes de revoltar a população e usar a violência tramando e gritando ameaças”.

Mário, durante o período em que foi o senhor inquestionável de Roma, foi apoiado na sua política por dois líderes do partido popular, Saturnino e Gláucia. Estes recrutam uma multidão de sem-abrigo e agitadores, que “assumem” as eleições na altura das eleições ou da votação de leis. Após a conspiração de Catilina, César, denunciado como simpatizante dos conspiradores, deve defender-se perante o Senado:

"Ele revoltou os indivíduos mais obscuros e depravados da cidade e os reuniu ao seu redor. Catão, por medo, persuadiu o Senado a bajular esta população miserável distribuindo grãos."

[\[137\]](#)

Seria fácil citar dezenas de episódios que comprovariam até que ponto se tornou comum, trivial, um político procurar apoio e escolta no submundo de Roma, entre homens sem escrúpulos, movidos pela miséria e pela marginalidade.

[\[138\]](#) Desamparados, escravos, muitas vezes fugitivos, que nada têm a perder e diante dos quais se desdobra a esperança da libertação. Geralmente o núcleo activo destas milícias privadas é constituído por gladiadores. Devido à sua força física e habilidade no manejo de armas, os gladiadores formam excelentes escoltas de "choque". Os magistrados encarregados dos jogos, edis ou pretores, costumam abrigar dezenas de combatentes que participarão do espetáculo em cômodos de suas casas. Às vezes, depois dos jogos, esses gladiadores ficam na casa do magistrado para garantir a sua proteção. Mesmo quando não lutam mais nas arenas, são dotados de uma força física temível que desenvolvem com os treinos diários. Estes grupos privados representam um perigo tão grave que no final da República se tentou limitar por decreto o número de gladiadores que um cidadão estava autorizado a possuir a título pessoal. Durante o ano em que foi edil, César reuniu em sua casa um número considerável de combatentes. César justificou esta concentração humana pelos encargos inerentes ao seu papel de edil. Um pretexto grosseiro, julgaram seus inimigos políticos, e eles se apressaram em votar uma lei para estabelecer limites numéricos para essas tropas privadas de gladiadores.

De ambos os lados, quaisquer que fossem as opções políticas dos seus chefes, estas milícias utilizaram os mesmos procedimentos. Acima de tudo, contentam-se em semear perturbações durante eleições ou assembleias políticas: gritam para cobrir as vozes dos oradores, incitam os seus vizinhos a agir da mesma forma e, acima de tudo, exibem ostensivamente a sua força física e andam por aí com o punhal na cintura:

"No dia em que o povo deveria votar a lei, Metelo trouxe estrangeiros, gladiadores e homens de armas para o Fórum... Quando Catão chegou, viu o templo de Castor e Pólux cercado por homens armados, e seus passos ocupados por gladiadores."

[\[139\]](#)

Estas manobras de intimidação nem sempre são suficientes para silenciar o adversário. Não é incomum, então, que eclodam batalhas campais no Fórum, em torno do Senado, em torno do Capitólio, quando as “gangues” de dois adversários se confrontam. Motins, incêndios, destruição, carnificina fazem parte da vida política de Roma no final da República. Os relatos feitos por contemporâneos de incidentes ocorridos durante assembleias políticas sugerem antes acordos entre gangues rivais em Chicago na década de 1930 e não manifestações da democracia romana.

Clódio, o Belo

Como podemos falar dessas gangues que manipulam a vida política de Roma sem evocar o personagem de Clódio? Clódio, para muitos o protótipo do activista profissional, do extremista sem escrúpulos, Clódios *Pulcher*, “o Belo”, nascido numa das famílias mais proeminentes da cidade, foi membro do *Partido Popular durante toda a sua vida*. Na verdade, só conhecemos Clódio pelo seu “registo de acusações”, cuidadosamente construído por Cícero contra o seu inimigo pessoal, nas suas correspondências e discursos. A realidade certamente não é tão simples. Contudo, embora seja aconselhável desconfiar das acusações partidárias de Cícero, não é menos verdade que as técnicas de Clódio não são um fenómeno isolado. Todos aqueles que, através da violência e da intimidação, apoiam uma ideologia ou um político, sabem como utilizar as estruturas existentes para encobrir as suas actividades obscuras.

Inspirado num projeto de Catilina, Clódio reviveu as associações chamadas *colégios*. Em todos os tempos, os romanos populares agruparam-se em colégios funerários, em fraternidades religiosas, que se reúnem para celebrar a festa de uma divindade tutelar ou homenagear a memória de um amigo falecido. Que melhor cobertura para quem quer dar aparência legal às suas associações paramilitares?

“Os escravos eram recrutados sob o pretexto de formar escolas, bairro por bairro, e distribuídos em grupos de dez. Eram incitados a cometer atos de violência, a destruir, assassinar, saquear...”

[141]

Evidentemente, estamos longe das reuniões de comerciantes pacíficos que celebram a *compitalia*

[142]. “Homens perdidos na miséria e na audácia”, “a escória da cidade...”, “gladiadores novatos, assassinos fugidos da prisão”, constituem, segundo Cícero, estes novos colégios. O que Clódio reuniu em associações temíveis pela sua audácia e falta de escrúpulos foi a população dos bairros miseráveis de Subura, Velabro, Trastevere, os vagabundos das docas do Tibre. Ele lhes dá como líderes seus próprios guarda-costas, geralmente libertos, em

cuja devoção ele pode confiar. Entre os responsáveis por essas escolas estão um coveiro, cuja profissão, considerada degradante, o expõe ao desprezo dos romanos, e dois estrangeiros, Escato o Marso e Tício de Reacia, segundo Cícero uma dupla de vagabundos que em seus países de origem Eles nem sequer tinham telhado para protegê-los da chuva; e toda uma mistura de profissionais da guerrilha urbana, como Lúcio Sérgio, ex-guarda-costas de Catilina que se mudou para a casa de Clódio; e marginais, enfim, que não são difíceis de recrutar nas favelas onde acabaram atraídos pelas miragens da cidade.

Clódio lança esses “colégios” sobre propriedades e pessoas: em novembro de 57, incendiaram a casa do irmão de Cícero, pondo em fuga os trabalhadores que trabalhavam na reconstrução da casa do próprio Cícero; Atacam o orador com pedras e paus quando ele, avisado dos incidentes, corre o risco de sair pelo Caminho Sagrado. Poucos meses antes, para impedir a votação da lei que chamava Cícero do exílio, os mesmos colégios invadiram o Fórum e realizaram tal massacre entre os romanos presentes que “os cadáveres cobriram o Tibre, e foi necessário drenar o sangue que inundou o Fórum.” ... ”

[143]

Assim, reina em Roma um clima permanente de violência, que os líderes políticos mantêm de forma imprudente, explorando em seu próprio benefício a força brutal dos mais miseráveis da cidade. Em 20 de janeiro de 52 a.C., Clódio e cerca de trinta escravos armados encontram-se por acaso na Via Ápia, perto de Bovilas, com outro agitador profissional de Roma, Milão, escoltado por um grande número de gladiadores. O confronto é inevitável entre estas duas gangues que trabalham para partidos opostos. Clódio, gravemente ferido, é transportado para um abrigo. Os homens de Milon o atacam, arrancam Clódio de seu abrigo e abandonam seu cadáver no meio da estrada. Este acerto de contas elimina da cena política os dois homens mais turbulentos de Roma, cujos bandos espalham o terror entre os cidadãos há cinco anos. Clódio morre em combate; e Milon, condenado após um tempestuoso julgamento em que é defendido por Cícero, exila-se em Marselha, onde passa vários anos e passa a gostar das sopas da cidade, já famosas naquela época. Anos depois do assassinato de Clódio, este nostálgico pela violência recruta mais uma vez um exército de gladiadores com o qual desembarca no sul da Itália. Ele enfrenta as forças regulares do exército romano e morre neste último combate, com a cabeça despedaçada por uma pedra.

Vida grega

A consequência mais sensível, para a grande maioria dos romanos, das guerras de conquista do império, é o empobrecimento de grande parte da população romana, e uma miséria que gera violência. Para a nobreza, principal beneficiária deste período de expansão territorial, as conquistas significam não só o aumento da sua riqueza, mas também uma nova filosofia de vida, em grande parte inspirada nos costumes helenísticos e orientais.

“A Grécia conquistada conquistou o seu orgulhoso vencedor”, suspirou Horácio, pensando na invasão do seu país pelos modos de pensar e gostos estéticos vindos do Oriente. Poderia ter dito o mesmo sobre o modo de vida que as figuras públicas mais importantes adoptaram cada vez mais no final da República. Abandonando a austeridade tradicional dos romanos na vida pública, os estadistas ou generais não têm medo de se mostrarem com cortesãs, dançarinos, músicos ou comediantes. É verdade que nem todos agem assim, e Roma não teve hetairas comparáveis a Friné ou Lais. Mas, no final da República, os elementos duvidosos da população romana já não eram frequentados apenas em sessões privadas de bebida.

Sila, um dos homens mais caracterizados em Roma pelo seu amor pelas mulheres, preserva, desde a juventude passada numa *ínsula* de um bairro popular de Roma, o gosto pelos encontros à sombra. Tem partilhado muitos prazeres ambíguos, nas tabernas da cidade, com mímicas, ou fullers que fazem rir nas esquinas. Quando ganha o poder supremo, Sila não consegue abandonar suas companhias de prazer. Ele é visto cuidando dos assuntos do Estado em meio a uma corte de atores, dançarinos ou cantores, o que obviamente prejudica a majestade do poder; As piadas vulgares que o ditador troca com os seus acólitos suscitam desaprovação, mesmo entre os seus apoiantes.

Verro considera seus deveres como governador da Sicília muito pesados. Assim, ele os torna menos dolorosos cercando-se de uma corte de mulheres de prazer: instala-se com elas na praia de Siracusa. Ele manda montar um acampamento delicioso: tendas feitas de musselina preciosa, orquestras que acompanham piqueniques luxuosos com música. Enquanto isso, os piratas incendiaram impunemente a frota ancorada no porto de Siracusa.

Mas é sem dúvida António, entre todos os políticos famosos da era republicana, quem adopta mais completamente o modo de vida praticado pelos chefes de estado da era helenística. A atriz Cytheris, sua amante, o acompanha em todas as suas viagens oficiais, e

recebe as mesmas homenagens que ele. Prostitutas e acrobatas também fazem parte de sua procissão oficial. Este modo de vida, tão contrário à moralidade tradicional, é severamente condenado pela maioria dos romanos. Para eles, é necessário manter uma fronteira intransponível entre a vida pública e os transbordamentos privados:

“Detestavam o modo de vida de Antonio: suas festas indecentes, suas despesas escandalosas, sua frequência a mulheres enojadas. Ele dormia o dia todo, cambaleava por causa da embriaguez, encontrava-se com mulheres à noite, ia ao teatro e assistia às zombarias de mímicos e bobos.”

[\[144\]](#)

A vida de Antônio é demasiado contrária às convenções sociais da Roma do século I para constituir um exemplo significativo. Mas a atitude do amigo de César, por mais escandalosa que possa parecer aos seus contemporâneos, é sintomática de uma profunda transformação das mentalidades romanas no final da República. É o anúncio antecipado de quais serão os costumes de grande parte da nobreza na era imperial. Ao “prazer ao estilo grego” dos contemporâneos de Plauto é seguido pela “vida ao estilo grego” que as mais altas figuras do Estado não hesitarão em viver.

Uma última anedota será suficiente para compreender melhor como os profissionais do prazer estão se tornando cada vez mais importantes na vida pública dos romanos. É mundano que no início do século I aC desempenha um papel importante na política. Esta Praecia, que, diz-nos Plutarco, “nada mais era do que uma prostituta”, atrai romanos da alta sociedade para a sua casa pela sua beleza e pela liberdade dos seus costumes.

“Ela usava aqueles que a frequentavam e faziam comércio com ela para promover as ambições políticas de seus amigos. Dotada de charme, energia e eficiência, ela possuía um poder considerável.”

[\[145\]](#)

Graças à sua relação com o político marianista (isto é, apoiante de Marius) Cétegu, líder da política romana durante a década de 70 a.C., é ela quem detém a realidade do poder neste período. “Nada foi feito sem que a Praecia mandasse”, diz Plutarco. Esta mulher favorece especialmente a carreira política de Pompeu, que conseguiu conquistá-la com presentes. Não é a primeira vez que as mulheres desempenham um papel determinante na vida política de Roma. Os romanos sempre tiveram mais liberdade neste domínio do que os gregos, encerrados no seu gineceu. Praecia, porém, não faz parte daquele grupo de matronas imperiosas que exercem uma autoridade baseada no terror sobre seus maridos. É através da bravura que Praecia goza de influência sobre a classe política romana. Metade mulher do mundo, metade prostituta, ela nos dá um exemplo da evolução dos costumes, da

emancipação das mulheres, nesta Roma que já era mais grega do que autenticamente latina.

10 ROMA DE PERIGOS E DELÍCIAS

A "Cidade"

"Não posso suportar, Quirites, uma Roma grega. E, no entanto, a proporção de gregos nesta turba é minúscula. Há muito tempo que o Orontes sírio desagua no nosso Tibre, carregando a sua língua, os seus costumes, as suas harpas orientais, a sua flautistas, seus bateristas exóticos e suas garotas forçadas a se prostituir perto do Circus Maximus."

[\[146\]](#)

"Abandone esta abundância irritante, estes edifícios que sobem às nuvens, concorde em renunciar aos vapores, às riquezas, ao rugido da opulenta Roma."

[\[147\]](#)

Nos tempos imperiais, Roma é "a Cidade". Os habitantes do império não precisam de um nome mais preciso para designar esta metrópole superlotada, onde, a acreditar em Juvenal, os elementos propriamente italianos foram suplantados por elementos estrangeiros. É verdade que Roma representa um poderoso centro de atracção para todos os povos do Oriente e do Ocidente, caídos sob o seu domínio. Impulsionados pelo acaso ou pela necessidade, vêm instalar-se na Cidade. Uma Roma em que o luxo, a ostentação de riqueza, os requintes, os vícios, são tais que se torna o alvo preferido dos moralistas, a nova Babilónia dos cristãos.

Sua própria superfície foi ampliada para poder conter toda essa população. Augusto em primeiro lugar, com a anexação dos bairros, transformou a Roma quadripartidária da era republicana na Roma das quatorze regiões. O perímetro da cidade, que era de cerca de nove quilómetros e meio durante a República, passou a ser de 19 quilómetros sob Vespasiano e de 22 quilómetros na altura da construção da Muralha Aureliana no século IV.

[\[148\]](#) Medidas que, aparentemente, são insuficientes para permitir a distribuição harmoniosa da população nos novos bairros: na zona dos jardins que circundam a cidade, romanos ricos constroem mansões; mas o centro, onde continuam a viver as pessoas mais miseráveis, continua congestionado.

Roma, cidade de contrastes: a pobreza extrema convive com a exibição insolente do luxo, e o visitante não pode deixar de ficar chocado com o espetáculo que os bairros da cidade oferecem. Há pouca distância entre as suntuosas mansões do Quirinal ou do Pincio e

os imóveis baratos que continuam a subir cada vez mais em Subura e no Velabro. Mas quem se importa, entre os romanos ricos?

“Os olhos dos nobres, que ficam cegos ao ver a menor mancha em suas casas... suportam com alegria aqueles becos sujos e lamacentos, excrementos, fachadas descascadas e paredes rachadas do lado de fora.”

[\[149\]](#)

A existência dos romanos torna-se cada vez mais precária. Nos anais dos historiadores da época imperial, a lista de catástrofes que se abateram sobre os habitantes da cidade regressa como uma litania monótona, reiniciada indefinidamente. Tremores de terra, inundações do Tibre que prenunciam epidemias; Alguns sobrecarregam a população a tal ponto que os imperadores têm apenas um recurso: expulsões em massa para reduzir o número de bocas para alimentar. Depois de uma grande fome, no ano 6 a.C., Augusto ordenou que a cidade fosse “expurgada” dos gladiadores, de parte dos escravos e de todos os estrangeiros, exceto médicos e professores. Fora essas bocas inúteis! Desde o início do Império, os príncipes foram responsáveis pela alimentação de grande parte da população romana, beneficiária da distribuição gratuita de trigo. São cerca de 200 mil pessoas que aguardam esse maná imperial, a chamada plebe do trigo. Augusto até lhes designou o prefeito de Anona, especialmente encarregado do abastecimento da cidade. Estas são medidas eficazes, mas por vezes são insuficientes: surgem breves surtos de violência quando a fome se torna excessiva. Especula-se com comida e, em 410, a multidão exasperada exige, no meio do circo, que carne humana seja colocada à venda.

E o que podemos dizer sobre os incêndios que periodicamente causam estragos na cidade e contribuem para a sua insegurança? É bem conhecido aquele de 64, cuja responsabilidade, aos olhos da opinião pública, recai sobre Nero, e cujas vítimas são os bodes expiatórios os cristãos. Os de 80, de 191, de 283, não são inferiores aos de 64 na violência destrutiva. Mas o que fazer naqueles bairros onde a aglomeração de casas, a ausência de espaços livres entre os edifícios, feitos de materiais inflamáveis, impedem qualquer medida eficaz? Cada vez que ocorre um incêndio em um dos bairros da cidade, reproduzem-se as mesmas cenas de pânico e desordem:

“Um tumulto extraordinário tomou conta de toda a cidade, e as pessoas corriam de um lado para outro como se estivessem enlouquecidas. Alguns, que tinham ido ajudar seus vizinhos, descobriram que sua própria casa estava pegando fogo. , sabiam que tinham perdido tudo. Aqueles que estavam dentro dos edifícios correram para as ruas estreitas na esperança de encontrar segurança no exterior, enquanto outros, por outro lado, queriam refugiar-se dentro das casas. , todos gritavam ou gemiam. Não se via nem ouvia nada por causa da fumaça e dos gritos. Alguns ficaram em seus lugares, mudos e atordoados. Muitos dos que transportavam seus bens, assim como aqueles que haviam roubado os de outras pessoas. mercadorias, Eles se chocaram e vacilaram sob a carga, Impossível avançar, impossível ficar

parado, porque todos empurraram e foram empurrados, derrubados e pisoteados. Muitos foram testemunhas de tudo o que ocorre numa catástrofe deste tipo. . e era impossível escapar, porque quem fugia de um perigo imediatamente caía em outro pior e morria."

[150]

Assim, como sempre, as doenças não pouparam a população romana. As precauções sanitárias eram desconhecidas e as epidemias aumentavam o seu poder devastador de ano para ano. Em 65, ano seguinte ao grande incêndio, uma praga particularmente fatal causou 30.000 vítimas em Roma. Revelando detalhes, o contágio é tamanho que a doença não se limita aos bairros populares da cidade, mas atinge também os "bairros bons". Senadores e cavaleiros, em grande número, morrem ao mesmo tempo que escravos e mendigos.

Imperadores providentes

Porquê recordar os detalhes de todas estas catástrofes que atingem Roma e atingem sempre primeiro os mais vulneráveis? São aqueles que já impressionaram os contemporâneos de Plauto ou Cícero, e a diferença entre estes períodos sucessivos da história romana é quantitativa, não qualitativa. Mas os imperadores não podem ser acusados de insensibilidade face a estas calamidades, que rapidamente assumem a magnitude de verdadeiros desastres em Roma. Sob o reinado de Augusto, ocorreram medidas de segurança e saneamento. Todos estes esforços, muitas vezes interessantes na sua concepção, esbarram num problema insolúvel, que é o da concentração humana na cidade. Por razões de segurança e falta de transporte, é impossível deslocar parte desta população para fora de Roma. Portanto, a forma de prevenir epidemias é eliminar as fontes de infecção: o leito do Tibre é limpo regularmente; O cemitério de Esquilmos, vasto terreno a norte da cidade, que servia de vala comum aos mais pobres, foi eliminado e substituído por jardins. Aproveitando os incêndios que destroem alguns bairros, tenta-se (e é sobretudo obra de Nero) limitar os riscos abrindo espaços entre as casas em reconstrução e rodeando-as de pórticos que constituem guardas de incêndio. A criação do porto de Ostia, por iniciativa de Cláudio, resolve em parte o problema do armazenamento do trigo, e também do abastecimento da cidade durante os meses de inverno, quando os navios não circulam.

Uma das grandes novidades que a instalação do Império introduziu na administração da cidade é a criação de serviços especializados na proteção de bens e pessoas: altos funcionários, escolhidos pelo imperador e dele dependentes, substituirão os magistrados do tempo. Republicano. O prefeito da cidade tem primazia sobre a administração municipal. O prefeito de La Anona garante o abastecimento. O prefeito das Vigílias, por fim, está à frente de 7 mil vigílias, escravos ou libertos, encarregados de combater incêndios e garantir a presença policial nas ruas à noite. As quatro coortes urbanas são reforçadas pelos Pretorianos, encarregados da proteção pessoal do imperador. As coortes pretorianas são frequentemente chamadas para trazer ordem à cidade. Se somarmos todas essas forças, encarregadas em diversas funções de garantir o reinado da tranquilidade em Roma no início do Império, obtém-se o respeitável número de 21.000 homens armados.

Mas esta polícia carece de eficácia, se acreditarmos em Juvenal: em vez de fazer patrulhas rotineiras pelas ruas da cidade, preferem grandes operações nas regiões da Itália que servem de refúgio para bandidos. E enquanto as coortes garantem a segurança nos Pântanos Pontinos ou na costa de Cumas, os ladrões podem operar livremente nas ruas de Roma:

“Não faltarão pessoas que vão roubar vocês, uma vez que as casas estejam fechadas, e as lojas tenham as venezianas fechadas e com correntes...”

Os espetáculos e misérias da cidade

Nos tempos de Plauto ou Cícero, todas as atividades da cidade concentravam-se no Fórum Romano, das mais honrosas às mais duvidosas. Na Roma imperial, o Fórum parece pequeno, comparado aos magníficos fóruns imperiais que foram construídos durante reinados sucessivos. É toda a cidade que se torna lugar de passeios, encontros, trânsito, para esta multidão ociosa, entediada e em busca de espetáculo, cheia de golpistas à caça de vítimas, parasitas depois de um jantar ou de um patrono acolhedor e generoso. Se acreditarmos nas imagens que nos foram deixadas pelos escritores da época imperial, a vida quotidiana, para a maioria dos romanos, apresenta-se como uma busca perpétua.

Roma está acima de todo barulho: murmúrios, barulho, nada pode impedir aquele rumor confuso que sobe das ruas durante o dia:

“Em Roma os pobres não podem mais pensar nem descansar. É impossível viver em paz pela manhã por causa dos professores, à noite por causa dos açougueiros, o dia todo por causa dos martelos dos latoeiros. clientes, ele rola, em seu balcão untado, pilhas de moedas com a efígie de Nero. Ali, um trabalhador espanhol mói areia dourada e bate em sua velha pedra com seu martelo brilhante. Nada impede a tropa fanática de fiéis de Bellona. por ataduras, nem o judeu que foi ensinado por sua mãe a mendigar, nem o vendedor ambulante de fósforos de enxofre”.

[\[153\]](#)

Tamanho é o tumulto que do amanhecer ao anoitecer invade passeios, ruas, varandas. Um trecho de uma famosa sátira de Juvenal evoca os múltiplos perigos que aguardam o pedestre que caminha por Roma: as grandes liteiras dos ricos, as carroças, os trabalhadores que carregam vigas ou vasos de vinho ou azeite. É muito difícil passar por essas vias, que ficam ainda mais estreitas com as barracas dos vendedores. Na verdade, ao longo do dia a estrada está repleta de lojas de rua, onde se vende todo o tipo de mercadorias. Garrafas de bebidas e rolos de papiro estão pendurados nos postes que sustentam os toldos desses quartéis temporários. Domiciano será forçado a emitir um decreto proibindo os comerciantes de monopolizarem as estradas montando suas barracas, que são perigosas

para a segurança do trânsito. E às vezes, acima da multidão compacta que se aglomera nas ruas, você pode ver a navalha ensaboada do barbeiro que faz a barba de seu cliente, levantada no meio do tumulto. As ruas de Roma estão tão movimentadas que uma caminhada pode ser paga com a vida: uma inscrição homenageia uma mulher e um menino de treze anos sufocados pela multidão que se aglomerava perto do Capitólio.

A rua é um espetáculo e tanto: charlatães, expositores de animais sábios e charlatões seguem um após o outro; perto do Circus Maximus, um macaco montado em uma cabra e usando escudo e capacete faz gestos de arremesso de dardo; uma maçã lançada por um espectador será sua recompensa. Perto do Circus Maximus havia um anunciador de boa sorte, que a taverna foi consultar para saber se deveria aceitar o velho vareiro que a cortejava. Horácio consultava cartomantes instalados contra o muro do Circo e demorava-se diante dos revendedores que espalhavam por terra as mercadorias roubadas em outros mercados. Ali estavam todos os charlatões, os titereiros, dos mais lamentáveis aos mais astutos, num turbilhão de ruídos, cores e cheiros:

"...o vendedor de Trastevere, que troca fósforos amarelos por um vaso quebrado... aquele que vende sua sopa de ervilhas aos curiosos reunidos ao seu redor... o encantador de serpentes, os infelizes escravos dos salgadores, os roucos cozinheiro que anda pelas tabernas superaquecidas com seus fios de salsichas fumegantes, o mau cantor das ruas."

[154]

Como esquecer, entre esta multidão ociosa ou ocupada, aqueles que por todos os meios tentam aquecer quem por ali passa? Os mendigos de Roma são pitorescos, quando não conseguem convencer: o falso náufrago traz ao pescoço uma pintura que representa a tempestade durante a qual, a acreditar nas suas lamentações, perdeu toda a sua fortuna. Outro recolhe restos de vidro ou cerâmica do lixo e tenta vendê-los fazendo-os passar por fragmentos de obras de artistas famosos. As crianças tremem, choramingam: as mães as ensinam, assim que aprendem a andar, a se agarrar às roupas dos pedestres. Há mendigos por toda parte: nos degraus dos edifícios oficiais ou sagrados, quando o tempo está bom; nas passagens cobertas, quando o frio, a chuva ou as ondas de calor os expulsam dos locais públicos. Seu lugar favorito: uma rua inclinada, uma ponte em arco, obrigando os carros a desacelerar. Em seguida, eles correm até o motorista ou passageiro com seus pedidos.

Marcial encontra Vacerra e sua família na rua, expulsos de casa: ressecados pelo frio e pela fome, com os rostos pálidos e murchos, os quatro infelizes arrastam seu miserável enxoval:

"Um berço ruim de três pernas, uma mesa, uma pequena luminária, uma fonte de madeira, um penico quebrado, um braseiro coberto de verdete preso a uma ânfora, uma panela com um cheiro nauseabundo, que devia conter anchovas ou arenques não comestíveis, um quarto de queijo Toulouse, uma velha coroa de hortelã enegrecida, fios incompletos de alho e cebola."

Tem até um pote cheio de uma resina nojenta, que a mãe de Vacerra vende para as prostitutas de Subura para depilação. Com essa bagagem, Vacerra não consegue se mudar para um prédio, por mais miserável que seja, e Marcial o aconselha a se refugiar debaixo de uma ponte, na companhia de seus irmãos mendicantes. O poeta pretende fazer um quadro cômico, e talvez tenha sido assim para muitos de seus leitores. Para nós, Vacerra parece o protótipo de toda a miséria que a cidade de Roma produz.

Muitos destes mendigos, sem passagens cobertas ou pontes sob as quais encontrar abrigo precário, retiram-se para os bosques sagrados de Roma, onde todos os rejeitados, todos os deserdados da cidade procuram refúgio. Estas florestas sagradas são, na verdade, terras de asilo, uma vez que as forças armadas não podem entrar nelas. Entre a sua folhagem, todos aqueles que, vindos de horizontes diversos, escapam aos controles policiais, encontram segurança. Por exemplo, há os devedores pobres expulsos por não conseguirem pagar o aluguel. Os ladrões costumam estabelecer seu quartel-general em uma dessas florestas aconchegantes. E há também aqueles que as autoridades consideram indesejáveis, aqueles cuja religião parece suspeita de pôr em perigo o Estado: uma pequena comunidade judaica está instalada no bosque sagrado que margeia a Via Ápia ao sair pela Porta Capena. Os primeiros cristãos também se refugiarão nestas florestas que, pela sua própria insegurança, constituem um refúgio contra o perigo.

Entre a multidão que percorre as ruas de Roma estão, por último, os ladrões, aqueles que roubam algo de uma barraca e fogem, ou os batedores de carteira que se escondem nas malas dos desavisados. Os mais astutos perambulam pelas fontes termais onde, sem muito risco, podem roubar a roupa dos banhistas. São tão numerosos que um parágrafo especial é dedicado a eles no Digest. Todos estes ladrões, bem como aqueles que abrem buracos nas paredes das casas para as saquear, correm o risco de serem condenados à pena de morte ou, no melhor dos casos, ao trabalho forçado perpétuo. Mas é muito difícil pegar um *batedor de carteira* que se perde na multidão.

Fraudes devotadas

Os mais sutis dos vagabundos ou vagabundos que passeiam o lazer pelas ruas de Roma, adotam o disfarce da religião ou da filosofia para enganar os inocentes, e não é nada difícil fingir que se sabe ler o futuro nas fortunas, ou faça um horóscopo.

^[156] Velhas sibilas, detentoras de segredos imemoriais, mágicos, astrólogos que sempre se fazem passar por caldeus ou babilônios, detêm os pedestres e asseguram-lhes que conhecem todos os segredos do futuro. A superstição inata dos romanos facilita a sua tarefa. Já durante a Segunda Guerra Púnica, as autoridades tiveram que tomar medidas severas para expulsar adivinhos, astrólogos e adivinhos de Roma: aproveitando o pânico causado nos romanos pelas derrotas dos romanos. suas tropas antes de Aníbal, todos esses charlatões invadem o Fórum e, sempre prevendo o desastre, oferecem os meios para evitá-lo. Homens perigosos, como vemos, porque comprometem o respeito devido pelos cidadãos à religião oficial. Por isso estão, de tempos em tempos, sujeitos a medidas de expulsão.

Mas há impostores mais industriais do que os adivinhos vulgares: são aqueles que se dizem sacerdotes de uma das divindades orientais conhecidas pelos romanos desde o século II a.C. Cibele, Ísis, a grande deusa assíria, servem de “tela” para homens e mulheres que, em nome da divindade, obtêm lucros substanciais com a credulidade e a ignorância de muitos. Todos esses falsos sacerdotes utilizam os mesmos artifícios: manifestações barulhentas, uivos, gritos, danças extáticas, mutilações sangrentas, fantasias espetaculares, tudo serve para impressionar os desavisados:

“Quando um indivíduo sacode o sistro... quando uma fraude lhe corta a pele dos braços e dos ombros... quando uma mulher late enquanto rasteja no meio da rua... quando um velho vestido de linho agita um ramo de louro e uma lanterna em plena luz do dia gritando que um deus está com raiva, todo mundo corre para ver.”

A maioria destes “devotos” nada mais são do que charlatães, que se aproveitam da credulidade popular para enriquecer. Eles impressionam as pessoas boas com seus enfeites coloridos, sua maquiagem nunca antes vista:

“Vestidos com túnicas multicoloridas, colam horrivelmente o rosto com um creme branco e escurecem as pálpebras com carvão. Aparecem com turbantes, capas amarelo-açafrão e véus de seda ou linho finíssimo. motivos roxos e apertados por um cinto enorme. Nos pés, usam sapatos amarelos.”

[_158\]](#)

O show começa e os fãs de impressões fortes têm seu prato servido com uma dança frenética que deixa os espectadores tontos, autoanulações sangrentas, flagelações, tudo para provocar sentimentos de admiração na multidão, onde o horror se mistura ao sadismo:

“Depois que a deusa, vestida com um manto de seda, me colocou de costas, eles desnudam os braços até os ombros e brandindo enormes espadas e machados, começam a pular como se estivessem possuídos e o som da flauta os leva embora. .. Soltando uivos discordantes, eles se lançam de forma insana e, com a cabeça baixa, giram o pescoço em todas as direções, balançando os longos cabelos. Às vezes, mordem uns aos outros e até machucam os braços com as armas que possuem.

“Enquanto isso, um deles se agita mais violentamente que os outros e, arrancando gemidos apressados do peito, finge estar possuído pelo espírito divino, e finge um frenesi exaustivo... Ele começa a profetizar em tom de gemido, e se dirige a invectivas para Acusando-se de ter transgredido as regras de sua religião, ele exige uma punição justa por seus pecados. Então ele pega um chicote, atributo por excelência daqueles eunucos, um chicote feito de tiras entrelaçadas de couro e lã, terminando em longas. fios e salpicados de ossos afiados de cordeiro. Com ela ele se dá grandes chicotadas e mostra surpreendente resistência à dor. Podia-se ver o sangue imundo desses efeminados correndo sob os cortes das espadas e dos chicotes.

Espetáculo que termina, como não poderia deixar de ser, com a passagem do disco entre os espectadores. É difícil saber por que razão as testemunhas inocentes dão dinheiro a estes charlatões-mendigos, seja por devoção ou admiração por uma exposição bem feita:

“Quando estão cansados, ou, pelo menos, satisfeitos com as suas mutilações, param a carnificina, e o povo dá-lhes pequenas moedas de cobre ou mesmo de prata, que guardam nas grandes dobras das roupas. jarro de vinho ou leite, queijo, farinha Eles empilham tudo com avidez e colocam em sacos feitos especificamente para isso, e depois carregam nas minhas costas.”

Tal como estes falsos sacerdotes, os falsos filósofos também aproveitam a impressão que causam na multidão e obtêm assim o seu sustento diário. Em geral afirmam ser discípulos da doutrina cínica e são figuras pitorescas, bem conhecidas dos romanos. Barbudos, cabelos compridos e emaranhados, sujos e esfarrapados, ficam nos cantos e apostrofam os transeuntes brandindo uma bengala. Filósofos? Mais como vagabundos, que intimidam os romanos com seus gritos. Geralmente obtêm deles algumas moedas, que suas vítimas dão e ficam gratas por terem escapado por tão pouco.

Uma violência sempre latente

Roma é uma multidão de curiosos dispostos a parar ao menor espectáculo, ociosos ou ocupados com os seus pequenos trabalhos, mas uma multidão onde irrompem súbitas explosões de violência, imprevisíveis e brutais, que geralmente têm a sua origem nos bairros populares.

Muitas vezes, um incidente é suficiente para desencadear um motim. Quando Calígula se divorciou em 39, quando Nero repudiou Otávia em 62 para se casar com Popéia, a raiva tomou conta dos bairros populares e os imperadores recorreram às suas tropas para dispersar as manifestações que avançavam sobre o Palatino. Mais grave, a escassez de trigo, a fome, o calor ou o frio, provocam rebeliões. Durante a grande fome de 6 d.C., começaram a aparecer nos muros de Roma cartazes afixados à noite pelo povo, nos quais a responsabilidade pela falta era atribuída ao imperador. Um certo Pláucio Rufo aproveita o descontentamento para fomentar uma conspiração contra Augusto, que é descoberta pela polícia antes de se tornar importante. No teatro, a raiva popular manifesta-se de forma ainda mais agressiva: em 32, durante vários dias, a multidão faminta ataca aberta e brutalmente Tibério, licença até então desconhecida.

[\[159\]](#)

As lutas que enfrentaram as gangues no final da República mostraram os perigos que a existência de milícias privadas para substituir uma força policial muito escassa coloca em risco as autoridades. É verdade que depois que Augusto assumiu o poder, não houve mais líderes políticos acompanhados por tropas de homens armados. Mas outras associações, já não políticas, mas criminosas, continuam a formar-se clandestinamente. Pelas ruas de Roma vemos indivíduos andando carregando, à vista de todos, uma arma na cintura. Os *Malvivientes*, emuladores das gangues de Clódio, são agrupados sob o nome de “escolas”. Entre as actividades indizíveis destes bandos que se disfarçam de grupos religiosos, está sobretudo o tráfico de homens livres: os viajantes são raptados no campo, em albergues, são encerrados nas *ergástulas* de Itália, onde são confundido com os escravos acorrentados. Augusto põe fim por um tempo a este temível tráfico: dissolve os colégios criados sem autorização legal e manda fiscalizar as *ergástulas* para libertar homens livres sequestrados. Medidas que têm eficácia provisória, mas não resolvem o problema subjacente. Na verdade,

durante o seu reinado, Tibério foi forçado a realizar as mesmas operações de controle nas ergástulas italianas.

Um episódio sangrento, ocorrido em 59 d.C., mostra que as escolas ilegais estão longe de terem desaparecido de Itália. Um show de gladiadores é realizado em homenagem a Pompeu. Boa parte do anfiteatro é ocupada por espectadores de cidades vizinhas, e entre eles, os habitantes de Nuceria, que tendem a se desentender com seus vizinhos de Pompéia. A princípio, algumas brigas eclodem nas arquibancadas, entre cidadãos das duas cidades; trocam-se insultos, que aumentam de tom; As pedras voam e logo as armas são alcançadas. O incidente transforma-se num massacre: feridos, mutilados, mortos: pela primeira vez são os espectadores que travam os combates e não os gladiadores. A consequência é que o Senado Romano proíbe as exposições de gladiadores em Pompeia por um período de dez anos. Sem dúvida é a pior proibição que se pode infligir aos habitantes de uma cidade do Império Romano. As escolas ilegais, que são suspeitas, certamente com boas razões, de terem provocado voluntariamente o incidente, são assim dissolvidas. Com efeito, como explicar que muitos espectadores tenham ido armados a estes jogos, se não houve premeditação. Na era imperial, os membros dos colégios já não interviam em questões políticas, mas apoiavam, muitas vezes da forma mais brutal, as rivalidades entre as cidades.

Os jogos de circo e de anfiteatro são o melhor pretexto para estas lutas. Conflitos, por vezes violentos, eclodem entre os grupos que apoiam as diferentes equipas circenses. A paixão que anima os apoiantes dos “verdes” ou dos “azuis” faz com que o entusiasmo frequentemente termine em motim.

Mais tarde na história do Império Romano, foram as gangues de estudantes que constituiriam uma ameaça à ordem pública. Não se contentam em atrapalhar os cursos de seus professores, mas, armados de facas, paus e pedras, espalham o terror pelas ruas das grandes cidades. Santo Agostinho queixa-se da odiosa turbulência dos estudantes cartagineses. O retórico grego Libânio evoca longamente as perturbações causadas pela juventude ateniense. Um decreto imperial, em 370, regulamentou severamente o modo de vida dos estudantes de Roma, especialmente para evitar a formação de associações perigosas para os habitantes das cidades.

Os perigos da noite

Se acreditarmos nos escritores romanos que nos deixaram descrições sombrias da capital, é muito perigoso caminhar pelas ruas de Roma durante o dia. Mas o trânsito, o barulho e a poeira não são nada comparados ao que espera o viajante durante a noite. Poucos romanos se atrevem a atravessar a cidade após o pôr do sol, a menos que sejam acompanhados por uma guarda de escravos armados e carregando tochas. A escuridão reina nas ruas, pois não há iluminação pública.

E essas ruas estão longe de estarem desertas: todos aqueles que não têm o direito de circular durante o dia – os carros de transporte, os volumosos comboios – percorrem a cidade e acordam os habitantes das *ínsulas*. “Muitas pessoas morrem de insônia em Roma”, observa Juvenal com amargura. Também à noite é possível ver os cortejos fúnebres dos pobres que passam. Aqueles que não têm dinheiro para pagar funerais de verdade são recolhidos em suas casas por escravos públicos, que levam os cadáveres para a vala comum. Este costume explica a desgraça que sofreu um turista francês na época de Marcial. Pouco consciente dos costumes noturnos da cidade, este homem muito corpulento retorna ao seu albergue no meio da noite. Ele tropeça no escuro, cai, bate a cabeça e desmaia. Por acaso, quatro escravos públicos, passando carregando um cadáver, o veem e, por compaixão, o carregam também. E nosso turista recupera o juízo sobre uma pilha de cadáveres.

À noite, Roma também pertence aos marginalizados, aos que escondem atividades ilícitas no escuro, aos jovens da boa sociedade que saem para a festa e agridem quem encontram, aos bêbados que é sempre perigoso encontrar em algum beco :

*“O bêbado, de humor agressivo, tem a audácia da juventude e a violência da embriaguez, embora evite aquele de manto púrpura e escolta importante com tochas de bronze. Mas eu, que avanço à luz da lua ou do brilho de uma vela ruim cujo pavio guardei, não causou medo a ninguém Então começa a luta, se uma luta pode ser chamada de luta onde um bate e o outro não faz nada além de se defender Ele fica na minha frente e me bate. . a ordem para me impedir. Como você pode se recusar a fazê-lo, quando se depara com um homem superexcitado e mais forte do que você: 'De onde você vem?', ele grita '**Quem** você se encheu de feijão . purê regado com vinho? Com que sapateiro você dividiu as peras e a cabeça de cordeiro cozida Você não quer responder, ou vou te chutar para falar! sinagoga você pode ser*

encontrado?’ Você pode tentar responder a ele ou tentar fugir silenciosamente. Não importa. Ele vai bater em você da mesma maneira e então terá a coragem de abrir um processo contra você por danos. : chicoteado, coberto de hematomas, ele deve se ajoelhar e implorar ao seu agressor que deixe pelo menos alguns dentes no lugar.

[160]

Se as ruas do centro da cidade não são seguras, o que dizer dos terrenos baldios da periferia, das estradas que partem de Roma para todos os cantos da Itália. Assim que as sombras caem, figuras escuras começam a pairar, absortas em suas atividades furtivas. É a zona dos túmulos, cemitérios, crematórios, uma zona temida pelos cidadãos romanos e, precisamente por isso, um refúgio para os marginalizados.

Estas regiões estão longe de oferecer um espetáculo atraente e não é aconselhável que almas sensíveis se arrisquem nestes terrenos baldios. Até ao reinado de Augusto, uma grande necrópole estendia-se para além do *pomerium*, em direcção ao nordeste da cidade, zona a que correspondem três morros, o Esquilino, o Viminal e o Quirinal, ou seja, um prolongamento do bairro Subura. Esta necrópole apresenta um espetáculo particularmente sinistro: é lá onde se encontram as valas comuns, onde são despejados os cadáveres dos indigentes, dos escravos, dos condenados; Em mais de dois hectares e meio é possível ver sepulturas modestas, ossos branqueados, restos de cadáveres e todo o lixo de que os habitantes da cidade vêm se livrar. Cães, aves de rapina, às vezes lobos vagam por lá em busca de seu alimento macabro. Nos crematórios, permanentemente iluminados, os cadáveres são amontoados. Este trabalho repugnante é confiado a certos escravos, os mais miseráveis ou os mais perigosos. Estão condenados a viver entre os vapores nauseabundos dos crematórios, cujo fogo mantém vivo, ao mesmo tempo que protegem os cadáveres dos ataques dos animais. Para indicar à primeira vista a sua infâmia, eles têm metade da cabeça raspada.

Por motivos de saúde, o cemitério Esquilino foi abandonado durante o reinado de Augusto, e Mecenas transformou o terreno num passeio muito apreciado pelos romanos. Os crematórios e sepulturas são afastados da cidade e as áreas perigosas são transferidas para norte e sul das muralhas.

Pontilhadas de valas comuns e de monumentos funerários muitas vezes suntuosos, as necrópoles estão longe de ser locais de silêncio e tranquilidade. Se têm má reputação, não é apenas porque os romanos supersticiosos evitam estas áreas onde temem ser atacados pelos espíritos dos mortos. Na verdade, os fantasmas não são os únicos habitantes destes lugares sinistros. Ladrões de túmulos e muitos desabrigados vêm se alimentar nos cemitérios com a comida deixada para os mortos perto dos túmulos.

Ladrões mais perigosos também são encontrados na área da necrópole. Estes reúnem-se entre os túmulos não para saquear os monumentos funerários, mas porque têm a certeza de que ali ninguém virá perturbá-los. Na verdade, quem se atreveria a arriscar-se a visitar os túmulos à noite? Em *As Metamorfoses* de Apuleio, um bando de ladrões toma como “base de operações” a necrópole localizada às portas da cidade. Escondem o seu

saque nos túmulos e esperam, bem escondidos entre caixões cheios de vermes, por uma noite sem lua para lançar ataques sub-reptícios contra as casas ricas. Todas essas gangues sabem aproveitar da melhor forma possível a superstição, o medo sagrado que a presença dos mortos inspira no povo comum dos mortais. Os bandidos romanos tomaram como padroeira uma divindade, Laverna, cujo santuário, situado numa floresta sagrada perto da Via Salaria, oferece-lhes um refúgio seguro. Lá eles escondem o seu saque e dirigem a sua oração silenciosa à divindade (se o fazem silenciosamente é por medo de que alguém descubra as suas intenções criminosas).

Mendigos, ladrões e também prostitutas: durante o dia você encontra os “túmulos”, como Maupassant os chamava, nas necrópoles. Mostram todos os sinais exteriores de uma dor inconsolável, fingem cumprir seus últimos deveres para com um morto e têm pena dos desavisados que se preparam para consolar essas belezas entristecidas.

À noite, ali também se reúnem as mais desprezadas das “lobas” romanas, ao longo da Via Ápia, com a cabeça coberta por uma peruca ruiva, insígnia da sua profissão. Eles também rondam os túmulos: não conseguirão mais clientela que os escravos que mantêm os crematórios, os saqueadores de roupas de cadáveres, os mendigos, todos os quais satisfazem, por algumas moedas, dentro de algum monumento funerário.

“O lobo vermelho da tumba em ruínas”: num só golpe Juvenal descreve esses restos humanos que vagam à noite pelos lugares mais sinistros.

Necromancia, bruxaria, assassinato ritual

Também nos cemitérios é possível encontrar muitas mulheres, jovens ou velhas, que vêm recolher furtivamente ossos ou ervas que usarão para compor poções mais ou menos mágicas. Magia branca ou magia negra. A mais inofensiva dessas misturas servirá de “filtro de amor”, com o qual a paixão será provocada em uma pessoa indiferente, os sentimentos amorosos de uma pessoa infiel serão ressuscitados. Os mais perigosos estão destinados a fazer morrer um inimigo em meio a um sofrimento refinado.

Ou as sombras são evocadas nos cemitérios. O grotesco compete com o horror nessas cenas de necromancia: estatuetas encantadoras, mistura de ingredientes nojentos, sacrifícios. Duas temíveis bruxas contemporâneas de Horácio, Canídia e Sagana, realizam uma cerimônia no mesmo cemitério Esquilino para punir um amante infiel:

“Vi Canídia chegar, vestida com uma grande túnica preta, os pés descalços e os cabelos soltos, uivando ao lado de Sagana, a Velha. Morderam um cordeiro preto. Fizeram seu sangue escorrer para a cova para atrair as crinas, os espíritos que pudessem responder às suas perguntas. Havia também uma boneca de lã e outra de cera. A menor, feita de cera, que estava na postura de suplicante, como se fosse perecer nas torturas reservadas aos escravos, Canídia invocou Hécate e Sagana ao cruel Tisífone. dos escravos vagam. Inferno se a lua vermelha não tivesse corrido para se esconder atrás das grandes tumbas para não testemunhar aquelas abominações.

“Por que evocar em detalhes o sussurro triste das sombras dos mortos que conversavam com Sagana, ou a maneira como as duas bruxas enterraram secretamente a mandíbula do lobo e um dente de cobra manchado? Por que descrever como o boneco de cera, quando derretido, soltou um brilho vívido de chama?”

_[161]

Canídia e seus amigos seriam ridículos se não praticassem outras práticas mais perigosas, como as que Horácio nos conta em outro poema. A cena se passa em uma casa em Subura. Canídia e suas três amigas são prostitutas de alta classe, procuradas por marinheiros ou carregadores. Como muitos profissionais do prazer em Roma ou na Grécia,

acrescentam às suas atividades “oficiais” outras atividades mais secretas e mágicas. Não faltam clientes para essas feiticeiras que fazem a lua “descer” com seus losangos ou sua roda mágica, enfeitiçam seus inimigos com estatuetas de cera ou evocam espíritos. Mas raramente se entregam a feitiços criminosos tão horríveis como os praticados por Canídia, Veia, Sagana e Folia. Com efeito, para competir com um mágico mais poderoso que ela, que lhe tirou o amante, Canídia fará morrer de fome uma criança semienterrada, uma criança de boa família raptada por estas bruxas. A medula seca e o fígado do infeliz servirão para fazer um filtro eficaz:

“A criança ainda pré-púbere estava lá, despida, tão trêmula que teria amolecido o coração selvagem dos trácios. Canídia, que havia intercalado pequenas cobras em seus cabelos emaranhados, mandou colher figos selvagens colhidos em um cemitério, ciprestes funerários, ovos mergulhados em sangue de sapo, penas de coruja, ervas trazidas da Tessália e Cólquida férteis em venenos e ossos arrancados da boca de um cachorro faminto.

“Sagana, com a túnica levantada, anda pela casa inteira, borrifando-a com água do Lago Avernus. Com os cabelos em pé, parece um urso ou um javali de cerdas esticadas.

“Veia, a quem nenhum remorso alcança, cava a terra com uma grande enxada, ofegante com o esforço. A criança enterrada na cova poderá agonizar por muito tempo, olhando de longe os pratos carregados de comida que será trocada duas ou três vezes por dia, e Só o seu rosto emergirá da superfície, como o nadador cujo queixo só aparece da água. E quando os seus olhos fixos no alimento proibido se fecharem para sempre, a sua medula e o seu fígado, secos, ficarão. servir como um filtro de amor.”

[_162\]](#)

Invenção de um poeta imaginativo? Sem chance. Cícero já acusa um de seus inimigos, Vatinius, de praticar práticas semelhantes às de Canídia:

“Você tem o hábito de evocar as almas do inferno e de apaziguar os deuses humanos com as entranhas das crianças.”

[_163\]](#)

Mais do que as acusações de Cícero ou Horácio, o que prova que a realidade não é inferior à ficção é o epitáfio do pequeno Jocundus, encontrado no Esquilino:

“Jocundus, filho de Gryphus e Vitalis. Eu ia fazer quatro anos, mas estou no subsolo, quando ainda pude dar muitas alegrias ao meu pai e à minha mãe. Uma feiticeira cruel tirou minha vida. Ela ainda está viva e continua a praticar seus truques são

perigosos. Pais, cuidem bem de seus filhos, se não querem que seus corações se encham de dor."

A morte atrai violência, e nada é mais representativo do ódio puro do que as "tábuas mágicas". Onde quer que existam túmulos e sepulcros, foram encontradas estas tábuas, geralmente feitas de chumbo, escondidas por aqueles que esperam destruir os seus inimigos por esse meio. Rivais apaixonados, competidores esportivos, adversários de toda espécie, consagram-se às divindades infernais através destas tábuas.

Estes humildes testemunhos dos ambientes mais populares das cidades antigas contêm uma veemência, uma animosidade que impressiona quando se lê as suas fórmulas estereotipadas, repetidas em centenas de exemplares. As imprecações são escritas em linguagem vulgar, muitas vezes com erros, cheia de expressões desajeitadas. Para confundir o inimigo, às vezes é usada uma linguagem codificada: então você tem que ler o texto de baixo para cima ou da direita para a esquerda; Desenhos misteriosos e cabalísticos se misturam ao texto.

Estas tabuinhas consagram o inimigo à execração, em grande detalhe. Com complacência sádica, são listadas todas as partes do corpo que devem ser tocadas antes da morte final:

"Deuses infernais, se vocês têm alguma santidade, eu lhes dou Tychené, serva de Carisus, e que tudo o que ela fizer dê errado, e que tudo o que acontecer com ela seja ruim. Deuses infernais, eu lhes dou seus membros, sua cor, sua rosto, sua cabeça, seu cabelo, sua sombra, seu cérebro, sua testa, suas sobrancelhas, sua boca, seu nariz, seu queixo, suas bochechas, seus lábios, sua voz, seu pescoço, seu fígado, seus ombros, seu coração, seus pulmões, seus intestinos, sua barriga, seus braços, seus dedos, suas mãos, seu umbigo, sua vesícula biliar, suas coxas, seus joelhos, suas panturrilhas, seus calcanhares, suas solas, seus dedos infernais se eu a vir apodrecer. , vou oferecer-lhe um bom coração como sacrifício.

No chão dos anfiteatros também existem tábuas mágicas, ali deixadas pelos gladiadores contra seus adversários:

"Matar, eliminar, ferir Gallicus, o pai de Prima, o mais rápido possível, dentro do anfiteatro. Amarre seus pés, os membros, os sentidos, a medula. Amarre Gallicus, o pai de Prima, para que ele não possa matar o urso e o touro nem com um golpe, nem com dois golpes, nem com três golpes. Em nome do deus vivo e onipotente, cumpra meu desejo, agora, agora, rapidamente, rapidamente.

Essas fórmulas, cheias de acidez agressiva, servem também aos torcedores das diversas facções do circo para tentar aniquilar o time adversário:

“Eu te conjuro, demônio, seja quem for, e peço-lhe que a partir deste dia, desta hora, deste momento, faça sofrer os cavalos dos Verdes e dos Brancos, e faça perecer os cocheiros Clarus, Félix, Primulus e Romanus. Esmague-os e mate-os!

"Que morra, que desapareça, que seja aniquilado..."

Uma fórmula, entre outras, que cristaliza a violência dos mais supersticiosos, daqueles que se veem torturados pelo ódio, pelo ciúme, pela inveja. Mas quem sabe quantas vezes essas pessoas, depois de terem enterrado furtivamente suas maldições numa cova ou na areia da pista, se limitaram a essas ameaças mágicas? Quantas vezes foi um crime que tornou realidade as terríveis imprecações contidas nestas tabuinhas?

11 TAVERNAS, HOSTELS E LUPANARES

"Eu percebo, a saudade te rói quando você pensa na cidade, nos quartos de seus bordéis e nas carnes gordurosas de seus albergues... Aqui você não tem nem uma taberna próxima para beber vinho nem uma prostituta que tocando flauta te faz dançar fortemente."

[_ \[164\]](#)

É assim que Horácio se dirige ao seu escravo fazendeiro que, no domínio que administra, sente saudades dos prazeres rudes da cidade: beber, comer, fazer amor. Para os camponeses do mundo grego ou latino, a cidade é acima de tudo aqueles locais de encontro, desprezados pelas pessoas decentes: tabernas e outros refúgios para beber e se divertir.

[\[165\]](#)

Sob a bandeira da "Fênix" ou das "Quatro Irmãs"

Quer se destinem a refrescar o passageiro, a alimentar ou alojar o viajante ou os habitantes da cidade, os estabelecimentos acolhedores são muito numerosos no mundo romano. Por muitos testemunhos sabemos que estão essencialmente concentrados em bairros populares. Em Roma, há muitas tabernas à volta do Circus Maximus, à volta dos teatros ou anfiteatros, à volta dos banhos também, numa palavra, em todos os locais frequentados pela multidão. Existem também outras que servem de paragem às portas da cidade: em Pompeia, a “paragem” frequentada pelo transporte rodoviário situa-se fora da cidade, perto dos Stabios. Ali também se reúnem condutores de mulas, proprietários de carros alugados e mulas alugadas para viajantes.

Em geral, são edifícios modestos: conhecemos-os bem pelos muitos hostels que ainda hoje animam as ruas de Pompeia. No interior, uma ou duas salas recebem clientes; Existem alguns quartos no andar de cima e um jardim, onde os clientes podem sentar-se sob um mirante. Muitas destas tabernas, as *termopólias*, estendem-se para a rua com um balcão com ânforas contendo vinho fresco ou quente. O transeunte que não tem tempo de entrar no estabelecimento pode rapidamente servir uma taça de vinho e comer uma linguiça ou bolos quentes em pé.

Os nomes das tabernas são anunciados em placas pintadas ou em mosaicos. Alguns proprietários não demonstram grande imaginação, contentando-se em nomear as suas tabernas com uma indicação topográfica: "Nas Pedras Vermelhas", "Na Pereira", "No Templo de Diana". Outros, talvez mais esnobes, buscam a originalidade: a pousada “Elefante” em Pompéia é adornada com um desenho representando um elefante vermelho. O estabelecimento de Euxinus, sempre em Pompeia, “A Fênix”, ainda preserva o magnífico emblema que lhe deu nome: uma fênix caminha numa decoração floral de grande delicadeza; Acima dele, dois pavões emolduram a frase de boas-vindas: “Seja feliz você também, como a Fênix!”

E como a maioria dos albergues ou tabernas servem, clandestinamente ou não, como locais de prostituição, certos indícios indicam que a casa pode oferecer outros prazeres além de beber e comer: um estabelecimento em Roma, sem dúvida muito acolhedor,

chama-se “As Quatro Irmãs”. “ Nas chamadas “Meninas Asellina”. Em Pompéia, Aeglé, Maria e Zmyrina garantem a continuidade do serviço sob as ordens da “madame” Asellina.

Na entrada do estabelecimento, um banner traz todos os detalhes sobre os serviços oferecidos aos clientes. Em Pompéia, a taberna Hedoné anuncia o preço dos seus vinhos:

“Por um ás, aqui você bebe vinho. Se você colocar 2 ases, você beberá o melhor. Se você colocar 4, você beberá Falemo's.”

Em Antibes, uma inscrição avisa ao cliente que encontrará dentro de um “menu” com detalhes dos pratos e vinhos que poderá degustar. Um hoteleiro de Bolonha anuncia os méritos do seu estabelecimento:

“Bons serviços, casas de banho como na capital e todo o conforto.”

No interior, muitas decorações nas paredes: afrescos, painéis decorativos ou informativos. Há naturezas mortas que representam os pratos oferecidos pela casa, pequenas pinturas que evocam cenas familiares aos clientes da taberna: jogadores de dados disputando amargamente um jogo, cenas eróticas. Quando a erupção do Vesúvio interrompe a vida de Pompeia, num dia de agosto do ano 79, a cidade está em plena febre eleitoral, pois é necessário nomear magistrados locais. Estalajadeiros, hoteleiros e seus funcionários têm o hábito de exibir a sua profissão de fé eleitoral em local visível para alertar os clientes sobre a “cor política” da casa. E quando o próprio estalajadeiro se apresenta como candidato, como é o caso de Euxinus, os cartazes de apoio multiplicam-se no seu estabelecimento. As entidades comerciais que fizeram desta ou daquela taberna o seu ponto de encontro participam activamente nesta campanha publicitária: aqui são os condutores de mulas, ali os transportadores. Ao lado das corporações profissionais, existem associações paródicas que também apoiam os seus candidatos: os “Bowlers”, os “ladrões aos pedaços”, os “escravos fugitivos”, os “adormecidos”, os “bebedores noturnos”, partiram, no paredes das tabernas, anúncios a favor da candidatura de um certo Cerrinius Vatiús.

Salsichas quentes, pastelaria

“O vendedor de bebidas com o seu grito modulado, o vendedor de salsichas e o vendedor de bolos, todos os empregados da taberna que anunciam os seus produtos, cada um com o seu grito característico.”

[\[166\]](#)

Já os mais pobres, os escravos, no tempo de Plauto, podiam comer sorrateiramente os bolos oferecidos pelos taverneiros. Os romanos também gostam muito de salsichas quentes servidas nos balcões das tabernas. Muitas vezes esta é a única refeição do dia, já que as acomodações, que são muito estreitas, não permitem o preparo de comida caseira.

Multidões formam-se em frente a estas tabernas e estas concentrações preocupam as autoridades que vêem nelas uma ressurreição disfarçada das escolas proibidas. É sem dúvida uma das razões que explica porque ao longo do século I os imperadores tomaram medidas para limitar a venda de comida quente em Roma. Sucessivamente, Tibério, Cláudio, Nero e Vespasiano proibiram as tabernas de venderem cozinhados, carnes, pastelaria e até água quente, que servia para misturar com vinho e preparar uma bebida fervente que os romanos apreciavam especialmente. Estas proibições respondem a um duplo imperativo: em primeiro lugar, as pessoas devem ser impedidas de se reunir e beber; Os imperadores esperam controlar desta forma as atividades políticas que ficariam escondidas nas tabernas. Os legisladores estão também, sem dúvida, a tentar eliminar os pequenos fogões acesos onde se aquecem os alimentos, os quais, dada a compactação das multidões aglomeradas nas ruas de Roma, representam riscos de incêndio muito reais.

Apesar dos anúncios lisonjeiros que os seus proprietários exibem nas portas, estas tabernas não são nada atractivas para pessoas requintadas. A sujidade das instalações, o fumo que escurece permanentemente a atmosfera, os cheiros, enojam muitos romanos. Sidônio Apolinário cobre o nariz ao entrar em um albergue em Bordeaux. Seu nariz se ofende com a fumaça das cozinhas e com o perfume vulgar das morcelas bem temperadas. Mas mais do que a escuridão esfumaçada, mais do que a lentidão das refeições, o que choca os espíritos delicados é o barulho: barulho de pratos, brigas de clientes, cantos roucos de

bêbados. As tabernas não tinham boa reputação nos tempos antigos e é preciso reconhecer que não a mereciam.

Patronos e clientes

Muitos donos de tabernas são suspeitos aos olhos da polícia, que os acusa de “encobrir” actividades ilegais nos seus estabelecimentos. Há também uma tendência a culpá-los, como os *Lenos*, por todo tipo de defeitos, desonestidade ou ganância. Os estalajadeiros e hoteleiros costumam ser de origem servil, e entre eles há muitos gregos e sírios. Euxinus, o dono da “Fênix” de Pompéia, vem do Ponto. O “proprietário” do albergue onde se refugiam os heróis do *Satyricon* tem um nome semita, Bargates. Alguns dos nomes gregos que podem ser lidos nas bandeiras de Pompéia são Alexandre Hélix, Hermes ou Febo. Escravos, libertos e estrangeiros, com ou sem razão, provocam desconfiança. Por Tertuliano sabemos que nos registos da polícia secreta de Roma figuram, sob a rubrica de suspeitos a vigiar, os taberneiros, os porteiros, os ladrões que operam nos banhos, os jogadores de dados, os cafetões... e os cristãos, indivíduos que, por diversas razões, representam um perigo para a ordem pública.

Pela sua localização e pelos serviços que oferecem à sua clientela, as tabernas e albergues estão efectivamente reservados às categorias mais modestas da população. No mundo antigo, as pessoas de uma determinada posição social não frequentavam tabernas nem se hospedavam em pousadas. Quando viajam, são recebidos por amigos ou figuras oficiais das cidades por onde passam. Embora existam membros da nobreza, e até mesmo imperadores, que não têm medo de sentar-se à mesa com carroceiros e portadores de tochas no salão de uma taberna e compartilhar com eles bebidas e distrações barulhentas. Mas fazem-no incógnitos, depois de terem vestido um traje condizente com este tipo de reunião.

A clientela habitual das tabernas e albergues é, no seu conjunto, muito procurada. Nos registos do hotel de Pompéia só é possível ler nomes de pessoas de origem humilde, soldados, alguns mercadores e uma trupe de mímicos em turnê. Sempre em Pompéia, a maioria das tabernas servem como ponto de encontro de condutores de mulas e cocheiros, bem como de estivadores e carregadores em geral. Homens barulhentos, que expressam claramente, como vimos antes, as suas preferências políticas. Uma forma como qualquer outra de alertar o resto da clientela que tipo de assuntos não devem ser discutidos na sua presença.

Tal como as de Atenas, as tabernas das cidades romanas servem frequentemente de refúgio para muitas pessoas marginalizadas e fora da lei. Sêneca afirma que todos os

malandros de Roma se encontram na escuridão das tabernas, onde podem escapar às investigações da polícia. Um texto posterior nos conta que os moradores de rua da cidade encontram teto nos estabelecimentos de bebidas; Naquela residência improvisada passam dia e noite conversando ou jogando dados:

“Nessa turba de canalhas e desgraçados, alguns passam a noite nas lojas de bebidas, outros se escondem sob as tendas que dão sombra ao teatro. é a ocupação essencial da maioria, do nascer do sol à noite, faça sol ou chuva, não se cansam de detalhar as qualidades ou defeitos dos carros e cavalos.”

[\[167\]](#)

Esta clientela heterogênea, composta também por pequenos artesãos, verdadeiros canalhas, vagabundos ou escravos fugitivos, levou as autoridades romanas a “assinalar” as tabernas como locais especialmente perigosos. Há sempre o receio de que uma daquelas famosas associações ilícitas que os imperadores tanto temem possa voltar a formar-se, juntamente com um balcão de bebidas. Já vimos que diversas medidas policiais têm tentado limitar a atratividade das lojas de bebidas para aqueles que, pela sua miséria, parecem mais perigosos.

O clima costuma ser pesado nessas tabernas, onde frequentemente acontecem brigas. Rivalidades amorosas pela empregada bonita, brigas de embriaguez, problemas entre jogadores de dados: nunca faltam pretextos para copos e cadeiras voarem e pancadas caírem em todas as direções. Todos estão envolvidos: clientes, funcionários, por vezes até os inquilinos do imóvel cuja taberna ocupa o rés-do-chão. Em seu estilo heróico-cômico, Petronio conta no *Satiriceno* um daqueles alvoroços em que os heróis do romance são os protagonistas. Encolpius refugiou-se com o seu amante Gitón num albergue. Acreditando que Giton vai abandoná-lo para seguir o velho Eumolpo, ele simula o suicídio enforcando-se na grade da cama. Gitón, por sua vez, simula o suicídio cortando a garganta com uma navalha falsa. A cena se desenrola em meio a um rugido ensurdecedor:

“Enquanto esta comédia amorosa está sendo apresentada, o hoteleiro chega com uma porção de nossa parca refeição. Depois de contemplar o espetáculo repugnante de nós deitados no chão, ele exclama: 'Eles estão bêbados, ou são escravos fugitivos, ou ambos? levantou aquela trave? O que tudo isso significa? Por Hércules, eles estão tentando fugir à noite para evitar pagar o quarto para Marcus Mannicius?’

“E você nos ameaça?” exclama Eumolpo, dando um tapa vigoroso na cara do hoteleiro. O outro, que se tornou ousado pelos muitos copos que esvaziou na companhia de seus clientes, atira uma jarra de barro em Eumolpo, cortando-lhe a testa, e sai correndo. o quarto, Eumolpo, furioso com a indignação, agarra um candelabro de madeira e sai em perseguição do hoteleiro. Com uma chuva de golpes vinga a afronta que lhe foi feita. Os criados chegam, os clientes bêbados atropelam-se. ... Os mordomos e os inquilinos do prédio caem sobre Eumolpo, um aponta para o olho dele com um bastão cheio de entranhas pingando gordura. Outro

assume a atitude de um combatente, brandindo um banco tirado da despensa. fileira, uma velha de olhos remelentos, vestida com trapos imundos e montada em dois tamancos desencontrados, ela arrasta um cão monstruoso com uma corrente, que incita contra Eumolpo, mas ele, com seus candelabros, detém todos os ataques.

A pousada vermelha

A má reputação dos estalajadeiros e hoteleiros às vezes vai longe demais. A sujeira e a desonestidade são apenas críticas menores em comparação com certas acusações feitas contra eles, verdadeiras ou falsas. Segundo Galiano, certos hoteleiros inescrupulosos servem aos seus clientes carne humana, que disfarçam de porco, e os clientes enganados comem à vontade...

Talvez seja uma maneira conveniente de fazer desaparecer os clientes que eles assassinaram! Com efeito, se o canibalismo hoteleiro parece provir de pura fantasia, está provado que por vezes os viajantes não saem vivos de certos estabelecimentos, especialmente se transportam consigo uma grande soma. É o caso deste infeliz, assassinado por um hoteleiro ao mesmo tempo criminoso e astuto, porque toma todos os cuidados para atribuir a responsabilidade do seu crime a um inocente:

"Em um rota, um homem que Eu estava indo para uma feira e carregava um grande soma de dinheiro, ele descobriu outro viajante indo na mesma direção. Como Geralmente acontece, eles continuaram juntos, conversando. E decidiram fazer o resto da viagem juntos. Então pararam no mesmo albergue, onde decidiram jantar juntos e alugar um quarto para os dois. UM Depois de comerem, foram para a cama. O hoteleiro percebeu que um dos viajantes tinha muito dinheiro. Durante a noite, quando teve certeza de que os dois homens cansados dormiam profundamente, ele entrou no quarto. Ele pegou a espada do viajante que não tinha dinheiro, matou o outro, apreendeu o dinheiro, devolveu a espada ensanguentada à bainha e voltou para a cama.

"O viajante cuja espada foi usada para cometer o crime levantou-se antes do amanhecer e chamou várias vezes seu companheiro. Como não obteve resposta, pensou que estava dormindo profundamente. Então pegou sua espada, sua bagagem e partiu sozinho. O hoteleiro quase imediatamente começou a gritar que um homem havia sido assassinado e vários homens perseguiram o viajante que partiu. Eles o pegaram, tiraram a espada da bainha e a viram ensanguentada. . e eles o culpam pelo assassinato."

Evidentemente, a verdade é finalmente descoberta e os inocentes são libertados. Outra história de Cícero, que pretende comprovar a veracidade dos sonhos, também trata de um assassinato perpetrado em um albergue:

"Dois amigos Arcádios viajavam juntos e chegaram a Mégara. Um foi para uma pousada, o outro ficou na casa de um conhecido. Depois do jantar, foram dormir. No meio da noite, aquele que dormia na casa particular viu seu amigo implorando para que ele viesse em seu auxílio, porque o hoteleiro se preparava para matá-lo. O sonhador acordou muito inquieto, disse a si mesmo que era apenas um sonho e voltou para a cama. Ao adormecer, viu outro. Uma vez falou com o amigo: 'Já que você não veio em meu auxílio quando eu ainda estava vivo, não deixe minha morte sem vingança. O hoteleiro me matou, me jogou em um carro. carrinho e joguei esterco em cima do meu corpo amanhã de manhã cedo, nos portões da cidade, antes que o carro pudesse partir.

"Muito perturbado com esse sonho, nosso viajante postou-se perto da porta pela manhã e interrogou um pastor perguntando-lhe o que ele tinha em sua carroça. O homem fugiu sem responder.

[\[170\]](#)

Nestes dois relatos de incidentes sangrentos que Cícero relata, sem dúvida o que move os hoteleiros a se livrarem dos seus clientes é a ganância. Nas viagens por etapas, os viajantes também podem correr outros riscos, quase tão graves quanto a morte. Mais uma vez, é o tráfico de homens que vemos emergir por trás das actividades destes hoteleiros. Na verdade, o que poderia ser mais tentador, para um hoteleiro sem escrúpulos, do que capturar um viajante isolado e revendê-lo clandestinamente como escravo. Augusto, e mais tarde Tibério, enviaram missões de reconhecimento através da Itália durante os seus reinados para evitar essas capturas.

Sob o reinado do imperador Teodósio, no final do século IV, ocorreram curiosos sequestros em Roma, segundo o historiador Sócrates: para fazer o pão necessário à distribuição pública, os padeiros foram sequestrados e obrigados a trabalhar em grandes padarias. . Às vezes o número de trabalhadores não é suficiente para garantir a produção do pão necessário. O Estado tem tudo planeado: perto das fábricas foram construídas tabernas que oferecem vinho e prostitutas. O que atrai muitas pessoas imprudentes. Assim que entram, desaparecem e voltamos a encontrá-los nas fábricas, ocupados em girar as rodas; ninguém mais tem notícias deles. Apenas um soldado, graças à sua força física, consegue escapar um dia desta armadilha inexorável e o escândalo rebenta. O imperador Teodósio põe fim a este tipo de prática e a intervenção imperial permite-nos acreditar que esta história não é mera ficção.

Antros de jogos clandestinos

“Acalmado pelo barulho de seu copo, o jogador embriagado é imediatamente arrastado para fora da casa de jogo clandestina pelo vereador que tentou em vão subornar.”

[171]

O que explica em parte a má reputação das tabernas é que elas geralmente abrigam atividades proibidas de jogadores. Tal como em Atenas, as apostas costumam ser muito altas e muitos tráfegos paralelos se entrelaçam em torno das mesas. Os jogos de azar já eram proibidos na época de Plauto, a ponto de parecerem perigosos, e só eram permitidos, excepcionalmente, no período das *Saturnais*. As dívidas de jogo não são reconhecidas por lei.

E ainda assim, em todos os ambientes é jogado durante todo o ano. As salas dos fundos das tavernas servem regularmente como antros de jogos clandestinos. Os jogadores pobres contentam-se com os dados, que têm apenas quatro lados marcados. Todos esperam que do copo saia o “lançamento de Vênus” ou o “lançamento real”, no qual os quatro dados marcarão um número diferente. E todo mundo teme o “rolamento do cachorro”, quando todos os quatro dados caem com o mesmo número. Os jogadores ricos preferem *teseras*, que, como os nossos dados modernos, têm todos os seis lados marcados.

Algumas tabernas, apesar das proibições legais, não têm medo de divulgar abertamente as atividades que acontecem dentro dos seus muros. Várias tabernas em Pompeia são adornadas com pinturas nas quais os jogadores são vistos discutindo sobre os jogos que acabaram de jogar e, em alguns casos, são vistos brigando. Em um desenho, o estalajadeiro, irritado com os clientes barulhentos, exclama: “Saia todo mundo! Vão brigar lá fora!”

Algumas paredes preservaram a contagem de pontos rabiscados.

Todos esses taberneiros estão sob ameaça de uma batida policial e correm o risco de serem expulsos a qualquer momento, *manu militari*. Felizes são aqueles cuja posição e fortuna lhes permitem entregar-se aos seus vícios em casa. Os imperadores, que deveriam ser os primeiros a respeitar as leis, não se abstêm de organizar jogos de dados ou de tesouros nos seus palácios. Augusto é um jogador inveterado, que não consegue se privar dessa distração. Sua correspondência evoca esses jogos em mais de uma ocasião, nos quais arrisca grandes somas: uma vez que o imperador perde 20 mil sestércios; Mais uma vez ele

distribui generosamente 250 denários cada um aos seus convidados para permitir que apostem. Nero é ainda mais pródigo: excessivo em tudo, apostando até 400 mil sestércios num único lançamento. Talvez, se tivesse atingido uma idade mais avançada, teria exagerado tanto quanto Valeriano, contemporâneo de Horácio: velho, com as mãos deformadas pelo reumatismo, contratou um homem cuja única função é jogar os dados em seu lugar.

A caça ao escravo fugitivo

Quando a polícia não está invadindo as tabernas da cidade em busca de jogadores ou membros de “clubes” proibidos, está em busca de escravos que fugiram de seus senhores e que encontram refúgio na multidão variada das tabernas e pousadas.

Os mestres tomam todos os tipos de precauções para evitar que qualquer parte do precioso rebanho se perca. Os escravos considerados perigosos, suspeitos de esperar a primeira oportunidade para fugir, usam uma coleira de bronze no pescoço, semelhante à dos cães da cidade. E, da mesma forma que se faz com os cães, na coleira estão escritos o nome do dono, seu endereço, o nome do escravo e uma fórmula que quase não varia:

"Pegue-me, pois eu escapei, e traga-me de volta."

Dezenas de colares foram encontrados em Roma com as mesmas recomendações gravadas no metal:

"Meu nome é Januário, sou escravo de Dexter, escrivão do Senado, que mora na quinta região." "Meu nome é Petronia. Pegue-me porque escapei. Leve-me para a casa de Teodotenes."

Em África, na cidade húmida de Bulla Regia, o esqueleto de uma mulher com cerca de quarenta anos ainda tem no pescoço o colar de chumbo que nos diz a sua profissão:

"Eu sou uma adúltera, uma prostituta. Pegue-me, pois escapei da Bulla Regia."

Este é um meio seguro e conveniente de recuperar o escravo fugitivo, cujos sinais são dados à polícia. E suas aparições em albergues e tabernas nem sempre devem ter sido tão divertidas quanto as relatadas por Encolpius no *Satyricon* : Giton fugiu com ele, e Ascyllus emite um mandado de prisão:

"Um pregoeiro entrou no abrigo com um policial e alguns curiosos. Agitando uma tocha que soltava mais fumaça do que luz, ele leu este aviso de prisão:

"Um jovem escravo, de cerca de dezesseis anos, cabelos cacheados, delicados e bonitos, chamado Giton, acaba de se perder nos banhos. Quem o devolver ou der

informações sobre seu paradeiro receberá mil sestércios.' Ao lado do arauto estava Ascilto, envolto numa toga multicolorida, e com o valor da recompensa numa bandeja de prata.

"Ordenei a Giton que se escondesse rapidamente debaixo da cama, e disse-lhe que se pendurasse com as mãos e os pés nas travessas sobre as quais repousava o colchão e ficasse ali, como Ulisses havia feito sob a barriga da ovelha, enquanto o Sem perder um momento , Githon escondeu-se, com uma habilidade que o próprio Ulisses teria invejado. De minha parte, para afastar suspeitas, cobri a cama com roupas e deixei a marca de uma única pessoa do meu tamanho, depois de ter verificado todos os quartos,. chegou na minha com o agente, e teve grandes esperanças quando viu que a porta estava fechada, enfiando um machado nas juntas, quebrou o ferrolho.

[_172\]](#)

Mas o *Satyricon* pinta-nos um mundo de ilusão e ironia. Na verdade, os agentes da lei sempre encontram os escravos, verificando o que os bebedores usam no pescoço. O colar denuncia o culpado. E se forem reincidentes, é ainda mais fácil detectá-los: suas sobrelhas são raspadas e marcados com fogo. Como poderiam esperar escapar do olhar curioso da polícia ou do informante que os venderá por algumas moedas?

A empregada é fofa...

- *Hoteleiro, vamos fazer as contas.*
- *Você pegou uma jarra de vinho: um ás. Ensopado: dois ases.*
- *OK.*
- *Para a menina: oito ases.*
- *Tudo bem.*
- *Feno para a mula: dois ases.*
- *Essa mula vai me arruinar!"*

Este diálogo, cheio de vida, pode ser lido numa estela erguida no túmulo de um hoteleiro de Isérnia, L. Calidius Eroticus, e da sua esposa, Fannia Voluptas, cujo nome, “Prazer”, indica claramente quais eram as atividades. a senhora no estabelecimento do marido.

Pousada, taberna, prostituição, tudo se mistura nas casas que recebem os viajantes, que na Antiguidade têm sólida reputação como locais de prazer. Servos e prostitutas ao mesmo tempo, os jovens empregados dos taberneiros acumulam funções, como este engraçado sírio:

“A cabeça adornada com turbante grego, a estalajadeira síria, hábil em ondular os quadris ao som dos chocalhos, já bêbada, dança lascivamente na taberna enfumaçada, batendo as hastes dos chocalhos no cotovelo.”

[\[173\]](#)

A maioria dos albergues também funciona como bordéis. Você bebe, come, brinca na taberna do térreo, com vista para a rua; No primeiro andar, ou no fundo do jardim, uma ou mais câmaras permitem aos clientes juntarem-se ao taberneiro, ou empregada, para um breve momento de prazer. Na entrada costuma haver uma placa de desinibição que representa um falo, que protege contra o mau-olhado e indica as atividades do estabelecimento. Os desenhos obscenos, os grafites, que os clientes deixaram nas paredes,

elogiando as qualidades da dona da taberna, indicam sem dúvida que o seu talento não se limitava a servir bebidas e comidas.

No *Digest*, por outro lado, o caso do lenocínio hoteleiro está claramente definido:

“A profissão de cafetão é exercida por quem, sendo dono de taberna ou gerente de hospedaria, tem escravas que, além da atividade de hospedeiras, se tornam prostitutas”.

A mesma precisão é dada sobre as tabernas:

“Dizemos que não só são prostitutas as aposentadas de bordel, mas também aquelas que negociam com o corpo numa taberna... A taverna que lucra oferecendo suas criadas também exerce a profissão de cafetão. , muitas dessas mulheres “sob o pretexto do serviço hoteleiro, empregam prostitutas”.

[\[174\]](#)

O *Digest* inclui na mesma categoria os donos de banhos, que oferecem aos seus clientes escravas, oficialmente encarregadas de cuidar das suas roupas, mas que na verdade são prostitutas.

Asellina, a taverna de Pompéia, emprega três empregadas, a grega Aeglé, e as orientais Zmyrina e Maria, para entreter sua clientela. Iris, outra grega, empregada doméstica de outro albergue, é alvo de uma briga amorosa entre dois clientes, Severus e o tecelão Successus. Os dois homens deixaram nas paredes, para a eternidade, um diálogo que talvez nada mais seja do que o eco de uma rivalidade de uma noite:

(Severo) “O tecelão Successus ama a empregada da pousada, cujo nome é Iris. Mas ela ri dele, embora ele peça que ela ceda. Isto foi escrito por seu rival. Felicidades.”

(Sucesso) “Eu sei que você está morrendo de ciúmes, e no futuro evite competir com alguém mais bonito que você, seu desgraçado.”

(Severo) “Repito o que disse: você ama Iris, e ela ri de você. Assinado: Severus para Successus.”

Possivelmente a amante abandonada acabou ficando com uma das outras empregadas do albergue, Capella, Bacchis ou Prima.

Muitos testemunhos literários confirmariam, se fosse necessário, a dupla função das tabernas e dos albergues na Antiguidade. O poeta Horácio um dia é obrigado a parar em um albergue sinistro, perto de Benevento: quarto enfumaçado, comida ruim. E, pior ainda, o poeta espera em vão a noite toda pelo criado que prometeu visitá-lo em seu quarto.

A reputação dos albergues é tão ruim entre os antigos que passar a noite em um desses estabelecimentos é considerado desonroso para um homem decente. E o que dizer quando se trata de uma pessoa religiosa? Santo Agostinho dispensa um padre de suas funções. Este,

na véspera de Natal, está na freguesia de um dos seus colegas. Tomando como pretexto a necessidade de retornar à sua igreja, ele finge sair da cidade. Na verdade, ele passa a noite num albergue cuja proprietária tem tão má reputação que não há dúvida sobre o que atraiu o bom padre ao estabelecimento.

Pegando carona em vias públicas

“Eu não reconhecia mais a estrada e não sabia onde ficava nosso albergue. Andei até que, exausto de tantas idas e vindas e coberto de suor, me aproximei de uma velhinha que vendia verduras. Eu disse a ela: 'Você sabe onde ela mora?' Essa piada estúpida a encorajou e ela respondeu: 'Por que **não?**' **Levantando-se, ela fez sinal para que eu a seguisse. Quando chegamos a um local isolado, uma senhora gentil abriu uma cortina e disse: 'É aqui que você deveria morar.'**

"Quando eu estava prestes a dizer a ele que ele não reconhecia minha acomodação, vi homens andando furtivamente entre anúncios e prostitutas nuas. Lentamente, mas tarde demais, percebi que ele havia me arrastado para o bordel. Amaldiçoando o velho senhora, cobri a cabeça com a saia da túnica e atravessei o bordel a toda velocidade, para sair do outro lado.

Mas Encolpius não é o único que cai nas mãos de um cafetão. Seu amigo Ascilto também é vítima de outro tipo de ligação:

"Na porta encontrei Ascilto, meio morto de cansaço. Presumi que a mesma velha o tivesse fígado. Depois de cumprimentá-lo rindo, perguntei o que ele estava fazendo naquele lugar tão ruim. E ele, enxugando o suor cobriu-o: 'Se você soubesse o que aconteceu comigo!' 'O quê?', perguntei-lhe ofegante, ele me contou sua aventura: 'Andei pela cidade e não consegui encontrar minha acomodação, até que um pai se aproximou de mim e muito gentilmente se ofereceu para servir de guia em um labirinto de trevas. becos, e ele me levou até aqui onde, me oferecendo dinheiro, se propôs a fazer amor comigo. A prostituta já havia pedido um ás para nos emprestar o quarto, ela já havia me tocado, e se eu não tivesse ido. o mais forte, ele teria escapado impune."

[\[175\]](#)

Os dois heróis do *Satyricon*, Encolpius e Asciltus, são inocentemente arrastados para locais de má reputação na cidade que visitam. Este tipo de desventura pode acontecer frequentemente aos viajantes em Roma, pois todos os locais frequentados pelo público são

também frequentados por profissionais: fóruns, pórticos, passeios, locais de entretenimento, teatro ou circo, estão repletos de todo o tipo de prostituição romana. Todas as variedades estão representadas: a Síria “que passa e repassa a Via Sacra com seus sapatos enlameados”, a Frígia “com mitra multicolorida, que espreita os clientes sob os arcos do Circo”, ou a suntuosa Grega, que atrai todos olhos andando vestidos de musselina dourada e seguidos por escravos etíopes: todos tentam atrair clientes, cada um com os meios à sua disposição.

¹¹⁷⁶¹A Roma Imperial é a cidade dos prazeres, que são oferecidos a todos em todos os lugares.

Sob os pórticos operam os mais ricos, exibindo com ostentação, que maravilha os incautos, o requinte luxuoso de seu arranjo. Muitos chamam a atenção por seus cabelos loiros resplandecentes, "estilo bretão", que foram tingidos para dar aquela tonalidade tão rara nos países mediterrâneos. Ou usam perucas, para fazer as quais foram usados os cabelos das mulheres alemãs. Um renomado cabeleireiro, estabelecido no Champ de Mars, tem entre sua clientela as cortesãs mais requisitadas da cidade.

Os arredores do templo de Ísis também atraem quem procura garotas bonitas, pois sabem que se encontram neste santuário, localizado próximo ao Campus Martius. Desde o fim da República, a divindade egípcia substituiu Vênus Erycina na devoção das cortesãs. Deusa sofredora e compassiva, é objeto de um culto fervoroso e, paradoxalmente, a sua exigência de pureza, as penitências que impõe aos devotos, os períodos de castidade exigidos pelo seu culto, fazem dela a preferida das prostitutas. E essas mulheres, em cujas vidas tudo é baixo e sórdido, encontram esperança na promessa de felicidade na vida após a morte, presente na religião isíaca. Mas as línguas malignas de Roma batizam Ísis de “deusa cafetão”.

Nas passagens abobadadas que sustentam as arquibancadas do Circus Maximus, escondem-se as "lobas" sírias ou frígias, que com suas roupas exóticas aguardam a saída dos romanos das corridas de bigas. Outros preferem as saídas dos anfiteatros, contando com o facto de os espetáculos sangrentos dos combates de gladiadores terem despertado a sensualidade do público. E Subura está sempre lá para oferecer, aos mais pobres ou aos mais cruéis, os seus prazeres obscuros. Os romanos frequentam, com uma atração mesclada de nojo, a *Submemmum*, a “rua das prostitutas” que percorre todo o bairro; uma rua, ou melhor, uma sucessão de vielas estreitas e sujas, cuja entrada mal é velada por uma cortina cheia de buracos abertos por curiosos. É o “inferno” de Roma, o abismo sem fundo de lama e decadência, e Pellini no seu *Satyricon* soube dar-lhe uma imagem simbólica e cativante. Diante desses redutos minúsculos e fedorentos, que em latim têm o mesmo nome dos fossos onde são colocadas as bigas antes do início das corridas, estão escravos de pé, meninos e mulheres, completamente nus. No meio das oficinas dos artesãos, no barulho das vielas, constituem um espetáculo familiar aos romanos.

Há também, nesses bairros populares da cidade, bordéis mais importantes que os quartos submemmum. Os inventários do século IV registram 45 na cidade. Apresentam, sem dúvida, um aspecto semelhante aos de Pompeia, que ainda hoje podemos visitar: uma

fileira de quartos sumariamente mobiliados com beliches de alvenaria cobertos por colchão. Acima da porta de cada cela uma pintura indica, através da imagem, as particularidades amorosas da menina. Desta forma o cliente pode fazer uma escolha informada neste tipo de self-service de prazer, mais sórdido do que excitante. Alguns grafites obscenos, inevitáveis neste tipo de lugar, e inscrições atestam que as doenças venéreas não eram desconhecidas dos clientes do bordel: "Aqui fiz amor com uma moça muito bonita, de quem muitos falam; mas por dentro ela só tinha lixo", diz a mais discreta destas inscrições, limitando-se a aludir ao que outras designam com termos mais grosseiros.

Dois ases, o custo de duas taças de vinho comum numa taberna, é o preço médio pago por um menino ou uma mulher em Subura. Os exemplares mais bonitos pedem de oito a dezesseis ases. Mas ninguém se arriscaria a pedir os 10 mil sestércios que uma cortesã, já bastante murcha, quis um dia extrair do poeta Catulo. Na realidade, é um prazer muito barato. Para ganhar popularidade, Domiciano fez com que os espectadores dos jogos que comemoravam a vitória sobre os alemães jogassem vouchers para entrada gratuita no bordel.

Os dançarinos de Cádiz

"Uma certa Phyllis mora no Aventino, perto do templo de Diana. Sóbria, tem poucos encantos, mas quando bebe torna-se muito sedutora. Outra garota, Teia, fica nos bosques do Capitólio; ela é bonita e quando ela está bêbada Ela não está satisfeita com apenas um homem resolvi fazê-los vir à minha casa para passar uma noite divertida com eles e desfrutar de novos prazeres amorosos mandei fazer uma cama de solteiro para os três, em um ambiente isolado. sala, coloquei-me entre as duas mulheres, e ele. O escravo Lygdamus nos entregou as taças, feitas de cristal muito fino, cheias de um vinho sutil de um flautista egípcio, as castanholas de Phyllis, rosas espalhadas aqui e ali, e um deformado. anão, chamado O Grande, que agitava seus bracinhos curtos ao som da flauta."

[\[177\]](#)

Esta cena não se passa em Atenas ou Corinto, mas em Roma. É uma festinha organizada pelo poeta Propércio, aproveitando a ausência de sua amante Cíntia, cujo retorno inesperado porá um fim abrupto à diversão. Em Roma, como na Grécia, são trazidos dos seus bairros habituais de residência dançarinos, músicos, cortesãs, bem como bufões, que lhe permitirão passar uma noite agradável.

Os costumes são diferentes, mas as distrações permanecem as mesmas. Para os romanos, assim como para os gregos, um dos principais entretenimentos dos ricos na época imperial era o banquete, o *jantar*. O *simpósio grego* é seguido pelo banquete "à romana", cuja principal atração passa a ser a comida. O jantar é o mundo da ilusão teatral, do disfarce, e a maior arte consiste em dar à comida a aparência do que não é. Muitos escritores descreveram detalhadamente esta complicada gastronomia, vulgar pelos seus requintes. Um dos ápices da literatura latina é a famosa festa de Trimalquio, na qual Petrônio não se cansa de maravilhar e escandalizar o leitor com a descrição de uma festa "espetacular".

As próprias distrações, que animam as festas, vêm da Grécia, via Alexandria. Voltaremos a encontrar os equilibristas que saltam em círculos flamejantes, os músicos que tocam flauta ou sambuca, os dançarinos, os grotescos, como o anão distorcido que divertia Propércio e os seus dois companheiros. Para substituir os *cótabos*, os romanos

encontraram um novo jogo: beber tantas taças de vinho quantas forem as letras do nome da pessoa amada. Uma pena se o nome da amante for Ida..., mas pode ser que o nome dela seja Justina, e aí teremos que tomar sete drinks seguidos.

Os dançarinos de Cádiz merecem um parágrafo à parte, um dos atos mais cobiçados dos romanos. Mesmo quando nem sempre são de sangue espanhol, realizam danças de origem ibérica, especiais para despertar o erotismo das tertúlias. As suas castanholas, as suas agitações lascivas, os gritos obscenos com que escandalizam o balanço das ancas, são especialmente apreciados em Roma:

“Talvez você esteja contando com os dançarinos de Cádiz para excitar seus desejos com suas canções lascivas, e então, estimulados pelos aplausos, eles se curvarão ao chão sacudindo as ancas... Esse crepitar das castanholas, aquelas palavras que embaraçariam até a escrava nua parada na porta do bordel, essas vociferações obscenas, essa arte de gozo, essa é a diversão de quem mancha com seu vômito os mosaicos lacedemônios.”

[\[178\]](#)

Comer, beber, vomitar: é a imagem tradicional da orgia romana, uma festa triste. Ao contrário dos gregos, os romanos não sabiam conter os seus banquetes nos limites de um ritual, o do prazer e da voluptuosidade em todas as suas formas. É retumbante o *jantar romano*, uma imagem da Roma imperial, em que tudo era excessivo, assim como a própria cidade e os seus habitantes.

12 A “VIDA INIMITÁVEL”

“(Por decisão do Senado), para os filhos, filhas, netos, netas, bisnetos, bisnetas de senador, para aqueles cujo pai, avô paterno, avô materno ou irmão sejam de categoria equestre, para aqueles cujo marido, pai, avós paternos e maternos, irmão, são de categoria equestre: proibição de assinar contrato para lutar contra animais, de participar de combates de gladiadores, ou de participar de atividade da mesma ordem. essas mulheres, mesmo quando oferecem...”

“Da mesma forma, seja observada a consulta ao Senado aprovada sob o consulado de Mânio Lépidio e Tito Estatilius Taurus, estipulando que: nenhuma jovem livre, com menos de vinte anos de idade, nenhum jovem livre, com menos de vinte e cinco anos de idade, idade, tem o direito de ser empregado como gladiador, de aparecer na arena, no palco, ou de se prostituir por um salário.”

[J179j](#)

Esta consulta ao Senado, descoberta recentemente, remonta ao ano 19 d.C. Dados certos excessos cometidos pelas classes altas da sociedade sob o reinado de Tibério, o Senado foi forçado a notificar oficialmente a condenação de certos costumes já enraizados na sociedade romana. : lutar como gladiador na arena, aparecer em palcos de teatro ou prostituir-se num bordel são os mais recentes avatares do prazer na Roma imperial. Banquetes, dançarinas nuas ou adúlteras mundanas já começam a parecer inofensivos para estes nobres cansados, que a inacção política condena a uma procura desesperada de prazeres cada vez mais sem precedentes e cada vez mais perversos.

É claro que não devemos generalizar e representar toda a sociedade imperial lançada em estupros e orgias, em noites de loucura dignas dos mais extravagantes blockbusters de Hollywood. A imagem do romano dissoluto que vive em constante devassidão é um falso estereótipo. Sabemos que, pelo contrário, a “paz romana”, estabelecida com a instauração do império, tem favorecido o regresso à vida familiar, às virtudes domésticas, na maioria das regiões controladas pelo poder romano. Isto não impede que, para uma parte da população, a “dolce vita” tenha deixado de ser um desejo cada vez maior de requintes de prazer e distrações para se tornar uma busca de voluptuosidade entre aqueles que a

sociedade rejeita, os marginais, os excluídos, alguns dos quais se tornaram as "vedetas" da vida elegante de Roma. A canalização da nobreza é a perversão suprema de quem já não sabe que sentido dar à vida.

“Celadus, o ídolo das bonecas”

“Há mulheres que não queimam senão com canalhas, e só se excitam com escravos seminus. Outras queimam com gladiadores, com o cocheiro coberto de pó, ou com o ator que se exhibe no palco. amante: despreza os da orquestra e das primeiras quatorze filas do teatro, mas vai à procura de alguém para fazer amor na escória da plebe.

[\[180\]](#)

O que há de mais indigno no mundo romano do que o gladiador, este homem cuja única vocação é saber que está destinado a uma morte horrível e espetacular? E, no entanto, esses escravos, entre os mais desprezados, cuja tortura excita a perversão dos romanos, gozavam de uma popularidade inimaginável nos tempos antigos. Estes condenados à morte são objeto de verdadeira adoração por parte da população das cidades. Basta considerar a impressionante quantidade de mosaicos, pinturas, luminárias ou outros objetos comuns onde estão representadas suas façanhas.

Será a morte que carregam que inflama a imaginação? Para os romanos, o prazer está intimamente ligado à morte, e toda a sua civilização testemunha este estreito entrelaçamento de voluptuosidade e sangue. Ou é simplesmente a força física dos gladiadores, muitas vezes de origem gaulesa, germânica, trácia ou etíope, que atrai olhares de admiração? Com efeito, “aqueles que vão morrer” são belos quando desfilam pela arena ao som das marchas de guerra: os samnitas vestidos com couraças resplandecentes, magnificamente polidas, os Retiários armados com uma grande rede e um tridente, os mirmillons gauleses, os trácios com seus sabres curvos, os andabats que lutam às cegas, com a cabeça coberta por um capacete sem aberturas, ou os esdarianos em suas carruagens; todos, em sua libré de morte, despertam em cada espectador um fascínio sádico e voluptuoso.

[\[181\]](#)

Não é de surpreender que os gladiadores sempre tenham seduzido muitas mulheres romanas. Muitas matronas, nascidas nas maiores famílias da nobreza, perdem todo o pudor

e não têm medo de aparecer em público acompanhadas pelas estrelas da arena. Prazer perverso que ilustra perfeitamente a história do nobre Eppia:

"Casada com um senador, Eppia seguiu uma equipe de gladiadores até a ilha de Faros, o Nilo e as malfadadas muralhas de Alexandria. Eppia, a liberal, que até escandalizou Canopus. Ela esqueceu sua casa, seu marido, seu filho, zomba do seu país, abandonou os filhos que choravam. Quando criança, dormia num berço enfeitado com ouro e púrpura, no luxo e conforto da morada do pai. Agora, ela enfrenta os mares, enfrenta a opinião pública, que conta muito. pouco para uma mulher acostumada a sentar-se em poltronas acolchoadas.

"Sem hesitação, ela enfrentou sucessivamente o Adriático e as ondas barulhentas do mar Jônico. Se fosse uma questão de correr riscos por um motivo honroso, ela tremeria, congelaria de medo, suas pernas ficariam bambas. coragem Se é o marido quem pede, é doloroso embarcar, o navio cheira mal, navegar produz marcas. Mas se você segue seu amante, nada disso importa mais. Com amante você come entre marinheiros, você. caminha até a praia de popa, passa o tempo trançando cordas toscas com ele.

"E por quem Eppia ficou tão inflamada? Quem é o jovem que a seduziu? Quem ela admira a ponto de ser apelidada de 'o gladiador'? É o pequeno Sérgio! É verdade que já começou a fazer a barba, que tem os braços cobertos de cicatrizes e que se aproxima da idade da reforma. Ele tem algumas marcas no rosto e um corte grosso no nariz, onde a ponta do capacete o machucou; Além disso, um olho está chorando. Mas ele é um gladiador! Esse nome por si só é suficiente para torná-lo um Adônis, e ele o prefere aos filhos, ao país, à irmã, ao marido."

[\[182\]](#)

Eppia não é um caso isolado. Entre os sessenta e três esqueletos encontrados no quartel dos gladiadores de Pompéia, está o de uma mulher cujas joias a identificam como pertencente à nobreza da cidade. Devido a uma aventura certamente passageira com um gladiador, esta nobre senhora repousa eternamente unida ao seu amante clandestino, na cela onde a morte os surpreendeu. Talvez este amante seja um daqueles que, segundo os muros de Pompéia, gozava de uma sólida reputação de Don Juan:

"O reciário Crescens, médico noturno dos bonecos da noite e da manhã", ou "o reciário Celadus, ídolo dos bonecos".

E o boato público não hesita em fazer de certos grandes personagens filhos de gladiadores, a tal ponto que essas relações às vezes são expostas em plena luz. O nobre Nymphidius Sabinus, amigo de Galba, quis se passar por filho de Calígula; Na verdade, dizia-se, ele nasceu do amor de sua mãe pelo gladiador Marciano. O imperador Cômodo sucede a seu pai oficial, Marco Aurélio; Mas sua mãe, Faustina, é acusada de ter feito passar

o filho de um gladiador por filho do imperador, o que explicaria hereditariamente os gostos rudes e sanguinários de Cômodo.

As mulheres da alta sociedade também procuram, com deliciosos estremecimentos, a companhia de cantores, músicos, comediantes, mímicos ou cocheiros de circo. Todos esses homens, escravos ou libertos pela sua condição social, fazem parte dos rejeitados pela sociedade. Mas os mais famosos entre eles já não baseiam o seu sucesso social na atratividade que provocam nas mulheres nobres. Estes convivem alegremente com a sociedade heterogênea que cerca a glória das estrelas do palco: flautistas, mímicas, charlatões, padres mendigos e feiticeiras de classe baixa, pessoas que vêm recolher as migalhas das fortunas acumuladas por cantores ou atores graças à sua popularidade. E as nobres damas, que em suas casas nada demonstram senão desprezo ou crueldade para com os seus escravos, não hesitam em passar as noites na companhia de indivíduos de origem servil.

Nada detém estas “grandes damas”, que enlouquecem com as atuações do comediante Urbicus, da *pantomima* Bathyllus, ou da cantora Hedymeles. E a *fíbula*, aquele “cinto de castidade” que os atores e cantores usam para preservar a pureza da voz, não constitui um muro suficiente para afastar os admiradores. Nada é muito degradante: uma matrona não hesita em cortar o cabelo como uma escrava para estar ao serviço do ator Stefanion; Augusto manda açoitá-lo em público e manda-o para o exílio, para colocá-lo em seu lugar. Domícia, esposa do imperador Domiciano, atua na *pantomima* Paris, adulada pelo público romano. Domiciano repudia a esposa e condena o comediante à morte.

Gladiador, cocheiro, ator: os homens que a ordem social coloca no último degrau tornam-se estrelas dos elaborados prazeres dos romanos, justamente pela sua ignomínia. E as grandes damas não são as únicas a “se rebaixarem” na companhia dos canalhas. Seus maridos e irmãos também não hesitam em se juntar aos grupos que gravitam em torno dos homens do espetáculo: Augusto, diante da nova “depravação” que se apodera dos homens mais influentes de sua corte, é obrigado a proibir por decreto que os senadores entre na casa das *pantomimas* ou que os cavalheiros façam parte do cortejo dos atores. Mas estas medidas não têm futuro: Sêneca queixa-se de que os jovens da mais alta nobreza se entregam como servos voluntários aos caprichos das *pantomimas* por quem se apaixonam. E o louco imperador Heliogábalo entrega-se a demonstrações públicas de amor particularmente obsceno com o cocheiro Hiérocles.

O cônsul mula, o senador gladiador, o imperador cafetão

“Ao longo da estrada junto à qual estão sepultados os seus antepassados, o gordo Lateranus conduz velozmente a sua carruagem, e ele próprio, o cônsul condutor de mulas, puxa o travão. É noite, mas a lua o vê, as estrelas são testemunhas... Quando ele tem vontade de voltar para a taberna no meio da noite, imediatamente o estalajadeiro sírio, cheirando a perfume, corre ao seu encontro, o sírio que mora no bairro judeu. E depois vem Cyané, a empregada de saia curtíssima, que vem trazer-lhe uma jarra de vinho... Se procurares o teu cônsul, César, irás encontrá-lo na taberna, acotovelado ao lado de um assassino, entre marinheiros, ladrões ou escravos fugitivos, entre carrascos e fabricantes de caixões, entre os tambores silenciosos de um Galo.”

[\[183\]](#)

Não compreenderemos nada sobre a sociedade imperial se não discernirmos a importância que a ilusão teatral desempenha nela. É pela tangente do imaginário que se obtém o máximo prazer. Tudo é falso, fictício, como aquelas armas cômicas que os personagens *do Satyricon* usam quando realizam exercícios de combate. Os próprios alimentos são “disfarçados” para nos fazer esquecer a sua verdadeira natureza. Da mesma forma, os romanos com o paladar danificado recuperam o sabor da festa disfarçando o mundo real. Você brinca de “fingir”: se você é rico, o que é mais emocionante do que se colocar no lugar de um pobre? A inconsciência de certos nobres é tal que eles prepararam, em suas ricas mansões, um quarto sujo e escuro: ali se retiram quando ficam descontentes com seu luxo, para “banciar o pobre”. “Uma daquela voluptuosidade que se desfruta quando se está cansado do luxo”, explica Sêneca; e o filósofo especifica que esses “mendigos de opereta” seriam completamente incapazes de aceitar a favela, os trapos e o pão amanhecido dos verdadeiramente miseráveis. Vive-se num mundo requintado, está-se repleto de riquezas e honras, mas o maior prazer é frequentar os vagabundos nas tabernas mais sinistras da cidade. Nos banquetes degustam-se ostras do lago Lucrino, línguas de flamingo, vinho gelado na neve, mas o que se prefere são os enchidos gordurosos ou os

ensopados de ervilha devorados no *termopólio*, entre o fumo e o barulho. Recebeu os ensinamentos dos melhores professores de Roma, conhece todas as sutilezas oratórias que lhe permitiriam compor um discurso adornado com todas as flores da retórica, não ignora nada do estoicismo ou do epicurismo, mas encontra mais charme em piadas. Você é senador, cavaleiro, imperador, mas brinca de ser almocreve, gladiador ou ator.

Na verdade, se estes senadores, se estes senhores se contentassem em frequentar estes homens que a moralidade social rejeita como desprezíveis, o mal não seria grave. Mas os prazeres populares são contagiantes. Por que não descer também à arena, por que não aparecer nos palcos? Por que, em uma palavra, não “brincar” de ser um daqueles réprobos cujo nascimento e existência os rebaixaram ao nível mais baixo da sociedade?

Já durante os jogos oferecidos por César, dois senadores não tinham medo de se misturar entre os gladiadores para lutar na arena. O exemplo é dado: o fascínio pelo sangue é sentido com mais força do que o medo do escândalo. Uma série de consultas ao Senado, ao longo do primeiro século do império, tentaram opor-se a esta depravação dos mais respeitáveis representantes da sociedade. Mas eles não conseguem nada. E esses nobres já nem sequer tomam o cuidado elementar de escolher, entre as armas dos gladiadores, aquelas que pudessem disfarçar as suas feições. Eles se apresentam de cara nua na arena, como fez aquele Graco, descendente dos Gracos, que luta como reciário. É o seu adversário, o escravo, que cora por ter que enfrentar tal gladiador. Algumas nobres também são vistas misturando-se com os combatentes na arena.

Outros nobres são exibidos em teatros. O exemplo vem de cima, já que o imperador Nero se considerava um profissional no palco.

“Ninguém pode se surpreender, quando o imperador é um citarista, que o nobre seja um mímico!”

Um verdadeiro frenesi toma conta dos homens (e mulheres) de ambas as ordens: os descendentes de grandes famílias tornam-se dançarinos de pantomima, atores de comédias ou tragédias, cocheiros de circo, bestiários. Suas famílias têm vergonha de reconhecer suas feições nos comediantes que o povo aplaude nos teatros ou nos motoristas.

E os imperadores encontrarão uma variante sem precedentes desses trajes degradantes. Cocheiro, gladiador ou comediante, já parecia banal demais. Por que não descer ainda mais e chegar ao extremo perverso de “banciar o cafetão”? É o que fazem dois imperadores, os mais escandalosos de todos aqueles que se sucederam no poder no início do império: Calígula e Nero. Será para ganhar dinheiro, como sugere Suetônio, que Calígula mandou instalar um bordel dentro de seu palácio? De facto, num dos sectores do Palatino, é construída uma série de celas que seguem o modelo das dos sítios correspondentes de Subura ou Velabro. Mas aqueles que o imperador instala nestas celas não são verdadeiros “lobos”. Ele escolhe as esposas de homens importantes, ou filhas da nobreza, e as força, voluntariamente ou contra sua vontade, a se prostituírem. E será que os clientes, intimidados pela majestade do local, hesitam em entrar no bordel imperial? Que não seja dito. Calígula envia seus escravos para percorrer as praças públicas, as basílicas, os passeios, e leva jovens e velhos ao Palatino. Caso não tenham dinheiro consigo, na entrada

do palácio há um caixa que empresta o dinheiro necessário a juros, e num quadro negro que ficará exposto para que todos possam ver, o nome do cliente está escrito como um "membro benfeitor" do poder imperial.

Nero não poderia ser inferior às loucuras do tio. Seu talento como organizador de festas se manifesta durante a grande festa que lhe foi oferecida por seu Prefeito do Pretório, Tigellinus. No meio do Champ de Mars existe um lago, no centro do qual uma jangada sustenta as mesas de banquete. Para chegar à jangada, barcos decorados com ouro e prata são manobrados por invertidos agrupados em esquadrões de acordo com seus talentos sexuais peculiares. A chave do espetáculo são os bordéis que foram construídos ao redor da lagoa: estão as prostitutas da cidade, que, completamente nuas, assumem posturas obscenas; Entre elas estão mulheres de famílias numerosas, matronas ou virgens, que desempenham o papel de taberneiras ou prostitutas. Estão à disposição de todos e não podem rejeitar nenhum dos homens que os escolhem.

A "prostituta imperial"

*“Assim que a esposa do imperador Cláudio viu que o marido dormia, preferiu um catre à cama no Palatino. Durante a noite, vestida com um manto com capuz, a prostituta imperial escapava com um único criado. cabelo sob uma peruca loira, entra no calor do bordel com uma cortina velha. Ela tem uma cela reservada para ela, e uma placa a anuncia com o pseudônimo de Lyeisca. Lá ela se prostitui, com os seios cobertos por uma rede dourada. expõe a barriga dentro da qual você estava antes de nascer, Britânico. Ela mostra ternura ao cliente e exige pagamento. Quando o **leno** dispensa suas meninas, ela só consegue sair da cela. ainda ardendo de alegria, uma coceira de desejo, cansada dos homens mas ainda não satisfeita, nojenta, com as bochechas enegrecidas pela fuligem da lamparina, traz para a cama imperial os cheiros do bordel.*

[_ \[185\]](#)

O leitor já reconheceu Messalina, cujo nome passou à posteridade como nome genérico para mulheres lúbricas, Messalina, tão maltratada pelos historiadores e satíricos latinos, que não terminam de detalhar os gostos desviantes e sórdidos daquela que chamam de “a puta imperial”. " Ainda que a mulher de Cláudio tivesse um gosto especial por “festas” que degeneravam em orgias, é mais do que duvidoso que levasse a vida dupla de imperatriz durante o dia e de aposentada de bordel à noite.

[\[186\]](#)

Tal como outros antes dela, Messalina pertence a esse grupo de romanos da alta sociedade, suficientemente livres de tabus sexuais para exibirem a liberdade dos seus hábitos em plena luz do dia. Já a bela Clódia, irmã de Clódio Pulcro, segundo nos conta seu inimigo Cícero, transforma os jardins de sua propriedade, às margens do Tibre, num verdadeiro bordel. É o local onde a juventude da cidade vem tomar banho e Clódia só tem que escolher o amante do dia. A filha de Augusto, Júlia, também tem causado escândalos por sua falta de pudor. Suas loucas distrações constituem um desafio permanente à vontade, expressa por seu pai, de restabelecer a decência nos costumes romanos:

“Rebanhos de amantes introduzidos em sua morada, bandos de bêbados que perambulam a noite toda pelas ruas da cidade, o próprio Fórum e a tribuna das arengas, de onde seu pai votou as leis sobre o adultério, são os locais escolhidos pelo filha para realizar suas orgias, encontros diários ao lado da estátua de Mársias; uma mulher infiel transformada em prostituta, ela se permite experimentar de tudo oferecendo-se a um estranho.”

[\[187\]](#)

A imprudência destas princesas não lhes dá bons resultados: Júlia é exilada pelo pai para uma ilha deserta, onde morre dezasseis anos depois sem ter visto novamente a sua terra natal nem os seus filhos. Messalina é decapitada por ordem do marido, o imperador Cláudio.

Os excessos das grandes damas, as orgias licenciosas organizadas pelas matronas nascidas da nobreza, não são pura invenção de moralistas escandalizados. Se a história enegreceu o carácter de Messalina, o comportamento que lhe é atribuído não deixa de ter equivalentes muito reais na sociedade imperial. Após o atraso no final do reinado de Augusto, os costumes foram abruptamente liberados durante os primeiros anos do reinado de Tibério. Algumas parteiras registaram-se abertamente entre as prostitutas registadas pelas autoridades policiais. Isto lhes permitirá, pensam eles, amar livremente quem quiserem, sem correr o risco de sanções. Tal como os jovens libertinos que, na mesma época, apareciam na arena ou no palco, sacrificaram a sua posição na sociedade pela liberdade dos costumes. O escândalo eclodiu em 10 a.C., quando a esposa do procônsul de Narbonne, na Gália, Vistilia, compareceu perante os edis e declarou publicamente que estava renunciando à sua condição de membro da nobreza senatorial para se tornar uma prostituta. Esta exigência de promoção social ao contrário não agrada ao Senado: Vistilia é deportada para a ilha de Sérifos, o marido recebe uma severa advertência por não ter monitorizado melhor a sua esposa, e o Senado vota a consulta ao Senado que iremos citei no início do capítulo.

Sobre as perversões de Messalina, Tácito escreve que “... o excesso de infâmia faz com que quem esgotou outros prazeres desfrute ao extremo”.

[\[188\]](#) Escolher para os seus amores aqueles seres que a sociedade ignora é algo que os homens costumam fazer, na Grécia e em Roma, sem consequências. Mas para as mulheres da nobreza é um verdadeiro desafio amar um gladiador, um escravo, qualquer um dos desprezados; Não é especialmente emocionante confiar a um senador ou a um marido cavaleiro a paternidade de uma criança cujas feições lembram as de um mirmidão, de um cantor ou, pior ainda, as dos servos da própria casa? Segundo Marcial, foi o que aconteceu com um dos membros da nobre família Cinna:

"Cinna, sua esposa Marulla fez de você pai sete vezes, mas não de filhos livres. Na verdade, nenhum deles é seu, nem mesmo o de um amigo ou vizinho. Todos foram concebidos em camas, em cobertores miseráveis, e os seus rostos traem os amores clandestinos da sua mãe. O primeiro, com a sua tez mourisca e os seus cabelos encaracolados, só pode ser o filho do cozinheiro Santra. O segundo, com o seu nariz rombudo e a sua boca carnuda, é o retrato de o lutador Pannychis. Como você pode negar que o terceiro herdou os olhos lacrimejantes do padeiro Damas. O quarto, com seu rosto afeminado e pele pálida, tem como pai Lygdus, seu próprio amante, a cabeça pontiaguda do quinto. tão móveis quanto os dos burros, tornando-o sem dúvida filho do distorcido Cyrta. As duas meninas, uma morena e a outra ruiva, são do flautista Crotus e do capataz Carpo. casa como Nyobé, sim, Coresus e Dindyme não eram eunucos!"

Rainha e Imperador vagando

A “vida inimitável”: Antônio e Cleópatra deram este nome à associação que formaram em Alexandria para desfrutar ao máximo os prazeres da existência. Mas a essência da “vida inimitável” deste par de amantes terríveis não são as festas noturnas no Nilo, os banquetes suntuosos ou as apresentações de grandes espetáculos. Para fidelizar o amante, a rainha apresenta-lhe novos prazeres: começam por vestir-se e usar as roupas dos mais humildes servos. E então, a noite toda, eles vagam pelas vielas movimentadas do bairro de Rhacotis. Eles cometem algumas depredações, participam de algumas brigas de taverna. Ao amanhecer, eles voltam ao palácio real, exaustos, com hematomas ou com um olho roxo.

O bisneto de Antônio, Nero, sempre em busca de sensações desconhecidas, encontra mais uma vez em Roma as alegrias da “vida inimitável”. Ao cair da noite ele se disfarça, cobre a cabeça com o boné dos libertos, ou com o capacete dos lutadores, às vezes com uma peruca, e sai em aventura por todas as favelas da capital. Você pode ver isso nas casas de jogo, nos bordéis das favelas. Ele está acompanhado por guarda-costas disfarçados dele, que o ajudam em seus delitos. A “gangue Nero” é assustadora; arromba portas de empresas ou casas, saqueia mercadorias ou propriedades de pessoas físicas; O imperador tem a coragem de instalar uma “cantina” em seu palácio onde revende os produtos de seus furtos. E o que é ainda mais “divertido”: atacam os noctívagos, aqueles que voltam tarde para casa: fazem-nos saltar no ar sobre uma manta segura pelos quatro cantos, espancam os homens que deixam meio mortos na rua, estuprar mulheres e jovens.

O jogo parece ainda mais interessante para Nero porque ele tem certeza de manter sua incógnita. Mas isso é pura ilusão: todos na cidade conhecem as feições do imperador, cuja efígie adorna as moedas usadas diariamente; Os romanos não têm problemas em identificar os acólitos de Nero: são eles que se vêem, no circo, no teatro, nas cerimônias oficiais, formam a guarda de honra do imperador. Isto explica, por outro lado, que as infelizes vítimas não se defendam com demasiada convicção, uma vez que reconhecem os seus agressores como a gangue imperial. Essas diversões de Nero também dão uma ideia interessante aos verdadeiros ladrões: eles começam a atacar e saquear os romanos, fazendo-se passar por Nero e seus guarda-costas. Durante estes anos, em meados do século I, as ruas de Roma à noite tornaram-se mais do que perigosas. Na verdade, é impossível saber se o agressor é o imperador se passando por canalha ou um canalha se passando por imperador.

Uma vez, as coisas dão errado. A "gangue Nero" entra em conflito com um cavaleiro, Julius Montanus, que, furioso com a familiaridade de Nero com sua esposa, cai sobre o imperador e o esmaga até a morte com os punhos. A surra é tal que Nero deve permanecer vários dias escondido em seu palácio: ele não pode aparecer em público, a ponto de seu rosto e corpo ficarem cobertos de hematomas. Montanus poderia ter saído do incidente sem consequências: Nero continua convencido de que ninguém o reconhece nas ruas de Roma, e punir Montanus seria denunciar-se. Mas Montanus tem a péssima ideia de enviar uma carta de desculpas ao imperador. Para o príncipe é uma grande revelação: "Então Montanus sabia que estava batendo em Nero!" ele exclama, e de acordo com o confortável costume dos imperadores romanos, ele envia a ordem ao infeliz cavaleiro para cometer suicídio.

O incidente de Montanus tem as suas consequências: o imperador não abandona as suas andanças noturnas, mas, mais prudentemente, faz com que soldados e gladiadores o sigam. Estes são mantidos a uma distância respeitável, desde que as lutas não representem qualquer perigo para o seu mestre. Mas quando as vítimas devolvem os golpes e se defendem com sucesso, intervêm violentamente e dispersam com armas aqueles que o imperador atacou.

A provocação aos deuses desaparecidos

Sempre mais longe. De certa forma é o lema destes romanos que, para recuperar o sentido de gozo, desclassificam-se voluntariamente e adotam os modos de vida dos humilhados, bem como as suas ocupações e os seus desconfortos.

Mas esta nobreza, afastada de tudo, encontrará as emoções supremas na paródia sacrílega.

Mais do que a profanação, o que inspira estes entretenimentos, nos quais os ritos da religião oficial são imitados jocosamente, é o jogo teatral. Já faz muito tempo que a nobreza evoluída e os intelectuais romanos concordaram com qualquer fé nos múltiplos deuses do panteão. Mas, por necessidade política, as cerimónias sagradas, as purificações, os sacrifícios e outras manifestações religiosas continuam a ser escrupulosamente observadas. Na ausência de qualquer conteúdo teológico, na ausência de uma verdadeira eficácia, a religião oficial desempenha um papel político essencial, pois permite a coesão do povo romano. Por esta razão, as grandes famílias sempre garantiram que as tradições fossem rigorosamente observadas, e Augusto fez da restauração dos antigos ritos da religião romana um aspecto importante da sua acção política.

Portanto, quem vai parodiar as cerimônias da religião oficial tem consciência de que não ofende nenhuma divindade, mas antes ataca a ordem social, cujos valores pervertem. O jogo não terá sucesso se não levar a uma inversão completa da realidade. Daí que os foliões de Roma escolham preferencialmente “casamentos” paródicos:

"Graco deu um dote de 400.000 sestércios a um trompista... As tábuas foram seladas, os votos foram pronunciados. Uma grande festa foi dada e a recém-casada sentou-se no colo do marido... Ela vestiu a longa túnica bordada com ouro e o véu laranja, ele, que costuma carregar os escudos sagrados."

[190]

Já vimos Graco lutando na arena como reciário. Aqui está ele agora usando o véu laranja de recém-casado. A alta nobreza do personagem, sua função sacerdotal, tudo contribui para o escândalo da cena. E o que dizer quando é um imperador quem faz algo semelhante, em

público? No ano 64, Nero “casa-se” com seu liberto Pitágoras: a cerimônia é esplêndida. O imperador também usa o véu laranja dos recém-casados, a procissão carrega tochas himênicas e a consumação do casamento acontece em público. Por outro lado, Nero, que adora casamentos, também se casa com um de seus eunucos, um menino chamado Esporo. Desta vez o imperador faz o papel de marido, e Esporo, batizado de Sabina para a ocasião, usa a túnica bordada e o véu cor de fogo. O que faz um espectador espirituoso dizer: “Que felicidade para a raça humana, se o pai de Nero tivesse arranjado uma esposa assim!” Quase cento e cinquenta anos depois, Heliogábalo teve seu casamento com um atleta celebrado da mesma forma, mas oficialmente.

O casamento paródico é comum nas orgias da nobreza romana. É também um casamento que é a “chave” de uma das cenas de orgia do *Satyricon*. Os heróis do romance foram convidados por uma nobre, Quartilla. O banquete foi repleto de distrações licenciosas, dançarinos invertidos à moda alexandrina, música... Mas o ambiente torna-se monótono, os convidados começam a adormecer. Quartilla imagina então uma diversão sem precedentes: vai “casar” uma de suas escravas, a bela Pannychis, de apenas sete anos, com Giton, o menino que acompanha os dois heróis do *Satyricon* em suas aventuras, e que acaba de completar dezesseis anos. Vestem a menina de noiva, a dançarina obscena faz o papel da matrona que lidera o cortejo nupcial e os convidados acompanham, cantando as fórmulas litúrgicas. Por fim, o casal é trancado na câmara nupcial, e todos os convidados acompanham seus acontecimentos através de buracos na parede.

Outras cerimônias também servem de pretexto para distrações blasfemas e perversas. São eles que, pela sua própria natureza, são mantidos em maior segredo. Os “mistérios da Bona Dea” parecem especialmente apreciados pelos fãs do sacrilégio. Bona Dea, uma divindade muito antiga e provavelmente a padroeira da fertilidade feminina, era homenageada todos os anos em dezembro com uma cerimônia oficial reservada às mulheres romanas. Na casa do principal magistrado de Roma, as matronas, as Vestais, reúnem-se e juntas celebram os ritos, cujos detalhes nunca foram revelados. Na verdade, só as mulheres têm acesso ao segredo e nenhum homem tem o direito de entrar na casa onde decorre a cerimônia, sob pena de violar a segurança do Estado. Nesse sentido, houve um famoso escândalo no ano 62 a.C. quando Clódio Pulcro, sempre ele, entrou clandestinamente na casa de César, onde eram realizados os mistérios. Apesar do seu disfarce de flautista, ele é descoberto e o escândalo que se segue tem graves consequências políticas.

O próprio mistério que envolve os ritos indubitavelmente orgíacos realizados pelas matronas despertou a imaginação dos Antigos, e Juvenal, num famoso trecho de uma de suas sátiras, traçou um quadro atrevido das cenas escandalosas que encerram a cerimônia: bêbado, libertadas como Bacantes, as matronas lançam-se em competições eróticas e atacam todos os homens que estão ao seu alcance, e seja com escravos ou mendigos, tudo lhes parece bem.

Esta reputação, sem dúvida exagerada, que têm os mistérios celebrados pelas mulheres, excita a imaginação o suficiente para que os libertinos de Roma tomem como tema das suas festas as orgias, reais ou supostas, das cerimônias oferecidas à Boa Deusa. Aqui está todo um bando de homossexuais que estão se preparando para officiar à sua maneira:

“Dentro de casa cercam a testa com longas fitas e colocam colares de mulher. Oferecem a Bona Dea uma barriga de porca e uma grande jarra de vinho. O altar da deusa só é visível para os homens. 'Fora, mulheres profanas', gritam, que nenhum flautista venha aqui fazer seu instrumento gemer'... Um deles, com uma agulha curva, enrola os cílios, e Com fumaça. preto ele arregala os olhos, que piscam enquanto ele se maquia. Outro bebe em um copo de forma obscena. Seus longos cabelos estão presos por uma rede dourada. de um fino tecido verde. Um terceiro empunha um espelho.”

[191]

Os participantes nesta cerimónia demonstram verdadeiro respeito pelos ritos misteriosos, nos quais investiram integralmente. Aquelas que estas falsas matronas celebram são autênticas “missas negras”, mesmo quando nelas não sacrificam crianças. O prazer não está mais na licenciosidade extrema, mas na estrita observância de um ritual sacrílego.

CONCLUSÃO

Neera, a prostituta de Corinto, ou Lais, amante dos prazeres gregos, a "loba" de Subura ladeada pela sua *floresta*, o gladiador promovido a guarda-costas de um político ou o escravo fugitivo escondido na fumegante sala dos fundos de uma taberna, são os personagens silenciosos sem os quais nossa visão do mundo antigo permaneceria incompleta. Talvez seja mais satisfatório admirar as colunas do Partenon, as especulações filosóficas de Platão ou Lucrécio, os edifícios monumentais de Roma. Mas o brilho da civilização grega e romana esconde muitas vezes as realidades sórdidas em que se baseia.

Na aglomeração popular dos bairros de lata de Atenas, Alexandria ou Roma, encontramos um testemunho feroz do desequilíbrio económico inerente às sociedades antigas. Acreditava-se que as instituições democráticas de Roma ou Atenas deveriam ter evitado tal desequilíbrio. Na verdade, privilegiam um grupo limitado (cidadãos) e não integram um número significativo de indivíduos. Incapazes de conter o crescimento populacional anárquico das suas cidades, incapazes de fornecer soluções satisfatórias para os problemas colocados pela acomodação, os Antigos nunca "normalizaram" a população das suas cidades. Mais do que a própria miséria, o "vácuo social" parece-nos ser o elemento central e característico da existência vivida por esses milhares de indivíduos, fora da sociedade e fora da lei no sentido estrito do termo. Nada está planeado para lhes dar uma posição, eles não têm realidade na sociedade organizada, a não ser como objetos decorativos ou utilitários. Não pertencem a nenhuma classe, nem mesmo popular, porque pertencer a uma "classe", no mundo antigo, garante um mínimo de segurança económica. Conhecemos as reivindicações do artesão ou do camponês ático, acompanhamos as revoltas da plebe romana, enfurecida pela miséria. Mas, por mais pobres que sejam, estes homens são privilegiados nas sociedades antigas: têm um lugar exacto planeado. Os vagabundos, os mendigos ou as prostitutas, por outro lado, estão longe de ser "categorias sócio-profissionais"; Nada mais são do que a espuma de sociedades harmoniosas e bem organizadas, uma espuma cada vez mais invasiva, que teria acabado por submergir o mundo antigo se não tivesse levantado barreiras para abrigar o crime e a miséria numa espécie de *lã de ninguém*.

Este "vácuo social" permite-nos compreender as dificuldades que os historiadores encontram para tirar das sombras este povo equívoco e patético dos marginalizados, dos deserdados ou dos canalhas. Os Antigos raramente tentaram evocar este universo, e

pudemos confirmar que os gregos, mais do que os romanos, raramente davam ênfase, nas suas obras literárias, a estas realidades perturbadoras. Se os romanos nos contaram sobre as populações inquietas dos seus bairros de lata, por outro lado é muito difícil encontrar nos autores gregos a mais ligeira alusão aos miseráveis, aos excluídos com quem se esfregavam diariamente nas ruas das suas cidades. O pitoresco substitui inevitavelmente a exatidão dos fatos nos textos que citamos. Como poderia ser de outra forma, visto que os antigos nunca se interessaram pelos problemas morais, pelas questões de higiene física ou mental colocadas pela existência do submundo das suas cidades? Certamente, a ideia de realizar um estudo sistemático do crime ou do prazer na cidade onde vivia nunca teria ocorrido a nenhum escritor grego ou romano.

Nascido da violência, gerador de violência, o prazer na Antiguidade não existe senão graças a milhares de indivíduos miseráveis e explorados, que vegetam nas favelas das cidades. O prazer e a violência, a riqueza e a miséria constituem a imagem contraditória de um mundo onde o homem não é exaltado senão à custa de outros homens. O ideal que o humanismo antigo representa para muitos baseia-se, na verdade, na negação de toda uma parte da humanidade relegada à categoria de útil. Escandaloso ou lamentável aos nossos olhos modernos, este mundo paralelo é o do desespero absoluto.

E precisamente no momento em que se constrói uma ponte entre a sociedade organizada e esta humanidade marginal, a organização do mundo parece vacilar. Prazeres escandalosos dos generais de Alexandre, “vida inimitável” da nobreza romana, orgias, paródias sacrílegas: tantas atitudes extremas que traduzem, com efeito, uma concepção pervertida de civilização e acentuam cruelmente o desequilíbrio interno das sociedades antigas.

ANEXOS

MOEDAS ATENIANAS E ROMANAS

É praticamente impossível dar uma equivalência em dinheiro moderno às moedas da Antiguidade. Os valores que damos aqui nos permitirão ter uma base de comparação. São, obviamente, preços médios, uma vez que variaram ao longo dos séculos.

ATENAS

Ácaro

Dracma: 6 óbolos

Mina: 100 dracmas = 600 óbolos

Talento: 60 minas = 6.000 dracmas

O mínimo vital em Atenas é, por dia: 2 ou 3 obols.

O salário diário de um trabalhador, no século V a.C.: 1 dracma. Aluguel de hetaira, por dia: 2 dracmas.

Uma casa luxuosa em Atenas vale de 15 a 20 minas = 1.500 a 2.000 dracmas.

O preço de um escravo varia entre 70 e 3.000 dracmas.

ROMA

Âs

Sestércio: 4 ases

Denário: 4 sestércios = 16 ases

Áureo: 25 denários = 100 sestércios

O trabalhador manual do século I a.C. ganhava 12 ases por dia.

O salário diário do legionário no século I a.C.: 5 ases. (César ordena que esse salário seja dobrado.)

Um 'lobo' é obrigado a pagar: 2 a 8 ases.

Os bens de um senador são avaliados em 1 milhão de sestércios.

O preço de um escravo varia entre 600 e 8.000 sestércios.

GLOSSÁRIO

Anona: Nome dado aos serviços do Estado Romano encarregados da distribuição gratuita de trigo aos cidadãos. No ano 8 a.C. Augusto criou um Prefeito dos Anona, encarregado de garantir o abastecimento de Roma e as distribuições à plebe.

Arconte: Magistrado Supremo de Atenas. Nos tempos clássicos, nove arcontes eram eleitos todos os anos. Têm essencialmente funções religiosas e judiciais. O Rei Arconte é o chefe da religião oficial.

Areópago: Corte de Atenas baseada na Colina de Ares. Seus membros, os aeropagitas, são escolhidos entre os ex-arcontes. Altamente reverenciado pelos atenienses, o Areópago julga casos de homicídio e julgamentos de impiedade.

Astynomo: magistrado ateniense. Os astynomos, em número de 10 (5 para a cidade e 5 para o Pirco) asseguram a polícia, estradas e alfândega.

Bulé: Senado de uma cidade grega. A **borracha ateniense**, composta por 500 membros escolhidos aleatoriamente todos os anos, prepara os projetos de lei votados pela **eclésia**, fiscaliza a aplicação das leis e controla as contas do Estado.

Cavaleiro, ordem equestre: classe social romana. Na era republicana, os cavaleiros eram recrutados entre os cidadãos romanos mais ricos. Muitos senhores são empresários, banqueiros, armadores ou diretores de empresas públicas. Sob o império, os cavaleiros formam o corpo de altos funcionários escolhidos pelo imperador.

Jarra: Taça grega com duas alças.

Jantar: Refeição principal dos romanos, por volta das 9 ou 10 horas (por volta das 14 ou 15 horas). O jantar é geralmente composto por três serviços e termina com animação diversa, música, espectáculos e jogos. As mulheres livres comparecem ao jantar.

Censor: magistrado romano. Eleitos dentre os ex-cônsules a cada cinco anos para um cargo com duração de dezoito meses, os dois censores estabelecem o censo da população romana, preparam o álbum senatorial ou lista do Senado e fixam as despesas do Estado. As suas funções dão-lhes a possibilidade de controlar os costumes dos seus concidadãos.

Cliente: Cidadão romano, originário da Plebe, que se coloca sob a proteção de um patrono. Em troca da *sportula* e da proteção jurídica oferecida pelo seu empregador,

o cliente dá-lhe o seu voto no momento das eleições. O sistema clientelista foi responsável, no final da República, pelo desenvolvimento do parasitismo em Roma.

Colégio: Associação que, em Roma, reúne membros da mesma profissão. Geralmente o pretexto para este agrupamento é religioso (culto a uma divindade que protege a corporação). Determinados colégios têm vocação funerária e são responsáveis pelas despesas funerárias dos seus membros. Homens livres, libertos e escravos podem ingressar em faculdades.

Eleições: Assembleias eleitorais de Roma. As três categorias de comitia, curiáceos, centuriales e tribunálcios agrupam os cidadãos romanos segundo critérios de fortuna ou habitação. As eleições precedem a eleição dos magistrados e a votação das leis. Eles desaparecem sob o império.

Conge: Medição de capacidade para líquidos, correspondente a 3,28 litros.

Cônsul: magistrado romano. Eleitos anualmente pelos comícios, os dois cônsules estão à frente do executivo romano e são generais-chefes do exército.

Cótabos: Jogo muito popular nos banquetes gregos dos séculos V e VI a.C. O jogador joga o resto de uma taça de vinho na direção de um prato, invocando o nome da pessoa amada.

Cursus honorum ou carreira de honras: organização hierárquica das magistraturas romanas. O curso começa com a alta costura, o que você pode aspirar depois de concluir o 2º anos, mais tarde foram exercidas a edilidade, a pretoria e o consulado. O tribunado da Plebe, reservado aos plebeus, costuma ser exercido após a questura.

Demos: Divisão administrativa grega. Attica está dividida em cem demos. Liderada por um demarco e com assembleia, a manifestação entra na lista dos cidadãos. Um ateniense é sempre mencionado pelo nome, pelo patronímico e pela menção ao seu deme.

Ditador: magistrado romano. Em caso de circunstâncias excepcionais (guerra, invasão), os cônsules nomeiam um ditador por um período de seis meses, durante o qual detém todos os poderes. Primeiro Sula e depois César nomearam-se ditadores perpétuos.

Ecclesia: Assembleia do povo de Atenas. Fazem parte todos os cidadãos atenienses, maiores de 18 anos. A ecclesia procede à eleição dos magistrados, dos poderes judicial, legislativo e religioso.

Edil: magistrado romano. Os 4 conselheiros (2 plebeus e 2 patrícios) sua função, na era republicana, era garantir o abastecimento, as estradas e a polícia de Roma. Também organizam, às suas próprias custas, jogos públicos.

Eisangelia: ação judicial ateniense. Promovida por crimes políticos, a eisangelia é levada perante o bulé ou a eclésia. As condenações por eisangelia criam penas que vão desde multa até pena capital.

Erastes e Eromenés: “Amante” e “amado”. Nome dado na Grécia ao casal formado por um homem adulto e uma adolescente por quem está apaixonado.

Ergástula: Construção onde os escravos romanos são encerrados no campo. Nestas ergástulas, homens acorrentados ficam amontoados em condições terríveis.

Escolio: Canção para beber, interpretada pelo povo num banquete na Grécia.

Facção: Nome das equipes que participam dos jogos circenses de Roma. Cada Uma das 4 equipas tem uma cor distinta: os Brancos, os Verdes, os Azuis e os Vermelhos. As apostas feitas nestas equipas conduzem frequentemente a confrontos violentos entre os espectadores.

Fíbula: Fivela usada para fixar roupas. A palavra também designa a “concha” que atores e cantores são obrigados a usar para evitar relações sexuais. Acreditava-se que a continência preservava a pureza da voz.

Fratria: Subdivisão da tribo em Atenas. O cidadão ateniense declara o nascimento dos filhos na fratria, e a sua inscrição no cartório os legitima.

Galo: Sacerdote eunuco da deusa frígia Cibele.

Heliasta: Membro da Heliada, corte de Atenas. Nomeados aleatoriamente entre os cidadãos, os seis mil heliastas, divididos em dez seções, julgam a maioria dos casos civis ou políticos.

Hierodule: Escravo sagrado. Este nome geralmente se refere às prostitutas sagradas designadas aos vários santuários de Afrodite.

Harrea: Armazéns onde são guardadas as reservas de trigo da cidade de Roma. Eles são construídos às margens do Tibre.

Implutñum: Lagoa quadrada no centro do átrio de uma casa romana, situada sob uma abertura na cobertura. O implúvio serve para coletar água da chuva.

Insula: Propriedade de aluguel em cidades romanas. Muitas vezes muito altas e de construção precária, as insulas, desprovidas de qualquer conforto, são habitadas pelas mais miseráveis das cidades.

Kordax: Dança indecente e burlesca, originária da Lídia e muito apreciada pelos gregos e romanos.

Tatífundia: Grandes domínios rurais, propriedade da nobreza romana na Itália. Os latifúndios foram estabelecidos na Itália quando os nobres começaram a monopolizar as terras pertencentes ao Estado Romano em toda a península. Os Gracchi, e mais tarde os principais líderes do Partido Popular, tentaram, através de leis agrárias, recuperar essas terras e distribuí-las entre os cidadãos romanos necessitados.

Leno, lena: cafetão e traficante de escravos em Roma.

Liberto: O estatuto do escravo liberto é, na Grécia, comparável ao do estrangeiro domiciliado, o metec. Em Roma, o liberto goza de uma parte da cidadania romana; Seus descendentes são cidadãos romanos plenos. O liberto tem seu antigo senhor como patrono e mantém uma certa quantidade de obrigações perante ele.

Logógrafo: Jurista profissional de Atenas. Ele redige discursos para os demandantes, que eles lêem no processo.

Meteco: Estrangeiro domiciliado em cidade grega. Os metecos têm certos direitos comparáveis aos dos cidadãos e têm um representante legal, a próstata.

Mime: 1) Pequeno trabalho em verso que geralmente se apresenta em forma de diálogo.

2) Em Roma, peça cômica que mistura farsa, balé e espetáculos eróticos. São as únicas representações teatrais em que os papéis femininos são interpretados por mulheres, geralmente seminuas.

'Nobreza: Em Roma, um nobre é alguém que tem um ancestral que exerceu uma magistratura. A partir do século III a.C., quando os plebeus tiveram acesso às magistraturas, as grandes famílias da plebe ingressaram na nobreza, juntamente com os descendentes da aristocracia patrícia. No final da República, a nobreza romana formou uma oligarquia que detinha riquezas e monopolizava todos os poderes civis, militares, políticos e religiosos.

Ojrtimates: Nome de um dos grupos políticos do final da República Romana. São partidários da tradição e do conservadorismo político, em oposição aos Populares.

Palestra: Estabelecimento utilizado para exercícios esportivos na Grécia. Geralmente anexa a um ginásio, a arena é essencialmente utilizada para a prática de lutas.

Pantomima: peça teatral romana inspirada na comédia e na tragédia, com elementos de violência e erotismo.

Pantomima: ator de pantomima. Ele é o único no palco e interpreta a peça com gestos, enquanto os cantores recitam o texto.

Padroeiro: Nome dado em Roma a alguém que, por sua fortuna e elevada posição social, assegura financeiramente e dá proteção jurídica a seus clientes ou a seus libertos.

Peculio: Valor arrecadado pelo escravo com o objetivo de adquirir sua liberdade.

Plebe, plebeu: classe social em Roma. Durante os primeiros séculos de Roma, os plebeus, cuja origem é contestada pelos historiadores, não tinham quaisquer direitos civis, políticos ou religiosos. Após várias secessões, a Plebe obteve acesso às magistraturas, bem como direitos cívicos e religiosos iguais. A elite de plebeus ricos funde-se com a nobreza. No final da República, a plebe agrupava os mais miseráveis entre os cidadãos romanos.

Pomerium: Cerca religiosa de Roma, correspondente ao traçado das muralhas da cidade na época da sua fundação. O espaço dentro do pomerium era sagrado.

Popular: Nome de um dos grupos políticos do final da República Romana. Hostis aos Ofrtimates, os Populares exigem reformas favoráveis à Plebe, como leis agrárias (redistribuição de terras) ou leis frumentaria (distribuição gratuita de trigo à Plebe). Os principais líderes dos Populares foram os Gracos, Mário e César.

Pornikoiv. Imposto instituído por Sólon, que tributava a prostituição.

Pretor: magistrado romano. Eleitos por um ano, os quatro pretores da era republicana estão encarregados da justiça romana. Eles podem comandar o exército e governar uma província.

Província: Território conquistado por Roma fora da Itália. Governadas por um magistrado ou por um pró-magistrado, as Províncias deviam pagar a Roma diferentes impostos que os publicanos eram responsáveis pela arrecadação. A partir do reinado de Augusto, a maioria das províncias é administrada por funcionários nomeados pelo imperador, os procuradores.

Sátrapa: Governador provincial da Pérsia. A riqueza e o poder dos sátrapas eram proverbiais nos tempos antigos.

Saturnalia: Festivais em homenagem a Saturno, celebrados em Roma no final de dezembro. Durante os três dias de Saturnália, as classes sociais foram abolidas e os escravos puderam dar ordens aos seus senhores.

Senado: Assembleia de 300 membros em Roma, composta por magistrados e ex-magistrados. Embora teoricamente o Senado não tivesse áreas específicas de competência, na verdade tem a palavra final em política interna e externa, finanças, comércio exterior, militar e religião. Sob o império, a autoridade do Senado diminuiu e os senadores são escolhidos pelo imperador.

Consulta do Senado: “Conselho” dado pelo Senado em resposta a uma consulta de um magistrado. Na verdade, a consulta ao Senado tem força de lei.

Bajulador: Acusador profissional em Atenas. Em certos julgamentos, o acusado, se condenado, tinha de dar uma parte da sua fortuna ao seu acusador. Os bajuladores esperavam assim obter benefícios materiais com as suas denúncias. Às vezes, contentavam-se em extorquir as vítimas, ameaçando-as com uma queixa.

Simposiarca: Chefe do banquete. Escolhido pelas partes, define a quantidade de bebidas que cada convidado deve beber.

Sportula: Cesta que continha uma refeição entregue diariamente pelo patrão ao seu cliente. Essa cesta foi substituída por uma quantia em dinheiro.

Simpósio: Reunião de bebedores, ou banquete, na Grécia. Depois de uma refeição frugal, a sessão de bebida dura a noite toda. Apenas homens participam do simpósio, acompanhados de músicos e prostitutas. Mulheres livres não são admitidas.

Termopólio; Taberna das cidades romanas. São servidas bebidas e pratos quentes.

Tresviri nocturni ou capitais: magistrados romanos. Eles estavam encarregados da polícia de rua durante a noite e tinham libertos e prostitutas sob sua jurisdição.

Tribuno da Plebe: magistrado romano. Eleitos por um ano, os dez tribunos da Plebe, pelo seu direito de veto, poderiam opor-se às decisões dos demais magistrados. Eles assumiram a defesa dos plebeus acusados e fizeram com que as leis fossem votadas por meio de eleições.

REPERTÓRIO DE NOMES PRÓPRIOS

(Figuras históricas, lugares geográficos)

Alcibiades (450-404 aC). De família nobre e aluno de Péricles, foi amigo de Sócrates e teve uma carreira política brilhante e muito movimentada. Exilado após a infeliz expedição à Sicília, refugiou-se em Esparta e preparou o estabelecimento do Conselho dos Quatrocentos em Atenas. Retornando a esta cidade em 407, foi novamente exilado, e acabou assassinado na Frígia.

Alexandre, o Grande, ou o Grande (350-323 aC). Filho de Filipe da Macedônia, tornou-se rei em 336 e foi nomeado imperador da Grécia em Corinto. Lançou uma grande expedição contra a Pérsia, tomando posse da Babilônia, Susa e Persépolis em 331. Depois foi para a Índia e chegou ao Oceano Índico em 326. Retornando à Pérsia, tinha o projeto de conquistar outros países, mas morreu, sem dúvida sobre malária. Seu imenso império não sobreviveu a ele e foi compartilhado por seus generais.

Antígono Gonatas (v. 320-239 a.C.). Filho de Demetrios Poliorceta, foi coroado rei da Macedônia em 283. Tentou, sem sucesso, restaurar a hegemonia macedônia sobre a Grécia.

Antônio (Marco Antônio) (c. 83-30 aC). Tenente de César, assumiu o poder após o assassinato do ditador. Depois de se aliar a Otaviano, estabeleceu-se em Alexandria, onde seu amor pela rainha Cleópatra o afastou cada vez mais de Roma. Ele foi derrotado por Otaviano na batalha naval de Actium e cometeu suicídio em Alexandria.

Apeles (S. rv BC). Um dos grandes pintores da antiguidade; Ele fez vários retratos de Alexandre, o Grande.

Aristipo (séculos V-IV aC). Amigo de Sócrates, foi sem dúvida professor de retórica e filosofia.

Catilina (Lúcio Sérgio Catilina) (109-62 aC). Nobre romano, preparou uma conspiração para derrubar a República Romana. A conspiração foi descoberta pelo cônsul Cícero, os conspiradores foram executados e Catilina morreu na batalha de Pistoia.

Catão, o Velho ou o Censor (Marcus Porcius Cato) (234-149 AC). Político romano, nascido na campanha italiana, destacou-se, durante a sua censura, pela austeridade dos seus costumes, pela defesa dos valores tradicionais e pela condenação do luxo e

do helenismo. Catão, o Jovem ou de Útica (95-46 aC). Bisneto de Catão, o Censor, foi um dos líderes mais intransigentes dos Optimates. Ele cometeu suicídio em Útica após a derrota das tropas pompeianas na Farsália.

Cerâmica: Bairro de Atenas localizado a noroeste da Acrópole. Era o bairro dos ceramistas. Do lado de fora das muralhas de Atenas, o Ceramico foi ampliado por uma grande necrópole.

Cethegus (Publius Cornelius Cethegus) (séculos II-I aC). Apoiador de Mário, aliou-se a Sila e participou ativamente nas proscricções.

Clódio (Publius Clódio Pulcher) (c. 95-52 aC). Nascido numa das famílias mais nobres de Roma, foi um dos membros mais activos do Partido Popular. Ela causou um grande escândalo ao entrar na casa de César, onde eram celebrados os mistérios da Boa Deusa, reservados às mulheres. Tribuno da Plebe em 58, exilou Cícero. Ele foi morto em 52 pelos homens de Milon.

Diógenes, o Cínico (413-327 aC). Filósofo grego, ensinou, pelo exemplo, o desprezo pela riqueza e pelas convenções sociais.

Egina: Ilha localizada no Golfo de Tessalônica, a uma curta distância da costa da Ática.

Aryx (montanha): Cume da Sicília, perto de Drepano (Trapani). Ali havia um templo de Astarte-Afrodite, frequentado por prostitutas sagradas.

Cipião Emiliano (Publius Cornelius Seipius Aemilianus) (185-129 aC). Filho de Pablo-Aemilius e neto adotivo de Cipião Africano, liderou a Terceira Guerra Púnica e ordenou a destruição de Cartago.

Gracchi, Tibério Semprônio Graco (162-133 aC) e **Caio Semprônio Graco** (154-121 aC). Pertencentes à nobreza romana e netos de Cipião Africano, os dois irmãos Gracos tiveram leis aprovadas em favor dos plebeus, durante seus tribunados da Plebe. Ambos foram assassinados.

Harpal (c. 355-323 aC). Nobre macedônio, encarregado do tesouro da Babilônia durante a expedição de Alexandre à Índia. Roubou parte deste tesouro e refugiou-se em Atenas, onde foi condenado.

Luculus (Lucius Licinius Lucullus) (c. 106-56 AC). General romano, liderou uma expedição vitoriosa contra Mitrídates, rei do Ponto. Seu luxo e refinamento eram lendários.

Lídia: Região da Ásia Menor localizada a leste da Frígia e ao sul da Mísia; Sua principal cidade era Sardes.

Marius (Caius Marius) (157-86 AC). De origem modesta, tornou-se cônsul e reformou profundamente o exército romano. As suas vitórias militares sobre Jugurta em África, sobre os Cimbros e os Teutões, permitiram-lhe monopolizar o poder político, que exerceu de 107 a 100, com o apoio dos Populares. A partir de 100 DC ele começou uma luta contra Sila e os Optimates.

Metaponto: Cidade da Itália localizada no Golfo de Taranto.

Milão (Titus Annius Milo) (falecido em 48 AC). Político romano, apoiador dos Optimates. Após o assassinato de Clódio pelos seus homens, teve que se exilar.

Nícias (c. 470-413 aC). Político ateniense, liderou o partido aristocrático após a morte de Péricles. Em 421 ele assinou uma trégua com Esparta, que recebeu seu nome.

Platéia: Cidade da Beócia. Em 479 aC, o exército persa foi derrotado em Platéia pelos gregos liderados pelo espartano Pausânias.

Pompeu (Cneius Pompeius Magnus) (106-48 AC). Político e general romano, ganhou fama na guerra contra os piratas e na expedição contra Mitrídates. Inicialmente aliado de César, mais tarde se opôs a ele e foi derrotado pelos exércitos de César na Farsália.

Sula (Lucius Cornelius Silla) (138-178 aC). Político romano, foi o líder dos Optimates contra Mário. Vencedor dos marianistas, foi nomeado ditador perpétuo e reformou profundamente a constituição romana.

Sólon (c. 640-558 aC). Legislador ateniense, deu a Atenas toda uma série de leis que foram a base da sua democracia.

Temístocles (c. 525-460 aC). Político ateniense, comandou a frota grega em Salamina. Por razões obscuras foi condenado ao exílio pelos seus concidadãos.

Trinta Tiranos: nome dado ao governo aristocrático imposto aos atenienses pelos espartanos após sua vitória em 404 a.C. Os trinta magistrados, nomeados pelos espartanos, inauguraram um regime policial que reinou o terror em Atenas durante vários meses. Os Democratas, sob a liderança de Trasíbulo, derrubaram os Trinta Tiranos em 403.

Verres (Caius Licinius Verres) (c. 119-43 a.C.). Governador da Sicília, ficou famoso por uma série de ações desonestas e escandalosas. Os sicilianos pediram a Cícero que os defendesse, num processo que ficou famoso.

REPERTÓRIO DE AUTORES CITADOS NA OBRA

Todos os testemunhos gregos e latinos dos quais citei extratos nesta obra são de escritores, em alguns casos muito conhecidos, como Demóstenes ou Cícero, outros esquecidos, pois as suas obras não nos chegaram na íntegra. Uma das fontes preciosas para conhecer a ignorada literatura grega é o Banquete dos Sofistas, composto pelo escritor grego Ateneu no século III aC. Sem grande valor literário, o Banquete dos Sofistas é uma grande compilação cujo mérito é ter fragmentos preservados de numerosas obras gregas que hoje desapareceram. Dele citei muitos autores pouco conhecidos em nosso tempo. Achei que não seria inútil apresentar uma lista de todos os escritores citados na obra, dos mais conhecidos aos mais ignorados. As breves indicações biográficas sobre cada um destes autores pretendem simplesmente situá-los no espaço e no tempo.

Eu mesmo fiz a tradução de todos os textos citados, suprimindo, quando parecia necessário, certos detalhes secundários que exigiriam longas explicações para torná-los compreensíveis.

Alexis: poeta cômico grego (século IV aC). Ele é um dos representantes da Comédia Intermediária.

Ammiano Marcellinus: historiador latino (c. 330-400 DC). Em sua História ele traçou um retrato da história romana até o século VII d.C.

Amphis: poeta cômico grego (século IV aC).

Antologia Palatina: compilação de 5.300 epigramas gregos datados do século V aC ao século V dC; Foi reunido no final do século 10 dC **Antífanos:** autor de quadrinhos grego (c. 400-33 aC). **Antífona:** orador grego (480-411 aC).

Apuleio: romancista e filósofo latino (c. 125-170 DC). Africano de origem, compôs um famoso romance, O Asno de Ouro ou As Metamorfoses.

Aquiles Tocio: romancista grego (século IV aC). Compôs as Aventuras de Leukipé e Clitofón.

Aristágoras: poeta cômico grego (data desconhecida).

Aristófanes: Poeta cômico grego (c.450-386 a.C.). O maior representante da Comédia Antiga; Temos onze de suas obras restantes.

Catulo: Poeta elegíaco latino (c. 87-57 aC) Deixou-nos 116 poemas influenciados pelo Alexandrinismo.

Cícero: político e escritor latino (106-43 a.C.) Paralelamente à sua importante carreira política, compôs uma abundante e variada obra, discursos, obras filosóficas, retórica e correspondência.

Clemente de Alexandria: escritor cristão grego (c. 160-215 DC). Ele é o autor de uma Apologia ao Cristianismo.

Demóstenes: político e orador grego (384-322 a.C.). Em Atenas foi chefe do partido de resistência contra Filipe da Macedônia. Temos cerca de sessenta discursos deixados por ele.

Digest: compilação de 50 livros didáticos de jurisconsultos, coletados sob o reinado de Justiniano (século VI dC).

Diodoro da Sicília: historiador grego (século I aC). Publicou uma vasta obra de compilação histórica e geográfica.

Dion Cassius: historiador grego (c. 155-230 DC). Sua História Romana em 80 livros se estende desde as origens de Roma até o reinado de Severo-Alexandre.

Ésquines: político e orador grego (389-314 aC). Grande adversário de Demóstenes, fez campanha a favor da aliança com a Macedônia. Ainda temos 3 discursos dele.

Estrabão: geógrafo grego (c. 60 AC - c. 21 DC). A sua Geografia estuda os costumes dos povos da Europa, Ásia e África.

Eubolos: poeta cômico grego (S. rv AC).

Fileman: poeta cômico grego (c. 361-262 aC). Ele foi um dos importantes autores da Nova Comédia.

Galeno: médico grego (131-200 DC).

Heliodoro: romancista grego (S. em DC). Ele compôs as aventuras de Teágenes e Cariclea

Heródoto: historiador grego (c. 485-420 aC). Suas Histórias em 9 livros evocam as lutas entre gregos e persas.

Herondas: poeta grego (c. 300 aC). Autor de sete Ai irnos, pequenos diálogos dedicados ao cotidiano.

Hippolocos: escritor grego (século III a.C.).

Horácio: poeta latino (65-8 aC). Protegido por Mecenas e amigo de Augusto, compôs Sátiras, Epístolas em verso, Odes e Épodos.

Hipérides: orador grego (388-322 aC). Tudo o que resta dele são alguns discursos e uma oração fúnebre.

Iseo: orador grego (c. 400-430 aC). Ele foi o professor de Demóstenes.

Isócrates: orador grego (436-338 aC). Ele compôs discursos principalmente para grandes circunstâncias.

Jenarchus: poeta cômico grego (século IV aC).

Xenofonte: historiador e filósofo grego (c. 430-354 aC). Discípulo de Sócrates, compôs obras históricas e diversos diálogos filosóficos.

Juvenal: poeta satírico latino (c. 60-130 DC). Suas 16 sátiras apresentam um retrato cruel da Roma imperial.

Luciano: escritor grego (c. 125-200 DC). Ele compôs um grande número de diálogos sobre vários temas.

Lísias: orador grego (440-380 a.C.). Ele foi um dos melhores representantes da eloquência ática.

Machon: poeta cômico grego (S. m AC). Compôs comédias e deixou uma coleção de anedotas.

Marcial: poeta satírico latino (c. 40-104 DC). Compôs quatorze livros de Epigramas, pequenos poemas pitorescos e cômicos.

Menandro: autor de quadrinhos grego (c. 340-293 aC). Restam apenas algumas comédias deste ilustre representante da Nova Comédia.

Ovídio: poeta elegíaco latino (43 aC-17 dC). Compôs inúmeras compilações poéticas dedicadas ao amor. Ele foi exilado por Augusto.

Pérsio: poeta satírico latino (34-62 DC). Suas 6 sátiras, inspiradas na filosofia estoica, são vigorosas e muitas vezes herméticas.

Petronius: romancista latino (falecido em 65 DC). Viveu na corte de Nero e compôs o Satyricon, romance do qual chegaram até nós fragmentos, que evoca a vida dos ricos romanos de meados do século I.

Píndaro: poeta lírico grego (522-441 a.C.). Especializou-se na composição de odes triunfais.

Platão: filósofo grego (428-348 aC). Os numerosos diálogos filosóficos de Platão ilustram os diferentes aspectos do ensino de Sócrates.

Plauto: autor de quadrinhos latino (254-184 aC). De origem úmbria, compôs comédias inspiradas em modelos gregos, que “romanizou”. Ainda temos 21 de suas comédias.

Plutarco: filósofo e historiador grego (50-120 DC). Entre suas numerosas obras morais, devem ser citadas as Vidas Paralelas, que apresentam biografias de homens famosos da Antiguidade.

Posidippos de Cassandra: poeta cômico grego (século II aC).

Propércio: poeta elegíaco latino (c. 47-15 aC). Seus 4 livros de Elegias evocam sua paixão por Cintia.

Santo Agostinho: escritor cristão latino (354-430 d.C. Suas numerosas obras ilustram sua polêmica em defesa do cristianismo.

Sêneca: filósofo latino (4 AC-65 DC). O preceptor e “primeiro-ministro” de Nero caiu em desgraça. Ele desenvolveu os grandes temas do estoicismo em inúmeras obras filosóficas.

Sidônio Apolinário: escritor latino (c. 431-486 DC). Ele compôs panegíricos, poemas e volumosa correspondência.

Simônides: poeta lírico grego (século VI aC).

Sócrates: historiador grego (c. 379-440 DC). A sua história eclesiástica é dedicada ao Império Romano no século III.

Soranos de Éfeso: sábio grego (C. n DC). Praticou medicina em Roma sob os reinados de Trajano e Adriano, e foi autor de numerosos tratados médicos, incluindo Ginecologia.

Suetônio: historiador latino (c. 65-160 DC). Sua Vida dos Doze Césares é dedicada aos reinados dos primeiros imperadores romanos.

Tácito: historiador latino (c. 55-115 DC). Os seus Anais e Histórias constituem um testemunho poderoso, embora parcial, do século I do nosso tempo .

Teofrasto: escritor grego (374-286 a.C.). Dele sobrevivem seus Personagens , onde analisa diferentes defeitos através de retratos imaginários.

Terêncio: poeta cômico latino (c. 185-159 aC). Escravo africano, compôs seis comédias inspiradas em Menandro.

Tertuliano: escritor cristão latino (c. 150-220 DC). Em seus numerosos escritos, ele lutou apaixonadamente para impor o cristianismo.

Tibullus: poeta lírico latino (c. 60-19 aC). Sob seu nome recebemos quatro livros de elegias.

Timócles: poeta cômico grego (S. rv AC).

Tito Lívio: historiador latino (59 AC-17 DC). Sua História Romana, da qual restam fragmentos, contou em 142 livros a história de Roma desde suas origens até o reinado de Augusto.

Tucídides: historiador grego (c. 470-400 aC). Em sua História da Guerra do Peloponeso evoca a história da Grécia entre 431 e 411 aC.

Valerius Maximus: historiador latino (século I dC). Ele compôs uma compilação, Memorable Facts and Sayings.

Vitrúvio: escritor latino (falecido em 26 aC). Compôs uma obra, em 10 livros, sobre arquitetura.

DIRETRIZES BIBLIOGRÁFICAS

Nas notas deste trabalho foram citados diversos artigos ou livros sobre pontos particulares. Uma bibliografia completa relativa à história política, económica e social da antiguidade pode ser encontrada em livros dedicados à história e à civilização da Grécia e de Roma. Em particular, os diferentes volumes da coleção *Nouvelle Clio*, publicada pela Presses Universitaires de France, oferecem bibliografias muito detalhadas.

Aqui nos contentaremos em indicar alguns trabalhos dedicados a aspectos de civilizações antigas relacionados ao objeto de nosso estudo.

1. AS CIDADES ANTIGAS

Destaquemos dois atlas de planeamento urbano que apresentam de forma muito clara a evolução de Atenas e Roma ao longo dos séculos, através de uma sucessão de mapas:

J. Tavlos, *Athènes au fil du temps*, 1972.

S. Pressouyre, *Roma au fil du temps*, 1973.

Várias obras foram dedicadas ao planeamento urbano e à vida nas grandes cidades da Antiguidade:

A. Bernard, *Alexandrie la Grande*, Paris, 1966.

PM Fraser, *Alexandria Ptolomaica*, Oxford, 1973.

L. Homo, *Roma impériale et l'urbanisme dans l'Antiquité*, Paris, 1951.

R. Martin, *L'urbanisme dans la Grèce antique*, Paris, 1974.

No que diz respeito à vida familiar de gregos e romanos, as diferentes obras dedicadas aos povos da Antiguidade na coleção "La vie quotidienne" fornecem muitos detalhes sobre a existência na Grécia e em Roma:

J. Carcopino, *La vie quotidienne em Roma a Vapogée de Vempire*.

R. Etienne, *La vie quotidienne em Pompéia*.

R. Flaciere, *La vie quotidienne au siècle de Périclés*.

2. MULHERES E AMOR

Na *Histoire Mondiale de la Femme*, primeiro volume (Pré-história e Antiguidade, Paris, 1974) há duas partes dedicadas às mulheres na Grécia (escrita por R. Flacelière) e em Roma (escrita por P. Grimal).

Indiquemos também:

R. Flacelière, *L'amour en Grece*, Paris.

P. Grimal, *L'Amour a Rome*, Paris,

3. ESCRAVOS E TRÁFICO DE SERES HUMANOS

No que diz respeito à escravatura em geral, é necessário consultar a obra de WL Westermann, *The slave systems of Greek and Roman antiquity*, Filadélfia, 1955.

*** Quanto aos problemas mais particulares da escravidão na Grécia ou em Roma, citemos:**

I. Biezunska-Malowist, L'esclavage dans l'Egypte gréco-romaine. Festa de estreia: Período Ptolomaico. Seconde Partie: Période romaine, Wroclav, 1974.

P. Ducrey, Le traitement des prisioneiros de guerra na Grécia antiga, Paris, 1968.

J. Schmidt, Vie et mort des esclaves dans la Rome antiqu, Paris, 1973.

Sobre pirataria:

HO Ormerod, Pirataria no mundo antigo, Londres, 1924.

Sobre gladiadores:

R. Auguet, Les Jeux Romains, Paris, 1970.

JP Brisson, Spartacus, Paris, 1969, livro que, através da história de Spartacus, resume a história política, económica e social das últimas décadas da República Romana.

4. PRAZERES NAS IMAGENS

Entre as numerosas obras de arte dedicadas à representação da vida de gregos e romanos, mencionemos os quatro livros mais especialmente dedicados às ilustrações eróticas da festa do prazer da Antiguidade:

J. Marcadé, Eros Kalos, Genebra, 1965.

J. Marcadé, Roma Amor, Genebra, 1968.

E sobretudo as duas magníficas obras publicadas pela Mondadori:

Eros na Grécia, 1978.

Eros em Pompéia, 1975.

O submundo da Antiguidade

Toda a aventura intelectual dos países ocidentais familiarizou-nos com o passado glorioso da Antiguidade Greco-Romana. Mas o que sabemos sobre a existência daqueles que a escuridão da sua condição condenou ao anonimato, à marginalidade, à sobrevivência violenta? Em meio à vida vertiginosa dos bairros populares de Atenas, Orinto, Alexandria e Roma, neste livro aparecem as hetairas altivas e aquelas que se contentam com marinheiros, ladrões e gladiadores, enfim, os protagonistas do cotidiano. , turbulento e exaltado, do submundo dessas cidades.

*Este arquivo foi criado
com o programa BookDesigner
bookdesigner@the-ebook.org
20/09/2010*

Índice

PREFÁCIO

1 TRÊS CIDADES

ATENAS Urbanismo livre

A reputação da Cerâmica

Uma instituição estatal

Uma filosofia do desejo

Lucros do Estado e dos indivíduos

Os prazeres "selvagens"

Um crime "primário"

A diversão da juventude

MARROM

Prostituição sagrada e religiões orientais

"Nem todo mundo pode ir para Corinto..."

Prostitutas ou sacerdotisas?

ALEXANDRIA

2 O UNIVERSO DAS CRIANÇAS PERDIDAS

Esplendor e miséria das cortesãs

A arte de escolher garotas

Piratas, bons fornecedores

O preço de mercado

Pimp por profissão ou ocasião

A era da inocência

Beleza e instrução

Os segredos das "parteiras"

Uma educação sentimental

Prazer de aprender

empresas decorativas

Uma educação religiosa

Crianças em busca de prazer

A juventude da Timarco

3 HETAIRES, GIGOLOS E RUGOS Livres ou escravos

A arte de "enganchar"

O preço do prazer

Contratos de aluguel

A festa degenera em violência

O preço da liberdade

"Ojo de vaca" e "Proscênio"

Gigolôs e velhas

Tabernas e casas de jogo

4 AMORES E BANQUETES "Ela vai tocar flauta e nos dar prazer"

A liturgia do banquete

Dançarinos, palhaços e acrobatas

[Jogos de tabuleiro, concursos de beleza e habilidades](#)

[O jogo dos cotabos](#)

[E shows eróticos](#)

[Prudência ou embriaguez](#)

[As partes degeneram](#)

[5 O FIM DA FESTA As dificuldades do trabalho independente](#)

[Velhice e declínio](#)

[A ilusão do casamento](#)

[Flagrante crime de extorsão](#)

[Quando a hetaira vira cafetão...](#)

[O casamento escandaloso do Rei Arconte](#)

[6 O REINO DO PRAZER "Toda a Grécia suspirou à porta de Lais..."](#)

[A estátua da intemperança grega](#)

[O nascimento da paixão](#)

["As prostitutas são as rainhas dos reis..."](#)

[Prazer à moda Alexandrina](#)

[SEGUNDA PARTE O MUNDO LATINO A CIDADE 7 A ROMA DE PLAUTO O Fórum Romano](#)

[Uma cidade mal concebida](#)

[Subura, o Grande Circo e Trastevere](#)

[Desastres naturais](#)

[As epidemias](#)

[As fomes](#)

[Imigração "selvagem"](#)

[O crescimento da xenofobia](#)

[8 OS PRAZERES DO "GREGO" Viver à maneira grega](#)

[Roma-Amor](#)

[Uma moralidade de liberdade](#)

[fome ou prazer](#)

[Luxo ou decadência](#)

[Todos contra a madeira](#)

[Foliões, malandros e vagabundos](#)

[Motins noturnos e violência](#)

[E a polícia?](#)

[Festivais "romanos" ou "gregos"](#)

[9 TRANSFORMAÇÕES E VIOLÊNCIAS "Os donos do mundo não têm um pedaço de terra que lhes pertença"](#)

[A violência se torna política](#)

[O grande banditismo](#)

[Gangues armadas e grupos de pressão](#)

[Clódio, o Belo](#)

[Vida grega](#)

[10 ROMA DE PERIGOS E MILAGRES A "Cidade"](#)

[Imperadores previdentes](#)

[Os espetáculos e misérias da cidade](#)

[Fraudes devotadas](#)

[Uma violência sempre latente](#)
[Os perigos da noite](#)
[Necromancia, bruxaria, assassinato ritual](#)
[11 TAVERNAS, HOSTELS E LUPANARES](#)
[Sob a bandeira da "Fênix" ou das "Quatro Irmãs"](#)
[Salsichas quentes, pastelaria](#)
[Patronos e clientes](#)
[A pousada vermelha](#)
[Antros de jogos clandestinos](#)
[A caça ao escravo fugitivo](#)
[A empregada é fofa...](#)
[Pegando carona em vias públicas](#)
[Os dançarinos de Cádiz](#)
[12 A "VIDA INIMITÁVEL"](#)
["Celadus, o ídolo das bonecas"](#)
[O cônsul mula, o senador gladiador, o imperador cafetão](#)
[A "prostituta imperial"](#)
[Rainha e Imperador vagando](#)
[A provocação aos deuses desaparecidos](#)
[CONCLUSÃO](#)
[ANEXOS AS MOEDAS ATENIANAS E ROMANAS](#)
[ATENAS](#)
[GLOSSÁRIO](#)
[REPERTÓRIO DE NOMES PRÓPRIOS](#)
[REPERTÓRIO DE AUTORES CITADOS NA OBRA](#)
[DIRETRIZES BIBLIOGRÁFICAS](#)
[1. AS CIDADES ANTIGAS](#)
[4. PRAZERES NAS IMAGENS](#)